História da Otorrinolaringologia Brasileira

Aziz Lasmar
José Seligman

DEDICATÓRIA

Aos colegas que, nestes últimos cento e vinte anos, conseguiram transformar a Otorrinolaringologia Brasileira de um insignificante patinho feio num majestoso cisne. Temos orgulho de fazer parte desta comunidade

PREFÁCIO*

A Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial (ABORL-CCF) emerge no século XXI como um verdadeiro patrimônio da medicina no país. Onipresente na sociedade brasileira, ela congrega e representa milhares de associados distribuídos em todos os rincões do território nacional. Sua bela e espaçosa sede abriga quatro academias (laringologia e voz, cirurgia plástica da face, rinologia e otorrinolaringologia pediátrica), uma sociedade (otologia) além de várias assessorias, departamentos e comissões.

A ABORL-CCF está presente em todos os segmentos da vida associativa: publica há várias décadas uma conceituada e disputada revista científica em dois idiomas; edita o mais ambicioso e abrangente compêndio do mundo; é contundente na defesa profissional e implacável na manutenção da ética na medicina; mantém uma série de atividades pioneiras de educação médica continuada; é exemplo de vanguarda nos seus programas de aperfeiçoamento veiculados via internet (tendo realizado com grande sucesso o primeiro congresso no mundo transmitido integralmente pela rede mundial); aplica anualmente para mais de 250 candidatos uma das provas mais bem elaboradas para obtenção do título de especialista no Brasil. Nossos eventos situam-se entre os mais movimentados e prestigiados do planeta movendo a indústria do turismo e a rede hoteleira por onde quer que passe; organizamos um congresso mundial de forma impecável acolhendo mais de sete mil colegas procedentes dos cinco continentes. Enfim, a otorrinolaringologia brasileira vive um estado de "graça" e é permanente destaque no cenário global! A prova mais inequívoca deste legítimo sucesso é o número de médicos recém-formados que optam pela especialidade, inscrevendo-se às centenas nos processos seletivos para ingressar nos programas de residência médica chancelados pela Associação. Essa crescente demanda gera uma acirrada disputa que acaba se refletindo na alta qualificação técnica, científica, moral e ética dos nossos residentes. Como consequência, dezenas de jovens colegas bem-formados e habitando altos patamares científicos são agregados ao mercado de trabalho a cada ano, qualificando ainda mais os quadros da especialidade, orgulhando seus mestres e com o seu próprio trabalho constituindo uma alça de retroalimentação positiva e celebrando um ciclo de perpétua excelência ! Sensacional, não é? Pois bem. Mas nem sempre foi assim. Como em tudo na vida, essa bela trajetória teve um começo bastante espinhoso. Formalmente, a otorrinolaringologia acadêmica brasileira, stricto sensu, nasceu de um desdobramento da cátedra de oftalmologia no ano de 1911, que se viu impotente para absorver a avalanche global de novos conhecimentos produzidos à época. Nosso primeiro congresso só foi realizado no Rio de Janeiro, em 1938. Já o segundo, pelos transtornos dos tempos de guerra, teve de aguardar mais dez anos, sendo sediado em Salvador, na Bahia. Neste mesmo ano, foi fundada a Federação Brasileira de Sociedades de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia comandada, à época, por um Conselho Diretor. Em 1979, essa Federação foi transformada na Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia, tendo como seu primeiro presidente o saudoso Professor Hélio Hungria Hoffbauer. O nome atual de Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico- Facial passou a ser empregado recentemente (2003), já na gestão do Professor José Victor Maniglia. Durante todas estas décadas de trabalho e dedicação, buscou-se fundamentalmente qualificar cada vez mais os otorrinolaringologistas brasileiros, preparando-os para enfrentar os desafios diários da prática clínica e o perfeito cumprimento da sua missão mais básica e singela: atender com competência e conhecimento de causa os nossos pacientes e as necessidades da nossa população. Longe de ser ufanista (está bem, talvez só um pouquinho...), creio que extrapolamos todos os nossos objetivos e limites. Hoje a otorrinolaringologia, em constante expansão, lança pseudópodos em direção às mais variadas áreas do conhecimento médico. É notória a nossa capacidade atual de circular com desenvoltura em áreas tão outrora distantes e estranhas como a neurologia, neurocirurgia, genética e clínica médica. De fato, a otorrinolaringologia brasileira contemporânea emerge como uma ciência consolidada, reconhecida e pluripotencial. Este salto de qualidade somente foi possível graças ao trabalho de pioneiros da otorrinolaringologia brasileira da estatura de um Ermíro de Lima, de um José Kós, Ivo Kuhl, Hélio Hungria, Rudolf Lang, entre incontáveis outros. Como já comentado, processos dessa natureza, todavia, não se produzem num dia, num único mês ou ano. Antes, demandam décadas de trabalho, esforço e dedicação. Se hoje ocupamos a ponta-de-lança global em praticamente todas as subáreas da nossa especialidade e praticamos uma medicina que nossos colegas do norte convencionaram chamar de state of art, é porque aqueles que nos precederam facilitaram nossa jornada. Assim, para que o nosso futuro venha a ser ainda mais promissor, não devemos perder, em momento algum, a dimensão histórica de nossos antecessores e a noção de que nosso sucesso é razão direta da possibilidade de nos termos apoiado nos ombros desses verdadeiros gigantes.

Com o objetivo de resgatar todos os detalhes dessa belíssima trajetória, desde seus primórdios até os dias de hoje, é que novamente se reuniram os nossos queridos colegas Aziz Lasmar e José Seligman. Esta dupla dinâmica tem em comum, além da paixão pela otorrinolaringologia (e, mais especificamente, à audiologia clínica), a capacidade de revirar baús, garimpar datas, fatos e acontecimentos e, posteriormente, condensar e perpetuar através da escrita as nossas mais emblemáticas histórias. Depois de contar os meandros da otologia no Brasil e dos sucessos Humor em Pílulas I, II e III, nossos amigos (dublês de médicos e escritores) debruçaram-se sobre um projeto ainda maior e mais ambicioso que, após anos de gestação, hoje se materializa neste já clássico e indispensável HISTÓRIA DA OTORRINOLARINGOLOGIA BRASILEIRA. Pela abrangência da obra (e conhecendo o perfil detalhista dos autores) podemos imaginar o tempo dedicado à edição deste livro: quantos arquivos pesquisados, quantas fontes consultadas e páginas reviradas. Posso também imaginar a quantidade de cafezinhos sorvidos nos intervalos dos congressos em bate-papos com protagonistas (que, provavelmente, além de serem inquiridos impiedosamente arcaram com os custos dos cafés – já que a dupla é composta de um judeu e um libanês que, dizem por aí, só escrevem à caneta, pois assim não há necessidade de abrir a mão!).

Enfim, quanto esforço para recompor este quebra-cabeça histórico.

A ABORL-CCF e todos os seus associados saúdam com entusiasmo a publicação deste livro. De minha parte, sinto-me absolutamente honrado pelo convite para prefaciar esta obra. Tive o privilégio de poder ler com atenção e curiosidade seu último rascunho. Rapidamente me dei conta de que segurava nas mãos uma obra que simplesmente representava a manutenção da nossa história, a celebração da nossa especialidade e a coroação do nosso êxito. Seligman e Aziz, em nome de todos: Muito obrigado.

*Sady Selaimen da Costa

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS.

Até o início do século XX, a Otorrinolaringologia, no Brasil, era apenas um apêndice da Oftalmologia. Os especialistas da época dedicavam-se a ambas as especialidades. Embora tenha havido uma separação e a Otorrinolaringologia se tenha tornado uma verdadeira especialidade, no início da segunda década do século XX, isso ocorreu apenas nos grandes centros. Nas cidades do interior muitos médicos seguiram praticando ambas as especialidades. Lembro-me bem de alguns colegas, como Henri Curi, em Niterói, Abner Souza Penna, em Ipatinga, Minas Gerais, Célio Pastore, em Taquaritinga, São Paulo e vários outros se dedicavam tanto à Oftalmologia quanto à Otorrinolaringologia, já na década de 1960. Esses colegas foram, aos poucos, abandonando a Otorrinolaringologia e se dedicando à Oftalmologia. Da mesma forma, muitos passaram a se dedicar apenas à Otorrinolaringologia e outros permaneceram praticando as duas especialidades, como Leon Knijnik e Julio Boccacio, em Porto Alegre.

Em 1960, recém-formado, ao transmitir a colegas da Clínica minha intenção de ir clinicar no interior, fui aconselhado a especializar-me também em Oftalmologia, pois isso seria imprescindível numa cidade afastada dos grandes centros. Fui então participar, como estagiário, no Serviço de Oftalmologia do Hospital São Francisco de Assis, no Rio de Janeiro, dirigido pelo Dr. Joaquim Vidal..

Ali fiquei durante alguns meses, fazendo testes de refração, com antigas caixas de lentes e até mesmo praticando pequenas cirurgias. No entanto, senti que não era o que queria fazer e desisti, tanto da Oftalmologia quanto de ir para o interior.

No Hospital Souza Aguiar, onde trabalhei como auxiliar-acadêmico de medicina, entre meados de 1958 até meados de 1960 (então recém-formado), o ambulatório da especialidade abrangia Oftalmologia e Otorrinolaringologia e o médico de plantão tinha que atuar nas duas áreas. No caso da Oftalmologia, predominavam realmente as urgências, mais comumente corpos estranhos, dos quais os mais freqüentes eram os fragmentos de esmeril, já que ainda não havia a cultura de se usar sempre óculos durante o trabalho. Ocasionalmente, apareciam lesões oculares por acidentes. Já na Otorrinolaringologia, embora houvesse a frequência de corpos estranhos, no caso de crianças nos ouvidos e nariz e, em adultos, vários tipos de corpos estranhos na faringe, esôfago e brônquios, o número maior era, na verdade, de casos eletivos, que deveriam procurar ambulatórios da especialidade, e não um Serviço de Pronto Socorro, como era o do Hospital. Dirigia o Serviço uma otorrinolaringologista, a Dra. Gladys Browne (citada no trabalho do Prof. Helio Lessa) e que viera do Serviço de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Bahia. Era muito hábil na remoção de corpos estranhos de esôfago e de laringe, traqueia e brônquios, habilidade que adquirira com o Dr. Caiado de Castro, que fora o anterior chefe do Serviço.

No final do século XIX, algumas figuras despontavam na especialidade, embora também praticando a Oftalmologia. Destas, as que mais se destacaram parecem-nos ter sido Hilário Soares de Gouvêa, Guedes de Mello e João Marinho de Azevedo, todos no Rio de Janeiro.

Como todos sabem, a primeira Faculdade de Medicina do Brasil foi a da Bahia, fundada em 15 de fevereiro de 1808. A do Rio de Janeiro, inicialmente denominada Escola Médico Cirúrgica, foi instituída pela Carta Régia de 5 de outubro de 1808, de D. João VI. Em 3 de outubro de 1832, foi substituída pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro por decreto da Regência Trina, em nome do Imperador D Pedro II.

Em conversa com o Prof. Helio Lessa, ele supôs que a primeira Cadeira de Otorrinolaringologia também tivesse ocorrido na Bahia: ao lhe perguntarem se sabia qual a foi primeira Cadeira da especialidade, respondeu que “naturalmente foi a da Bahia”. Enganou-se, porque, em suas próprias palavras, em sua publicação “A História da Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia”, que teve a gentileza de nos enviar, consta que o Professor Eduardo César Rodrigues de Moraes permaneceu em Paris até 1912, “quando retornou para assumir a função de Professor Catedrático de Clínica de Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Bahia” (1).

A reforma do ensino, denominada Reforma Rivadavia Correa, em homenagem a seu patrono, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, e promulgada em 1911, instituiu a carreira universitária e introduziu novas especialidades, entre elas a de Otorrinolaringologia (2). Para assumi-la, foi nomeado o Prof. Hilário Soares de Gouvêa que, empossando-se em 11 de abril de 1911, tornou-se o Catedrático da primeira Cadeira de Otorrinolaringologia do Brasil, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em nossas pesquisas para a realização deste livro, recebemos colaborações de diversos e conceituados colegas da especialidade, em todo o país. Nada mais justo, portanto, que transcrever essas colaborações, com o nome dos colegas que nos ajudaram neste empreendimento.

Outros nos prestaram informações importantes que constam nas páginas que seguem. A todos nossa gratidão supera de longe o que possamos dizer em simples palavras.

Um agradecimento especial fazemos ao Professor Lídio Granato, que nos passou dados compilados para uma possível defesa de tese, proporcionando uma profunda avaliação da história na cidade de São Paulo, uma das duas grandes artérias por onde fluiu a otorrinolaringologia brasileira.

Em ordem alfabética citamos a seguir os colegas que, de alguma maneira, contribuíram para que pudéssemos concluir este resgate da história da especialidade em terras brasileiras.

Adelmar Cadar, Agrício Nubiato Crespo, Alberto Alencar Nudelmann, Alexandre Médicis da Silveira, Antônio Celso Nunes Nassif, Arnaldo Linden, Arthur Octavio de Ávila Kós, Berenice Dias Ramos, Carlos Alberto Dias, Celso Dall'Igna, Cesar Guindani, Clemente Isnard Ribeiro de Almeida, Décio Castro, Eduardo Moraes Baleeiro, Eduardo Santos, Everardo Andrade da Costa, Francisco Michielin, Gabriel Kuhl, Geraldo Pinheiro, Hélio Andrade Lessa, Helio Hungria (in memoriam), Israel Schermann, Ítalo Marranghello, José Antônio Pinto, José Cláudio de Barros Cordeiro, José Henrique Müller, José Jarjura Jorge Jr., José Victor Maniglia, Leonardo Fontes Silva, Lúcio Castagno, Luiz Carlos Alves de Souza, Luiz Rogério Pires de Mello, Marcos Mocellin, Mário Gentil Costa, Moacyr Saffer, Moysés Cutin, Nelson Álvares Cruz Filho, Nelson Caldas, Nicanor Letti, Orozimbo Alves Costa Filho, Otacílio de Carvalho Lopes Filho, Paulo Augusto de Lima Pontes, Paulo Humberto Siqueira, Pedro Cavalcanti, Pedro Luiz Cóser, Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, Plínio Conceição Santos, Rafael Malinsky, Raquel Mezzalira, Renato Roittmann, Ricardo Ferreira Bento, Roberto Campos Meirelles, Roberto Martinho da Rocha, Rodolpho Penna Lima, Sady Selaimen da Costa, Sérgio Moussalle, Sérgio Ramos, Shiro Tomita, Simão Piltcher e Wilson José Dewes.

Uma menção especial, fazemos à professora Laila Lasmar Gonçalves pela correção do texto.

A ESPECIALIDADE PELOS ESTADOS

RIO DE JANEIRO

O Professor Helio Hungria Hoffbauer que, infelizmente, não mais está entre nós, e publicou, em 1999, um trabalho intitulado "Evolução Histórica do Ensino da Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro", em que, após uma introdução na qual relata a evolução da própria Faculdade de Medicina, traça um perfil dos diversos professores que integraram a Cadeira de Otorrinolaringologia e que passamos a transcrever:

Hilário de Gouveia

Vulto no cenário médico brasileiro, nasceu no vilarejo de Caeté, em Minas Gerais, em 23 de novembro de 1843. Diplomando-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1866, defendeu tese de doutoramento assim enunciada: "Do Glaucoma", considerada na época o mais completo trabalho sobre o tema.

Segundo Paulo Filho, Carlos Pedraglia, que anos a fio colaborou com Gama Lobo (organizador em 1863 do primeiro Serviço de Olhos do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro), teria contribuído para a formação especializada de Hilário, pois a Pedraglia se refere nas principais observações constantes da tese sobre Glaucoma, cuja prova de defesa, saliente-se, foi assistida por D. Pedro II.

Em seguida viajou para o Velho Mundo, com provável bolsa de estudos fornecida pelo Monarca, vez que o pai de Hilário "era muito pobre e tinha uma família numerosa". Na Europa permaneceu um ano em Paris (1867) e na Universidade de Heidelberg, Alemanha, talvez tenha permanecido dois anos (1868-1869), segundo assevera Paulo Filho; no entanto, os Profs. David de Sanson e João Marinho aludem a quatro anos. Nessa Universidade sobremaneira destacou-se que foi instado a permanecer como professor assistente. Ao ter conhecimento de que exigências legais obrigavam-no a renunciar à cidadania brasileira, optou pelo regresso à Pátria. Estagiou igualmente no Serviço de Adam Politzer, famoso otologista de Viena.

De volta ao Brasil, em setembro de 1870 casou-se com Rita de Cássia, irmã de Joaquim Nabuco, de quem veio a ser grande amigo.

Sempre existiu em Hilário de Gouvêa intenso ardor pela Oftalmologia e, destarte, ao retornar ao Rio de Janeiro, organizou os primeiros cursos livres desta especialidade.

Criada a Cadeira de Oftalmologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pela reforma de ensino Pertence-Saboia, em 1881, Hilário de Gouveia foi nomeado, por "aviso imperial", Lente Catedrático da nova disciplina. Considerando, porém, que o concurso era requisito indispensável ao provimento da Cátedra, solicitou ser a ele submetido. Merecendo aprovação por brilhantes provas, viu-se nomeado "Lente proprietário" em 1883, meritório título da época. Exerceu a Cátedra de Oftalmologia, com entusiasmo, no período de 1883 a 1893.

Publicou notável artigo na revista "Von Graefe's Archives für Ophtalmologie" 29:167-200, 1883: "Hemeralopia e e Xeroftalmia", asseverando ser a etiologia decorrente de fenômenos de desnutrição em escravos, numa extraordinária antevisão dos conhecimentos atuais sobre os efeitos prejudiciais da avitaminose A em patologia oftalmológica.

Em 1886, juntamente com outros colegas, fundou a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, eleito Presidente no biênio 1888-1889 e reeleito para o biênio 1893-1894, não terminado por ter-se exilado, como veremos.

Criou os Congressos Brasileiros de Medicina em 1887 e foi honrado com a Presidência do 2º e 3º Congressos.

Assinale-se a operosidade de Hilário ao fundar no ano seguinte, 1888, a Revista Brasileira de Oftalmologia, com sede no Rio de Janeiro.

,Ocupou-se de temas de medicina geral e de ética médica, estudos sociais de seguro obrigatório para operários contra doenças, invalidez e acidentes de trabalho, segundo as leis alemãs por ele traduzidas e enviadas à consideração do Governo brasileiro, além de problemas de ensino e de saúde pública, como a da febre amarela e a maneira de combatê-la. A este respeito escreveu, em 1901, monografia sobre as condições de epidemiologia do mal no Rio de Janeiro e em Santos, baseado na experiência dos americanos no combate decisivo à febre amarela em Havana, onde a doença já existia há 150 anos e debelada em menos de 8 meses. Os estudos de Hilário sobre os mosquitos e a febre amarela mereceram menção elogiosa de dois médicos franceses, Marchoux e Simon, inserta noa Anais do Instituto Pasteur, em 1903.

Por ocasião da revolução Rio-Grandense e revolta da Armada contra o Governo em 1893, imbuído por sentimentos humanitários, Hilário solicitou permissão para organizar uma comissão a fim de prestar socorros aos necessitados e feridos, em acordância aos preceitos da Cruz Vermelha da Convenção Internacional de Genebra, entidade ainda não reconhecida na época pelo Governo brasileiro.

Acusado de auxiliar os revoltosos, com armas, e não apenas com medicamentos, e também de ser monarquista e conspirar contra o Governo de República, Hilário lamentavelmente viu-se preso e recolhido a uma delegacia de polícia na rua do Catete, por ordem do Marechal Floriano Peixoto.

Em gesto aventureiro, conseguiu evadir-se do segundo andar do prédio da prisão por intermédio de uma cordoalha de lençóis, apesar da grande estatura e avantajada corpulência. Refugiou-se em casa de amigos, na rua Paissandu, após escapar de uma patrulha montada, pela madrugada, fingindo-se surdo, cambaleante e proferindo palavras incoerentes e em língua estrangeira, que teria sido em alemão.

Por intermédio do encarregado dos negócios da França no Rio de Janeiro, sr. Daubigni, conseguiu asilo político na fragata francesa *Arethuse*, ancorada no porto do Rio, onde chegou uniformizado de oficial maquinista da Marinha da França e logo apresentado ao Comandante Libran. Segundo Sanson, Hilário embarca no paquete “Brèsil”, que se destinava a Buenos Aires. Regressa ao Rio, onde se reúne à família, com o fito de residir em Paris, lá chegando a 1º dezembro de 1893, tendo viajado a bordo do *Arethuse,* de acordo com Carolina Nabuco, sobrinha de Hilário. Infere-se de tais episódios ter sido homem de grande bravura física e energia moral.

Durante a viagem marítima teve a oportunidade de cuidar de um oficial da marinha francesa, de nome *Verdier,* acometido de hemoptises e julgado tuberculoso. Com percuciente senso de observação clínica, após acurado exame do paciente, Hilário afastou o diagnóstico de tuberculose, no que estava certo, pois *Verdier*, em intensa vômica, eliminou um “distoma hepático” vivo, que se alojara em um dos pulmões. O paciente apresentou melhoras, curando-se em seguida.

Chegando a Paris, e desejando clinicar, submeteu-se a exame de todas as disciplinas do curso médico na Faculdade de Medicina de Paris, exigência da legislação francesa. Possuidor de grande cultura médica geral e dotado de vivaz inteligência, Hilário de Gouvêa, então com a idade de 50 anos, conseguiu de maneira brilhante revalidar o diploma de médico com notas excelentes. Apresentou tese sobre o caso clínico do oficial francês *V*erdier, “La distomatose pulmonaire par la douve du fois”, que despertou invulgar interesse.

Passou a exercer a medicina em Paris, como clínico geral e pediatra, tendo granjeado significativa clientela. A essa época especializou-se também em otorrinolaringologia.

Embora continuasse ausente do Brasil, o Governo brasileiro reintegrou Hilário na posse de seus direitos de professor, por proposta unânime da Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Hilário, no entanto, mantinha-se em Paris, sempre em licenças renovadas por motivo de saúde. Em princípios de 1898, o Governo brasileiro resolve exonerá-lo por decisão ministerial, que não reconhece a legitimidade dos atestados médicos, até mesmo o da lavra da *Adam Politzer,* Professor da Real Universidade de Viena, datado de 1897. Destarte, o Governo considera vaga a Cátedra de Oftalmologia (1898), uma vez que Hilário não obteve êxito no recurso apresentado à Justiça.

A Congregação da Faculdade imediatamente aprovou, por unanimidade, moção apresentada pelo Prof. Azevedo Sodré, "lamentando não poder calar a mágoa e o pesar que experimentou ao ver arredado de sua Cadeira o distinto professor Hilário de Gouvêa, que ela justamente considerava um dos mais preclaros membros do Magistério Superior e uma das mais brilhantes glórias daquela Faculdade".

No exílio de Hilário, o Dr. Joaquim Xavier Pereira da Cunha ocupou-se do ensino da Oftalmologia. Em 1898, José Antonio Abreu Fialho, após apresentar tese em concurso para Professor Substituto desta especialidade, em que foi examnado por Pereira da Cunha, Lente de Oftalmologia, empossou-se em 22 de dezembro do mesmo ano. Em 29 de outubro de 1906, após falecimento de Pereira da Cunha, Abreu Fialho passou a Lente da Cadeira de Oftalmologia, informes estes inseridos no Livro de Posses da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Hilário de Gouvêa, portanto, só retornou oficialmente à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1911, por ocasião da Reforma Rivadávia Correia, como veremos.

Permaneceu em Paris até 1905, quando regressou definitivamente ao Brasil e, segundo Paulo Filho (comunicação pessoal) instalou consultório particular no Rio e passou a residir em Petrópolis. Ausente do Brasil, portanto, durante 12 anos (1893-1905). David de Sanson com Hilário trabalhou quando estudante de medicina e, posteriormente, como assistente, no período de "1905 a 1918". Durante sua estada na Europa, em 1899, veio em visita ao Rio, quando amigos e admiradores ofereceram-lhe um banquete, em que o Dr. Carlos Seidl proferiu discurso laudatório alusivo à personalidade de Hilário. Nessa ocasião, falou também o Dr. Cipriano de Freitas, que fez apelo aos médicos presentes no sentido de se fundar uma entidade, com o apoio de Hilário, para se combater o grave problema da tuberculose. Veio a se fundar, assim, a Liga Brasileira Contra a Tuberculose, cuja instalação solene verificou-se a 4 de agosto de 1900, na sede da Academia Nacional de Medicina. Hilário de Gouvêa é indicado Secretário Perpétuo.

Desenvolveu intensa atividade de divulgação a respeito da Liga. Participou das Conferências Internacionais de combate à tuberculose, realizadas em Berlim (1902), Copenhague (1904) e Paris (1905). Apresentou comunicação sobre "Terapêutica da tuberculose pulmonar pela tuberculina", durante o VI Congresso Brasileiro de Medicina, realizado em São Paulo em 1906, onde compareceu como Representante do Governo federal. Entusiasta no combate às infecções tuberculosas, representou ainda o Brasil na "Association Internacionale pour la Lutte contre la Tuberculose".

Na vigência dessa viagem ao Brasil, outra destacada homenagem o envolve: na sessão da Academia Nacional de Medicina, de 19 de outubro de 1999, é eleito Membro Titular por proposta do Acadêmico Joaquim Pinto Portela, assinada por 15 acadêmicos e aprovada no plenário por unanimidade. Lamentavelmente, não tomou posse por imperativo de regresso a Paris, conforme carta enviada ao Presidente da Academia, Dr. Silva Araújo, na qual se desculpa e agradece a honrosa eleição, carta esta lida na sessão seguinte, de 26 de outubro de 1899, como consta nos Anais da Academia.

Em 1901 expôs seu pensamento sobre a transmissão da febre amarela pelo mosquito, em Congresso Médico ocorrido em Lisboa e por ele presidido. A respeito do tema escreveu excelente monografia, já referida neste trabalho, não desconhecida de Oswaldo Cruz, seu dileto amigo.

Reconhecida pelo Governo brasileiro em 1906 a Convenção Internacional de Genebra, Hilário de Gouvêa concretizou antigo ideal: fundou a Cruz Vermelha Brasileira.

A laringoscopia direta com a aparelhagem de *Killian,* introduziu-se no Rio de Janeiro em 1907 por Hilário.

"Mesmo sem ser professor, o que aliás era legal, Hilário assumiu a direção da Faculdade em 27 de novembro de 1910" (Fernando Magalhães). A indicação adveio do ministro do Interior. Durante a permanência como Diretor (ver Livro de Posses da Faculdade), verificou-se ocorrência que bem expressa a forte personalidade de Hilário: os estudantes, inconformados com a suspensão de dois estimados professores, revoltaram-se exigindo a reconsideração do ato. Hilário não se deixou intimidar com as ameaças e sob "chufas" e arremesso de "ovos e batatas", dirige-se à Diretoria da Faculdade após exigir dos policiais que não molestassem os estudantes e a estes advertir que não lhe tocassem, pois revidaria fisicamente. A atitude do velho Professor impressionou fundamente os alunos, que passaram a respeitá-lo e tratá-lo com deferência.

O grande Mestre sempre rebelou-se contra os privilégios do poder absoluto do professor catedrático. Destarte, continuamente lutou pela criação da livre-docência, que, afinal, por iniciativa própria, termina adotada pela Reforma do ensino Rivadávia Corrêa, de 1911. Seu nome, assim, liga-se imorredouramente à história do ensino médico no Brasil, participante que foi de duas grandes reformas: a de 1881 e a de 1911.

A Reforma Rivadávia instituiu a carreira universitária e introduziu novas especialidades, entre elas a Otorrinolaringologia. Hilário, solicitado a colaborar com o ministro Rivadávia, indicou o Dr. Eduardo de Moraes para a Cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Salvador, Bahia. Revelando grande desprendimento, recomendou o nome do Dr. Oswaldo Puisegur para ocupar a Cátedra da especialidade no Rio de Janeiro. O Governo, no entanto, por influência do ministro da Justiça e Negócios Interiores Rivadávia Corrêa, nomeou Hilário de Gouvêa que, já então com 68 anos de idade, torna-se o primeiro Professor de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, empossando-se a onze de abril de 1911, como assinalado no Livro de Posses da Faculdade.

O Serviço da recém-criada Cadeira de Otorrinolaringologia instalou-se modestissimamente em duas salas no primeiro andar do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro; não obstante a precariedade do local, Hilário desde logo arremessou-se ao trabalho com ardorosa dedicação de jovem, mantida durante sete laboriosos e fecundos anos (1911-1918). Veio a criar a primeira Escola Brasileira de Otorrinolaringologia, cujos discípulos se difundiram pelo Brasil, com Raul David de Sanson no Rio de Janeiro, Paula Santos em São Paulo e Eduardo de Moraes em Salvador. Este deu origem à Escola Bahiana de Otorrinolaringologia, de onde se destacou Paulo Mangabeira Albernaz, primeiro Professor Catedrático da especialidade na Escola Paulista de Medicina.

Assinale-se fato deplorável na vida de Hilário: aos 73 anos de idade, dirigindo-se de bonde à Santa Casa, o respeitável Mestre sofreu atentado pelas costas com cinco tiros de revólver, por parte de um inquilino inconformado com aumento de aluguel. Graças à sua extraordinária robustez e aos cuidados médicos, recuperou-se tendo ficado apenas temporariamente afastado de suas obrigações.

Possuía temperamento autoritário, áspero e até agressivo, notadamente no trato com estranhos. Imune a bajulações e intrépido na luta em defesa de seus direitos. Jamais se preocupou com a opinião pública a seu respeito. No entanto, não hesitava em reconhecer os próprios erros. De atitude severa e rígida para com os assistentes, mostrava-se contudo sensível a provas de afeto, chegando mesmo às lágrimas quando homenageado pelos discípulos, como relata David de Sanson, um de seus alunos.

Jubilou-se em 6 de novembro de 1918, mas continuou mourejando na clínica particular. Foi Comendador da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo, de Portugal.

Faleceu em 25 de outubro de 1923, aos 80 anos de idade, no mesmo dia em que a Faculdade de Medicina e a classe médica do Rio de Janeiro festejavam o jubileu de Miguel Couto. A sessão da Academia Nacional de Medicina, especialmente dedicada a Miguel Couto, foi adiada pelo Presidente Aloysio de Castro, em respeito ao falecimento do nobre Mestre, como consta nos Anais da Academia.

Semanas antes do falecimento, Hilário de Gouvêa, que era diabético, submeteu-se a dolorosa prova de sofrimento: amputação do membro inferior esquerdo à altura do terço inferior da coxa, em decorrência de gangrena diabética do pé. A intervenção realizou-a o Dr. Mauricio Gudin, na Casa de Saúde São Sebastião. Obtida a alta, retornou à residência, onde faleceu, como referido, a 25 de outubro de 1923.

Entre outros filhos deixou um médico, Nabuco de Gouvêa, "conceituado cirurgião e ginecologista do Hospital da Misricórdia, Professor Subtituto da Faculdade e Membro da Academia de Medicina" (Revista Siniátrica, setº-outº 1923 ns. 9 e 10, pgs. 66/67)

A cidade do Rio de Janeiro homenageou a onímoda figura ao perpetuar-lhe o nome em uma das ruas do bairro de Copacabana.

João Marinho de Azevedo

O insigne Professor de Otorrinolaringologia, João Marinho, sucessor de Hilário de Gouvêa, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 15 de janeiro de 1875. Cumpriu o curso ginasial no Colégio Pedro II, onde dirigiu o grêmio literário e graduou-se bacharel em ciências e letras no mesmo estabelecimento, em 1891. Filho e neto de médicos ilustres: avô materno, Manuel Joaquim de Valadão Pimentel, Barão de Petrópolis, professor catedrático e por três vezes Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; o avô paterno, Domingos Marinho Americano, também professor da Faculdade de Medicina; finalmente o pai, João Marinho de Azevedo, clínico de nomeada durante o Império.

Ao se diplomar pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1897, defende tese de doutoramento sob o título: "Da trepanação da apófise mastóide nos casos de otite média".

.

Em 1896, ainda estudante, publica "Um caso de gangrena de marcha rápida na febre amarela", trabalho incluído por Miguel Couto na Enciclopédia Nothnagel. Interno do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia durante o curso médico, bem como do Hospital São Sebastião, sob a orientação de Chapot Prevot e Miguel Couto.

Ainda acadêmico de medicina, João Marinho era solicitado por Guedes de Mello (que veio a se tornar famoso otorrinolaringologista) para ajudá-lo nas suas primeiras e tateantes intervenções cirúrgicas sobre a apófise mastóide. Em tese de doutoramento, já referida, João Marinho reporta-se aos primeiros quatro casos em que auxiliou, com dedicação, a Guedes de Mello.

Motivos de saúde obrigaram João Marinho a viajar para a Europa, onde permaneceu de 1905 a 1908, fixando residência na Alemanha; sedimentou e aprimorou os conhecimentos em Otorrinolaringologia nos hospitais de Berlim e Viena.

Regressando ao Brasil, ingressou como otorrinolaringologista no Hospital de Crianças José Carlos Rodrigues, no Rio de Janeiro, trabalhando com Fernandes Figueira durante seis anos (1909-1915) A experiência auferida encorajou-o a posteriormente publicar "Excerptos de otorrinolaringologia à clínica pediátrica".

A Reforma Carlos Maximiliano, surgida em 1915, volta a instituir as designações de Professor Catedrático e Professor Substituto, alteradas respectivamente para Professor Ordinário e Prof. Extraordinário na Reforma Rivadávia. João Marinho, já reconhecido na classe médica como competente especialista, inscreve-se no concurso para Professor Substituto da Clínica Otorrinolaringológica da Faculdade de Medicina. Foram seus concorrentes Francisco Eiras e Eurico de Lemos. Classificado em primeiro lugar, "tomou posse de Professor Substituto da 17ª Secção aos sete de agosto de 1915", como registrado no Livro de Posses da Faculdade de Medicina da UFRJ .

A tese apresentada "Considerações gerais sobre anestesia tronco-regional em Otorrinolaringologia – e sua técnica ns intervenções nasais", despertou na época grande interesse, vez que rotineiramente recorria-se à anestesia geral nos conceituados centros hospitalares europeus. Marinho já era conhecedor dos trabalhos de H. Braun, sistematizador da "anestesia de transmissão" ou tronco-regional e com este tipo de anestesia se familiarizara no Serviço de Cirurgia Geral do Dr. José de Mendonça, que a utilizava desde 1911. Nessa tese, João Marinho agradece a colaboração prestada por seus assistentes Carlos Rohr e Afrânio Camarão.

Com a aposentadoria de seu Mestre, professor Hilário de Gouvêa, em 6 de novembro de 1918, João Marinho, professor Substituto, é ascendido diretamente ao cargo de Professor Catedrático, como consta no Livro de Posses da Faculdade: "Aos onze de novembro de mil novecentos e dezoito compareceram perante a Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os drs. João Marinho de Azevedo e Francisco Eiras, apresentando os decretos de 6 de novembro do mesmo ano, em virtude dos quais foram respectivamente providos nos cargos de Professor Catedrático de Clínica Oto-Rhino-Laringológica e Substituto da 17ª Secção. O Dr. Aloysio de Castro, Diretor, deu-lhes posse com todas as formalidades legais".

Vale assinalar, como fato curioso, o continuado elogio, que sempre narrava em aulas, à perfeição da anatomia do ouvido interno do gato, como refere a filha professora Heloisa Marinho (comunicação pessoal).

Em 21 de julho de 1921 é empossado Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, sob a presidência de Miguel Couto e saudado por Henrique Duque. Como Memória, trabalho exigido pela Academia, apresentou "Tratamento Cirúrgico das Sinusites Frontais", julgado por Comissão integrada pelos acadêmicos Domingos de Góes, Pinto Portela e Arnaldo Quintela.

Em 1922, o novel catedrático João Marinho é nomeado Chefe de Serviço do Hospital São Francisco de Assis, para onde se transferiu o Serviço Universitário de Otorrinolaringologia, por ele organizado e condignamente aparelhado. Antes, o Serviço funcionava em acanhadas instalações no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, como referido ao tracejar a biografia de Hilário de Gouvêa.

No Hospital São Francisco de Assis, o Mestre procurou desde logo aplicar os conhecimentos teóricos à prática da otorrinolaringologia, transformando o Serviço em centro de pesquisa e formação de especialistas, sob a égide de "curar o doente, ensinar medicina, facilitar a pesquisa". Nesta tarefa contou com a colaboração efetiva de três dedicados assistentes da Cátedra: Paulo Brandão, Chefe de Clínica, Estevam de Rezende e Aristides do Rego Monteiro, jovem estudioso e ardente apaixonado pela Otorrinolaringologia. Mais tarde, Aristides Monteiro concorreria à Cátedra de Otorrinolaringologia, vaga em 1943 pela aposentadoria do estimado Mestre. Marcondes Castilho, assistente de Marinho ainda no Serviço do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, "extrai os primeiros corpos estranhos dos brônquios pelo aparelho de Brünnings", faleceu precocemente (1924). Aristides Monteiro, colega de trabalho de Marcondes, introduziu iluminação direta no laringoscópio com pequeno porta-lâmpada, artifício de técnica publicado na Ata Otolaringologica de Stockolmo, vol. 19, fascículo 4: "Laringoscopie directe em Suspension, modificacion de l"apareill de Seiffert".

Desejo aqui referir-me a Arquimedes Peçanha, então auxiliar-técnico da cátedra, que me auxiliou a compor a relação dos "internos oficiais" da Cátedra que, ao longo dos anos, passaram pelo Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital São Francisco de Assis, muitos dos quais vieram a ser insignes especialistas: Pedro Bloch, Evaldo Campos, Flavio Aprigliano, Humberto Lauria, Mauro Lins e Silva, Arthur Moura, Xavier Fernandes, Rubens Magalhães Cabral, Roberto Marinho de Azevedo Filho, Carneiro de Souza, José Dunham, Eduardo de Almeida Rego, Ivo Neto, Pedro de Góes, Ademar da Silva Guimarães, Carlos Bruno, Pedro Cisoto, Francisco Menezes e outros. Médicos Adjuntos que frequentaram o Serviço por períodos variáveis de tempo: Maurilo de Mello, Milton de Carvalho, Galdino Augusto de Lima, Werneck Passos, Gabriel Porto, Fernando Carneiro da Cunha, Carlos Rohr Filho, Paulo Brandão Filho, Jorge Bandeira, José da Silva Tavares, além de vários ex-internos oficiais, que continuaram no Serviço após diplomados médicos.

Em 1929, Marinho é nomeado Presidente da Assistência Hospitalar do Brasil. Viajou então para os Estados Unidos da América do Norte, onde visitou a rede hospitalar e os estabelecimentos de ensino médico da região norte e região este do país amigo, em companhia da filha Heloisa, que lhe serviu de intérprete (comunicação pessoal). Marinho chegou à conclusão de que grandes benefícios adviriam ao ensino da medicina e à prática da enfermagem se fosse possível a integração do Hospital e da Faculdade de Medicina em monobloco.

De retorno ao Brasil, João Marinho, entusiasmado, planejou e orientou a feitura da planta de um Hospital Escola. Porém, interesses políticos, como deploravelmente sói acontecer no Brasil, embaraçaram a concretização do desejo de Marinho. Profundamente desgostoso, pediu demissão da Assistência Hospitalar e em 1931 escreveu um trabalho, altamente sugestivo, como se depreende do título: OCASIÃO PERDIDA, dados estes obtidos de Abel Guimarães Porto. O sonho de Marinho apenas perdurou, num prédio inacabado, por muito tempo, na estação de Mangueira.

Em colaboração com Roberto Marinho, publica "A Reforma do Ensino Superior", em O Jornal, de 5/4/1931.

Em outubro de 1937, Marinho e assistentes participaram da fundação da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro, cujas sessões passaram a efetuar-se no anfiteatro da Cruz Vermelha Brasileira.

Nesse mesmo ano, no Instituto Burnier de Campinas, Marinho profere notável conferência sobre “Evolução da Otorrinolaringologia Nacional”, entremeada de excelente síntese sobre a evolução da Otorrinolaringologia mundial.

Em 1938 organizou e realizou no Rio de Janeiro o I Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, de que foi Presidente e Aristides Monteiro, o Secretário Geral. O Congresso obteve pleno êxito, com a participação efetiva dos professores Eliseu Segura e Juan Manuel Tato, de Buenos Aires, e a do professor Justo Alonso, de Montevidéu, todos eminentes especialistas de fama mundial, amigos diletos de João Marinho. Na época, o Secretário de Saúde e Assistência, professor Clementino Fraga, alçado Presidente de Honra, pronunciou alocução nas sessões solenes de abertura e encerramento do I Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, que se desenvolveu nas dependências da Câmara Municipal.

Marinho, possuidor de grande cultura humanística e médica, tornou-se reconhecido amante fervoroso dos clássicos da língua portuguesa e da filosofia. Como nos atestou sua filha Heloisa, a Eneida de Virgilio, doada por um professor, deu origem a imensa biblioteca de João Marinho, rica de títulos clássicos e edições raras, entre elas ressaltem-se as de Luiz de Camões, de quem se tornou leitor apaixonado, a ponto de recitar de cor trechos célebres, como o do Gigante Adamastor. É de se destacar o bibliófilo apaixonado que, com carinho. manuseava os livros, protegendo-os de manchas, rasuras e avarias; “abstraía-se de tudo mais na contemplação das belas obras que sobre todos os assuntos iluminava o vasto salão”. Parte dos livros sobre medicina, Marinho doou em vida ao sobrinho Luis Marinho da Silva Oliveira, otorrinolaringologista, permanecendo ainda várias obras com a família. Edições luxuosas e preciosamente ilustradas sobre Botânica e Zoologia no Brasil, no tempo de D. Pedro I e da Imperatriz Leopoldina, foram recentemente vendidas a um grande colecionador de São Paulo, de nome José Mindlin, segundo informes da filha Heloisa Marinho.

Trabalhador incansável, o insigne professor iniciou pesquisas em cortes anatômicos de ossos do crânio, esmiuçando a topografia das cavidades paranasais, em sala para isto especialmente reservada em sua própria residência. Desses estudos, apresentados ao I Congresso Sul-Americano de Otorrinolaringologia, realizado em Buenos Aires em 1940, Marinho promove a publicação em livro intitulado “Da Sinusite fronto-etmoidal e seu tratamento”, em que todas as figuras, ilustrativas do texto, são originais; como assevera no prefácio, “nem uma só foi tirada de livro”. Nesse trabalho, analisa pormenorizadamente as vias de acesso “endonasal” e “transmaxilar” de Pietrantoni-Ermiro de Lima na cirurgia dos seios paranasais. A este respeito introduz a curiosa expressão do “teto corrido”, para definir a livre passagem da cureta ao longo do teto do etmóide, desde o seio esfenoidal o canal nasofrontal, como prova de completo esvaziamento do complexo etmoidal.

No Boletim da Academia Nacional de Medicina, nº 1, abril de 1941, encontra-se excelente apreciação histórica sobre “Vultos e Fatos da Arte Cirúrgica e Obstétrica no Rio de Janeiro” revelando Marinho amplo conhecimento e cultura sobre problemas não otorrinolaringológicos.

Aposentou-se compulsoriamente em 1943, tendo o Mestre Fernando Magalhães o considerado “o criador da Otorrinolaringologia no Brasil, pela orientação que proporcionou à sua prática e ao seu ensino”.

Mesmo aposentado, Marinho continuou acompanhando o progresso da especialidade, assíduo freqüentador dos Congressos Brasileiros de Otorrinolaringologia.

Representante do Governo brasileiro, juntamente com Aristides Monteiro, ao II Congresso Pan-Americano de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia, realizado em Montevidéu e Mar Del Plata, 1950.

Durante o III Congresso Latino-Americano de Otorrinolaringologia, realizado em Caracas no ano de 1955, foi-lhe outorgado o prêmio “Eliseu Segura”, pela brilhante carreira universitária e pelo reconhecido trabalho de aproximação dos especialistas latino-americanos. O prêmio, recebeu-o em setembro do mesmo ano, em solene e memorável sessão da Academia Nacional de Medicina, a que compareceram altas autoridades governamentais e os mais eminentes e expressivos representantes da Otorrinolaringologia nacional e latino-americana.

Aposentado, abandonou o exercício da clínica e passou a residir em São Paulo, mas com freqüência vinha ao Rio, onde possuía magnífica residência na rua Voluntários da Pátria.

Através da vida, adepto da filosofia de Augusto Conte. Pelo Positivismo explicava o lema da bandeira brasileira: ordem e progresso, como nos relata sua filha Heloisa.

Serenamente aguardava a morte como fatalidade biológica e sucumbiu estoicamente ao lado de seu querido assistente Paulo Brandão, segundo confirmação pessoal de Aristides Monteiro. Como assinala Lacaz: "Por sua expressa vontade desapareceu da vida como o mais humilde dos homens, dispensando as homenagens a que tinha direito, apesar de ter sido, indiscutivelmente, uma das maiores expressões da cultura e do caráter do nosso País. Marinho, aliás, afirmava que o culto dos mortos em nada aproveita aos que se foram e, sim, aos que continuam a viver".

Conheci o inolvidável Professor apenas em encontros fortuitos nos Congressos brasileiros da especialidade. Dele guardo, zelosamente, carta manuscrita que me dirigiu em outubro de 1953, agradecendo o exemplar que lhe enviara da primeira edição do meu Manual de Otorrinolaringologia. Lamento as escassas oportunidades tidas no convívio; com desejaria ter participado mais amplamente da intimidade do ilustre brasileiro!

Faleceu João Marinho na cidade do Rio de Janeiro, a 12 de fevereiro de 1956, com 81 anos de idade.

Raul David de Sanson

Raul David de Sanson, o prestigioso sucessor de João Marinho, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 16 de fevereiro de 1887. Freqüentou os cursos primário e secundário no Ginásio Fluminense, na cidade de Petrópolis.

Diplomou-se médico em 1908 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde defendeu tese de doutoramento em 1909 sobre "Operação de Lagrange lpara prótese ocular".

No mesmo ano seguiu para a Europa, incorporou-se como assistente no Serviço do professor Deutschmann, em Hamburgo (1909-1910) e assistente voluntário da Universidade de Heidelberg (1910-1911).

De retorno ao Rio de Janeiro, dedicou-se à especialidade de olhos, ouvidos, nariz e garganta, ingressando no Serviço do professor Hilário de Gouvêa, homem de trato difícil e excessivamente rigoroso para com os mais jovens. Em convívio íntimo, e mesmo de família, Sanson soube compreender e adaptar-se ao temperamento irascível do velho professor. Assistente devotado no período de 1911 a 1918, no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Sob a chefia de Hilário, a quem sempre dedicou profunda gratidão, a demonstrar nobre traço de caráter, Sanson em pouco tempo começou a granjear clínica particular, não apenas em Otorrinolaringologia mas também em Oftalmologia, esta posteriormente relegada.

Aperfeiçoou conhecimentos de medicina geral frequentando os Serviços dos nobres professores Silvio Muniz, Pedro de Almeida Magalhães e Miguel Pereira.

Cedo conquistou o título de "livre-docência" de Clínica Oftalmológica, ao defender tese sobre "Do valor comparativo entre o oftalmômetro de Javal e o Keratômetro de Sutcliffle (1914).

Em 1918 o professor Luiz Barbosa convidou-o para chefiar o Serviço de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Policlínica de Botafogo, na época alojada em antigo prédio da Rua Bambina, em Botafogo, em paupérrimas instalações. Nessa mesma Policlínica o dr. Francisco Eiras já havia ministrado, entre 1908 e 1910, os primeiros cursos livres de Otorrinolaringologia, com programa previamente anunciado.

Sanson nunca deixou de atuar na Policlínica de Botafogo que, em 1928, passou a ocupar novo prédio na Av. Pasteur, dotada de instalações consideradas das melhores na época.

Ao longo do tempo, cercou-se de inúmeros assistentes e estagiários, entre eles: Julion Vieira, Manoel Musa, Leopoldo Torreão, Antonio Leão Veloso, José Kós, Nilson de Rezende, Antonio Paulo Filho, Admardo Rocha de Souza, Álvaro da Silva Costa, Ruben Amarante, Coelho de Souza, Cryso Fontes, Walter Benevides, Werther Duque Estrada, Silvio Caldas, Helio Coelho, José Lyra, Aloísio Paraíso Cavalcante, George Silva, Humberto Ramos, Luis Barbosa da Silva, Capistrano Pereira, Arminio Tavares, João de Araújo.

Vários destes assistentes tornaram-se eminentes especialistas, destacando-se, quer na área universitária, quer na clínica particular, José Arthur de Carvalho Kós, que veio a conquistar, por concurso, a Cátedra de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Merecem ainda realce: fundador da "Clínica Professor José Kós" e Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

Em 1920, Sanson assume a chefia do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital São João Baptista da Lagoa, que logo passou à direção de um de seus mais diletos assistentes, Walter Benevides, estimado cultor da literatura brasileira e francesa.

No mesmo ano, tornou-se o primeiro livre-docente de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, defendendo tese sobre "Fisiopatologia do Nistagmo Vestibular". Consagrou-se aos cursos equiparados da especialidade, sempre muito disputados pelos estudantes na Policlínica de Botafogo.

Na sessão de 15 de novembro de 1925 da Academia Nacional de Medicina, sob a presidência de Miguel Couto, Sanson tomou posse como Membro Titular, saudado por Nascimento Gurgel. Apresentou Memória intitulada "Considerações gerais sobre a técnica da intervenção de Killian", julgada pelos Acadêmicos Guedes de Mello, Octavio de Souza, Olympio da Fonseca Filho, Belmiro Valverde, João Marinho e Neves Manta.

Retornou à Alemanha, onde praticou sucessivos estágios de fecundo aprendizado, como de cirurgia plástica nasal com o professor Joseph, de endoscopia com o professor Weingartner e de "labirinto e métodos de investigação" com o dr. Gurrich, todos mestres em Berlim.

Organizou e chefiou o Serviço de Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta do Hospital da Fundação Gaffrée Guinle (1932). O Setor de Olhos ficou a cargo do jovem e operoso Dr. Antonio Paulo Filho,que conquistou com brilho, em destacado concurso, a Cátedra de Oftalmologia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, ingressando mais tarde na Academia Nacional de Medicina como Membro Titular.

Nesse novo Serviço foram assistentes de Sanson: José Kós (Chefe de Clínica), Ruben Amarante, que posteriormente substituiu Kós na Chefia da Clínica, Francisco Pinto de Almeida, Fernando Ayres da Cunha, Helio Hungria, Nelson Azevedo Alves, Luiz Henrique Azevedo Alves, João Cruz Guimarães, Roberto Martinho da Rocha, Germano Bento, Celso Malcher, Álvaro Acar, Lourival Sampaio, Fernando de Oliveira, Fernando Godinho, Paulo Casoni, Jacques Soriano, William Schoemberg, João Batista Leão.

Em 1934 David de Sanson é indicado professor Catedrático de Otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas, fundada pelo arrojo e idealismo deste infatigável batalhador que continua sendo Rolando Monteiro,.

A Disciplina de Otorrinolaringologia da nova Faculdade passou a funcionar no Serviço da Fundação Gaffrée-Guinle. Sanson permaneceu até à morte (1962) como Professor da Faculdade de Ciências Médicas, que veio a pertencer à Universidade do Estado da Guanabara, atualmente UERJ, e não exigia, na época, a aposentadoria compulsória.

Sanson, no ano de 1935, destacou-se como delegado da Academia Nacional de Medicina ao IV Congresso da "Societas Otorrinolaringológica Latina", realizado em Bruxelas, e dois anos depois, logo em 1937, acolheu-o o Colégio Brasileiro de Cirurgiões como Membro Titular.

No mesmo ano fundou-se a Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro, tendo como primeiro Presidente Álvaro Tourinho e primeiro Vice-Presidente David de Sanson.

Aos 58 anos de idade (1944), não obstante o nome já consagrado no cenário médico nacional e estrangeiro, em que mais uma conquista na vida profissional pouco lhe acrescentaria, Sanson, em atitude de grande bravura, não hesitou em expor-se ao risco de uma derrota e inscreveu-se no concurso para a Cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, vaga pela aposentadoria de João Marinho. Foram seus concorrentes dois eminentes e ainda jovens especialistas: Ermiro Estevam de Lima e Aristides do Rego Monteiro. A Banca Examinadora, constituída pelos professores Octavio Rego Lopes, Francisco Castro Araújo, Arthur de Sá, Alberto de Souza e Maurilo de Mello, exarou o seguinte veredicto:

1) Raul David de Sanson: indicado pelos professores Rego Lopes e Castro Araújo;
2) Ermiro Estevam de Lima: indicado pelos professores Arthur de Sá e Maurilo de Mello;
3) Aristides Monteiro: indicado pelo professor Alberto de Souza.

Verifiicou-se, assim, empate entre Raul David de Sanson e Ermiro Estevam de Lima. Levado o resultado à apreciação da Egrégia Congregação (como previsto pelo Regimento) que decidiu, por unanimidade, a favor de Raul David de Sanson, cuja tese versou sobre "Esvaziamento Petro-Mastóideo pelo conduto (técnica de Hoffman-Thies)".

O curso da Cadeira, então ministrado por João Marinho no Hospital São Francisco de Assis (1922-1944), passou a funcionar no Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital da Fundação Gaffrée-Guinle, chefiado por David de Sanson. Nos dois primeiros anos (1945-1947), o curso funcionou em ônus para a Faculdade. Em 1947 firmou-se contrato entre a Universidade do Brasil e a Fundação Gaffrée-Guinle, onde a Cátedra de Otorrinolaringologia funcionou durante nove anos (1945-1954). Em 1954, no entanto, em virtude da incompreensão (termo usado por Sanson) do Presidente da Fundação Gaffrée-Guinle que, lamentavelmente, em ato de abuso de autoridade, cerrou as portas do Serviço, rescindiu-se o contrato firmado entre a Fundação e a Universidade.

Ao invés de esmorecer com a perda do Serviço, Sanson exaltou-se na vicissitude e se lançou à procura de novo contrato, no intuito de não interromper os Cursos. A Reitoria da Universidade, compreendendo os anseios do professor, de imediato procede a um contrato com a Policlínica de Botafogo, cujo Serviço de Otorrinolaringologia, dirigido por Sanson, é devidamente remodelado, ampliado e aparelhado para atividades de ensino. As obras necessárias de adaptação de Serviço, conseguidas o foram com o grande prestígio de Sanson por meio de donativos, concedidos por firmas comerciais, indústrias, entidades governamentais e particulares, até mesmo de listas de subscrição. Como assinala Sanson em discurso de inauguração do novo Serviço, "valeu-nos o incentivo generoso da Exma. Senhora Amélia Whitaker Gondin de Oliveira que levantou a bandeira para levar ao seu término tal projeto". A Diretoria da Policlínica de Botafogo colaborou com Sanson, abrindo mão dos aluguéis pagos pela Universidade em favor do Serviço de Otorrinolaringologia. Nesse Hospital ministrou-se o curso da especialidade até a aposentadoria de Sanson, em 1958. Na Policlínica de Botafogo o velho Mestre trabalhou até o final de sua fecundamente profícua existência (1962).

Durante o biênio 1948-1950, Sanson assumiu a Presidência da Academia Nacional de Medicina, sita então no Silogeu Brasileiro. Na gestão, teve o encargo de conseguir a doação de terreno para a construção da atual sede da Academia (sita na Av. General Justo), afinal levada de vencida pela dedicação, pertinácia e devotamento dos acadêmicos Deolindo Couto e Álvaro Cumplido de Santana. Profícua a atuação de Sanson nesta Casa do Saber, onde, em 1957, passou a Emérito, preenchida a vaga pelo Dr. Haroldo Rocha Portela.

Em 1958, sob a Presidência de Sanson e Secretário Geral o atuante Walter Benevides, realiza-se o VII Congresso Pan-Americano de Otorrinolaringologia, com sede no Rio de Janeiro. Já então estava com o organismo extremamente combalido por doença inexorável. Era de ver-se, no entanto, a inesgotável e impressionante força de ânimo, ao sair do leito para presidir a Sessão Inaugural do Congresso, debilitado e irreparavelmente tocado em sua saúde física, que surpreendentemente ainda resistiu por mais quatro anos.

Publicou significativo número de trabalhos da especialidade, proferiu inúmeras conferências em congressos e associações científicas, nacionais e estrangeiras. Ao longo da vida profissional apresentou várias comunicações na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, na Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, na Academia Nacional de Medicina. Participou de várias Bancas Examinadoras de Concursos para Cátedra e livre-docência de Otorrinolaringologia.

Relator de diversos Temas Oficiais em Congressos de Otorrinolaringologia. Batalhador incansável no advogar o conceito de ampliar as fronteiras da especialidade, relacionando-a com a neurologia, clínica geral, pneumologia, oftalmologia e cirurgia bucofacial. Estimulava os discípulos no estudo dessas disciplinas e também nos trabalhos de dissecção anatômica, base indispensável na formação do bom cirurgião. Possuía vasta e cuidada biblioteca geral e especializada, que colocava à disposição dos assistentes interessados.

David de Sanson sempre vibrou com o engrandecimento da especialidade. Defendeu seus pontos de vista com ardor e entusiasmo. Um dos pioneiros da cirurgia do câncer da laringe entre nós e grande defensor da via externa no tratamento cirúrgico das sinusites fronto-etmoidais crônicas.

De formação cultural prevalentemente européia, assiduamente visitou, ao longo da vida, os centros científicos de Berlim, Viena e Paris.

Possuidor de invejável saúde, Sanson dedicava excepcional amor ao trabalho, amor que não esmorecia nunca e fazia de sua atividade quotidiana um dinamismo fecundo e irradiante. Animador contumaz da aspirações dos discípulos. Era autêntico "Chefe de Escola", incesssantemente investigando e aperfeiçoando os conhecimentos técnico-científicos. Quanto maiores os obstáculos que, porventura, surgissem à conquista de determinada meta, mais crescia obstinado e pertinaz na obtenção do intento.

Embora homem de requintada educação e notório cavalheirismo no trato com as pessoas, transfigurava-se na exaltação da defesa de um ponto de vista ou na crítica de determinado tema científico. Inflexivelmente contrário à cirurgia da ozena e da otosclerose, a ponto de, quando Presidente da Academia Nacional de Medicina, em 1948, não admitiu que Julius Lempert, o célebre sistematizador da técnica da "fenestração" na cirurgia da otosclerose, fosse recebido pela Academia.

Ardoroso adversário de João Marinho, com ele afinal reconciliou-se em Salvador, Bahia, por ocasião do II Congresso Brasileiro de ORL, em 1948.

Ressalte-se a condecoração de "Oficiel de la Legion d"Honeur" pelo Governo francês em 1950.

Persistiu exercendo atividades, como clínico e cirurgião, na velha e querida Policlínica de Botafogo, até o extremo limite de suas forças.

Após longa enfermidade, suportada com grande estoicismo, David de Sanson faleceu, aos 75 anos de idade, a 9 de agosto de 1962, na cidade do Rio de Janeiro.

Ermiro Estevam de Lima

Ermiro Estevam de Lima, sucessor de David de Sanson, nasceu na cidade de Bezerros, Pernambuco, a 26 de outubro de 1901. Iniciou alfabetização com professora particular e completou o curso primário no Colégio Municipal de Bezerros. Frequentou os três anos iniciais do curso secundário no Internato dos Irmãos Maristas, em Recife, concluindo-o no Colégio Arquidiocesano de Olinda. Prestou exames finais no Ginásio Pernambucano, símile do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro.

Diplomou-se médico em 1925, pela Faculdade de Medicina da Bahia, defendida tese de doutoramento sobre: "A mastóide – de pneumatização e de áreas cirúrgicas", aprovada com distinção.

Auxiliar de ensino no correr do curso acadêmico no Serviço de Otorrinolaringologia do professor Eduardo de Moraes (Hospital Santa Izabel, Salvador) e na Disciplina de Anatomia do professor Álvaro Froes da Fonseca, quando ainda na Bahia.

Ermiro, em 1928, conquistou a livre-docência de Anatomia Humana na Faculdade Nacional de Medicina, apresentando tese sobre "Contribuição ao estudo da área nasofrontal nos índios brasileiros".

No período de 1931 a 1936 trabalhou como médico adjunto da Clínica de Otorrinolaringologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, a cargo do Dr. Augusto Linhares, e em 1934 obteve, mediante concurso de Títulos, a Cátedra de Anatomia da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói.

Em intervenção cirúrgica pelo processo de Caldwell-Luc para tratamento de sinusite maxilar crônica, Ermiro Lima, em 1930 "seguindo lesões osteíticas, a partir do ângulo súpero-medial do seio maxilar, cai em pleno etmóide, o qual poude ser completamente curetado", conforme relata R. M. Neves Pinto (A FOLHA MÉDICA, 93 (2), 127-134, 1986).

Nos idos de 1936 apresentou importante trabalho, em colaboração com o Dr. Mauro Pena, na Semana Otorrinolaringológica da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: "Etmoido-esfenoidectomia transmaxilar". Os primórdios desta operação nasceram da via de acesso ao etmóide através do antro maxilar, realizada por Pietrantoni, na Itália. Após a apresentação do trabalho acima referido, Ermiro prosseguiu nesses estudos e, posteriormente, defendeu tese em que sistematizou, de maneira notável, toda a técnica de etmoidectomia, frontotomia e esfenotomia por "via transmaxilar".

Por concurso de Provas e Títulos conquistou, em 1938, a Cátedra de Anatomia da Faculdade de Odontologia da Universidade do Brasil, quando defendeu tese sobre: "O soalho do seio maxilar – Contribuição ao estudo anatômico da região alvéolo-dentária".

No ano seguinte, 1939, assume a Chefia do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, organizando-o à sombra de perfeita técnica.

Realiza-se, em 1940, em Buenos Aires, o I Congresso Sul-Americano de Otorrinolaringologia e Ermiro, membro da Delegação Brasileira, destaca-se com a apresentação da técnica cirúrgica da "via transmaxilar". Tal o êxito despertado, que se viu solicitado, por instância dos colegas congressistas, a proceder a demonstrações cirúrgicas da técnica por ele sistematizada.

Em crescente ascensão técnico-científica, em 1942 torna-se Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e, em 1943, conquista a livre-docência em Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Bahia, defendendo tese sobre "A via transmaxilar na cirurgia dos seios da face".

Espírito laborioso e estudante tenaz, Ermiro de Lima, em 1944, inscreveu-se no concurso para concorrer à Cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, onde também se inscreveram David de Sanson e Aristides Monteiro, como já minuciosamente descrito na pág. 23. Verificando-se igualdade de indicações entre Sanson e Ermiro, a Congregação da Faculdade, em sessão plena, por votação, indicou vencedor David de Sanson. O trabalho oferecido à prova "defesa de tese" intitulava-se: "A Otosclerose. Contribuição ao seu tratamento cirúrgico. A via supra-meática".

Realizou cursos de aperfeiçoamento nos Estados Unidos, no espaço de oito meses no ano de 1945 como bolsista do Instituto de Negócios Interamericanos, freqüentando vários Serviços da especialidade:

1) Eye and Ear Infirmary, no Massachussets General Hospital, Boston.
2) Curso de Broncoesofagologia no Serviço do professor Chevalier Jackson, em Filadélfia.
3) Curso de três meses no Lempert Institut of Otology, Nova Iorque;
4) Estágio na Clínica Otorrinolaringológica da Washington University, em St. Louis.

Implantado em 1947 o Hospital dos Servidores do Estado (IPASE), assume o cargo de Chefe do Serviço de Otorrinolaringologia e o estrutura condignamente. Foram seus assistentes: João Cruz Guimarães (Chefe de Clínica), Silvio Mello, Hermínio Fraga, Fernando Moreira, Pedro Estevam de Lima, Silvio Moreira da Silva, Walter Roth, Américo Satuf, Berta Miranda, Humberto Guerreiro. Além deste grupo de colaboradores, o Setor era integrado por dois audiometristas e duas fonoaudiólogas.

Nesse serviço, Ermiro instituiu reuniões semanais às quintas-feiras com presença da equipe. Movido por interesse científico participava, outrossim, das reuniões mensais do Hospital. Na I Assembléia Médica Geral do Hospital dos Servidores do Estado, em 1953, Ermiro e sua equipe apresentaram grande número de trabalhos. Idêntica atividade se repetiu em 1957, durante a II Assembléia Geral do mesmo Hospital.

Exibiu filme sobre "A via transmaxilar" na vigência do Congresso da "Societé Française d'Otorrinolaringologie", em 1950.

No biênio 1k953-1954, distinguido como Presidente da Associação Médica do Distrito Federal, Rio de Janeiro.

Preocupado com o diagnóstico das deficiências auditivas na infância, estagiou no Serviço de Maspetiol, em Paris, onde se familiarizou com os Testes Psicogalvânicos, em 1954.

Em 1957, Ermiro tornou-se membro fundador do “Núcleo Latino-Americano para o estudo da Otosclerose, Surdez e Aparelho Vestibular”, em Lima, Peru, ocasião em que se realizava o IV Congresso Latino-Americano de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia. Nesse Congresso, como Relator do Tema Oficial “Investigações anátomo-cirúrgicas sobre a região estapedo-vestibular”, expôs elevados conceitos pertinentes.

No ano seguinte, nova honraria o envolve: eleito Membro da Academia de Medicina de São Paulo.

Volta Ermiro de Lima, em 1959, a concorrer à Cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, juntamente com três ilustres e competentes especialistas: José Arthur de Carvalho Kós, Sebastião Capistrano Pereira e Rubem da Costa Leite Amarante. A Banca Examinadora, constituída pelos professores Alcindo de Figueiredo Baena, Aquiles Ribeiro de Araújo, Rafael da Nova, Ildeu Duarte e Ocelo Pinheiro, assim se externou:

1) Capistrano Pereira: indicado pelo professor Figueiredo Baena.
2) Ermiro de Lima: indicado pelo professor Ocelo Pinheiro.
3) Capistrano Pereira e Ermiro de Lima: empatados pelo professor Aquiles de Araújo
4) Ermiro de Lima e José Kós: empatados pelos professores Rafael da Nova e Ildeu Duarte.

Em atendimento ao Regimento da Faculdade, os examinadores Aquiles de Araújo, Rafael da Nova e Ildeu Duarte assim se manifestaram em decisão final:

1) O professor Aquiles de Araújo indicou Capistrano Pereira.
2) Os professores Rafael da Nova e Ildeu Duarte indicaram Ermiro de Lima.

Ermiro Estevam de Lima, totalizando três indicações, isto é, Ildeu Duarte, Rafael da Nova e Ocelo Pinheiro, conquistou a Cátedra tendo apresentado a tese intitulada: “Nistagmografia”.

Durante três anos, o novel professor ministrou a Disciplina de Otorrinolaringologia no Hospital dos Servidores do Estado, pois a Faculdade havia rescindido o contrato com o Serviço de Otorrinolaringologia da Policlínica de Botafogo, em conseqüência da aposentadoria do professor David de Sanson.

Após esses três anos, a Disciplina de Otorrinolaringologia passou a ser exercida no Hospital São Francisco de Assis, devidamente aparelhada pela Universidade do Brasil e ajuda de amigos particulares de Ermiro. Nessa ocasião funda-se, no Hospital São Francisco de Assis, o Instituto Brasileiro de Otorrrinolaringologia (IBRO), sociedade sem fins lucrativos e que seria responsável pela administração da Clínica de Otorrinolaringologia. Anexo ao IBRO, o professor criou o Curso de Fonoaudiologia, que funcionou durante quatro anos, com grande êxito; as turmas ultrapassavam, anualmente, o número de 100 alunos. Foram seus assistentes da Faculdade: Paulo Brandão, Fernando Carneiro da Cunha, Maria José Lages, Ermiro de Lima Sobrinho, Aquiles de Lima, Carlos Everardo Alves, Josias de Freitas e R. M. Neves Pinto, este último nomeado auxiliar de ensino, função que exerceu até a aposentadoria de Ermiro (1973), quando solicitou demissão; para substituí-lo foi indicado o Dr. Armando Marcial Salaverry pela Dra. Maria José Lages, responsável interina pela Disciplina de ORL.

Em 1961, em Paris, representou o Brasil, na qualidade de delegado, no VII Congresso Internacional de Otorrinolaringologia.

Compareceu ao Congresso Pan-americano de Otorrinolaringologia, realizado em Caracas, em 1962, expondo opinião sobre “Timpanoplastia. Retalho com pedículo cutâneo na cirurgia otológica”. Foi eleito no mesmo ano Presidente da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro.

Ingressou como Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em maio de 1963. Apresentou Memória sobre “Das sinusites crônicas. Bases anatômicas e orientação cirúrgica”, julgada por Comissão composta pelos Acadêmicos José Kós, Sylvio Abreu Fialho e Carlos Bastos. Empossou-se, não em sessão solene, mas sim perante o Presidente da Academia, professor Olimpio da Fonseca.

Em 1969 convida o Dr. Alexandre de Souza, especialista brasileiro radicado nos Estados Unidos, para ministrar curso no Hospital São Francisco de Assis sobre o novo conceito da realização simultânea da cirurgia do septo nasal e da pirâmide nasal pelo próprio otorrinolaringologista, incorporando assim a rinoplastia ao âmbito da ORL. Daí por diante, com a colaboração dos assistentes Pedro Estevam de Lima , R. M. Neves Pinto e Ermiro Lima Sobrinho, iniciam uma série de cursos sobre "rinosseptoplastia" e "cirurgia dos seios da face" em demonstrações cirúrgicas em cadáver e no vivo, no Hospital São Francisco de Assis e em várias capitais do Brasil e da América do Sul.

Ermiro de Lima, por implemento da lei, é aposentado em 1973 e logo eleito, pelos seus pares, Professor Emérito da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Indicado primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Rinologia, fundada em 1974, em São Paulo, e Presidente de Honra do IV Congresso Internacional de Rinologia, realizado em 1977 no Rio de Janeiro, sob a presidência de R. M. Neves Pinto.

Foi honrado com o prêmio Eliseu Segura, conferido pela Federação Latino-Americana de Otorrinolaringologia durante o Congresso de ORL realizado em Santiago, Chile (1979)

Seus ex-alunos e assistentes, em reconhecimento aos seus méritos, organizaram e fundaram a "Associação Professor Ermiro de Lima" em 1981.

As honrarias sempre o envolveram e, assim, em 1982 foi eleito Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia e Presidente de Honra do XXVI Congresso Brasileiro de ORL, realizado em Recife. Recebeu, outrossim, diploma da Ordem do Mérito Médico na classe de Comendador.

Aditem-se, em sua afanosa vida, atividades tais como: relator e co-relator de temas oficiais em vários congressos nacionais e internacionais de ORL; organizador e professor de dezenas de cursos; conferencista e executor de demonstrações cirúrgicas no Brasil e no estrangeiro, participou de inúmeras Bancas Examinadoras para concursos de livre-docência e de Cátedra de Otorrinolaringologia.

Ermiro de Lima mostrou-se investigador pertinaz, irrequieto na busca do perfeccionismo, do labor evolutivo da ciência. Permanentemente à procura de uma brecha de luz no aprimoramento técnico da Otorrinolaringologia, terminou por consagrar-se mundialmente ao sistematizar a técnica da "cirurgia transmaxilar dos seios paranasais".

Dedicou-se à pintura, atividade que enaltece, sensibiliza a criatura humana. A direção do Hospital dos Servidores do Estado realizou expressiva exposição de seus quadros, em que se destacaram excelentes retratos a óleo de vários de seus eminentes colegas e amigos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ermiro continuou em atividade, frequentando assiduamente as sessões semanais da Academia Nacional de Medicina; em agosto de 1988 proferiu conferência sobre a vida e a obra de Gilberto Freire no "Ocium cum dignitate", associação fundada pelo entusiasmo permanente deste fervoroso lutador que é Rolando Monteiro; e em outubro, o XXIX Congresso Brasileiro de ORL, realizado em Salvador, Bahia, distingue-o com placa de prata de "Grande Personalidade" da Otorrinolaringologia brasileira; nesse mesmo mês, eleito Membro Honorário da American Rhinologic Society.

Por toda esta longa e luminosa vida, dedicada ao ensino e à prática da Otorrinolaringologia, ao amor pela medicina, pelo exemplo como nobreza de coração, de espírito compreensivo e magnânimo, Ermiro Lima é motivo de orgulho e glória da medicina brasileira.

Helio Hungria Hoffbauer

Helio Hungria Hoffbauer, que sucedeu a Ermiro de Lima na Cátedra, nasceu na cidade de Rio Pomba, Minas Gerais, a 25 de fevereiro de 1914. Iniciou o curso primário em Belo Horizonte e veio terminá-lo no Rio de Janeiro. Inscreveu-se no exame de admissão para o Colégio Pedro II, onde frequentou o curso ginasial. Ao terminar o quinto ano concorreu, sendo vencedor, no tradicional concurso de provas para preenchimento da função de Conservador do Gabinete de História Natural do Colégio, pelo prazo de um ano. Cursou o sexto ano, não obstante facultativo, para alcançar o título de Bacharel em Ciências e Letras.

Diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina de Universidade do Brasil e distinguido, por eleição, orador da turma.

Como estudante ingressou no Serviço de Otorrinolaringologia da Policlínica de Botafogo, do então docente-livre Raul David de Sanson, levado pela mão amiga do Dr. José Kós, porém, meses após, transferiu-se para o Serviço de Otorrinolaringologia da Fundação Gaffrée-Guinle, também sob a orientação de David de Sanson.

No quinto ano médico obteve o segundo lugar no concurso para auxiliar-acadêmico da Secretaria de Saúde e Assistência do Distrito Federal, praticando medicina e cirurgia de urgência no Hospital de Pronto-Socorro (hoje Hospital Souza Aguiar), na equipe do Dr. Pedro Paulo Paes de Carvalho, no correr do ano de 1937.

Em 1938, recém-diplomado, admitido otorrinolaringologista da CAPFESP, posteriormente IAPFESP, finalmente INPS.

Logrou promoção a assistente do Serviço de Otorrinolaringologia da Fundação Gaffrée-Guinle (1939),onde passou a ministrar aulas práticas e teóricas nas Cátedras da Faculdade de Ciências Médicas (professor David de Sanson) e da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (professor José Kós).

Nos anos de 1948, 1950 e 1962 conquistou, com júbilo, três títulos de livre-docente em Otorrinolaringologia, respectivamente na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, na Faculdade de Ciências Médicas e na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. As teses versaram sobre: “Sinusite maxilar crônica” para a primeira docência, “Manifestações Alérgicas Naso-Sinusais” para a segunda e, por fim, “Estapedectomia. Experiência Pessoal”.

De 1952 em diante, a convite do professor José Kós, passou a assistente da “Clinica Professor José Kós”, onde laborou com interesse e ativamente; no ano seguinte, admitido Assistente da Cátedra de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina e Cirurgia a cargo do mesmo Professor; nesta condição permaneceu até 1965, quando se exonerou para assumir a Cátedra da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, como mais adiante se aponta.

Exercitou-se em curso intensivo de dois meses no “Lempert Institut of Otology”, em Nova Iorque, iniciando em 1955 a prática da cirurgia da “fenestração labiríntica”, técnica esta posteriormente abandonada em favor da “estapedectomia”. Dedicou-se, a partir de 1961, ao treinamento dessa operação, orientado pelo Dr. Roberto Martinho da Rocha, seu colega na “Clínica Professor José Kós”, que acabara de chegar de Memphis, Estados Unidos, onde fora especialmente para familiarizar-se com a execução dessa nova técnica com o seu autor, o jovem cirurgião americano Dr. John Shea.

Hungria sempre agasalhou um anelo, o de publicar um livro da especialidade. Em 1953 concretizou-se o desejo: vem a lume o Manual de Otorrinolaringologia, prefaciado pelo seu Mestre David de Sanson. Impossível silenciar o orgulho ao relembrar a receptividade do compêndio, ora em sua 5ª edição, a patentear a aceitação da obra por parte de estudantes e especialistas. A 5ª edição, publicada em 84, engrandeceu-se graças à colaboração de eminentes nomes: Brum Negreiros, Ivo Kuhl, Ivo Pitanguy, Jorge de Marsillac, Octacílio Lopes Filho, Pedro Bloch, Pedro Luís Mangabeira Albernaz e Rudolf Lang. Em 1982 edita “Fundamentos de Otorrinolaringologia”, sinopse dedicada ao estudante de medicina, prefaciado pelo professor Clementino Fraga Filho.

Inato pendor para o ensino estimula-o a inúmeros Cursos Equiparados da especialidade, ministrados no perpassar dos anos.

Preocupado, outrossim, com esmero técnico e imbuído do espírito do ensino continuado, contam-se várias visitas ao exterior no período de 1955 a 1978, tais como:

Nos Estados Unidos, em estadas por cinco vezes, cursou intensivamente, durante dois meses, o "Lempert Institut of Otology", já referido; estagiou no "Massachusetts Eye and Ear Infirmary", em Boston, sob a orientação do Dr. Phillip Meltzer; visitou por duas vezes o "Otologic Medical Group", de Los Angeles, onde, posteriormente, inscreveu-se no "Second Otologic Diagnosis and Surgery Course", ministrado pelos famosos cirurgiões Howard House, William House e James Sheehy; assinalem-se, ainda, as proveitosas visitas aos renomados Serviços de Otologia de Frederick Guilford, em Houston, de David Austin na Universidade de Illinois (Chicago) e John Shea, o sistematizador da técnica da estapedectomia; presente no "Shambaugh Fifth International Workshop on Middle Ear Microsurgery and Fluctuant Hearing Loss", em Chicago, e por duas vezes no "Meeting" da Academia Americana de Oftalmologia e Otolaringologia.

Na Europa, em idas várias, buscou ensinamentos nos Serviços especializados de FranciscoAntoli-Candela, em Madrid, Michel Portmann na Universidade de Bordeaux e José Prades, em Barcelona; compareceu no "Second International Course in Transtemporal Microsurgery of Internal Auditory Canal", organizado pelo professor Ugo Fish, em Zurich.

No decorrer da vida profissional universitária, Hungria é distinguido com eleições e indicações para exercer cargos ou funções de significação:

Eleito Presidente da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro para o biênio 1953-1954; Representante dos livre-docentes na Congregação da Faculdade de Ciências Médicas (1954); Secretário do Interior da Federação Brasileira de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia, cargo que exerceu durante oito anos (1953-1961); membro da Fondation Portmann (1970); em 1972, Secretário Adjunto da Confederação Latino-Americana de ORL e Presidente do XXI Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, realizado no Rio de Janeiro; no ano seguinte, a Sociedade Brasileira de Otologia outorga-lhe o título de "Especialista em Otologia"; Diretor Presidente da Clínica Professor José Kós" (1974-1977) e Vice-presidente em triênios sucessivos, de 1977-1986; Presidente do V Congresso Ibero-Americano de ORL, realizado no Rio de Janeiro (1974); Presidente da I Reunião Científica da "Associação Professor José Kós" (1975); indicado Representante brasileiro a coordenar os trabalhos de divulgação ao XI Congresso Mundial de Otorrinolaringologia, realizado em Buenos Aires (1977), onde atuou como coordenador da mesa redonda "Otitis Média Serosa" e participante do Grupo de Trabalho sobre "Enseñanza em ORL"; Presidente de Honra do X Congresso Latino-Americano e XXIV Congresso Brasileiro de ORL, realizado no Rio de Janeiro (1978) Primeiro Presidente da recém-fundada Sociedade Brasileira de ORL (biênio 1979-1980).

Com o ideal continuamente voltado para a carreira universitária, Hungria conquista duas Cátedras da especialidade:

Por concurso de Títulos e Provas alcança, em 1965, a Cátedra de Otorrinolaringologia da Universidade do Estado da Guanabara, atualmente UERJ, vaga pelo falecimento do querido mestre professor Raul David de Sanson, em 1962. A Comissão Julgadora integrada pelos professores Manoel Cláudio da Motta Maia, Werther Duque Estrada, José Kós, Ermiro de Lima e Silvio Pires de Mello. A tese julgada intitulava-se "Timpanoplastias. Conservação do meato acústico externo".

Estruturou o Serviço de ORL, não existente, no Hospital de Clínicas Pedro Ernesto da Faculdade de Ciências Médicas, para o que contou, na época, com a colaboração e permanente boa vontade do professor Jayme Landman, Diretor do Hospital, e do Reitor da UEG, professor João Lyra Filho. Convidou para assistentes do novo Serviço os Drs. Antonio Cyrilo Gomes, Álvaro Escobar, Antonio José dos Santos, José Affonso Barbosa, Gaspare Bosco, David Zweig, Capistrano Pereira Filho, Lindemberg Lana. Posteriormente conseguiu ainda a nomeação dos Drs. Juan Carlos Antunes, José Roberto Carvalhaes Fernandes, Margarida Heill e Ivan Orenstajn.

O Serviço adotou dinamismo técnico-científico, empenhando-se, outrossim, na formação de Residência de alto padrão. Para atender às finalidades almejadas, ênfase especial foi dedicada a reuniões semanais com participação da equipe.

A segunda Cátedra conquistou-a em 1974, quando concorreu ao cargo de Professor Titular da Disciplina de Otorrinolaringologia do Departamento de Oftalmologia e Otorrino da Faculdade de Medicina da UFRJ, juntamente com dois ilustres especialistas: Dra. Maria José Lages e professor Pedro Estevam de Lima. Apresentou para "prova de defesa" , não uma tese nos moldes clássicos, mas sim um trabalho científico publicado em revista médica credenciada (Folha Médica), como permitido por força do Edital do Concurso, publicado a 1º da agosto de 1972. Intitulava-se o trabalho: "Cirurgia Descompressiva do Nervo Facial". A Comissão Julgadora, constituída pelos professores Sylvio Abreu Fialho, José Albano da Nova Monteiro, Rafael da Nova, Ivo Kuhl e Leonidas Mocelin, indicou por unanimidade o nome do professor Helio Hungria Hoffbauer.

Passou a ministrar a Disciplina no Serviço do professor Ermiro de Lima (a quem sucedera na Cátedra), sito no Hospital São Francisco de Assis. O corpo de assistentes da Faculdade compunha-se da Dra. Maria José Lages e dos Drs. Ermiro de Lima Sobrinho, Fernando Carneiro da Cunha, Aquiles de Lima,, Carlos Everardo Alves e Armando Marcial Salaverry.

Por essa época iniciam-se as tarefas árduas, mas esperançosas, para a instalação do Serviço de ORL no futuro Hospital Universitário, suavizadas pela colaboração inestimável e inexcedível de Armando Marcial Salaverry, especialista consagrado entre nós como pioneiro na cirurgia descompressiva do nervo facial e criador da via de acesso trans-atical, alternativa para exploração do gânglio geniculado e segmento labiríntico do nervo.

Na concretização do Serviço de ORL encontrou sempre decisivo apoio do professor Clementino Fraga Filho, Presidente da Comissão de Implantação do Hospital Universitário. Destarte conseguiu-se instalar um Serviço que contornou deficiências dos Serviços anteriores, possuindo as seguintes dependências:

a) amplas e arejadas enfermarias para homens e mulheres, além de enfermaria especializada pra crianças; dois quartos particulares;
b) duas salas destinadas à especialidade no espaçoso e moderno Centro Cirúrgico, equipadas com três microscópios marca Zeiss;
c) ambulatório amplo com cinco boxes independentes, um deles dotado de microscópio para otoscopia e outro aparelhado com rinofaringolaringoscópio; uma sala dotada de maca para repouso do paciente;
d) duas câmaras acústicas para audiometria e impedanciometria;
e) setor especializado para exame otoneurológico;
f) sala aparelhada com seis microscópios de bancada, marca Zeiss, para treinamento técnico-cirúrgico de residentes e mestrandos;
g) setor de broncoesofagologia, devidamente equipado com aparelhagem moderna inclusive microscópio Zeiss para microcirurgia endolaríngea.

Inaugurado o Hospital Universitário em março de 1978, o Serviço de ORL começou a funcionar com o seguinte quadro de assistentes: Fernando Carneiro da Cunha, encarregado do Setor de Broncoesofagologia; Dra. Maria José Lages, designada para lecionar ORL no Instituto de Puericultura da Faculdade (a cargo do professor César Perneta), Drs. Ermiro de Lima Sobrinho, Armando Marcial Salaverry, Aquiles de Lima e Carlos Everardo Alves. Estes dois últimos, por impossibilidade de horário solicitaram demissão. Amplia-se o quadro de assistentes com a nomeação de novos professores: Antonio Cyrilo Gomes, Arthur Octavio de Ávila Kós (transferido da Escola de Medicina e Cirurgia), Shiro Tomita, Marcelo Tepedino, Juan Carlos Antunes, Edson Silva, Flavio Aprigliano Filho, João Paulo da Motta Azevedo, Paulo Rubem dos Santos.

Hungria implantou o Mestrado em Otorrinolaringologia na UFRJ, interessando-se não apenas na formação de Residentes, mas também pelas atividades produtivas do Serviço a envolver componentes da equipe, na busca do aprimoramento, em sessões técnico-administrativas semanais. O incessante estímulo levou a concurso de livre-docência da Disciplina, os assistentes Antonio Cyrilo Gomes, Armando Marcial Salaverry e Arthur Octávio de Ávila Kós.

No ano de 1977 Hungria é eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, onde tomou posse em sessão solene no dia 3 de maio de 1978, sob a presidência de Deolindo Couto e saudado pelo fraterno amigo Acadêmico João Cardoso de Castro. Apresentou Memória intitulada: "Laringectomia Total Simples no Tratamento do Câncer da Região Glótica", concorrendo a vaga da Seção de Cirurgia Geral, em decorrência do falecimento do saudoso professor Manoel Cláudio da Motta Maia. Constituída a Comissão Julgadora pelos Acadêmicos Alípio Augusto Camelo, José Ribe Portugal e Alberto Coutinho.

Ao longo da vida, é distinguido com convites para participar em vários eventos da especialidade no exterior, tais como:

Proferir palestra sobre Diagnóstico etiológico de las Sinusitis, concomitantemente Comentarista em Painel sobre Sinusitis, no Simpósio Internacional sobre Bronquitis y Sinusitis organizado pelo Laboratório Pfizer, em Lima, Peru (1976); professor convidado para compor mesal-redonda sobre Paralisias Faciais durante o IX Simpósio Ibero- Americano de Otoneurologia, realizado em Valencia, Espanha (1978); professar palestra sobre Otite Moyenne Sereuse por ocasião das comemorações mundiais do Centenário de Fundação da Escola Otorrinolaringológica de Bordeaux, França (1980), por deferência especial do professor Michel Portmann; no mesmo ano é convidado pelo Dr. Edgard Chiossone a ministrar, na Fundação Venezuelana de ORL, Caracas, duas conferências sobre Otitis Media Secretora e Complicaciones de la quirurgia de la otosclerosis, e a participar de mesa-redonda sobre Enseñanza de Post-Graduación en ORL durante o XVII Congresso Pan-Americano de ORL, realizado em Santiago, Chile; em 1985,Hungria sentiu-se desvanecido pelo convite para proferir saudação, em nome dos paises latino-americanos, na Sessão Solene de Instalação do XIII Congresso Mundial de Otorrinolaringologia, realizado em Miami, Estados Unidos; nesse Congresso é convidado a participar da mesa-redonda New Dimensions in Stapedectomy, moderada por J. Shea, a fim de apresentar estatística e experiência pessoal sobre Total Stapedectomy.

Em algumas ocasiões é homenageado com alguns títulos honoríficos:

Membro Honorário da Federação Brasileira das Sociedades de Otorrinolaringologia, durante o XX Congresso Brasileiro de ORL, realizado em São Paulo (1971); "Cidadão do Estado da Guanabara", título conferido pela Assembléia Legislativa (1974); medalha "Mérito Professor Clementino Fraga", concedida pelo Governador do Estado da Guanabara, Dr. Antonio de Pádua Chagas Freitas, em 1975; medalha e diploma de "Amigo da Marinha" (1979); homenageado com placa de prata "pelos relevantes serviços prestados à Otorrinolaringologia brasileira" na Sessão Solene de Instalação do XXV Congresso Brasileiro de ORL, realizado em Porto Alegre (1982); medalha da Ordem do Mérito Naval, no grau de Cavaleiro (1981); placa de prata "pelo engrandecimento da Clínica Prof. José Kós" ao longo 38 anos de atividades de ensino e de colaboração como Presidente e Vice-Presidente durante 12 anos" por ocasião das comemorações do Cinquentenário de Fundação da "Clínica Professor José Kós"; placa de prata de "Grande Personalidade da Otorrinolaringologia brasileira", em outubro de 1988, na Sessão Solene de Instalação do XXIX Congresso Brasileiro de ORL, realizado em Salvador, Bahia.

Relator e Co-relator de vários Temas Oficiais, além de Conferencista e Coordenador de inúmeras mesas-redondas em Congressos Brasileiros da especialidade. Ministrou diversos Cursos, Conferências e Demonstrações Cirúrgicas, a convite, em diferentes Estados do Brasil. Presença constante em todos os Congressos Brasileiros de ORL, com exceção do de 1955, por estar em viagem de estudos nos Estados Unidos. Compareceu aos seguintes Congressos Mundiais de ORL: X, XI e XIII, realizados respectivamente em Veneza (1973), Buenos Aires (1977) e Miami (1985)

Em atividades universitárias participou como Membro de Comissão Julgadora em cerca de vinte concursos para livre-docência e Cátedra de Otorrinolaringologia, e algumas de Oftalmologia, Neurologia e Neurocirurgia.

Em 1984, jubilado pela compulsória das duas Faculdades em que era professor. Na Faculdade de Ciências Médicas da UERJ, substituído interinamente por seu assistente professor adjunto Juan Carlos Antunes, que posteriormente disputou e conquistou, em brilhante concurso de Títulos e Provas, o cargo de Professor Titular de Otorrinolaringologia. Na Faculdade de Medicina da UFRJ, substituído na Chefia do Serviço de ORL do Hospital Universitário por outro assistente, o professor adjunto Arthur Octávio de Ávila Kós.

Arthur Octavio de Ávila Kós

Arthur Octavio de Avila Kós, filho de José de Carvalho Kós e de Eunice D' Avila Kós, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no então Distrito Federal, atual Estado do Rio de Janeiro, a 27 de junho de 1932. É casado com Maria Altina Ripper Kós, tendo o casal sete filhos: José, Maria Altina, Maria do Carmo, Maria Isabel, Arthur Octavio, Maria Luiza e Maria.

Iniciou o curso primário no Colégio Pitanga, continuando no Santa Rosa de Lima e, finalmente, fazendo em seguida o exame de admissão ao ginásio no Colégio Andrews, onde cursou o ginasial e o científico. Em 1952, era aprovado no vestibular para ingresso na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No segundo ano da Faculdade, em 1953, já ingressava na Clínica Professor José Kós, iniciando de uma forma ativa seu interesse pela Otorrinolaringologia. Em 1954, foi monitor da cadeira de Farmacologia do Professor Paulo de Carvalho. Ainda neste ano e no seguinte, freqüentou o Serviço do Professor Clementino Fraga Filho na Santa Casa de Misericórdia, levado pelo seu colega de turma Luiz Carlos Lobo que ali trabalhava. Finalmente, nos anos de 1955 e 1956, foi monitor de Anatomia do Professor Eugenio Marcos de Cavalcanti, Livre Docente da Faculdade Nacional de Medicina, possuidor, naquela época, de Laboratório de Anatomia no antigo prédio da Faculdade, onde ministrava os cursos de anatomia para o primeiro ano do curso médico.

Diplomado médico, pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1957, dedicou-se inteiramente, daí por diante, ao estudo e prática da Otorrinolaringologia.

Iniciando suas atividades no magistério, em setembro de 1957, foi nomeado auxiliar técnico da Disciplina de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (Cátedra do Professor José Kós), passando posteriormente a Instrutor de Ensino Superior e, em janeiro de 1966, a Professor Assistente.

Em 12 de julho de 1958 foi designado Auxiliar de Ensino Voluntário da Cadeira de Otorrinolaringologia da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil.

Fez sua Residência de janeiro de 1958 a dezembro de 1959, na Clínica Professor José Kós.

Em janeiro de 1960 seguiu para a Europa em viagem de estudos. Lá freqüentou o Serviço do Professor Georges Portmann, em Bordeaux, durante três meses, aí se iniciando no tratamento cirúrgico da otosclerose, tema que o atrai até hoje. Visitou ainda os Serviços do Professor Wullstein em Würzburg, Bocca em Milão, Soulas e Leroux Robert em Paris.

Nessa ocasião, participou também de dois cursos e duas reuniões científicas, a primeira em Auch (França), e a segunda em Gerona (Espanha), que lhe proporcionaram excelentes contatos com especialistas de diversos países.

Ao retornar da Europa, em julho de 1960, passou a integrar o corpo clínico da Clínica Professor José Kós participando, daí para a frente, das suas atividades científicas e de ensino.

Junto com o Professor José Kós, Professor Hélio Hungria e Dr. Roberto Martinho da Rocha, colaborou na organização dos cursos promovidos pela Clínica Professor José Kós, que tinha por objetivo manter-se sempre à frente das inovações introduzidas no atendimento de casos da especialidade. Podem ser citados aqueles ministrados pelos médicos estrangeiros Harold Schuknecht, David Austin, James Sheehy e Hill Britton, Jack Hough, Michel Portmann e outros.

Colaborou muito na formação dos médicos residentes que passaram pela Clínica Professor José Kós, não só na orientação teórica como na prática. Isto se intensificou quando, em 1965, ao voltar de um estágio de um ano realizado no Serviço do Professor Harold Schuknecht na Universidade de Harvard, assumiu a Direção Técnica da Clínica. Nesse período procurou manter um alto padrão na Residência Médica, o que foi sempre conformado pela enorme procura de vagas, disputadas não só por médicos brasileiros mas também por aqueles vindos do exterior.

Em 1974, com a abertura do Capital Social da Clínica Professor José Kós optou por sair da sua direção permanecendo no seu corpo clínico e, principalmente, no ensino da otologia aos médicos residentes de segundo ano. Sócio efetivo e fundador da Associação Professor José Kós, foi eleito, em 2 de maio de 1976, Diretor Científico.

Como já foi citado, iniciou suas atividades no magistério quando ainda era aluno da Faculdade Nacional de Medicina. Em 1960, ao retornar ao Brasil, continuou a dedicar-se ao ensino da especialidade, não só aos médicos residentes da Clínica Professor Kós, mas também aos alunos do Curso de Graduação da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (Cátedra do Professor José Kós) e nos Cursos Equiparados da Faculdade de Ciências Médicas (Docente Professor Hélio Hungria).

Em 1963, participou em Chicago do Second Workshop on Reconstructive Middle Ear Surgery, como representante da cadeira de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Nessa mesma viagem freqüentou, por duas semanas, o Serviço do Dr. Shea em Menphis e visitou o Serviço do Professor Schuknecht, em Boston.

No ano seguinte retornou a Boston, desta vez como "Research Fellow" do Departamento de Otorrinolaringologia da Massachusetts Eye and Ear Infirmary, com Bolsa de Estudos da Harvard Medical School. Lá permaneceu um ano (de 1 de julho de 1964 a 30 de junho de 1965), dedicando-se exclusivamente à Otologia, tendo sido convidado a auxiliar nas aulas práticas do curso de graduação da Disciplina de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina da Universidade de Harvard.

No final de 1965, participou como convidado especial do V Congresso nacional de Otorrinolaringologia da Venezuela, tendo proferido três conferências.

Em 1971, representou novamente a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro no 76º Congresso Anual da Academia Americana de Otorrinolaringologia e Oftalmologia, em Las Vegas. Neste mesmo ano visitou o Serviço do Professor Michel Portmann em Bordeaux, e participou da reunião anual da Fundação Portmann em Paris, onde foi reeleito Presidente Dr. Walter Benevides.

Em julho de 1971 foi indicado Professor Titular da Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Teresópolis, da Fundação Educacional Serra dos Órgãos, onde, como primeiro professor daquela disciplina, organizou a cadeira de Otorrinolaringologia e, posteriormente, o serviço de Otorrinolaringologia no Hospital de Clínicas de Teresópolis. Em fevereiro de 1975, por absoluta falta de tempo para dar a assistência necessária, solicitou o seu afastamento temporário do cargo. No ano seguinte, pediu seu afastamento definitivo.

Em 1972, participou do Second Internacional Course in Transtemporal Microsurgery of the Internal Auditory Canal, em Zurich. Para lá retornou no ano seguinte, a convite do Professor Ugo Fisch, frequentando durante um mês a Clínica de Otorrinolaringologia da Universidade de Zurich. Antes de regressar ao Brasil, mais uma vez visitou em Bordeaux o Professor Michel Portmann. Lá, o acompanhou de perto, durante uma semana em seu trabalho clínico e cirúrgico.

Em 1973 foi nomeado regente da disciplina de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Em agosto de 1975, indicado pelo mesmo Conselho, Chefe do Departamento de Especialidades Cirúrgicas. No mês seguinte assumiu a responsabilidade pelo expediente da Disciplina de Otorrinolaringologia. Logo a seguir, em outubro de 1975, foi indicado Professor Regente da Disciplina de Otorrinolaringologia de Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em substituição ao Professor José Kós que atingiu a aposentadoria compulsória. Permaneceu nesse cargo até março de 1976 quando, por motivos de ordem pessoal, solicitou, em caráter irrevogável, o seu afastamento.

Em novembro do mesmo ano conquistou o título de Docente-Livre da Disciplina de Otorrinolaringologia do Departamento de Otorrino-Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro em Concurso de Títulos e Provas.

Em junho de 1979 voltou a Boston, onde participou da II Reunião Científica da "HFS Society", permanecendo ainda 15 dias frequentando o Serviço do Professor H. F. Schuknecht.

Em outubro de 1979, assumiu o cargo de Professor Assistente da Disciplina de Otorrinolaringologia do Departamento de Otorrino-Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Passou a trabalhar no Hospital Universitário da UFRJ, ministrando aulas teóricas e práticas no Curso de Graduação em medicina e aulas teóricas e orientação em cirurgia para os médicos residentes do Serviço de Otorrinolaringologia, sob a chefia do Professor Hélio Hungria, Professor Titular da Disciplina.

Em novembro de 1980, foi aprovado com média 9,93 em Concurso de Títulos e Provas para o cargo de Professor Adjunto do Departamento de Otorrino-Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, passando a exercer função em regime de 40 horas.

Exerceu o cargo de Coordenador do Programa de Residência Médica em Otorrinolaringologia nos anos de 1981, 1982 e 1983. Exerceu interinamente as funções de Chefe do Serviço de Otorrinolaringologia, Do Hospital Universitário da UFRJ, nas férias do Professor Hélio Hungria, de 1981 a 1983 e em abril de 1984 com o afastamento do Professor Titular Hélio Hungria por motivo de aposentadoria compulsória, foi efetivado na chefia daquele Serviço.

Em 12 de julho de 1982, foi indicado Coordenador Adjunto do Curso de Pós-Graduação em Otorrinolaringologia da UFRJ, dedicando grande parte do seu tempo aos alunos daquele curso.
No mesmo ano foi indicado para suplente do Chefe do Departamento de Otorrino-Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em janeiro de 1983, participou da Banca Examinadora da Prova de Seleção de Residentes do Hospital Universitário da UFRJ e foi representante da Unidade de Serviços Cirúrgicos na Comissão de Residência Médica daquele Hospital, de maio de 1983 a junho de 1984, tendo sido Coordenador da Comissão de Seleção dos residentes no ano de 1984. Ainda em 1983, foi orador na solenidade de despedida dos médicos residentes do Hospital Universitário.

Em agosto de 1983, participou da Banca Examinadora da 1ª Tese, para a obtenção do título de Mestre, do Curso de Pós-Graduação em Otorrinolaringologia da UFRJ, defendida pelo Dr. João Paulo da Motta Azevedo, Professor Assistente do Departamento, título em que foi aprovado. Infelizmente João Paulo, especialista promissor, veio a falecer, ainda jovem, de infarto agudo do miocárdio poucos anos após a defesa de sua Tese de Mestrado.

Em 27 de fevereiro de 1984, foi designado Coordenador do Curso de Pós-Graduação, nível de mestrado em Otorrinolaringologia, cargo que exerceu até 1990, conseguindo elevar o conceito do Curso ao nível B+ pela avaliação da CAPES.

Em 1985 voltou a ser Coordenador da Comissão de Seleção para o Concurso de Residência Médica do HU-UFRJ.

Pela Portaria nº 383 de 13 de junho de 1985, foi posicionado na classe de Professor Titular da UFRJ, por força da lei.

Em 1991, foi designado Chefe do Departamento de Otorrinolaringologia e Oftalmologia da Faculdade de Medicina da UFRJ, cargo que ocupa até esta data. Em dezembro de 1992, por sua solicitação, foi dispensado da Chefia do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, que passou, por sua indicação, a ser chefiado pelo Professor Shiro Tomita. Entretanto, continuou como adjunto da chefia, respondendo pelo Serviço nas férias ou ausências eventuais do Professor Titular Shiro Tomita.

Participou de 1983, até esta data, de 32 Bancas Examinadoras de Teses de alunos do Departamento de Otorrino-Oftalmologia. Orientou 9 Teses de Mestrado, já aprovadas.

Em 1993/1994 coordenou o processo de criação e implantação do Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da UFRJ, iniciando com a primeira turma, aprovada no vestibular de 1994 da UFRJ, em agosto do mesmo ano.

Nomeado Professor Emérito da UFRJ - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em outubro de 2006.

Shiro Tomita

Oriundo da Cidade de Ipaussu, no Estado de São Paulo. Nasceu em 20 de abril de 1946.

Aprovado no vestibular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, em 1968, tendo colado grau em 1974.

Em 1963, foi admitido como interno na especialidade na Clínica Professor José Kós, onde pôde conhecer os grandes mitos da Otorrinolaringologia, como o Professor José Kós, que liderava uma estirpe da mais alta grandeza no cenário nacional e reconhecidos internacionalmente como o Professor Arthur Octávio de Ávila Kós, Professor Hélio Hungria Hoffbauer, Professor Roberto Martinho da Rocha, Professor Álvaro Escobar, dentre tantos que enriqueceram e valorizaram sobremaneira a Otorrinolaringologia. Acompanhar o Professor José Kós no atendimento ambulatorial, participar nas cirurgias como auxiliar e ser orientado pelo grande mestre, foi motivo de orgulho, um incentivo imensurável, tanto no aspecto técnico como nas condutas a serem seguidas como médico e homem voltado a melhorar a saúde do paciente, com lições de ética, amor e respeito aos doentes.

Após avaliação do internato do Curriculum Vitae e entrevista, foi aprovado para cumprir dois anos de Residência Médica na Clínica Professora José Kós , no Rio de Janeiro, nos anos de 1975 e 1976. De janeiro de 1975 a dezembro de 1976, cursou a Residência Médica, obtendo sólida formação, desenvolvendo, principalmente dentro da Otologia, as técnicas cirúrgicas e os conhecimentos adquiridos com os Professores: Athur Octávio de Ávila Kós, Roberto Martinho da Rocha e Hélio Hungria Hoffbauer. Deve-se ressaltar a primeira cirurgia otológica realizada com a orientação precisa e segura do Professor Arthur Octávio Kós, que deu iniciou ao envolvente interesse pela Otologia.

Foi, também, Chefe dos Médicos-Residentes cujos colegas: Marcelo Mendes Tepedino, Sérgio Luiz de Andrade, Antonio Carlos Del Palácio, Fernando Pinto de Castro, Marly Olé Merenda, Antonio Carlos Pagliuso, tiveram participação ativa.

Estagiário Oficial do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Estadual Souza Aguiar – Setor de Emergência, em 1974.

Aprovado no Concurso realizado para Médico do INPS, atual INAMPS-Instituto Nacional de Previdência Social-Ministério da Saúde, em 1976 para as Especialidades de otorrinolaringologia e endoscopia per oral–broncoesofagologia publicado no Diário Oficial da União em 08 de setembro de 1976, seção I, parte I, suplemento 172 página 86 (Otorrinolaringologia) e página 72 (Endoscopia).

Não assumiu as funções por motivos particulares e, já com pensamento voltado às atividades acadêmicas universitárias, aguardando a possibilidade de ingressar em uma Faculdade de Medicina, o que realmente ocorreu. Inicialmente, fora convidado pelo Professor Hélio Hungria Holffbauer a ingressar na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mas declinei do convite explicando ao ilustre mestre da minha vontade de participar da nova fase que se iniciaria com a inauguração do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, na Ilha do Fundão, fato que tornou-se realidade ao incorporar-se à Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro , em fevereiro em 1978.

Em 1977, iniciou atividades no Magistério como Professor Titular da Disciplina de Audiologia na Faculdade de fonoaudiologia do Centro Cultural Henry Dunant, das Faculdades Intergradas Estácio de Sá – atual Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até agosto de 1980 coordenando também a Disciplina de otorrinolaringologia.

De fevereiro de 1978 a 1980 foi auxiliar de Ensino e em janeiro de 1980 pelo Decreto do então Ministro da Educação, Eduardo Portella, passou à categoria de Professor Assistente.

De outubro de 1983 a abril de 1984, foi Bolsista da Fondation Georges Portmann, para Estágio no Serviço de Otorrinolaringologia da Université de Bordeaux II, na França, como Assistente Estrangeiro Livre, após obter o 1º lugar entre os candidatos que pleiteavam a vaga no conceituado Centro Universitário, um dos mais importantes do mundo, sob a coordenação do Professor Michel Portmann.

Retornando ao Brasil, deu início as práticas cirúrgicas ministrando aulas aos Médicos Residentes da Clínica Professor José Kós e no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, no laboratório de Microdissecção do Osso Temporal e Micro Cirurgia dos Referidos Centros Formadores de Especialistas.

Coordenador do Programa de Residência Médica do Serviço de Laringologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho no período de 1985 a 1990, no período de 1995 e 1996 e no ano de 1998.

Professor Visitante do Hospital Naval Marcílio Dias, do Ministério da Marinha, desde 1983. Professor Consultor Técnico do Hospital Central da Aeronáutica, Ministério da Aeronáutica, desde 1986.

Em dezembro de 1989, deixoui de pertencer ao quadro Clínico da Clínica Professor José Kós para, juntamente com os colegas Marcelo Mendes Tepedino, Roberto Campos Meirelles, Moacir Tabasnik e Jair de Carvalho e Castro, reativar o Serviço de Otorrinolaringologia da Policlínica de Botafogo que, outrora fora um grande centro de formação de otorrinolaringologistas sob a direção do Professor Raul David de Sanson, onde também pontificaram vários especialistas dos mais conceituados como o Professor José Kós.

Em 1991, obteve o Título de Mestre em otorrinolaringologia com a tese “Estapedotomia. Da técnica da microfenestra na cirurgia da otosclerose – técnica pessoal”. Orientado pelo Professor Arthur Octávio de Ávila Kós, Pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concluindo que, sempre que existam técnicas cirúrgicas ou qualquer tipo de abordagem clínica-cirúrgica que atinjam o mesmo objetivo, deve-se optar por aquela que promova menor traumatismo.

Em 1992, com grande honra e orgulho recebeu a indicação para Chefe do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho.

Em janeiro de 2000, concluiu o Doutorado com a tese “Aspectos moleculares do colesteatoma – imuno-expressão das proteínas controladoras do ciclo celular = p53, bax e bcl-2.” Com a orientação do Professor Pedro Luiz Mangabeira Albernaz – UNIFESP, e Professora Christina Maeda Takiya, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ,

Com a obtenção do grau de Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – no ano de 2000, foi promovido a Professor Adjunto da Faculdade de Medica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Presidente da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro em 1994.

Membro do Corpo Editorial da Revista de Otorrinolaringologia da Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia de 1995 até os dias atuais e também dos Arquivos de Otorrinolaringologia da Fundação de Otorrinolaringologia da Universidade de São Paulo desde 1997.

Vice Presidente da Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia – Regional Rio de Janeiro no triênio 1992-1994 e também no biênio 1995-1996.

Em 1994, foi Presidente da Sociedade de otorrinolaringologia do Rio de Janeiro.

Membro da Banca Examinadora para o Programa de Residência Médica em Otorrinolaringologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1985.

Membro da Banca Examinadora para obtenção do Título de Especialista desde 1989.

Coordenador Geral de Alta Complexidade em Saúde Auditiva – Implante Coclear no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho na Universidade Federal do Rio de Janeiro, credenciado pelo Ministério da Saúde em dezembro de 2009.

Professor Titular da Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2004 em substituição ao Professor Arthur Octávio de Ávila Kós

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Ciências Médicas

A antiga Universidade do Distrito Federal em 18 de agosto de 1961, através do Decreto no 51.210, passou a se chamar Universidade do Estado da Guanabara - UEG, em função da transferência da capital para Brasília. Devido a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, ocorrida em março de 1975, a Universidade passou a denominar-se Fundação Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, a partir de 11 de abril de 1975, através do Decreto-Lei no 67.

A Faculdade de Ciências Médicas (FCM) foi fundada em 5 de dezembro de 1935, por iniciativa do Professor Rolando Monteiro. Seu primeiro Diretor foi o Professor Antônio Cardoso Fontes, cientista do Instituto Osvaldo Cruz, que ficou no cargo até 1940, quando assumiu a direção o Professor Rolando Monteiro, que era o Vice-Diretor. Seu mandato durou até que tomasse posse como Reitor em 1952.

A FCM originalmente era uma instituição privada, pertencente aos acionistas. Os alunos pagavam mensalidade para ter direito aos estudos. Vale salientar um fato histórico. Entre acionistas que a fundaram, destacamos o professor Rubem da Costa Leite Amarante, otorrinolaringologista destacado de nossa cidade, que depois se desligou da Faculdade. Em 18 de junho de 1947, transformou-se em "Faculdade de Ciências Médicas Sociedade Anônima". Em setembro de 1961, deixou de ser Sociedade Anônima, após ter suas ações adquiridas pela Universidade e pelo Governo do Estado.

Hospital Universitário Pedro Ernesto - HUPE

Em 15 de abril de 1935, o Presidente da Câmara dos Vereadores, Cônego Olímpio de Melo, substituindo o Prefeito Pedro Ernesto, que se encontrava licenciado, assinou a Lei no 5.547, dando o nome de "Hospital Pedro Ernesto" ao hospital que estava sendo construído no Boulevard 28 de setembro.

Em 1950, o nosocômio foi inaugurado com o nome de Hospital Geral Pedro Ernesto, passando a ser chamado de Hospital das Clínicas Pedro Ernesto, em 9 de agosto de 1962. O Decreto no 507, de julho de 1961, tratou de sua incorporação à Universidade, autorizando o Secretário de Saúde e Assistência a estabelecer um convênio com a UEG. Foi incorporado, definitivamente, à UERJ em 15 de dezembro de 1961, através da Lei Estadual no 93. O regime de relativa autonomia administrativa e financeira foi concedida através da Resolução no 218, de janeiro de 1964. Em agosto de 1972, através da Resolução no 416, passa a se chamar "Hospital das Clínicas da UEG". Em 4 de maio de 1984, através da Resolução no 515 passa a denominar-se Hospital Universitário Pedro Ernesto.

A Faculdade de Ciências Médicas funcionou durante muito tempo no prédio da rua Fonseca Teles, em São Cristóvão, existente até os dias atuais. As aulas práticas eram distribuídas por diversos hospitais públicos da cidade do Rio de Janeiro.

Disciplina e Serviço de Otorrinolaringologia

O primeiro professor catedrático e chefe de Serviço de Otorrinolaringologia foi Raul David de Sanson que a comandou até o ano de seu falecimento, em 1962. Posteriormente passou a funcionar no Hospital Universitário Pedro Ernesto.

Em 1965, Helio Hungria conquista a cátedra de ORL da FCM, tendo como banca examinadora do concurso os professores Manoel Cláudio da Motta Maia, Werther Duque Estrada, José Arthur de Carvalho Kós, Ermiro Estevam de Lima e Silvio Pires de Mello. Apresenta a tese "Timpanoplastia. Conservação do Meato Acústico Externo". Após assumir passa a estruturar o Serviço de ORL do Hospital Universitário Pedro Ernesto com o auxílio do Diretor da Faculdade Jayme Landman e do Reitor João Lyra Filho. Convida para assistentes os médicos Antonio Cyrillo Gomes, Álvaro Escobar, Antonio José dos Santos, José Afonso Barbosa, Gaspare Bosco, David Zveig, Capistrano Pereira Filho e Lindenberg Lanna. Em um segundo tempo contratou Juan Carlos Maiztegui Antúnez, José Roberto Carvalhaes Fernandes, Margarida Maria Heil de Mello e Ivan Carlos Orenzjtajn. O professor Helio Hungria exerceu o cargo até sua aposentadoria, em 1984. Muitos dos que o acompanharam se aposentaram ou faleceram.

Após esta, o Professor Juan Carlos Maiztegui Antuñez exerceu interinamente a chefia de 1985 até 1988. Logo contratou os médicos Roberto Campos Meirelles e Moacir Tabasnik. O novo concurso para professor titular ocorreu em 1988, quando prestaram exame os médicos Juan Carlos Maiztegui Antunez, Antonio Cyrillo Gomes e Pedro Estevam de Lima. Juan Carlos Maiztegui Antunez vence o concurso e conquista o cargo de professor titular, pois a cátedra foi extinta em todo o país. A banca examinadora foi composta pelos professores Sergio D'Ávila Aguinaga, Karlos Celso de Mesquita, Ivo Adolpho Kuhl, Lamartine Junqueira Paiva e Leonidas Mocellin. Reestruturou o Serviço adquirindo novos equipamentos. Exerceu o cargo até 1990, quando se ausentou do país para trabalhar no Catar, por período de dois anos. Neste período Roberto Campos Meirelles comandou as atividades do Serviço. Em 1992 o Prof. Juan Carlos Antuñez retornou do mundo árabe e trabalhou até 1995, quando requereu aposentadoria por motivos de saúde. Em 1993, Ismael da Silva Neto, professor da disciplina de Anatomia e otorrinolaringologista por formação transfere-se para o Serviço e passa a integrar o corpo docente.

De 1995 até 2008, o Serviço foi comandado pelo Professor Roberto Campos Meirelles e o cargo de professor titular está vago, pois a Universidade não abriu concurso até o presente momento. No período entraram para o quadro docente como professor assistente os médicos Ciríaco Cristóvão Tavares Atherino, após aprovação em concurso público, depois promovido a adjunto e Aída Regina Monteiro Assunção, transferida da Faculdade de Educação. Continuam a exercer suas atividades no Serviço Ivan Carlos e José Roberto Carvalhaes Fernandes. Margarida Heil transferiu-se para a Alemanha e visita regularmente o Serviço. Houve o falecimento do colega Gaspare Bosco e as aposentadorias de Ismael da Silva Neto e Moacir Tabasnik.

Trabalham atualmente, como médicos contratados, os doutores Márcia Mendes Calixto, Luciana Novellino Pereira, Fabiana Rocha Ferraz, Carla Cristina Torres, Carlos Eduardo Bellizzi e Leonardo Conrado Barbosa de Sá. Em 2009 a UERJ concede o plano de carreira docente e cria o novo cargo de professor associado, acima do adjunto, no qual é promovido Roberto Campos Meirelles.

Anualmente forma três residentes com a residência médica, tendo período de três anos de duração. A disciplina participa, no programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas da UERJ, um programa amplo com cursos de mestrado e doutorado em ciências médicas, com várias áreas de concentração, entre elas a otorrinolaringologia. Participa do programa o professor Roberto Meirelles como orientador e responsável pela disciplina Audição, Voz e Equilíbrio.

Escola de Medicina e Cirurgia (Atual Uni-Rio)

Em 1933, José Kós foi aprovado em concurso para Livre-Docente em Otorrinolaringologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Em janeiro de 1935, aos 30 anos de idade, José Kós concorreu e venceu o concurso de Títulos e Provas para catedrático em Otorrinolaringologia da Escola de Medicina e Cirurgia, disputando este concurso com o então professor interino da disciplina, que já exercia o cargo havia cerca de oito anos. Exerceu a Cátedra até sua aposentadoria, quando o Prof. Fernando Sergio de Mello Portinho o substituiu como professor interino, assumindo a Cátedra, posteriormente, por concurso.

Disciplina de Otorrinolaringologia
Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense

Histórico

A Faculdade Fluminense de Medicina foi fundada em 25 de junho de 1925, por Antonio Pedro Pimentel, Sena Campos, Arthur Victor e Andrade Neves, associados a outros profissionais do Rio de Janeiro e Niterói, sendo de caráter particular.

O primeiro diretor da Faculdade foi o Professor Antonio Pedro Pimentel, sendo vice-diretor o Doutor Professor Sena Campos, secretário o Dr. Arthur Victor e tesoureiro o Professor Hernani Pires de Mello.

A primeira aula foi dada em 31 de maio de 1926 pelo Professor Tycho Ottilio Siqueira Machado, catedrático de Biologia e Parasitologia, versando sobre "O valor dos estudos experimentais em Biologia geral".

Alguns anos após sua inauguração, a Faculdade Fluminense de Medicina instituiu um curso vestibular para suprir as dificuldades dos cursos secundários à época, curso que funcionou, parece, até 1950.

Em 25 de agosto de 1927, a Prefeitura cedeu à Faculdade o antigo prédio do Instituto Anatômico e instituiu um auxílio financeiro para a mesma, permitindo também que a Faculdade utilizasse para as atividades de ensino, quer teórica, quer prática, os gabinetes, salas de laboratório e enfermarias do Hospital São João Batista, bem como os da maternidade anexa.

Em 25 de setembro de 1929, no Governo do Presidente Manoel Duarte (Governador), a Faculdade tornou-se Estadual, com inclusão de novas disciplinas que não constavam nos currículos das Universidades Federais.

Após a Revolução de 1930, sendo os Presidentes dos Estados depostos e nomeados novos interventores, o então interventor do Estado do Rio de Janeiro, Plínio Casado, com a morte precoce do Professor Antonio Pedro em 11 de novembro de 1930, nomeou como substituto a Diretor da Faculdade Fluminense de Medicina o Professor Manoel José Ferreira.

Em 7 de janeiro de 1931, o Interventor do Estado cedeu à Faculdade Fluminense de Medicina o prédio localizado na Rua Visconde de Moraes, 101, hoje Rua Professor Hernani Pires de Mello, prédio chamado Instituto Biomédico, onde estudam os alunos do primeiro e segundo anos.

A primeira turma formou-se em 24 de outubro de 1931, com 37 alunos. O índice de reprovação da primeira turma foi de 25%.

Em julho de 1932, exonerou-se a pedido, o Diretor da Faculdade Fluminense de Medicina, Manoel José Ferreira, sendo substituído pelo Professor Barros Terra, o mais antigo dos membros do Conselho Técnico e Administrativo da Instituição, sendo diretor até 1945, quando saiu por problemas de saúde.

O Professor Barros Terra foi quem consolidou a Faculdade Fluminense de Medicina tendo construído o prédio da Policlínica, localizado no Valonguinho (Centro de Niterói), sendo o mesmo inaugurado em 10 de outubro de 1934, abrigando à época a Clínica Odontológica, 21 ambulatórios e dois grandes anfiteatros.

No final da década de 30, a Faculdade fez construir um novo prédio anexo de três pavimentos localizado a Rua Visconde de Moraes, 101, que abrigava a biblioteca, vários setores de administração e os laboratórios de Patologia e Farmacologia.

Em 1937, pelo peso dos encargos, o novo Interventor Federal Alfredo Neves transformou a Faculdade Fluminense de Medicina em particular, embora submetida à inspeção Federal permanente.

Em dezembro de 1950, foi a Faculdade Federalizada no Governo Eurico Gaspar Dutra, sendo diretor de então o Professor Parreiras Horta que substituiu o Professor Rocha Lagoa, sendo a mesma, por 10 anos, uma Faculdade isolada de ensino superior.

Em 18 de dezembro de 1960, foi criada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro pela lei nº 3848, com a incorporação de inúmeras Faculdades.

Após inúmeras negociações entre os Governos Federal e Municipal, o prefeito de Niterói, em 1964, autorizou a transferência do Hospital Universitário Antônio Pedro à Universidade Federal Fluminense, sendo o Reitor o Professor Deoclecio Dantas de Araújo.

A lei nº 4831, de 5 de novembro de 1965, alterou a designação da Universidade, que passou a chamar-se Universidade Federal Fluminense – UFF.

Até 1950, a Faculdade ocupava, por convênio, leitos no Hospital São João Batista, que não preenchiam as condições necessárias do bom atendimento aos pacientes.

Com a inauguração do Hospital Antonio Pedro em março de 1951, Niterói passou a contar com um hospital de 560 leitos com diversas especialidades médicas, em nº de 33 e um bem dotado setor de emergência.

Quando do incêndio do Gran Circo Norte Americano em Niterói, 17 de dezembro de 1961, a nossa turma de formandos, que se encontrava no Hotel Quitandinha no baile de formatura, foi chamada de emergência para atender aos pacientes queimados em número maior de quinhentos, tendo como Diretor Professor José Hermínio, que reabriu, o então fechado, por problemas políticos, Hospital Antonio Pedro, diante de tamanha catástrofe.

Atualmente, no 3º andar do Hospital Antonio Pedro, agora com nome de Hospital Universitário Antônio Pedro, está localizada a Faculdade de Medicina.

Professores Titulares de Otorrinolaringologia

Maurilo Modesto Martins de Melo

O 1º professor da Faculdade Fluminense de Medicina, em Otorrinolaringologia foi o Professor Maurilo Modesto Martins de Melo, que criou e organizou a disciplina dando aulas para o 6º ano, onde estava a Otorrinolaringologia, sendo contratado em 30/07/1925, durante reunião da Congregação da Faculdade de Medicina.

Era um médico e professor aplicado, sendo ex-assistente do Professor João Marinho por muitos anos no Hospital São Francisco de Assis, e participou das comemorações do Jubileu de Prata do dito Professor, de 2 a 7 de dezembro de 1940, recebendo-o nas novas instalações do Hospital São João Batista, em Niterói, onde discorreu sobre vários casos, inclusive um de Blastoma da laringe, que teve que ser operado de emergência. Nesse dia, o Professor Capistrano Pereira também operou no São João Batista um paciente pela técnica transmaxilar de Moure, por blastoma na região e o Dr. Getulio de Moura, seu auxiliar, operou uma sinusite etmoido-maxilar pelo processo de Emiro Lima, sucesso da especialidade à época.

Folheando as atas da Faculdade Fluminense de Medicina, constatei a periodicidade das aulas dadas pelo Professor Maurilo de Melo, 3 vezes por semana durante anos, no período letivo da Faculdade.

Em 8/12/1950, o Professor passou a fazer parte do quadro estatutário da Faculdade Fluminense de Medicina que foi federalizada em 4/12/1950, contando em 31/12/1951 com 25 anos, três meses e 23 dias de trabalhos ininterruptos na Disciplina. Sentimos dificuldade de encontrar alguma coisa no Currículo do Professor por só haver notas esparsas.

Foi seu assistente o Professor Adjunto José Julio Ferreira de Souza, que também participou do Serviço de Otorrinolaringologia do Prof. Ermiro Estevam de Lima, no Hospital São Francisco de Assis, no Rio de Janeiro.

Sebastião Capistrano Pereira

O professor Sebastião Capistrano Pereira, ao mesmo tempo do Professor Maurilo, dava aulas através de curso equiparado de Otorrinolaringologia, de 1936 a 1957, sendo chefe do Serviço de Otorrinolaringologia desde janeiro de 1936 no Hospital São João Batista; sendo que de janeiro de 1936 a janeiro de 1939, foi chefe em caráter interino e depois desta data, tornou-se efetivo do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital São João Batista. Com a aposentadoria do Prof. Maurilo, assumiu a Cadeira de Otorrinolaringologia, até sua morte prematura em 20/12/1962, quando já era Professor Catedrático por concurso, tendo se formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, em 20/12/1930.

Foi um Professor ativo e brilhante, com várias medalhas conquistadas, como a de ouro em 1930 – com um trabalho versando sobre "Contribuição ao estudo de Higiene do Trabalho com ar comprimido" (10/12/1930); "Prêmio Eduardo de Moraes de Otorrinolaringologia" conferido pela Academia Nacional de Medicina em 1954, na qual foi eleito e empossado em 1951 – secção de Cirurgia Especializada; "Prêmio de Otorrinolaringologia" conferido pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, em 1940; "Prêmio de Cirurgia" conferido pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, 1941.

Foi possuidor de inúmeras menções honrosas, sendo Membro Titular de diversas Entidades, e participante de inúmeras associações científicas. Participou também de inúmeras Bancas examinadoras para titulagem de professores e médicos pelo Brasil afora.

Fez inúmeras conferências e várias pesquisas, e idealizou novas técnicas de tratamento da Dacriocistite, denominando-a de "Dacriocistossinusostomia". Publicou uma série de trabalhos, sendo o principal um Tratado de Otorrinolaringologia com 1228 páginas e 1146 ilustrações, em 1948. Publicou também 3 volumes chamados Elementos de Otorrinolaringologia, em 1938, 1940 e 1947.

Livre Docente de Clínica de Otorrinolaringologia da Faculdade Nacional de Medicina por concurso de Provas e Títulos, em 1935;

Livre Docente da Faculdade Fluminense de Medicina por Provas e Títulos, em 1935.

Publicou o trabalho: Escleroma – contribuição ao seu estudo – Tese para concurso a vaga de Catedrático da Universidade do Brasil (atual UFRJ).

Defendeu Tese, com o tema "Imperfuração Coanal", para professor Catedrático da Universidade Federal Fluminense na Disciplina de Otorrinolaringologia, tendo tirado 1º lugar, em 1961.

Foi Presidente da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro de 1952 a 1953 e presidente da Federação Brasileira de Otorrinolaringologia, de 1952 a 1953, e da Secção especializada da Academia Brasileira de Medicina Militar de 1957 a 1958.

Foi membro de comissões organizadoras de Clínicas de Otorrinolaringologia e Oftalmologia, além de 20 Cursos Médicos da Faculdade Fluminense de Medicina, de 1936 a 1962.

Presidente de Comissão Examinadora de Otorrinolaringologia para admissão de médicos do IAPC no Rio de Janeiro, em 1944; Vitória, em 1952; Goiânia, 1952; João Pessoa, 1952; e São Paulo, em julho de 1953 e novembro de 1953, Estado da Guanabara, 1962.

Sylvio Pires de Mello

Com a morte prematura do Professor Capistrano Pereira, em 20/12/1962, assume a Cátedra de Otorrinolaringologia o Professor Sylvio Pires de Mello, ficando na Disciplina até 13 de dezembro de 1978, quando completou 70 anos. O Professor Sylvio Pires de Mello formou-se pela Faculdade Fluminense de Medicina em 1933, tendo sido interno acadêmico de 1931 a 1933, segundo assistente da Clínica de Otorrinolaringologia de 1934 a 1938, primeiro assistente de 1938 a 1942, livre docente da Cadeira de Otorrinolaringologia da Faculdade Fluminense de Medicina em 1943, chefe de Clínica de 1943 a 1947, Professor do Curso Equipado em 1945, Professor Catedrático interno em 1946 e chefe do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Universitário Antônio Pedro de 1964 à data de sua aposentadoria, 13 de dezembro de 1978.

Foi também médico concursado do Hospital dos Servidores do Estado (HSE – Ipase) quando de sua inauguração a partir de 1947. Aprovado em concurso para médico permanente do IAPI em 1945; Professor da Escola de Enfermagem de 1947 a 1956; médico do Instituto de Proteção a Infância de Niterói de 1938 a 1958.

Em sua extensa vida universitária, publicou mais de 40 trabalhos como autor e co-autor; participou de mais de 200 mesas redondas, simpósios, palestras e conferências; defendeu duas Teses: a primeira sobre "Otomicoses" para concurso de livre docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense; e a segunda, "Contribuição ao Estudo da Pneumatização do Osso Temporal" para concurso a Cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina em 1961, tirando 2º lugar, sendo o 1º lugar o Professor Capistrano Pereira. Acadêmico Titular da Academia Fluminense de Medicina a partir de 4 de julho de 1975, ocupando a cadeira de nº 55, passando a Emérito em dezembro de 1978.

O Professor Sylvio Pires de Mello era bastante introspectivo, sincero e organizado, chegando diariamente ao Hospital as 8:00 horas, todo vestido de branco, não permitindo aos assistentes, atrasos e ausência de roupa branca.

Luiz Rogério Pires de Mello

Com a aposentadoria do Professor Sylvio Pires de Mello, a Congregação da Faculdade de Medicina escolheu o Professor Luiz Rogério Pires de Mello e o Professor Delfim Moreira de Capistrano para dirigir a Disciplina por seis meses cada um, no ano de 1979. A partir daí, por escolha da dita Congregação, passou o Professor Luiz Rogério Pires de Mello a ser responsável pela Disciplina como interino até janeiro de 1994, quando se habilitou oficialmente a Titular por submeter-se a Concurso Público de Provas e Títulos, mediante banca examinadora de cinco professores.

O Professor Luiz Rogério Pires de Mello nasceu em 11 de junho de 1937, em Niterói – RJ, onde fez seus estudos fundamentais. Foi aprovado em 1956, no concurso vestibular para a então Faculdade Fluminense de Medicina, hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, terminando seu curso médico em dezembro de 1961.

Nesse período de seis anos (1956 – 1961) freqüentou os Serviços do Hospital Universitário Antônio Pedro, como o Laboratório de Análises Clínicas (1956 – 1957), o Serviço de Anestesiologia e Gasoterapia (1957 – 1961), o Serviço de Hemoterapia (1953), o Serviço de Emergência (1959 – 1960), o Serviço de Otorrinolaringologia (1959 até 11 de junho de 2007) e, o Serviço de Obstetrícia (1961).

Ao cursar a Disciplina de Otorrinolaringologia, em 1959, travou conhecimento com o Professor Capistrano Pereira, Catedrático da mesma e, nesta disciplina, recebeu nota dez (10), encontrando aí sua vocação médica para a especialidade à qual permaneceu ligado até sua aposentadoria em junho de 2007, tendo assumido cargo de Chefe de Serviço em dezembro de 1978, com a aposentadoria do Professor Sylvio Pires de Mello, sucessor do Professor Capistrano Pereira.

Em 1960, freqüentou também o Serviço de Otorrinolaringologia do Professor Emiro de Lima, no Hospital dos Servidores do Estado (HSE), o melhor do Brasil à época, onde ficou, como acadêmico e, posteriormente, como estagiário, até fins de 1968, sendo antes, residente nos anos de 1962 – 1963.

Fazia incursões também na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual UFRJ, principalmente no seu Instituto Anatômico, onde era brindado com aulas magistrais do mestre incomparável Professor Emiro de Lima, então Catedrático de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasil.

No Hospital dos Servidores do Estado, aprendeu a dominar as diversas cirurgias da especialidade e acompanhou por três anos (1962 / 1964) o Dr. Fernando Evaristo Moreira, jovem médico, à época, que era o responsável pelo Setor de Otoneurologia, que ora se iniciava no Brasil, após seu retorno do Serviço do Professor Aslam, em Pádua, na Itália.

A sua entrada no Hospital dos Servidores do Estado deveu-se a seu tio, Professor Sylvio Pires de Mello, que fazia parte do corpo clínico do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital e, que, a partir de 1963, tornou-se Catedrático de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, até 1978, quando se aposentou.

Ao Professor Sylvio Pires de Mello, acompanhou, por quinze anos na sua faina diária, quer no Hospital dos Servidores do Estado, quer no Hospital Universitário Antônio Pedro, quer na clínica privada, tendo com ele aprendido todas as minúcias da especialidade.

Em 1959, foi aprovado como auxiliar acadêmico de medicina da SUSEME – Distrito Federal -, hoje cidade do Rio de Janeiro, tendo escolhido o Sérvio de Otorrinolaringologia do antigo Hospital do IASERJ para aprendizado na especialidade, onde continuou até fins de 1963, aí já como médico do serviço, por mudança de função.

Nessa época, transferiu-se pra o Hospital Paulino Werneck – Ilha do Governador, onde implementou o Serviço de Otorrinolaringologia com a boa vontade do Diretor de então, Dr. José Jáccomo Marcozzi, permanecendo até 1977, quando pediu demissão, por total falta de tempo, devido a outros compromissos assumidos na vida universitária.

É de se notar que, por ocasião de sua formatura, os alunos que se destacavam à época eram convidados para participar do corpo docente, o que aconteceu com ele em 1963, quando já médico do Hospital Universitário Antônio Pedro, por mudança de função, por ser anteriormente auxiliar técnico.

Nessa época os professores e médicos davam aulas, tendo cada Disciplina um professor catedrático e um ou dois assistentes. Por isso, a sua dificuldade de entrar para o quadro docente, por já ser médico do Hospital Universitário Antônio Pedro, o que só aconteceu em 1978, embora desse aulas desde 1963, como afirmado acima e, para isso, anexou inúmeros documentos comprobatórios (Provas de Professor Assistente).

Em 1969, foi indicado para Chefe de Clínica da Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, galgando todos os postos, como professor colaborador, auxiliar de ensino, professor assistente e professor adjunto nível IV, até atingir a Chefia da Disciplina por provas de títulos (DTS – MCG nº 33/78, de 13/11/1978), em 1978, sendo a banca examinadora composta pelos professores José Hilário (presidente), Adalmir Dantas e Howard Kano.

Nesses vinte e sete anos de chefia, no Hospital Escola (HUAP), ampliou os atendimentos ambulatorial e cirúrgico; criou o Setor de Emergência em Otorrinolaringologia, vinte e quatro horas por dia, onde são atendidos mais de 60 pacientes/dia; reorganizou a Residência Médica, tendo residentes R1, R2 e R3; criou a especialização em Otorrinolaringologia em 1984, com duração de três anos, com provas seletivas para escolha dos especializandos, em número de quatro por ano, sendo três brasileiros e um estrangeiro; e agora 2 por ano. Organizou o Setor de Otoneurologia em 1985, não existente no Hospital Universitário Antônio Pedro, com ambulatório personalizado; implementou também o Setor de Broncoesofagologia, semiparalizado por falta de material e local adequado ao seu funcionamento.

Em 1969, fez o concurso de Pós-Graduação em Otoneuro-oftalmologia, ministrado pelo Professor Jonas Arruda, na PUC-RJ.

Em 1971, foi convidado para lecionar Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina de Campos – Fundação Benedito Pereira Nunes, tendo sido aprovado pela Câmara de Ensino Superior de Conselho Federal de Educação, em 10/05/1972, parecer nº 491/72, processo nº 203/71, onde permaneceu até 1978.

Criou o Serviço de Otorrinolaringologia que fazia parte do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia, implantando as diretrizes que até hoje são aplicadas por seus sucessores.

Por serviços prestados à Faculdade de Medicina de Campos – Fundação Benedito Pereira Nunes – foi agraciado com o título de Professor Emérito, em 13/10/1988, solenidade realizada no Palácio da Cultura de Campos – RJ.

Em 1975, ganhou na 5ª Vara Federal, Mandado de Segurança, para submeter-se à Docência Livre na Universidade Federal Fluminense dentro da especialidade de Otorrinolaringologia, por não ter até a data da Lei (1969), dez anos de formado, e tão somente oito anos e apesar de ter ganho o Mandado de Segurança, não conseguiu fazer as provas, por recurso interposto pela Universidade.

Nesse período de quarenta e seis anos de formado, continuou o seu trabalho dentro da especialidade, tendo fundado em 1962 a Clínica Luiz Pires de Mello, ponto de referencia da Otorrinolaringologia no Estado do Rio de Janeiro, por onde passaram mais de cem especialistas de todo o Brasil.

Trabalhou, desde 1963, como médico do INSS, tendo prestado concurso em 1975, aposentando-se em julho de 1992.

Em 1975, travou conhecimento com o Dr. Roberto Martinho da Rocha, a quem já conhecia pelos seus inúmeros trabalhos e participações com Congressos, nome internacional dentro da Otologia Brasileira, e aprofundou de tal maneira os laço afetivos e intelectuais, que lhe foi permitido acompanhá-lo semanalmente em suas brilhantes cirurgias otológicas, o que fez por dez anos.

No biênio 1977/1979, foi indicado como Membro do Conselho Científico da Revista Brasileira de Otorrinolaringologia e Delegado eleito para o Estado do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Otologia.

Em 1980, disputou a cadeira nº 44, da Academia Fluminense de Medicina, com o saudoso Professor Paulo Fender, vice-Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, recebendo, por unanimidade da comissão científica, a indicação.

Em 1981, fez convênio com o Instituto Anatômico através do Instituto Biomédico para dissecção de peças da especialidade.

Em 1982, fez curso de especialização em Otorrinolaringologia na PUC, com monografia versando sobre “Nervo Facial”, sendo aprovado.

Entre 1983 e 1984, fez também na PUC, Mestrado em Otorrinolaringologia, com Monografia versando sobre “Contribuição ao Estudo do Comportamento do Reflexo Estapédico nas Otites Médias”, sendo aprovado.

A partir de 1984, passou a ser Professor Assistente de Mestrado em Otorrinolaringologia da PUC, Serviço do Professor Rubem Amarante, figura humana de alto astral, com cultura e educação ímpares, estando sempre pronto a uma resposta correta quando solicitado, dentro da especialidade, apesar de seus mais de 80 anos.

Ao Professor Amarante deveu grande parte do interesse pela pesquisa na área da Otorrinolaringologia e o seu entusiasmo pelo estudo das novidades, usando sempre quando precisou, a sua biblioteca, uma das melhores do país..

Foi também, por esses anos, responsável pelo internato em Otorrinolaringologia de alunos das Faculdades de Medicina de Teresópolis (RJ), Vitória (ES), Nova Iguaçu (RJ) e Fundação Técnica Educacional Souza Marques na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1989, foi eleito por dois anos (1989 – 1991) para chefiar o Departamento de Cirurgia Geral e Especializada da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, com 15 disciplinas e 166 professores, sendo reeleito por duas vezes, em 22/10/1991 e 26/09/1993, fato inédito para mandatos de dois anos cada um.

Por 22 anos, foi membro da Comissão de Médicos Residentes da Universidade Federal Fluminense, com participação em inúmeras bancas examinadoras.

Foi Presidente da Sociedade Fluminense de Otorrinolaringologia,hoje de Niterói, por vários períodos, sendo seu sócio fundador (1974 – 1975 / 1975 – 1976 / 1976 – 1978 / 1978 – 1980).

Através da Sociedade, organizou três Jornadas Médicas dentro da Otorrinolaringologia, no Estado do Rio de Janeiro e nove Cursos de Otoneurologia com duração de 20 horas cada um.

Tem 66 trabalhos publicados e mais de trezentas participações em diversos congressos e jornadas, na especialidade.

Em 1992, foi eleito Diretor da Seção de Otorrinolaringologia no Núcleo Central do Colégio Brasileiro de Cirurgiões para um mandato de três anos, tendo organizado a I Jornada de Otorrinolaringologia do Colégio Brasileiro de Cirurgiões em outubro de 1992 e trazido ao Brasil, em julho de 1993, o Professor francês Jean Bernard Causse para participar como convidado de honra do XX Congresso Brasileiro de Cirurgia do Colégio Brasileiro de Cirurgiões na especialidade de Otorrinolaringologia.

Em janeiro de 1994, foi aprovado para Professor Titular de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense por Concurso Público e tomou posse em 19/04/1994, com a assinatura do vice-reitor, reitor à época, Professor Manoel de Almeida, pelo parecer de nº 19563.

Fez algumas viagens de Estudos aos Estados Unidos, França, Espanha, Portugal e Argentina; tem também artigos da Especialidade publicados em 2 livros técnicos:

Semiologia Pediátrica, editado pela Byk em 1965, de autoria do Professor Doutor Adalto Dutra Barbosa;

Semiologia em Otorrinolaringologia, editado pela Byk em 2004 (UERJ), de autoria de Meirelles/Atherino.

Sebastião Tonom

Em 12 de junho de 2007, o Professor Sebastião Tonom assumiu a Disciplina por votação unânime dos professores presentes à reunião semanal da mesma, tendo o mesmo se formado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, em 1970, sendo interno da Disciplina de Otorrinolaringologia nesse ano de 1970.

Realizou sua residência Médica entre 1971 e 1973, na Universidade Federal Fluminense, sendo Médico do Hospital Universitário Antônio Pedro, a partir de 1972.

Foi também interno acadêmico do setor de emergência, como plantonista, no ano de 1970;

Bolsista acadêmico concursado no Hospital Olivério Kraemer (RJ), em 1970;

Participou de 22 cursos sobre a especialidade;

Fez mais de 100 palestras, conferências e participações em simpósios e mesas redondas nos congressos da especialidade, bem como na Dermatologia, na Cirurgia Buço-maxilo-facial, na Oftalmologia e Cirurgia Geral.

Foi Auxiliar de Ensino, Professor Assistente e Professor Adjunto IV, ocupando atualmente o cargo de Professor Titular;

Responsável pela Disciplina de Otorrinolaringologia em 1976, no caso de impedimento do Professor Sylvio Pires de Mello;

Membro do Colegiado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense;

Conselheiro fiscal da Associação Médica Fluminense; Membro do Conselho Deliberativo da Associação Médica Fluminense;

Sub-coordenador do Curso de Pós-graduação em Otorrinolaringologia da Universidade Federal Fluminense, de 1985 a 1987;

Participante do encontro dos Docentes em Otorrinolaringologia, em Campos do Jordão, em 1991;

Professor associado nas áreas de Cirurgia Buco-maxilo-facial, Estomatologia, Oftalmologia, Dermatologia e Pediatria;

Participação em inúmeras bancas examinadoras para pós graduação e mestrado;

Publicação de 23 trabalhos na revistas de Otorrinolaringologia, Dermatologia e Cirurgia Geral.

Médico concursado pelo DASP, em 1976 (INSS)

Pós-graduação pela PUC, em 1979.

Mestre pela PUC, em1980, defendendo Tese sobre "Pólipo Nasal".

Fez inúmeros concursos, como para 1º Tenente Médico da Polícia Militar, em 1973, sendo aprovado em 1º lugar; para auxiliar de ensino, assistente e adjunto, e concluiu mestrado pela PUC, defendendo Tese em janeiro de 1980.

Foi Professor de Pós-graduação em Otoneurologia da PUC, nos anos de 1980, 81 e 82.

Ocupou inúmeros cargos de chefia no Departamento de Otorrinolaringologia da Universidade Federal Fluminense.

O Professor Luiz Rogério Pires de Mello, quando assumiu a Disciplina de Otorrinolaringologia, em 1979, indicou o Professor Sebastião Tonom como seu 1º assistente, o que perdurou até sua aposentadoria, em 11 de junho de 2007.

Apêndice

Atualmente a Disciplina possui 6 leitos distribuídos em 2 enfermarias junto com 6 leitos da Oftalmologia, no 5º andar do Hospital Universitário Antônio Pedro, onde se localiza o centro cirúrgico de Otorrinolaringologia e Oftalmologia com 4 salas de cirurgia.

Tem, também nesse andar, o Serviço de Otoneurologia, com sala de Audiometria, sala de VENG, sala de Potenciais Evocados, Eletrococleografia e Otoemissões.

No térreo do Hospital, temos um amplo ambulatório com 5 boxes, distribuídos em 3 turnos de atendimento, com microscópios e endoscópios.

No 3º andar, temos um centro de Endoscopia Geral, sendo a Otorrinolaringologia aquinhoada com uma sala para exames de vídeo, retirada de corpos estranhos, micro cirurgia de laringe e exames de esôfago.

Acoplada ao serviço de Emergência do Hospital Universitário Antônio Pedro, temos o Centro de Emergência de Otorrinolaringologia com plantonistas 24 horas por dia.

A partir de 1987, fizemos um convênio com o Instituto Anatômico para dissecção de peças da Especialidades.

FIGURAS NOTÁVEIS DA OTORRINOLARINGOLOGIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Figuras muito importantes da Otorrinolaringologia fluminense já tiveram sua biografia retratada no texto sobre a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (antiga Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil). São elas: Hilário de Gouvêa, João Marinho, Raul David de Sanson, Helio Hungria.

Quase todos já não estão mais entre nós. Uma figura notável, entretanto, para nossa alegria, permanece viva e atuante. Trata-se do Dr. Roberto Martinho da Rocha, de quem tratamos a seguir:

Roberto Martinho da Rocha

Como vocês sabem, Roberto Martinho da Rocha ainda está atuante na Otorrinolaringologia. Pedi-lhe um depoimento sobre sua atividade profissional e ele mandou o texto abaixo:

"Roberto Martinho da Rocha, médico otorrinolaringologista, graduado em 1948 pela Faculdade Nacional de Medicina. Ainda estudante foi admitido na Cátedra da especialidade como Auxiliar do Prof. Raul David de Sanson, permanecendo ao lado do professor depois de formado durante 5 anos, até o falecimento do mestre, quando ingressou como Assistente do Prof. José Kós, na Escola de Medicina e Cirurgia, hoje UNI-RIO. Teve a oportunidade de tornar-se Médico Residente nos EE.UU., em Nova Orleans. Tornou-se discípulo do famoso otologista, Julius Lempert, em curso de 6 semanas de cirurgia e clínica, com aulas, observação de operações, treinamento em peças anatômicas, tendo ao seu lado outro discípulo, Harold Schucknecht, com treinamento em diversas intervenções, especialmente "fenestração labiríntica" para otosclerose, muito em uso internacionalmente, com numerosos clientes de toda parte e muitos especialistas interessados. Em 1958, no Congresso Pan-Americano de Otorrino, no Rio de Janeiro, compareceu John Shea, de Memphis, EE.UU. que vinha desenvolvendo a cirurgia de sua autoria, a "estapedectomia". Em visita ao Prof. Kós, convidou-me para ir com ele de volta a Memphis, me proporcionando treinamento da nova técnica, que foi seguida pelo professor e colegas da Clínica. A estapedectomia tornou-se a cirurgia da otosclerose, passando por algumas variantes, mas oferecendo excelente ganho auditivo.

Na minha trajetória profissional tive amplo sucesso de clientela e a chance de viajar com freqüência para observações científicas, visitas, congressos, tendo sido presidente da Sociedade Brasileira de ORL e da Soc. Bras. de Otologia, fazendo relações com colegas eminentes, na América e na Europa, com aproveitamento e prática da especialidade nos diversos ramos, sobretudo em Otologia"

Como vocês podem ver, Martinho foi extremamente modesto em sua autobiografia. Na verdade, é um cirurgião de extrema habilidade em todos os campos em que atuou. Pessoalmente fui testemunha de sua destreza em estapedectomias, timpanomastoidectomias e todas as cirurgias otológicas e também em cirurgias de laringe. À sua volta dos Estados Unidos, no final de 1960, orientou colegas mais antigos, como o Prof. José Kós e o Prof Helio Hungria, na nova técnica, com treinamento no anatômico da Clínica Prof. José Kós e em seguida passou a realizar, com muito sucesso, a nova técnica em pacientes com otosclerose, de inicio cuidadosamente escolhidos. Posso dizer que seu sucesso foi retumbante, com solicitação de colegas de vários estados para proferir conferências e demonstrar a nova técnica cirúrgica. Começou com a demonstração da técnica utilizada por John Shea (tubo de polietileno, interposto entre a bigorna e a janela oval, apoiando-se em fragmento de veia) e depois passando para diversas variantes, como a prótese de fio de aço e gordura, teflon e gelfoam, até chegar à estapedotomia. Com a volta de Arthur Octavio Kós da França, onde fora aprender, com Michel Portmann, a técnica da interposição, formou, com os colegas acima referidos, um verdadeiro time de excelentes cirurgiões otológicos, fazendo com que a Clínica Prof. José Kós e seus médicos fossem procurados por colegas de outros estados e mesmo do exterior, para estágios e residência médica.

Também não se pode falar da Otorrinolaringologia Brasileira sem tocar no nome do Prof. José Kós. Seus alunos e residentes estão em todos os estados do Brasil e em países das Américas do Sul e Central e também na Europa, muitos deles como professores catedráticos. O texto a seguir nos foi enviado por seu ilustre filho, o Prof. Arthur Octávio de Ávila Kós.

José Kós

José Arthur de Carvalho Kós, o Professor José Kós, nasceu em Belém do Pará aos 16 dias do mês de setembro de 1905.

Veio para o Rio de Janeiro em 1921, a bordo do navio Comandante Ripper. Em 1922 foi aprovado no vestibular para cursar a Faculdade de Medicina da então Universidade do Rio de Janeiro, depois Universidade do Brasil e atual Universidade Federal do Rio de Janeiro onde se formou em 1927. Em 1922 a Faculdade de Medicina começava a funcionar nas novas instalações da Praia Vermelha, em um belíssimo prédio que, infelizmente, foi há alguns anos, derrubado pela insanidade de maus governantes. Algumas disciplinas ainda eram lecionadas no casarão da Santa Casa de Misericórdia.

Ainda estudante, levado por Júlio Vieira, expoente da otorrinolaringologia na época e Chefe de Clínica do Serviço de Raul David de Sanson, começou a frequentar aquele serviço como interno, na Policlínica de Botafogo. Júlio Vieira havia operado uma das irmãs de José Kós de mastoidite pós-sarampo, em 1919 e, por este motivo, já tinha contato com a família Kós.

Sanson trabalhou com Hilário de Gouvêa, primeiro catedrático de Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e fez cursos de especialização na Europa.

Segundo José Kós, havia enorme pobreza nas instalações e no instrumental do serviço, o que era compensado em parte, pelo trabalho e dedicação de todos que ali trabalhavam. Havia uma única sala de cirurgia, que na segunda-feira, era destinada à Otorrinolaringologia.

No 6º ano de medicina, José Kós foi para Philadelfia, na Pennsylvania, onde freqüentou o Serviço de Chevalier Jackson durante três meses e meio. De lá trouxe o material cirúrgico criado por aquele grande mestre da Laringologia e, desde 1928, passou a praticar a endoscopia peroral com bom êxito.

Em dezembro de 1934, realizou sua primeira laringectomia pela técnica de Perier. Depois de formado, José Kós passou a integrar o Serviço de Sanson como assistente, na Policlínica de Botafogo e no Hospital Gaffrée Guinle, chegando a Chefe de Clínica. Sob a orientação de David de Sanson, fazia estudos de anatomia e frequentava reuniões da Sociedade de Neurologia, sob a direção do Professor Antônio Austregésilo. Em 1933 José Kós foi aprovado em concurso para Livre-Docente em Otorrinolaringologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Em janeiro de 1935, aos 30 anos de idade, José Kós concorreu e venceu o concurso de Títulos e Provas para catedrático em Otorrinolaringologia da Escola de Medicina e Cirurgia, disputando este concurso com o então professor interino da disciplina, que já exercia o cargo há cerca de oito anos. Esforçou-se então para conseguir um serviço para exercer a cátedra da especialidade. Com recursos próprios e contando com a boa vontade do então diretor da escola, Professor Jorge do Amaral Murtinho, conseguiu construir um pequeno pavilhão, que ficou pronto em 1938 onde, posteriormente, foi acrescentado o prédio da Clínica Professor José Kós. Com a conclusão do pavilhão e o início das atividades do novo serviço de otorrinolaringologia da E. M. C., José Kós, muito a contragosto segundo ele, teve de deixar a chefia da Clínica do Serviço do Professor Raul de Sanson, no Hospital Gaffrée e Guinle. Foram, com ele, para o novo serviço de ORL, João Cruz Soares Guimarães, Carlos Kós, Sérgio Severino Soares, Guilherme Rutledge e Milton de Barros Fonseca, que, certamente, muito contribuíram para o início das atividades de José Kós, na cátedra da Escola de Medicina e Cirurgia. Com dedicação e afinco, o serviço desenvolveu-se, progressivamente, com movimento crescente do atendimento ambulatorial, e um significativo número de cirurgias praticadas. Partindo do pequeno pavilhão inicial, José Kós ampliou as instalações com a construção de um prédio de quatro andares, ligado ao antigo imóvel, com frente para a Rua Moncorvo Filho, com excelentes instalações e equipado com todo o instrumental, para exames e cirurgia da especialidade, inclusive aparelho radiológico e audiômetro.

Em 16 de dezembro de 1952 era inaugurada a Clínica Professor José Kós, com a presença do Ministro da Educação e Cultura, Dr. Simões Filho; o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, Professor Pedro Calmon; do Vice-Reitor da Universidade do Brasil, Professor Deolindo Couto; do Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, Professor Magalhães Gomes; do Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia, Professor Sílio Pereira Lima; do Bispo-Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Rosalvo da Costa Rego; do Professor Raul David de Sanson, entre inúmeros outros convidados. Nessa época, já faziam parte do corpo médico da Clínica, Evaldo Loureiro, Theodócio Cyríaco Atherino, Nelson Venturini e Haroldo Newlands.

Em 1952 e 1954, respectivamente, Hélio Hungria e Roberto Martinho da Rocha, deixaram o Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Gaffrée e Guinle e vieram compor o corpo clínico da Clínica Professor José Kós. Hélio Hungria presidiu a primeira Reunião Científica da Associação Professor José Kós em maio de 1953 quando foi criado o Centro de Estudos.

No ano de 1956, José Kós trouxe da Europa para a Clínica um microscópio cirúrgico binocular da marca Zeiss, que veio ajudar, em muito, a cirurgia otológica, com enorme desenvolvimento a partir dessa época. Em 1958, foi iniciada a residência em Otorrinolaringologia na Clínica Professor José Kós, tendo sido os primeiros residentes Sylvio Esberard Leite, formado na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, Silvio Soares, natural de Minas Gerais, Aristóteles Platão de Araújo, de Manaus, AM, Lauro Grein Fº de Curitiba, PR e Arthur Octavio Kós, formado em 1957 na Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil.

A partir daí, a residência médica em Otorrinolaringologia na Clínica passou a atrair inúmeros médicos, não apenas do Rio de Janeiro, mas de outros estados do Brasil e, até mesmo, de fora do nosso país, como da Nicarágua, Peru, Colômbia e França. Passaram pela Residência Médica da Clínica, enquanto foi dirigida por José Kós, 158 médicos residentes, até o ano de 1987. Nessa época, o Professor Kós tinha 82 anos. Inúmeros outros médicos vinham à Clínica para estágios, onde procuravam aprender as últimas novidades da especialidade.

O corpo médico da Clínica Professor José Kós havia crescido junto com o crescimento das suas atividades. Entre outros, podemos citar: Rubens Aguiar, Antônio Santos, Afrânio Gadelha, Fuad Malouk, Álvaro Escobar, Hugo Borges de Carvalho, Aziz Lasmar, Décio Macedo de Escobar, Nilton Vacari, Josias Pires Ferreira, que era cirurgião plástico, bem como os colaboradores desde o início e os ex-residentes: Sylvio Esberard Leite e Arthur Octavio Kós. Posteriormente, outros residentes também passaram a exercer a especialidade como assistentes da Clínica Professor José Kós: Fernando Sérgio Portinho, Carlos Eduardo Rebordão, Marcelo Santos, Calil Fraiha Sobrinho, Emanuel Atala, Pedro Paulo Caramez, Shiro Tomita, Marcelo Tepedino, Fernando Gosling, Jorge Mendes, Antônio de Souza, Jair de Carvalho e Castro, Jorge Valentim Filho.

A Clínica Professor José Kós contava com um setor de audiologia e otoneurologia, com os Drs. Aziz Lasmar, Augusto Cezar da Cruz, Raimundo Navega, Hugo Borges de Carvalho e Pedro Paulo Caramez, bem como as fonoaudiólogas: Marília Ribeiro Marques, Marise Muller, Marjorie Hassen e Ruth Bompet de Araújo, na área de reabilitação e, na área de Audiologia, Marilyn Lays Pinheiro, Mirtila Antunes Leão, Maria do Céu Moutinho e Maria do Carmo Ribeiro Teixeira. A equipe de anestesistas contava com Walter Machado, Aloísio Carvalho, Victor Gonçalves Torres, Orlando Soares Cruz, Maria de Lourdes Pinto Cardoso, Maria Angélica Rocha Vaz e Marcos Luz Henrique Silva.

A radiologia era atendida pelos Drs. Armando Amoedo e Paulo de Avila Kós, filho mais novo de José Kós e que, mais tarde, abandonaria a medicina para dedicar-se às finanças.

Em 1960, Roberto Martinho da Rocha viajou para Memphis onde freqüentou a Clínica de John Shea, durante 2 meses e se especializou na técnica cirúrgica da estapedectomia, criada por Shea. Na mesma época, Arthur Octavio Kós viajou para Bordeaux, onde ficou 4 meses, também se especializando na técnica criada por Michel Portmann, da interposição do estribo, também realizada para tratamento cirúrgico da otosclerose.

Finalmente, em dezembro de 1960, era realizada na Clínica Professor José kós a primeira cirurgia para a “surdez provocada pela otosclerose”, pela nova técnica da “estapedectomia”.

Diversos cursos foram realizados na clínica, por iniciativa de José Kós, sempre empenhado em estar atualizado na especialidade e contando com o inestimável auxílio dos seus colaboradores. Vários expoentes estrangeiros ministraram palestras e alguns cursos, inclusive com demonstrações cirúrgicas, durante o período em que José Kós dirigiu a Clínica. Dentre eles podemos citar: Feliz Leborgne, do Uruguai; Quix, da Holanda; Michel Arslan, da Itália; Karsten Kettel, da Dinamarca; Roger Maspetiol, da França; Marcel Ombredanne, da França; Paul Hennebert, da Bélgica; Georges Portmann, da França; Jean Calvet, da França; Crabbé, da Bélgica; Jean Tarnaud, da França; Justo Alonso, do Uruguai; Chevalier Jackson, dos Estados Unidos; Horst Wullstein, da Alemanha; Mounier Kuhn, da França; Garnett Passe, da Inglaterra; Georges Kelemen, dos EEUU; John Marquis Converse, dos EEUU; Julius Lempert, dos EEUU; Michel Portmann, da França; Eduardo Casteran, da Argentina, Leroy Allen Schall, dos EEUU; Franco Torres, do Paraguai; Juan Barroillet, do Chile; Pedro Regules, do Uruguai; Carlos Mercandino, da Argentina; Juan Manuel Tato, da Argentina; Harold Schuknecht, dos EEUU; David Austin, dos EEUU; James Sheeky, dos EEUU e Hill Britton, dos EEUU, dentre outros. Da mesma maneira inúmeros colegas do Brasil participaram de cursos ou fizeram conferências na clínica, a convite de José Kós.

Eleito em 27/11/1947, tomou posse na Academia Nacional de Medicina no dia 1º de abril de 1948, sob a presidência do Acadêmico Raul David de Sanson, ocupando a cadeira nº 75, com a mémoria para admissão: "Tratamento cirúrgico da otosclerose". Fez parte de um seleto grupo da medicina brasileira, na Casa que ele muito amava e prestigiava com a sua presença freqüente.

Sem dúvida alguma o Professor José Kós, criou, na sua época, a maior escola de otorrinolaringologia, enaltecendo e divulgando a especialidade muito além dos limites da Clínica Professor José Kós, devendo realmente ser lembrado como o expoente que foi.

José Arthur de Carvalho Kós casou-se com Eunice Palmeiro D'Ávila, gaúcha, que conhecera no Rio de Janeiro, no dia 22 de janeiro de 1929, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Tiveram 3 filhos: Omphale, casada com Leopoldo Antunes Maciel, Arthur Octavio, casado com Maria Altina Dias Ripper e Paulo, casado com Mônica D'Orey Landsberg. Deixaram uma descendência de 14 netos, 19 bisnetos e 4 tataranetos.

José Kós aposentou-se aos 82 anos, com plena saúde por acreditar que teria de interromper as suas atividades por vontade própria e não pela vontade dos outros. Faleceu no dia em que completava 94 anos, em conseqüência de complicações de um AVC, na Clínica São Vicente, da Gávea.

Ele exerceu a medicina dando sempre o exemplo de devotamento à profissão que escolheu, sem cometer a injustiça de dar apenas aos que menos precisam, aquilo que cabe aos mais humildes e desprotegidos.

Fundação e evolução da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro

A Sociedade de Otorrinolaringologia do Estado do Rio de Janeiro, foi fundada em 09/10/1937. Os estatutos e o regimento interno foram emitidos em 1938 tendo, na comissão de elaboração dos mesmos, Ermiro de Lima, Walter Muller dos Reis, Duarte Moreira, Waldemir Salem e Armando Pinto Fernandes.

Os sócios fundadores da Sociedade foram (em ordem alfabética): Agoncilio Caiado de Castro, Alberto Ision Pontes, Alcir Antonio Basílio, Aloysio Novis, Álvaro Costa, Álvaro Dodsworth Machado, Álvaro Tourinho, Antonio Leão Veloso, Archimedes Peçanha, Aristides Monteiro, Armando Pinto Fernandes, Augusto Linhares, Belmiro Seabra Junior, Carlos Bruno, Carlos Costa Pereira, Chryso Fontes, Duarte Moreira, Ermiro de Lima, Ernane Werneck Passos, Estevão de Resende, Francisco Benfica Menezes, Francisco Eiras, Francisco Freire de Andrade, Galdino Augusto Lima e Silva, Georges da Silva, Germano Bento, Getúlio José da Silva, Gladys Browne, Hélio Hungria, Henrique Brito e Cunha, João Cruz Guimarães, João de Campos Gatti, João Marinho, João Prado, João Souza Mendes, Joaquim Azevedo Barros, José Kós, Julio Ferreira de Souza, Luiz Gonzaga Netto, Maurilo de Mello, Mauro Amaral Penna, Milton de Carvalho, Nelson Azevedo Alves, Nicolino Mazziotti, Paulo Brandão, Paulo Miranda, Raul David de Sanson, Renato Machado, Roberto Martinho Filho, Rubem Amarante,Sebastião Capistrano Pereira, Waldemir Salem, Walter Benevides e Walter Muller dos Reis.

No Estatuto e Regimento Interno da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro consta a posse da primeira diretoria da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro que ficou assim constituída:

Presidente Honorário: Professor João Marinho
Presidente: Dr. Álvaro Tourinho
1º Vice-Presidente: Prof. Raul David de Sanson
2º Vice Presidente: Dr. Renato Machado
Secretário Geral: Dr. Paulo Brandão
1º Secretário: Dr. Ermiro de Lima
2º Secretário: Dr. Duarte Moreira
3º Secretário: Dr. Alberto Ision Pontes
Orador: Dr. Augusto Linhares
Tesoureiro: Dr. Armando Pinto Fernandes
Bibliotecário: Dr. Waldemir Salem

Comissão de Redação:
Dr. Walter Muller dos Reis
Dr. João de Campos Gatti
Dr. Humberto Ramos

Comissão da Confecção do Primeiro Estatuto e Regimento Interno (1937)
Dr. Ermiro de Lima
Dr. Walter Muller dos Reis
Dr. Duarte Moreira
Dr. Waldemir Salem
Dr. Armando Pinto Fernandes

Comissão da Confecção do Segundo Estatuto e Regimento Interno (1953)
Dr. Chryso Fontes
Dr. Rubens Magalhães Cabral
Dr. Waldemir Salem

Comissão da Confecção do Terceiro Estatuto e Regimento Interno (1976)
Dr. Manoel Felippe da Costa Bello
Dr. Roberto Hélcio Taube
Dr. Jacques Soriano

Após o 1º Estatuto, foram realizadas diversas Reuniões Ordinárias com comparecimento de diversos sócios, com Livro de Presença (06-12-60 a 04-08-1980) com assinaturas dos médicos presentes e Livro de Atas (arquivadas na Sociedade), (08-09-1974 a 04-04-1982).

Presidentes

1940 – Dr. Armando Pinto Fernandes
1941 a 1964 – Sem documentos comprobatórios no arquivo da Sociedade
1965/1966 – Dr. Jacques Soriano
1967 – Dr. Sebastião Mesquita de Azevedo
1968 – Dr. Afrânio Gadelha
1969 – Dr. Marcial Armando Salaverry
1970 a 1972 – Sem documentos comprobatórios no arquivo da Sociedade
1973 – Dr. Jacques Soriano
1974 – Dr. Olívio Vieira Filho
1975 – Dr. Manoel Felippe da Costa Bello
1976 – Dr. Álvaro Escobar
1977 – Dr. Delfim Moreira Capistrano
1978 – Dr. Marcelo de Almeida Santos
1979 – Dr. Ary Guilherme Ferreira
1980 – Dr. Fernando Sérgio Portinho
1981 – Dr. Alencar Polimeni Benetti
1982 – Dr. Oscar Cardoso Alves
1983 – Dr. Paulo Hernnani Vieira Leal
1984 – Dr. Zigmund Leibivici
1985 – Dr. Roberto Machado Neves Pinto
1986 – Dr. Ciríaco Cristóvão Tavares Atherino
1987 – Dr. Kleber Falcão Rebelo
1988 – Dr. Roberto Campos Meirelles
1990 – Dr. Jorge da Cunha Barbosa Leite
1991 – Dr. Jair de Carvalho e Castro
1992 – Dr. Heitor Conde Ribeiro Dantas
1993 – Dr. Shiro Tomita
1994 – Dr. Moacir Tabasnik
1995 – Dr. Jorge Valentim Filho
1996 – Marcelo Mendes Tepedino
1997 a 2000 – Dra. Vânia Maria da Cunha Paes
2001 – Dr. Jorge Valentim Filho
2002 – Dr. Moacir Tabasnik
2003/2004 – Dr. João Teles Júnior
2005/2006 – Dr. Hélio Fernando de Abreu
2007/2008 – Dra. Sandra Merry Ribeiro Peixoto
2009/2010 - Gestão do Dr. Walmi Bom Braga

Congressos – Cariocão

I Congresso da SORL-RJ – Gestão da Dra. Vânia Maria da Cunha Paes

II Congresso da SORL-RJ – Gestão do Dr. Moacir Tabasnik

III Congresso da SORL-RJ – Gestão do Dr. João Teles Júnior

IV Congresso da SORL-RJ – Gestão do Hélio Fernando de Abreu

V Congresso da SORL-RJ – Gestão da Dra. Sandra Merry Ribeiro Peixoto

É inegável o papel representado pelo Departamento de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia São Paulo no cenário paulista e brasileiro da especialidade. Foi, sem dúvida, o berço da Otorrinolaringologia paulista.

Pensando nisso, para não perder de vista e da memória aqueles que, com muito esforço e responsabilidade, construíram a base da nossa especialidade, resolvemos prestar uma homenagem a esses pioneiros, fazendo um levantamento histórico, incluindo colegas de outros Serviços que prestaram relevantes trabalhos neste meio século de atividades da Otorrinolaringologia de São Paulo.

SURGIMENTO DA SANTA CASA E SEUS PRIMEIROS DIRETORES

Não há registros oficiais, mas somente indícios de que a Santa Casa de Misericórdia tenha sido fundada em 1560. Instalada no Pátio do Colégio, nos Largos da Glória e Misericórdia, sucessivamente, tinha o objetivo de prestar serviços médicos e assistenciais. Somente em 1749, a Santa Casa conseguiu transformar em hospital as quatro casas que prestavam atendimento médico.

Pelas informações que se tem, o Hospital do Arouche (Santa Casa) foi inaugurado em 31 de agosto de 1884. A confirmação veio a dois de setembro desse ano, quando o jornal Estado de São Paulo, denominação recebida após a Proclamação da República em substituição ao antigo nome “A Província de São Paulo”, noticiara que a festa de visitação de Nossa Senhora da Misericórdia já se fizera na Capela provisória do novo hospital. Essa notícia fundamenta a entrada em funcionamento do hospital.

Sete anos mais tarde, a quatro de outubro de 1891, era criado o cargo de Diretor Clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sendo empossado o Dr. Carlos José de Arruda Botelho.

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi o segundo Diretor, assumindo o cargo em 13 de maio de 1894 e permanecendo no cargo até seu prematuro desaparecimento em 1920, aos 53 anos, vítima de infecção de garganta.

FUNDAÇÃO DAS FACULDADES

Era a quarta Faculdade de Medicina criada no Brasil. A primeira foi na Bahia, em 1809, com a vinda de Dom João VI ao Brasil; depois no Rio de Janeiro, em 1882, e a seguir no Rio Grande do Sul, em 1896.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia, criada em 7 de janeiro de 1913**,** surgiu 21 anos após ter sido sancionada pela Lei número 19, de 1891, assinada pelo então presidente do Estado de São Paulo, Américo Brasiliense de Mello. Havia, inicialmente, a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia, que foi transformada em Faculdade de Medicina, cuja Lei 1.357, artigo primeiro, foi sancionada em 19 de dezembro de 1912.

Arnaldo Vieira de Carvalho fundara antes a Policlínica, que se assemelhava a uma escola, procurando meios para a instalação da Faculdade de Medicina. Sem sede própria durante 30 anos, todas as atividades da Faculdade de Medicina se desenvolveram nas instalações da Santa Casa, sendo que, em 1934, com a criação da Universidade de São Paulo, a Faculdade de Medicina e Cirurgia virou Faculdade de Medicina da USP.

A ideia da construção do Hospital das Clínicas nasceu em 1916 e, em 25 de janeiro de 1920, era lançada a pedra fundamental, na Rua Teodoro Sampaio. As obras, contudo, só foram iniciadas em 1938. A inauguração ocorreu no dia 19 de abril de 1944. A primeira turma de médicos paulistas formou-se em 1918, com 28 alunos.

Também a Escola Paulista de Medicina – hoje UNIFESP – ocupou as instalações da Santa Casa desde sua fundação, em 1933, até 1950.

Os primeiros passos do Departamento de Otorrinolaringologia iniciaram-se há 94 anos, ou seja, em 1914, pois a Santa Casa havia cedido suas instalações para serem utilizadas pela Faculdade de Medicina.

Arnaldo Vieira de Carvalho foi buscar para professor e assistente de Otorrinolaringologia os recém formados doutores Henrique Lindenberg e Schmidt Sarmento, ambos com especialização nas famosas escolas alemãs de Berlim e Viena.

OTORRINOLARINGOLOGISTAS NA CIDADE DE SÃO PAULO ANTES DA FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA

Em 1949, na Secção de Otorrinolaringologia da Associação Paulista de Medicina, o doutor Hugo Ribeiro de Almeida, seu presidente na época, convidou o Professor Antonio de Paula Santos, da Faculdade de Medicina, a proferir uma conferência em sessão solene na Associação Paulista de Medicina sobre a história da Otorrinolaringologia Paulista e seu contexto dentro da especialidade. Nesse momento, o orador contava com trinta anos de atividade profissional e desenvolvia suas atividades de otorrinolaringologia na sua clínica privada, embora fosse titular da Cátedra de Patologia Geral na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Portanto, o Professor Paula Santos deve ter acompanhado todo o início da especialidade em São Paulo, tornando-se uma testemunha ocular da história. Dados dessa palestra, proferida em 17 de janeiro de 1949, serviram de subsídio na elaboração deste trabalho.

Ele menciona que, nessa ocasião, Nicolau Vergueiro desenvolvia, no século XIX, medicina geral e alguma atividade dentro da área da incipiente otorrinolaringologia que havia aprendido na escola alemã. Ele fazia parte da equipe do professor Arnaldo V. de Carvalho, juntamente com Luis Pereira Barreto e outros cirurgiões.

Por volta de 1900, chegava da Europa o Dr. J. J. da Nova, trazendo novos conhecimentos e com a ideia que predominava nos países mais adiantados: que seria possível a formação de um departamento que tratasse exclusivamente de nariz, garganta e ouvidos. A escola alemã contava nessa época com verdadeiros luminares da otorrinolaringologia mundial, onde pontificavam Adam Politzer, Urbantschitsch e outros, em Berlim e Viena.

O "velho" da Nova, como ficou conhecido, era homem de grande formação humanística e transmitiu, com entusiasmo, aos jovens conhecimentos básicos de morfologia que havia aprendido na Europa. Em 1920, era professor do jovem Antonio de Paula Santos e este menciona que o professor, já com a idade avançada, na Policlínica de São Paulo, continuava a ensinar dando aulas com competência e ética profissional. Praticou, entre nós, talvez no Brasil, a primeira adenoidectomia, além de publicar vários trabalhos sobre "surdo-mudez", assunto virgem até então no nosso meio.

A Policlínica ficava situada na Rua do Carmo e, posteriormente, foi dirigida por Hugo Ribeiro de Almeida por 10 anos. Ele, que era formado em 1934, e trabalhara 4 anos com o professor Antonio de Paula Santos na Faculdade de Medicina da USP. Em 1974 estagiou por 6 meses em New York, na Clínica de Julius Lempert, e de volta difundiu a técnica da fenestração. Também foi pioneiro em desenvolver um assunto, "a surdez profissional", totalmente inexplorado no nosso meio até então.

Quase que ao mesmo tempo surgia a figura de um médico, bem-educado, simples e bastante devotado ao bem público. Tratava-se de Bueno de Miranda, em Serviço autônomo**.** Como era comum naquela época, aliava a Otorrinolaringologia à Oftalmologia. Segundo A. Paula Santos, foi diretor do serviço de especialidade da Santa Casa e também da Policlínica, antes da chegada definitiva dos especialistas. Frequentava com regularidade as reuniões da Sociedade de Medicina e Cirurgia, sendo computada a ele a primeira hemilaringectomia entre nós. Foi também pioneiro na descrição de caso de leishmaniose de língua.

Há mais ou menos 14 anos, ocorreu um episódio no meu consultório que foi bastante marcante. Por coincidência, atendemos um paciente de 88 anos, advogado e pessoa muito culta que apresentava uma disfonia crônica. Havia uma informação do paciente que ele próprio suspeitava que aquela qualidade de voz poderia corresponder a uma sequela de uma cirurgia que teria sido feita pelo Dr. Bueno de Miranda, quando ele tinha apenas 4 ou 5 anos de idade.

A cirurgia tinha sido realizada de emergência, pois a criança se encontrava em insuficiência respiratória aguda, que o paciente mencionava como causada pela crupe (difteria). Feita sobre a mesa da sala do paciente, ele foi salvo, porém permaneceu com uma pequena cicatriz cervical e discreta estenose traqueal. Esse episódio era contado com detalhes pelo paciente, e ele não se lembrava do ocorrido, porém repetia essa história graças à informação dada pela sua mãe, que frequentemente elogiava o ato heroico do Dr. Miranda. Este fato deve acontecido por volta de 1909.

***Lídio Granato**

DEPARTAMENTO DE ORL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA SANTA CASA DE SÃO PAULO*

Criado em 1913 com o nome de Serviço de Otorrinolaringologia, teve como seu primeiro chefe Henrique Lindenberg, que havia feito especialização na Alemanha e posteriormente na Áustria (com o Professor Politzer).

Em 1914, a Faculdade de Medicina de São Paulo (futura USP) criou sua cadeira de Otorrinolaringologia e convidou Henrique Lindenberg para a chefia, instalando-se nas dependências do Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa.

Nessa oportunidade, integravam a equipe do Prof. Lindenberg Schmidt Sarmento, Mário Otoni de Rezende, Francisco Hartung, Silvestre Passy, Paula Santos, Ângelo Mazza, Roberto Oliva, Silvio Ognibene, A. Vicente de Azevedo e Ernesto Moreira.

Lindenberg chefiou o Serviço até sua morte, em 1928. Nessa oportunidade, tendo Paula Santos assumido a cadeira de Otorrinolaringologia da Faculdade, esta passou a funcionar no Instituto do Radium e o Serviço de Otorrinolaringologia da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo passou a ser chefiado por Schmidt Sarmento (que também fez especialização em Berlim e Viena). Pertenciam à sua equipe Mario Otoni de Rezende, Ernesto Moreira, Francisco Hartung, Rebelo Neto, J. Eugênio de Paula Assis, Plínio de Mattos Barreto, Jorge Fairbanks Barbosa, Silvestre Passy, Paulo Saes, Roberto Oliva, Vicente de Azevedo, Arnaldo Barrela e Ângelo Mazza.

Em 1933, com o falecimento de S. Sarmento, assumiu a chefia do Serviço de Otorrinolaringologia Mário Otoni de Rezende, que o modernizou com a criação dos setores de Cirurgia Bucomaxilofacial (Grazziani), Cirurgia Plástica (Rebello Netto) e Endoscopia (Plínio de Matos Barreto).

Otoni de Rezende afastou-se da chefia em 1953, assumindo então José Eugênio de Rezende Barboza. Nessa ocasião, com a saída de alguns dos otorrinos mais antigos, foram integrados à nova equipe Haroldo Bastos, Cotrim, Vasconcellos, Alexandre Medicis da Silveira, Luiz Augusto, Ferreira da Rosa, Barreto Prado, Mauro Souza Dias e outros mais jovens.

José Eugênio foi o primeiro Professor de Otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, fundada em 1963. Permaneceu na chefia até 1969, quando teve de afastar-se, assumindo então Mauro Souza Dias.

Mauro de Souza Dias afastou-se da chefia em 1975. Nessa ocasião Otacílio Lopes Filho havia defendido tese de Livre-Docência e Mauro decidiu afastar-se, passando a Otacílio a chefia da Clínica de Otorrinolaringologia, após concurso de títulos. Em seguida, aprovado pelo Conselho Federal de Educação, passou a Professor Titular de Otorrinolaringologia.

Faziam parte da equipe, em 1975, Lídio Granato, Carlos Alberto H. de Campos, Ney Penteado de Castro Jr., Fernando de Andrade Quintanilha Ribeiro, Ivo Bussoloti Filho, Marina Stella Figueiredo e, posteriormente, Henrique Olival Costa e Paulo Lazzarini.

Com a criação do Departamento de Otorrinolaringologia em 1990 e a chefia sendo limitada a 6 anos, Otacílio foi substituído por Carlos Alberto H. de Campos em 1996. Nessa oportunidade, José Eduardo Lutaif Dolci passou a pertencer à equipe e todos contratados pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Em 1999, Campos licenciou-se da chefia do Departamento, assumindo Lídio Granato, que permaneceu até 2002, quando Campos reassumiu permanecendo até 2005. Nesse período foram contratados Claudia Eckley, Leonardo da Silva e André Duprat.

José Eduardo Lutaif Dolci assumiu em abril de 2005 a Chefia do Departamento, permanecendo até esta data.

Em julho de 2008, Henrique Olival Costa concorreu à posição de Professor Titular de Otorrinolaringologia, sendo aprovado com distinção.

Atualmente, o Departamento tem a seguinte equipe de contratados: Otacílio de Carvalho Lopes Filho, Henrique Olival Costa, Lídio Granato, Ney Penteado de Castro Jr., Carlos Alberto H. de Campos, Fernando de Andrade Quintanilha Ribeiro, Ivo Bussoloti Filho, Paulo Roberto Lazzarini, José Eduardo Lutaif Dolci, André de Campos Duprat, Claudia A. Eckley, Leonardo da Silva, Edson K. Taciro, Edson Mitre, Carlos Takara, Alessandro Murano, Carlos Augusto Correia de Campos, Rodolfo Alexandre Scalia e Osmar Mesquita de Souza Neto.

São médicos voluntários: Arthur Guilherme de Souza Augusto, José Carlos Burlamaqui, Ana Cristina Kfouri Carmargo, André Ricardo Matheus, Arnaldo Szajubok, Oscimar Benedito Sofia, Taciane B.Soares Saliture, Fabiana Gonçalez D'Ottaviano, Ieda Millas, Leandro Oliveira de Souza, Marco Antônio dos Anjos Corvo, Melissa Ferreira Vianna e Mônica Alcântara de Oliveira Santos.

São as seguintes as linhas de pesquisa atuais do Departamento: Avaliação dos fatores de agressão e reabilitação laríngea, Estrutura e ultraestrutura da mucosa nasal e seios paranasais, Manifestações orais nas doenças sistêmicas, Alterações da orelha interna nas doenças sistêmicas e Patogênese das doenças da orelha média.

***Otacilio de Carvalho Lopes Filho**

Equipe da Santa Casa de São Paulo.

BREVE HISTÓRICO DA DISCIPLINA DE ORL NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS

A disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo surgiu desde a fundação da Faculdade de Medicina da USP e, desde então, vem contribuindo para a formação técnica, científica e profissional dos alunos dessa tradicional escola e de profissionais oriundos desta e de outras faculdades do país e do exterior, nos seus cursos de graduação em Medicina, residência médica, estágios de complementação especializada, estágio de complementação para estrangeiros, estágio de colaborador, estágio de observador e estágio de pesquisador e cursos de pós-graduação *strictu senso* (Mestrado e Doutorado). Dezoito docentes obtiveram o título de Professor Livre-Docente. Contribuiu e contribui para a formação de professores em quase a totalidade dos cursos de Medicina do país e de muitos do exterior. Contribui igualmente com a formação técnica, científica e profissional de alunos do curso de graduação em Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, bem como em cursos de especialização a profissionais já formados dessas áreas (Fonoaudiologia, Fisioterapia e Psicologia).

Além disso, realiza intensa atividade de investigações científicas com inúmeras linhas de pesquisa, desenvolvidas pelos seus docentes e alunos, sendo indubitavelmente a principal célula de pesquisa experimental básica e clínica em nosso país na área de otorrinolaringologia. A exemplo de todos os departamentos da USP, a Área de Otorrinolaringologia tem a finalidade de prestar atividade de ensino, pesquisa e assistência à comunidade, e o faz com bastante eficiência.

A disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo existe desde o início dessa Faculdade. O primeiro professor de Otorrinolaringologia (1927) foi o Prof. Dr. Augusto Lindenberg, sendo sucedido pelos Profs. Paula Santos, Rafael da Nova, Lamartine Junqueira Paiva e Aroldo Miniti, sendo atualmente (desde 2006) seu professor Titular o Prof. Ricardo Ferreira Bento.

Os eminentes professores que a chefiaram, bem como o atual chefe e muitos dos professores e pesquisadores que a integram são reconhecidos especialistas em nível nacional e internacional. Tradicionalmente, essa disciplina tem participação ativa em congressos e simpósios da especialidade em todo o mundo. Apresenta produção técnico-científica de alto nível, com publicação de livros e artigos em periódicos no Brasil e no exterior. Suas pesquisas representaram significativas contribuições para o estudo da etiopatogenia, diagnóstico e tratamento de numerosas enfermidades da área otorrinolaringológica.

A disciplina de Otorrinolaringologia da FMUSP é ministrada no curso teórico-prático de Otorrinolaringologia no 3º ano do Curso de Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para 180 alunos, divididos em duas turmas. As aulas práticas são dadas em grupos de 8 alunos, quanto estes têm a oportunidade de conhecer a teoria e a prática diária do atendimento ambulatorial em Otorrinolaringologia e todo o suporte fonoaudiológico desenvolvido no setor. Em 2009 começou o internato em Otorrinolaringologia, onde grupos de 12 alunos rodiziam nos diversos setores da Clínica.

Tratar da história da Otorrinolaringologia no Hospital das Clínicas é relatar a própria história da Otorrinolaringologia em São Paulo.

A Faculdade de Medicina foi criada em 1891 e somente instalada em 02/04/1913 na Escola de Comércio Álvares Penteado, passando, logo após, para três grandes prédios na Rua Brigadeiro Tobias, posteriormente passando para o atual prédio da Avenida Dr. Arnaldo, doado pela Fundação Rockefeller. O hospital de treinamento era o Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia, inicialmente em instalações acanhadas do Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho. Com a construção do Pavilhão Conde de Lara para especialidades, a Otorrinolaringologia mudou-se para lá, em melhores condições de trabalho, e lá permaneceu até a construção do Hospital das Clínicas, na região do Araçá, inaugurado em 1945, onde veio ocupar a Ala Sul do 6o andar do prédio, com um espaço para enfermaria, administração e anfiteatro, e parte da Ala Centro, para desenvolver atividades ambulatoriais, com salas de diafanoscopia e laringoscopia, com estroboscopia, audiometria e otorrinolaringoscopia.

Vinha da Santa Casa trazendo o Sluder, alça fina, goivas, curetas, martelo, diapasões e espelho frontal, muito bem manuseados por seus elementos.

Essa época coincidia com o pós-guerra, quando a medicina muito evoluiu, e com ela a Otorrinolaringologia. A Anestesia passava das infiltrações locais e máscara aberta para as intubações e o auxílio dos aparelhos e seus gases, o que levava mais tranquilidade para o cirurgião e eram menos traumatizantes emocionalmente para os doentes.

Da goiva e do martelo para os motores e brocas; dos diapasões aos audiômetros, significativos também foram os progressos com a iluminação do espelho frontal aos fotóforos com suas lentes, que muito entusiasmavam os otorrinolaringologistas e, logo após 1958, adaptava-se o microscópio, que se demonstrava muito promissor. Realmente, seguiam-se os mais significativos progressos da Otorrinolaringologia no Hospital das Clínicas, que sempre se preocupava em atualizar-se, acompanhando a evolução de outras áreas, como a radiologia e a radiografia computadorizada e, finalmente, a ressonância magnética. Assim, a Otorrinolaringologia mantinha, como mantém, o prestígio no âmbito nacional e internacional, que é da filosofia do Hospital das Clínicas.

Simultaneamente à sua mudança para o prédio do Hospital das Clínicas, a Clínica de Otorrinolaringologia criou um seminário, com os objetivos, conforme o artigo 1o de seu estatuto, de:

a) difundir os conhecimentos de todos os setores da Otorrinolaringologia;
b) aproximar e congraçar os seus diferentes assistentes, oficiais ou não, passados e futuros, bem como especialistas de centros hospitalares e personalidades de destaque no mundo científico, reunindo-os em frequentes sessões científico-culturais;
c) facilitar as condições materiais e científicas necessárias para o aperfeiçoamento de seus componentes, bem como permitir-lhes possibilidades de pesquisas clínicas, cirúrgicas e de laboratórios.

A esse seminário filiaram-se docentes, assistentes, residentes e todos os profissionais de nível universitário da Clínica: pedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos. Dentre as estratégias para o alcance dos objetivos propostos estava a assinatura de revistas e a compra de livros para formar uma biblioteca, aquisição de materiais e instrumentos novos para suporte da prática diária e reuniões semanais, seguidas de visitas à enfermaria, onde temas científicos, culturais e administrativos eram debatidos, como também eram convocados convidados de renome nacional e internacional da área de Otorrinolaringologia e de outras especialidades para administrar aulas, seminários e cursos.

Nessa oportunidade, além dos seus próprios cursos de reciclagem, colaborava com a Associação Paulista de Medicina e outras entidades de Medicina em aulas e cursos. Dessa maneira, a Otorrinolaringologia mantinha-se em dia com os progressos médicos, o alto padrão e o conceituado serviço de que o Hospital das Clínicas goza em todo mundo.

Tal foi o desenvolvimento da Otorrinolaringologia que teve de criar subespecialidades, hoje tão difundidas, como Foniatria, Otologia, Otoneurologia, dentre outras. Assim, emergiu a necessidade de auxiliares, como os fonoaudiólogos, para o suporte de pacientes portadores de distúrbios da comunicação e audição, dando origem então ao Curso de Fonoaudiologia do Hospital das Clínicas, atualmente Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Esse curso, com duração de três anos, era ministrado por elementos da clínica, e não médicos contratados por competência, e graduava profissionais para trabalhar, realizando exames e reeducação de pacientes do cotidiano da Clínica de Otorrinolaringologia. Em 1981, com o aumento do número de interessados e da necessidade da atuação desses elementos na área de saúde, esta profissão foi regulamentada como de nível superior e absorvida pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Quando da ida da Otorrinolaringologia para o Hospital das Clínicas era seu catedrático o Prof. Paula Santos, que substituía o primeiro professor na Santa Casa, Prof. Augusto Lindenberg. Paula Santos permaneceu até o ano de 1958. Entre os assistentes de Paula Santos figurava Raphael da Nova, que veio substituí-lo após brilhante concurso na Faculdade. Nova manteve os seus assistentes oficiais e não oficiais e, com isso, criou-se o alto padrão de pesquisa científica. Nessa oportunidade, por necessidade e evolução da área, introduziram-se as seções de plástica, odontologia e fonoaudiologia, que eram dirigidas por um otorrinolaringologista foniatra e a endoscopia peroral continuava com Plínio M. Barreto, onde se desenvolvia estágio obrigatório de um ano, no 9o andar. O primeiro transplante feito no Hospital das Clínicas em 1964 foi na Clínica de Otorrinolaringologia, de membrana timpânica.

Em 1970, assumiu como Prof. Dr. Titular da Cadeira de Otorrinolaringologia o Prof. Lamartine Junqueira Paiva, bastante competente, continuando a desenvolver satisfatoriamente a Otorrinolaringologia e mantendo o seu corpo de docentes e assistentes.

Em 1990, assume como Professor Titular Aroldo Miniti. Ele procurou dar à Otorrinolaringologia maior dinamismo. O seminário passou a ser o Centro de Estudos e Desenvolvimento em Otorrinolaringologia – CEDAO, a clínica foi informatizada e novos equipamentos adquiridos, principalmente relacionados aos potenciais evocados do ouvido, envolvendo também a fibroscopia das cavidades paranasais, ouvido e laringe. Através da bioengenharia do INCOR – Instituto do Coração e a Clínica de Otorrinolaringologia, foi desenvolvido um implante coclear nacional sob a coordenação do Prof. Ricardo Bento. O CEDAO deu origem à Fundação Otorrinolaringologia, como sua entidade mantenedora. Hoje a Fundação tem uma atuação nacional em 8 Estados brasileiros no apoio à educação, pesquisa e assistência à comunidade.

A perspectiva futura e a continuidade da tradição dessa disciplina no sentido de formação profissional, técnica e científica, em nível de graduação e pós-graduação, a profissionais de todo o país, para renovação dos quadros docentes e de pesquisa dessa Universidade e de outras instituições do país e do exterior. A continuidade e aprimoramento das linhas de pesquisa e produção técnico-científica serão sempre metas igualmente perseguidas. A abrangência e execução das atividades da disciplina permite o exercício prático de um modelo científico-educacional voltado especialmente para a concretização efetiva da Ciência, combinada ao Desenvolvimento Tecnológico. Naturalmente, a disciplina tem preservado e direcionado resultados para o alcance do ideal de excelência, associado à produção de inovações e aperfeiçoamentos tecnológicos, relevantes para e sob o prisma infinito do atendimento ao universo social. A prestação de serviço à comunidade se traduz por milhares de pacientes atendidos anualmente e realização de exames e cirurgias, desde os mais simples até os mais complexos e tornando-o um dos mais avançados centros mundiais no tratamento das doenças de ouvido, nariz e garganta.

Ensino no Hospital das Clínicas de São Paulo

Sempre a disciplina de Otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas esteve ligada ao ensino da especialidade para os alunos da Faculdade, cujo curso de cadeira de semestre foi sendo reduzido e atualmente é de 60 horas.

A Clínica de Otorrinolaringologia ainda ministra aulas para o curso de fonoaudiologia e outros quando solicitada. Vários de seus elementos contribuíram na edição de livros médicos. Atualmente mais de 200 médicos frequentam suas instalações, entre docentes, médicos assistentes do HC, residentes, preceptores, estagiários dos cursos de complementação especializados, observadores, pesquisadores, colaboradores voluntários, estágios para estrangeiros e alunos de pós-graduação *strictu senso*. Todo esse corpo tem hoje liderança nacional e internacional nos diversos segmentos em que atua.

É verdade que os que passaram pela Clínica Otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas muito devem a sua formação de especialistas e colaboraram com eficiência para o desenvolvimento e progresso da clínica na parte de ensino científico e assistencial.

Os elementos vindos de fora, após frequentar a disciplina de ORL, por ocasião de sua volta às suas origens levaram consigo todos os conhecimentos aqui adquiridos e aperfeiçoados.

Deve-se citar que em 1978 foi criada a Pós-Graduação *strictu senso* na área de Otorrinolaringologia.

Em 2006 assume o Prof. Dr. Ricardo Ferreira Bento, após concurso, como Professor Titular e Chefe do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da FMUSP e Diretor da Divisão de Otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas da FMUSP. Ele já atuava fortemente na modernização da clínica nos seus 20 anos de dedicação, internacionalizando a clínica e levando a clínica à atual liderança nacional e penetração internacional, sendo uma das maiores clínicas do mundo em produção acadêmica e assistencial.

Assistência médica

A Clínica Otorrinolaringologia atende doentes da capital, interior do estado de São Paulo, outros estados e mesmo de diversos países da América do Sul, sobrecarregando em muito o trabalho da Otorrinolaringologia, sem alterar o seu alto padrão de tratamento. Representa o 3º maior atendimento do Instituto Central do HC, ambulatoriais e cirúrgicos. Durante esses 90 anos, a Otorrinolaringologia da FMUSP sempre progrediu, esforçando-se para manter o seu alto nível através da cooperação dedicada, capaz e eficiente dos seus componentes, passados e presentes, que muito se esforçaram, contribuindo tanto com o trabalho valioso e farto de produção de pesquisas científicas e clínicas como na parte assistencial clínica e cirúrgica.

Apesar de os registros da Clínica serem bastantes completos, poderá, entretanto, haver alguma possível omissão de nomes. É esta a lista conseguida:

Professores Catedráticos ou Titulares

Augusto Lindemberg (*in memoriam*) (1927-1940)
Antonio de Paula Santos *(in memoriam)* (1941-1958)
Raphael da Nova *(in memoriam)* (1958-1970)
Lamartine Junqueira de Paiva – (*in memoriam*) (1970-1990)
Aroldo Miniti (*aposentado*) (1990-2006)
Ricardo Ferreira Bento (*Professor Titular*) – 2006-

Docentes da FMUSP

Passados:

Antonio Correa, Aroldo Miniti, Elias Salomão Mansur, Marcelo Fernando Calábria, Moisés Cutim, Ossamu Butugan, Oswaldo Laércio Mendonça Cruz, Palmiro Rocha, Silvio Marone e Zenshi Heshiki.

Doutores:

Américo Paulo Morganti – Foniatra, Armando Aoki Genshiro – Foniatra *(in memoriam),* Clemente Isnard Ribeiro de Almeida, Décio Mion *(in memoriam),* Edigar Rezende de Almeida, João Baptista Ferreira, José Câmara, Lázaro Gilberto Formigoni, Lenhitu Missaka e Oscar Milton de Godoy Junior.

Atuais:

Livres-Docentes:

Domingos Tsuji, Luis Ubirajara Sennes, Ricardo Ferreira Bento, Richard Louis Voegels e Tanit Ganz Sanchez.

Doutor:
Silvio Antonio Monteiro Marone

Assistentes do HCFMUSP (anteriores)

Aroldo Miniti, Afonso Celso Monte Alegre, Antonio Carlos De Campos, Antonio Carlos Gomes Caldas, Antonio Francisco Gobbi, Danilo Sanches, Décio Ruland Kerr De Oliveira, Edigar Rezende de Almeida, Felipe Dib Neto, Geraldo Cruz, Hélio Graziani, Honorato Antonio Alves, Jairo Ramos Nogueira, Jorge Tsuneharu Sano, Jorge Wexler, José Alexandre Médicis da Silveira, José Câmara, José Claudio Teixeira Pires, José de Freitas, José Guiss Neto, José Renato Roxo Guimarães, Jurandyr Romaro, Lázaro Gilberto Formigoni, Lenhitu Missaka, Luiz Pécora Filho, Luiz Leopoldo Pedalini, Marcia Fernandes, Marco Elisabetsky, Mario Bernardo Guiss Rausis, Motomu Sakabe, Nelson Fancelli Correia de Oliveira, Nicolau Brunetti, Ossamu Butugan, Oswaldo Laércio Mendonça Cruz, Oswaldo Martucci Junior, Paulo Hideaki Yasuda, Priscila Bogar, Queiqui Ianase, Roberto Guimarães Ognibene, Roberto Zanovello Ognibene, Rubens Galis, Sérgio Garbi, Signe Schuster Grasel, Silvio Antonio Monteiro Marone, Tania Maria Sih, Tanit Ganz Sanchez, Thyrson Loureiro de Almeida,Vera Andiara de R. Silva, Vera Lucia Ribeiro Fuess e Yoshinori Nagaoka.

Foram colaboradores do HCFMUSP:
Alcides Riyossei Odo, Alvaro Imperatriz, Américo Paulo Morganti, Clemente Isnard Ribeiro de Almeida, Denis Ricardo Sebert, Domenico Modesto, Fábio Freire, Francisco Viana Miguel, George Guido Breda, Gildo Rocha Brito, Guido Ivan Lukaisus, Gustavo dos Reis, Hélcio Espírito Santo Lobo, Italo Lorenzi, Ivan Fairbanks Barbosa, João Baptista Ferreira, João Ferreira de Mello, Jorge Haicki, Jorge Hirshman, Jorge Ishida, Luiz Eduardo da Silva Freire, Luiz Gonzaga Tubaldini, Luiz Pisa Neto, Marcelo Paula Santos, Mario Murakami, Miguel Hiss, Moysés Cutin, Oscar Milton de Godoy Jr., Paulo Alberto A. Gelas, Paulo Humberto Siqueira, Paulo Roberto Sorci, Rene de Lima Yasaki, Roberto Farina, Ronaldo Jorge Nazar, Rui da Paixão e Souza, Sergio de Paula Santos, Sergio Mendes Esteves, Wilson R. de Carvalho, Zenshi Heshiki e Zuleika Fontes Yunes (primeira otorrinolaringologista do Hospital das Clínicas).

Fonoaudiólogas (anteriores):
Laura Spartosa Garcia Vasconcelos, Livia Maria Pedalini, Maria Elizabeth Pedalini, Maria Flávia Bonadia Bueno de Morais, Maria Isabel Machado de Campos, Maria Lúcia da Silva Cleto, Patricia Pecora Liberman e Priscila Maria Presa.

Foram fonoaudiólogas colaboradoras:
Clara Hori, Francisca Peçanha, Letícia Mansur, Maria Adelaide Dell Nero Mendes de Morais, Maria Tereza Trevisan, Marina Egalon de Almeida, Silvia Burroul e Terezinha Dell Pappa

Psicólogas:
Alice Cristina Guedes dos Santos, Arlete Nordelli e Heloisa Romeiro Nasralla.

PERSONAGENS DE SÃO PAULO*

Henrique Lindenberg
(*1º professor da Faculdade de Medicina e Cirurgia*)

Nascido no Rio de Janeiro, formado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto (MG), veio para São Paulo e montou seu estabelecimento onde hoje é a Praça da Sé. Em seguida foi para os Estados Unidos, mais especificamente para a Universidade da Pensilvânia, juntamente com Benedito Montenegro, que depois se tornaria um grande professor de Cirurgia.

Essa escola foi uma daquelas grandes universidades americanas que, juntamente com a Harvard, Siracuse, Michigan e depois John Hopkins, ajudaram a elevar o conceito dos médicos junto à população americana na segunda metade do século XIX.

Até 1850, a Associação Médica Americana fazia esforço para melhorar a educação médica, promovendo um código de ética e medidas relacionadas à saúde pública, melhorando o status e a condição profissional do médico. Nessa época, os medicamentos receitados pelos médicos estavam na categoria dos venenos.

Na segunda metade do século XIX, graças a algumas inovações nas Universidades Americanas, tais como a introdução do microscópio na bacteriologia e treinamento de estudantes, houve um progresso muito grande no ensino médico. Foi nesse momento que Lindenberg ingressou na Pennsylvania University.

Outro aspecto interessante do fim do século XIX era a rivalidade entre "farmacistas" e os médicos. Na verdade, a Farmácia tinha sido uma parte da medicina prática através dos séculos. Essa polêmica durou até o apagar das luzes do século XIX. A graduação em Farmácia valeu a Lindenberg o conhecimento farmacodinâmico das drogas e seus efeitos terapêuticos.

Em 1900, nos Estados Unidos, os otorrinolaringologistas passavam a ter a responsabilidade de tratar os ouvidos, nariz e garganta em lugar dos cirurgiões e práticos. No Brasil, no final do século XIX, a Otologia e a Laringologia reuniram-se sob a denominação de Otolaringologia. A Laringologia incluía o estudo da garganta e mais tarde estendeu seu âmbito abrangendo a Rinologia, com as cavidades paranasais e a rinofaringe. Finalmente, resultou a Otorrinolaringologia e a Broncoesofagologia.

De volta ao Brasil, Lindenberg foi o primeiro chefe da Otorrinolaringologia da Santa Casa, o primeiro Titular da Faculdade de Medicina e Cirurgia e manteve a Clínica precariamente instalada num dos porões do Hospital Central da instituição. Isso ocorreu em 1914, mas, em entrevista gravada com o Dr. Plínio Mattos Barretto, ele garante que oficialmente foi nomeado em 16 de fevereiro de 1916, segundo o livro de ata da Faculdade. Mesmo nessas condições precárias, desenvolveu um trabalho profícuo, tendo, no primeiro ano de exercício, operado mais de 50 mastoidectomias. Esse era o momento das mastoidectomias radicais, das correções do septo nasal pelo elegante método de Killian, que ao contrário das técnicas anteriores preservava a mucosa nasal. Nessa ocasião, o mundo experimentava um grande surto de progresso, com conquistas importantes, como a introdução da assepsia, a esterilização do material, a substituição da roupas escuras pela branca, da máscara bucal e da luva de borracha.

Quando Lindenberg assumiu, as cirurgias eram realizadas em salas cirúrgicas e contavam com anestésicos, como o etil-cloro-etileno (Kelene), introduzido por Lêmaitre em 1906. Também já dispunham de vários tipos de anestésicos locais, sendo a cocaína muito usada como anestésico tópico.

As decisivas transformações que ocorreram no final do século XIX e no início de século XX, que Cottle chamou de golden period, ou como os franceses o denominaram de belle epoque, trouxeram progresso importante no campo da Rinologia, como, por exemplo, com os trabalhos de Joseph em 1898, 1904 e 1905, introduzindo a moderna rinoplastia. Também as cirurgias das cavidades paranasais contaram com a contribuição de Killian, Caldwell, Luc, Riedel, Schönborn, etc. No auxílio à propedêutica, Hirschmann introduziu a endoscopia da fossa nasal e dos seios da face e Scheier e Kuttner, o estudo radiológico das cavidades paranasais, em 1909.

Entre os assistentes efetivos de Lindenberg estavam: Schmidt Sarmento, Francisco Hartung e Mário Ottoni de Rezende, como voluntário.

Além das atividades profissionais, o professor Lindenberg interessava-se pela música, pintura e pela radiodifusão, tendo sido um dos pioneiros do radioamadorismo no Brasil. Sua carreira profissional foi curta, deixando-a em 1926, quando foi para a Europa em busca de tratamento médico. Faleceu em 13 de julho de 1928.

Quando Lindenberg faleceu, Schmidt Sarmento e Francisco Hartung já tinham o título de Livres-Docentes.

Adolpho Schmidt Sarmento
(*A divisão "o racha" do Departamento de ORL*)

Com o desaparecimento do professor Lindenberg, Sarmento, também aluno das tradicionais Escolas de Berlim e Viena, deveria automaticamente assumir a Cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina. Todavia, o regulamento da Faculdade, em um dos seus artigos, previa a possibilidade de transferência entre as chamadas Cátedras afins e nessa situação encontrava-se o titular da cadeira de Patologia Geral, que praticava a Otorrinolaringologia em sua clínica privada. Utilizando-se desse expediente, foi empossado na Cátedra do ORL em 14 de março de 1929 o professor Antonio de Paula Santos, que em 1920 havia prestado concurso para a Cadeira anteriormente mencionada.

Em função disso, a direção da Santa Casa manteve o mesmo grupo de assistentes sob o comando de Schmidt Sarmento e, para conciliar a situação, cedeu outro espaço no Instituto do Radium, que fora inaugurado em 1921 e que passou a denominar-se de Arnaldo Vieira de Carvalho, para a Faculdade de Medicina. Esse prédio se situava anexo ao Hospital Central, onde existe até hoje.

O Professor Paula Santos continuou ministrando cursos, e seus primeiros assistentes foram: Raphael da Nova, José Freire de Mattos e Jayme Ribeiro de Campos, sendo que este último faleceu precocemente, sendo substituído por Plínio Mattos Barretto. Na ocasião foi feito um acordo, em que os pacientes que procurassem o setor de otorrinolaringologia do Hospital seriam divididos alternativamente: dois dias da semana para a Clínica do Professor Paula Santos e dois outros para o Dr. Schmidt Sarmento no Hospital Central da Santa Casa.

Sarmento inaugurou no Brasil a amigdalectomia pelo instrumento Ballanger-Sluder, retirando-lhe o corte da lâmina e fazendo dele uma pinça fórceps de apreensão em que o dedo indicador fazia a dissecção extracapsular das amígdalas.

Apresentando problemas de saúde, Sarmento pouco administrou a Clínica, tendo se licenciado e deixando, como chefe interino, o Professor Mário Ottoni de Rezende e que veio assumi-la definitivamente após a morte do amigo, que era também seu colega de turma. Sarmento faleceu em 26 de novembro de 1939, após longa enfermidade.

Francisco de Paula Pinto Hartung
(*Comunicou a primeira labirintectomia no Brasil*)

Também de formação vienense, possuía sólida cultura geral, artística e filosófica. Todavia, por força de sua enorme clínica particular, frequentava de modo esporádico o Departamento, sendo, no entanto, muito assíduo às reuniões clínicas, onde obteve enorme material para a divulgação de muitos trabalhos científicos. Publicou, entre 1933 e 1950, na *Revista Brasileira de ORL* (uma das maiores publicações na revista brasileira), 31 trabalhos. Juntamente com o Dr. Whitaker, parece ter a primazia de comunicar a primeira labirintectomia no nosso meio.

Dedicou-se com afinco ao estudo da leishmaniose nasal, originando-se o tema de sua tese.

Mário Ottoni de Rezende
(*Fundador da primeira revista da especialidade*)

Formado em 1906 no Rio de Janeiro, dirigiu-se para uma pequena cidade no interior do Estado de São Paulo – Salles de Oliveira – próximo a Ribeirão Preto, onde fazia Clínica Geral, Cirurgia e Obstetrícia.

Depois foi para Paris fazer um curso de pós-graduação em Urologia com o renomado Professor Guion. No seu retorno iniciou seu trabalho na Santa Casa ao lado de grandes cirurgiões, onde se destacava a figura de Benedito Montenegro, do qual se tornou grande amigo.

Montenegro estudara com Lindenberg na Pennsylvania University e desta amizade nasceu a aproximação do Dr. Mário com Lindenberg, que o convidou para trabalhar na sua Clínica do Otorrino. Após alguns anos, em 1921, dirigiu-se para Berlim, onde estagiou por um ano (1922) no Serviço de Von Eicken, na Charité ao lado de Seiffert, o grande amigo dos brasileiros e depois em Viena, onde acompanhou os mestres Neuman, Ruttin, Beck, Rajek, Hirsh, Schuller e Alexander. Voltando a São Paulo, substituiu Schmidt Sarmento, embora já atuasse interinamente, pois Sarmento não gozava de boa saúde.

Mário Ottoni iniciou uma das mais profícuas Escolas de ORL, sempre procurado por inúmeros colegas e estagiários de todo o Brasil. Com a mudança da Clínica para o segundo andar do Edifício de Ambulatório do Prédio Conde de Lara, este Serviço modernizou-se e passou a colaborar intensamente com outros departamentos, principalmente com Neurologia, Neurocirurgia, Oftalmologia e Clínica Médica.

O Pavilhão Conde de Lara abrigava, no segundo andar, o setor de Otorrinolaringologia, que ocupava 2/3 do mesmo, enquanto no outro terço funcionava a Neurologia da Faculdade de Medicina e Mário Ottoni as denominava de "irmãs Germanas", dada a união e o bom entrosamento entre as duas disciplinas. Nascia e começava a engatinhar a Otoneurologia brasileira.

Em 1926, sob a presidência de Mário Ottoni na Sociedade de Medicina e Cirurgia, instalava-se a 1a Semana Paulista de nossa especialidade. Foi coroada de sucesso, com o professor João Marinho se destacando entre os convidados. Dez anos depois, de 6 a 11 de junho, houve a repetição dessa jornada, chefiada por Mário Ottoni, e desta vez contou com a presença do Dr. Raul David de Sanson, professor da Cátedra da Faculdade Nacional de Medicina.

Para ter ideia da importância do simpósio, as atas desse encontro perfizeram cerca de mil páginas, três volumes da Revista Otolaringológica de São Paulo. No final da sessão de encerramento, o Dr. Paulo Mangabeira enalteceu a figura do Dr. Mário como fundamental e somente com o prestígio dele poderia reunir tantos especialistas importantes nesse conclave.

Essas duas semanas representaram um ensaio para o Primeiro Congresso da Otorrinolaringologia brasileira, realizado de 2 a 9 de outubro de 1938, no Rio de Janeiro, sob os auspícios do Professor Marinho. Estiveram presentes nesse encontro os mais destacados mestres da Otorrinolaringologia Sul-Americana, representada pelos professores Segura, Alonso, do Uruguai, e Tato, da Argentina.

Havia, na época, um euforismo que tomava conta dos otorrinolaringologistas pelo sucesso alcançado nos últimas jornadas, porém, durante 10 anos não ocorreram encontros, em função da guerra. Em 20 de janeiro de 1948, foi inaugurado o II Congresso Brasileiro, cujo presidente foi o Professor Carlos Rodrigues de Moraes e o secretário o Dr. Orlando de Castro Lima. O Dr. Mário Ottoni contribuiu muito para esse encontro com a sua capacidade de aglutinar colegas para essas reuniões, e seu sobrinho Dr. José Eugênio Barbosa no ano anterior já havia previamente programado a criação da Federação das Sociedades Brasileiras de Otorrinolaringologia, que foi aprovada na ocasião desse evento e que consiste hoje na ABORL-CCF.

Em 1933, Mário Ottoni e seu concunhado Homero Cordeiro, renomado especialista e chefe do Serviço de ORL do Hospital Humberto Primo, fundaram a primeira revista da especialidade no Brasil, com o nome de Revista Oto-Laryngológica de São Paulo, em que os dois eram diretores e redatores.

Em 1939, a revista passou a se chamar Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, sem prejuízo dos volumes anteriores, continuando a numeração da revista anterior. Os dois diretores ficaram responsáveis pela revista por 30 anos, ou seja, de 1933 a 1963.

A qualidade dos trabalhos, em geral, era de alto nível no meio da ORL e geralmente serviam para a divulgação do desenvolvimento científico do Serviço da Santa Casa, e alguns deles foram premiados com láureas instituídas pela Associação Paulista de Medicina.

O professor Mário Ottoni notabilizou-se pelo amor ao ensino e pelo rigor da disciplina que impunha aos trabalhos e aos colegas. Possuía uma biblioteca enorme, que sempre conservou aberta àqueles que quisessem consultá-la. Posteriormente, foi doada pelo seu sobrinho, Dr. Rezende Barbosa, ao Departamento de ORL da Santa Casa. Ainda colaborou com vários colegas, traduzindo textos e capítulos em alemão.

O professor retirou-se em 1953, quando voltou a gerir suas fazendas no interior do Estado de São Paulo. Faleceu aos 86 anos, vitimado por um ataque coronariano em 14 de outubro de 1969.

Mário Graziani
(*Pioneiro da Odontologia Hospitalar*)

Fazia parte do grupo do Dr. Mário Ottoni e foi estimulado por ele a criar o Serviço de Odontologia Hospitalar em 1940, sendo o primeiro no Brasil. O professor Graziani graduou-se em 1936 pela Faculdade de Odontologia de Campinas, onde trabalhou até 1939. Estagiou na University of Michigan em 1946, onde fez pós-graduação em Odontologia. Fez estágio de aperfeiçoamento e curso de Cirurgia Bucal na New York University, College of Dentistry. Ao voltar ao Brasil tornou-se professor de Buco-Maxilo-Facial.

Graziani, em 1942, publicou a primeira edição de sua obra *Cirurgia Buco-Maxilar* e reeditada várias vezes. Publicou inúmeros trabalhos na área da Odontologia e, em 1956, tornou-se Livre-Docente pela Faculdade do Odontologia da USP.

Plínio Mattos Barretto

Convidado para desenvolver a Endoscopia Peroral na Santa Casa, pois este havia estagiado no Temple University Hospital, Philadelphia, durante 3 anos, onde fora aluno de Chevalier Jackson. Dr Mário havia garantido o lugar dele na Clínica e, no seu retorno, arranjou um pequeno espaço, onde Plínio iniciou praticamente a moderna Endoscopia, que logo se firmaria como uma especialidade autônoma. Mário tinha grandes pendores pela endoscopia, mas pouco a praticou, embora tenha sido discípulo de Seiffert, grande incentivador da Endoscopia Peroral na Alemanha.

Raphael da Nova

Substituiu o professor Antonio Paula Santos. Livre-Docente em 1928, catedrático por concurso de títulos e provas em 1956. Defendeu sua tese, que versou sobre "Da influência da cortisona sobre a bioquímica e a atividade coloidopéxica da amígdala palatina".

No 1º Congresso Sul-Americano, realizado em Buenos Aires, Raphael da Nova apresentou trabalho sobre Blastomicose, que abria uma nova trilha para o tratamento dessa enfermidade.

Foram seus assistentes: Antonio Prudente Corrêa, que faleceu em 1964, Lamartine Paiva, Elias Salomão Mansur, Lázaro Formigoni, Décio Mion, José Freire Mattos Barretto, José Guilherme Whitaker, Sílvio Marone, Moysés Cutin, Aroldo Miniti, Ossamu Butugan e Edigar Rezende de Almeida.

Lamartine Paiva

Substituiu o professor Da Nova com muito brilho. Nasceu em 1919, em Pouso Alegre, Minas Gerais, e formou-se pela Faculdade de Medicina da USP em 1947. Fez toda sua carreira dentro da Faculdade de Medicina da USP, chegando a Professor Titular e Chefe da Cadeira. Publicou inúmeros trabalhos, sendo substituído pelo Dr. **Aroldo Miniti**, que conduziu o Departamento de Otorrinolaringologia a um centro de excelência dos mais importantes do Brasil e da América Latina. Este, por sua vez, foi substituído pelo Dr. Ricardo Ferreira Bento.

Silvio Marone

Formado pela escola de Antônio Paula Santos, foi Professor Catedrático da Escola de Medicina de Sorocaba. Também frequentou, como médico voluntário, o Departamento de ORL da Santa Casa.

Ângelo Mazza

Formado em 1933 pela Faculdade de Medicina da USP, tendo obtido o título de doutor em 1934, após defesa de tese**.** Trabalhou por vários anos na Santa Casa como professor voluntário e, em 1939, recebeu o título de "Médico Adjunto do Hospital Central". Nessa época aceitou convite para trabalhar como assistente na Cátedra de ORL da Escola Paulista de Medicina, com o professor Paulo Mangabeira Albernaz, onde desenvolveu um trabalho muito importante na função de docente até a sua morte.

José Augusto Arruda Botelho

Foi um dos primeiros alunos brasileiros de Chevalier Jackson (Temple University – Estados Unidos). Antes desse estágio, trabalhou na Santa Casa de São Paulo, no Ambulatório de Endoscopia, de 1940 a 1942. Após o primeiro ano de treinamento intensivo, montou um Serviço de Endoscopia no antigo Hospital da Beneficência Portuguesa, na Rua Brigadeiro Tobias.

Em 1941, foi trabalhar com Paulo Mangabeira Albernaz onde foi fundado o primeiro Serviço de Endoscopia Peroral do Brasil, entregando-lhe a chefia em caráter oficial.

O cargo para Professor Adjunto veio com a federalização da Escola Paulista, em 1964, tendo na mesma época sido o seu colega Walter Marchi nomeado Professor Assistente e a seguir Professor Adjunto.

Cincinato Leme Ferreira

Formado em Genebra em 1917 (Bacharel em Ciências Médicas). Depois especializou-se em ORL pela Universidade de Genebra, tendo defendido tese em 1919. Chegando ao Brasil, passou a chefiar o Hospital Humberto Primo (Hospital Matarazzo). Foi posteriormente substituído por Homero Cordeiro.

Homero Cordeiro

Chefiava o grupo de otorrinolaringologistas do Hospital Matarazzo e que se transferiu para o Serviço da Santa Casa em 1943, levando consigo o Dr. Mauro Cândido de Souza Dias. Homero Cordeiro também tinha estagiado na Alemanha; era um admirador de Alfred Seiffert; distinguiu-se no tratamento de portadores de esofagites corrosivas e foi o primeiro entre nós a defender as vantagens do tratamento precoce das mesmas.

Também praticou pela primeira vez no Departamento de ORL a cirurgia de Lautenshlager para tratamento da ozena. Ensaiava a dissecção das amígdalas em adultos, método muito mais elegante e com melhores resultados que os anteriores.

Publicou 15 trabalhos científicos na *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia* entre 1933 a 1946.

Jorge Fairbanks Barbosa
(*Fundador da Sociedade Brasileira de Cabeça e Pescoço*)

Sem dúvida, um dos mais ilustres assistentes que, iniciando no Departamento na década de 40, imprimiu um ritmo galopante, marcando sua presença. Trabalhou por cinco anos no Serviço, quando prestou concurso no IAPC (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários) e foi aprovado com distinção. Em seguida, foi convidado pelo Professor Antônio Prudente para trabalhar no Hospital do Câncer, onde se desenvolveu, tornando-se conhecido internacionalmente como grande cancerologista.

Publicou um volume em língua inglesa e que foi acolhido com entusiasmo pela comunidade científica mundial.

Foi, por iniciativa do Dr. Jorge, fundada a Sociedade Brasileira de Cabeça e Pescoço, que contou com o apoio dos especialistas do país, sendo os estatutos aprovados em 8 de dezembro de 1967, por ocasião do 1º Congresso da especialidade.

José Eugênio Rezende Barbosa
(*Primeiro professor da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*)

Assumiu a chefia do Serviço em substituição a Mário Ottoni em 1953 e permaneceu ininterruptamente até 1969. Graduou-se na Faculdade de Medicina da USP em 1935 e, desde o início da carreira, interessou-se pela Otologia e as suas relações com a Neurologia, onde pontificavam os colegas Aderbal Tolosa, Oswaldo Lange, Freitas Julião e Virgilio Savoy. Desse encontro foi possível desenvolver a otoneurologia com bases bem sólidas, alicerçadas em conhecimentos de anátomo-fisiologia do ouvido interno e neurológicos.

Rezende estimulou a cirurgia otológica, dando ênfase à fenestração do canal semicircular lateral quando ainda não existiam os eficientes microscópios. Foi um dos pioneiros dessa cirurgia no nosso meio. Iniciador das técnicas audiométricas, que vieram a possibilitar a avaliação auditiva com maior precisão. Nessa época, construiu um túnel de 10 metros de comprimento, onde cada metro era marcado nas paredes laterais, para que se realizasse a audiometria vocal, iniciando assim os testes de discriminação auditiva.

Na década de 40, Rezende elaborou um trabalho sobre Audiometria que foi premiado pela Associação Paulista de Medicina. Neste trabalho reunia seus primeiros resultados dessa nova técnica semiológica que viria a tornar-se de fundamental importância no diagnóstico otológico.

Foi editor da *Revista Brasileira de ORL*.

Permaneceu à frente do Departamento até 1969. Participou da fundação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa e foi seu primeiro Professor Titular. A criação da Faculdade nas instalações da Santa Casa era um velho sonho do seu tio, o professor Mário Ottoni de Rezende.

Em 1969, deixou a chefia do Departamento para dedicar-se às suas inúmeras atividades particulares.

Alexandre Médicis da Silveira
(*Nomeado Delegado-Geral da Fundação Portmann*)

Formado em 1946, em Pernambuco, iniciou sua especialização com o seu tio, o Professor J. Andrade Médicis, na Universidade de Pernambuco, no Hospital Santo Amaro e no Hospital Infantil Manuel Almeida.

Em 1947, estagiou em Bordeaux, no Serviço do Professor Georges Portmann e permaneceu ligado a esse Serviço através da Fundação Portmann, passando por várias funções, sendo Delegado-Geral para o Brasil em 1967. Estagiou em outros Serviços na França e Itália.

Estagiou na Faculdade de Medicina da USP em 1948 e foi assistente efetivo do Professor Rezende Barbosa, de 1955 a 1960. Foi através do Dr. Médicis que o seu tio J. Andrade Médicis doou a sua biblioteca de Otorrinolaringologia para a Santa Casa de São Paulo, o que representou um enorme acervo à disposição dos colegas de todo o Brasil.

Alexandre Médicis da Silveira deu-nos uma entrevista sobre seu relacionamento com a Fundação Portmann, bem como sobre sua atuação na Otorrinolaringologia Pediátrica, que consta no capítulo correspondente às supraespecialidades.

Mauro Cândido de Souza Dias
(*Fundador da Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica*)

Foi indicado para substituir o Dr. Rezende Barbosa, e o fez com muita competência, em 1969.

Formou-se em 1937 pela Escola Paulista de Medicina. Trabalhou por alguns anos no Hospital Humberto Primo (posteriormente chamado de Hospital Matarazzo). Ingressou no Serviço da Santa Casa, a convite do Dr. Mário Ottoni, em 1943.

Mauro foi interno em 1935 na primeira Clínica Cirúrgica do Professor Alípio Corrêa Neto, onde iniciou nos segredos da técnica cirúrgica, o que valeu muito na sua carreira, pois tornou-se um grande cirurgião.

Em 1939, passou a trabalhar no Hospital São Luís Gonzaga, da Santa Casa de São Paulo, instituição que dava atendimento a tuberculosos. Graças ao seu grande interesse, teve oportunidade de publicar um importante trabalho na *Revista Brasileira de ORL* sobre o assunto.

Recebeu dois prêmios máximos da Otorrinolaringologia paulista em 1952 e 1954. Por coincidência, esses prêmios levam o nome do seu antigo mestre: “Mário Ottoni de Rezende”.

Dedicou-se ao ensino e à pesquisa. Além de hábil cirurgião, tinha grande interesse pela Audiologia, tendo fundado a fonoaudiologia da PUC de São Paulo e ministrado aula por vários anos.

Na política da área médica, foi presidente do Departamento de ORL da APM. *Fellow* do American College of Surgeons e em 1975 recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. O professor Otacílio Lopes Filho substituiu o Dr. Mauro Souza Dias em 1975. Dr. Mauro deixou o cargo para cuidar dos seus afazeres, principalmente suas fazendas na cidade de Assis (Estado de São Paulo) e no Mato Grosso.

Jorge Barretto Prado
(*Primeiro Professor de Endoscopia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa*)

Nasceu em 15 de agosto de 1919, na cidade de Aracaju, para onde seu pai, conhecido sanitarista do Instituto Manguinhos e que trabalhava com Oswaldo Cruz, fora por ele designado para chefiar a delegação enviada para combater o surto de febre amarela que grassava em Sergipe. O pai viajou com a família e lá nasceu seu último filho. Neto e bisneto de médicos, Jorge tinha sete tios e vários primos médicos, o que talvez o tivesse influenciado para a escolha da profissão.

Graduou-se em 1944 pela Escola Paulista de Medicina. Mesmo como acadêmico, começou a frequentar o ambulatório de Endoscopia Peroral, organizado e chefiado pelo seu tio, Plínio Mattos Barretto.

O Serviço de Endoscopia na Santa Casa iniciou em 1938, pois no Pavilhão Conde Lara estavam sendo instaladas as Clínicas Especializadas. Essa inauguração se deveu ao Dr. Mário Ottoni de Rezende. Nesse ano, Plínio tinha sido nomeado Assistente Efetivo da Faculdade e, no ano seguinte, inaugurou o primeiro Ambulatório de Endoscopia. Jorge Barretto foi o primeiro assistente e trabalhou de 1942 a 1945 no Conde Lara. Desse Ambulatório afastou-se temporariamente, porque fora nomeado Assistente Extranumerário da Faculdade de Medicina da USP para acompanhar o que viria a ser o Serviço de Endoscopia daquele hospital.

Após dois anos, o Dr. Jorge foi convidado para chefiar o Serviço de Endoscopia da Santa Casa, que estava fechado nesse período. Continuou como médico contratado no Hospital das Clínicas até 1958.

Na Santa Casa, em 1954, foi nomeado como Chefe de Clínica Efetivo após concurso de títulos. Nessa qualidade colaborou para organizar a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa em 1963, quando foi nomeado Professor Pleno da disciplina de Endoscopia do Departamento de Cirurgia daquela faculdade.

Na década de 80, foi organizado o Departamento de ORL, Oftalmologia e Endoscopia Peroral, tendo sido o Dr. Jorge indicado para Diretor desse departamento.

Em 1981, foi Diretor do Hospital Santa Isabel. Como especialista, foi o primeiro a usar a anfotericina no tratamento de casos rebeldes de leishmaniose. Também foi pioneiro em tentar melhorar a resistência dos pacientes portadores de papilomatose de laringe, com a utilização de vacina antivariólica. Trabalhou muito na sistematização do tratamento das laringotraqueobronquites agudas na infância.

Teve como assistente o Dr. Seiji Nakakubo, que o substituiu após seu falecimento, que ocorreu em 20 de maio de 1965, em pleno vigor de sua carreira profissional.

BIBLIOGRAFIA

Kós JAC, Barretto PM. Primórdios da Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia no Brasil. Ed. Salamandra Consultoria Editorial S.A. RJ 1988, p.256.

Bento RF, Bogar P, Bensandon R. Memória da Revista Brasileira de Otorrinolaringologia – Índice Remissivo 1933-1990. Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, 1933.

Paula Santos A. O Exercício da Oto-Rino-Laringologia em São Paulo. Revista de Oto-Rino-Laringologia 1949; 17(1 e 2):1-7.

Albernaz PM. Mário Ottoni de Rezende. Homenagem Póstuma. Revista Brasileira de Otorrinolaringologia 1970; 36(1): 3-7.

Dias MCS, Lopes Filho OC. A Otorrinolaringologia Paulista e a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. F Méd (Br) 1986; 92 (4): 285-8.

Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine – An Illustrated History – Harry N.Abrams, Inc, Publishers, New York. 1987; 537-43.

Galvão RA. Mário Ottoni de Rezende: 40 anos de Santa Casa. Arquivos Médicos. 1982; 2(7): 4-6.

***Colaboração de Lídio Granato**

Nelson Álvares Cruz*

Nelson Álvares Cruz nasceu no Rio de Janeiro em 1921. Ainda criança, mudou-se para São Paulo. Em 1943, ingressou na Escola Paulista de Medicina (EPM) e diplomou-se em 1948. Ainda estudante, estagiou com Jorge Fairbanks Barbosa, aprendendo as bases da otorrinolaringologia.

Em 1952, com uma Bolsa de Estudos outorgada pela Sociedade dos Liceus Franco-Brasileiros, estagiou com Maurice Aubry e Paul Pialoux, famosos otoneurologistas. Em 1953, de volta ao Brasil, foi contratado como Professor Assistente de ORL da EPM (Serviço do Professor Paulo Mangabeira Albernaz), onde foi responsável pelo setor de Otoneurologia.

Voltou à França em 1961, estagiando na Faculdade de Medicina de Bordeaux, com os professores Georges e Michel Portmann.

Em 1966, fez concurso de Livre-Docência na EPM, com tese sobre carcinomas de laringe. No ano seguinte, foi contratado para exercer as funções de Professor Titular de ORL na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP. De 72 a 74 foi Professor Titular de ORL na Faculdade de Ciências Médicas de Santos e em 1973 tornou-se professor da Faculdade de Medicina do ABC, onde permaneceu até 1999.

Em 1978, foi aprovado em concurso para Professor Titular de ORL na EPM.

Recebeu duas vezes o prêmio Mário Ottoni de Rezende (1955 e 1957); em 1978, o prêmio Alejandro Del Rio, da Confederação Latino-Americana de ORL e, em 1979, o prêmio Eduardo de Moraes, da Academia Nacional de Medicina. Foi condecorado pelo Ministério de Educação da França com o título de *Chevalier des Palmes Académiques.*

*** Baseado em depoimento de Nelson Álvares Cruz Filho**

Paulo Mangabeira Albernaz*

Ao longo de toda a sua vida como médico, o Prof. Paulo Mangabeira Albernaz participou intensamente de todos os congressos e reuniões científicas importantes realizadas na área da otorrinolaringologia em nosso país.

Nasceu em Bagé, em 25 de janeiro de 1896, passando a residir em Salvador aos dois anos de idade.

Graduou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1919. Estagiou com o Prof. Eduardo Rodrigues de Moraes, um dos grandes mestres da Otorrinolaringologia brasileira, que teve muitos discípulos importantes, entre eles os Profs. Ermiro de Lima, Arthur de Sá e Octacilio Lopes. E passou também algum tempo no Instituto Osvaldo Cruz de Salvador, surpreendendo seus colegas ao realizar, para a conclusão de seu curso médico, uma tese experimental, "Estudos sobre o parasito da raiva".

Ao se formar, na Bahia, suas oportunidades eram poucas. Seus tios, veementes políticos de oposição, não simplificaram as suas possibilidades de obter um emprego que o pudesse ajudar em seu começo de vida. Seu pai, o Major Médico José Garcia Albernaz, falecera quando ele cursava o terceiro ano de Medicina, de uma cardiopatia congênita, e a família teve que fazer grandes sacrifícios para que todos os filhos se formassem. Por isso, decidiu-se a ganhar a vida no Estado de São Paulo. A possibilidade de obter uma carta de recomendação o encaminhou a Jaú, onde começou a clinicar em 1921 e criou um serviço de Otorrinolaringologia na Santa Casa de Misericórdia de Jaú, onde criou, também, para seu próprio uso e dos demais colegas, um laboratório clínico, pois o hospital não o possuía.

Em 1923 voltou à Bahia, por um breve período, para casar-se.

Em 1926, o Dr. Carlos Penteado Stevenson, um importante oftalmologista de Campinas, o convidou para trabalhar em sua clínica. Ele aceitou o convite, e Campinas se tornou a sua cidade, de 1926 até os seus derradeiros instantes. O meio médico mais amplo e as facilidades adicionais em outros setores da Medicina mudaram o caráter de seus trabalhos científicos. A anatomia patológica passou a desempenhar papel mais importante, bem como a radiologia. Escreveu e relatou casos clínicos de otoneurologia, de técnica cirúrgica, de doenças tropicais. Frequentou assiduamente as sessões da Associação Paulista de Medicina e vários especialistas o aconselharam a fazer concurso para Professor da Faculdade de Medicina da USP. Ele se preparou para esse concurso, que não se realizou, pois a Faculdade optou por um remanejamento de seus professores.

Em 1929, durante a realização do X Congresso Brasileiro de Medicina, no Rio de Janeiro, foi apresentado ao Dr. Jorge Pinto, redator do *Brasil Médico*, a mais importante revista médica da época em nosso país. O Dr. Jorge Pinto lhe solicitou a elaboração de um livro sobre assuntos da especialidade, destinado a não especialistas, sobretudo aos médicos das pequenas cidades. Assim nasceu a *Otorrinolaringologia Prática,* publicada, inicialmente, em capítulos, no *Brasil Médico*, e logo após lançada como volume. As edições se sucederam, com os acréscimos necessários à evolução da Medicina, e também com capítulos adicionais escritos para estudantes e para os próprios especialistas iniciantes.

Em 1933, ocorreu a fundação da Escola Paulista de Medicina, e Paulo foi convidado para ser um de seus fundadores. Ensinou até 1966, ano de sua aposentadoria compulsória. Foi homenageado muitas vezes, e paraninfo em 1945. Suas aulas de Otorrinolaringologia eram sempre dedicadas ao clínico geral, e entremeadas de conselhos sobre a prática da Medicina.

Há coisas antigas, quase esquecidas, que devem ser lembradas. Em 1924 ele descreveu, pela primeira vez, a forma polipoide da leishmaniose tegumentar americana. Os "mestres" da otorrinolaringologia da época não a aceitaram. Criou-se uma polêmica de grandes proporções. Já em Campinas, surgiram outros casos, e o estudo anatomopatológico, realizado pelo Prof. Marcos Lindenberg, outro dos fundadores da Escola Paulista de Medicina, foi realizado com grande precisão científica, e concluiu que se tratava, efetivamente, de leishmaniose. Mas a forma poliposa continuou não existindo, pois o ambiente otorrinolaringológico da época era inclemente com os que faziam observações originais. Em 1944, Marques da Cunha, no Instituto Osvaldo Cruz, do Rio de Janeiro, reproduziu a forma polipoide experimentalmente no Macacus rhesus, colocando um ponto-final na polêmica, 20 anos após a observação clínica inicial.

Houve outras polêmicas menores, relacionadas com o uso do bismuto no tratamento da angina de Plaut-Vicent e nas amigdalites em geral. Quando uma das "escolas" descobria ou defendia um tipo de tratamento, as outras imediatamente se manifestavam de forma contrária. Houve grandes mestres da otorrinolaringologia brasileira que se insurgiram contra a fenestração, porque a etiologia da otospongiose ainda não havia sido descoberta, e era, para eles, impossível tratar uma doença sem conhecer a sua etiologia.

Ao Prof. Ermiro de Lima coube o mérito de desenvolver a etmoidectomia transmaxilar, após minucioso estudo anatômico em macacos. Mas foi o Prof. Mangabeira quem a divulgou por toda a América do Sul. Houve muitas controvérsias, na literatura internacional, sobre o valor da via transmaxilar. A maior parte dessas controvérsias nasceu de outros especialistas brasileiros, de escolas inimigas do Prof. Ermiro de Lima. O advento da cirurgia endoscópica nasal evidenciou de forma total a necessidade do acesso às células do etmoide na cura das sinusites.

Ao aposentar-se, em 1966, o Prof. Mangabeira recebeu do Presidente Castelo Branco a Medalha da Ordem do Mérito Médico. A medalha foi entregue no Rio de Janeiro, em cerimônia solene, com a presença de três ministros de estado. Em 1969 recebeu, na República de El Salvador, a medalha de ouro do mais expressivo prêmio latino-americano da Otorrinolaringologia, o prêmio "Eliseu Segura".

Suas atividades de ensino não se limitaram à Escola Paulista de Medicina. Foi Professor de Anatomia da Faculdade de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E muito lutou para criar a Faculdade de Medicina de Campinas, que deu origem à UNICAMP. Ele chegou a ser convidado para ser o primeiro Diretor da Faculdade de Medicina da UNICAMP, mas não aceitou o convite; havia lutado tanto por sua criação que queria deixar bem claro que não havia lutado em causa própria.

A cidade de Campinas prestou-lhe, ao longo de sua vida, muitas homenagens. A Câmara Municipal outorgou-lhe o título de Cidadão Campineiro. Na verdade, a maior parte de sua vida foi vivida em Campinas. Há um Centro de Assistência Médica e um Colégio Estadual com seu nome.

Sua produção científica foi significativa, sendo seus últimos livros o Atlas do Aparelho Auditivo, publicado em 1980, e a décima edição da Otorrinolaringologia Prática, totalmente organizada por ele, embora contasse com colaborações dos três filhos: Luiz Gastão, Paulo e Pedro Luiz.

Em sua luta por uma linguagem médica correta e precisa, enfrentou, também, várias polêmicas, das quais sempre se saiu muito bem, pois recorria a antigos livros médicos e antigos dicionários de grego e latim para suas pesquisas. Este seu interesse o aproximou de grandes mestres da Anatomia, com os quais colaborou na *Nomenclatura Anatômica Brasileira,* publicada em 1961.

Faleceu em Campinas em 23 de abril de 1982.

Harvey Cushing, em sua biografia de Sir William Osler, refere que, por onde passava o ilustre médico, "coisas começavam a ser feitas, projetos se tornavam realidade". Esta frase também se aplica ao Prof. Paulo Mangabeira Albernaz.

*** Pedro Luiz Mangabeira Albernaz**

A OTORRINOLARINGOLOGIA EM BAURU*

Centro de Pesquisas Audiológicas (CPA) do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC) da Universidade de São Paulo (USP).

O Centro de Pesquisas Audiológicas (CPA) é um grupo de pesquisa da USP/Campus Bauru onde está sediada a seção de Implante Coclear do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC) da Universidade de São Paulo (USP), campus Bauru. Esse grupo se organizou em 1989, a partir da necessidade de atendimento interdisciplinar na área da Audiologia.

O CPA é um centro especializado na ciência da Audição, onde as atividades são dimensionadas em atendimentos a pacientes, pesquisas científicas, formação de recursos humanos e outras atividades correlatas. Além disso, o CPA constitui-se em um campo de ensino para o Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB – USP), para o Curso de Especialização em Audiologia Clínica e Educacional do HRAC, para os programas de Mestrado e Doutorado do HRAC/USP e de outras instituições parceiras do CPA e também para o Programa de Residência em Otorrinolaringologia do HRAC.

Em 1990 iniciou-se, vinculado ao CPA, o Programa de Implante Coclear. A primeira cirurgia ocorreu em 15 de maio desse ano, em uma paciente de 18 anos de idade e, em abril de 1992, a equipe realizou o primeiro implante coclear multicanal do Brasil, numa criança de 7 anos. A equipe do CPA realiza os atendimentos das etapas pré-cirúrgica, cirúrgica, intraoperatória e pós-cirúrgica.

Constituem, ainda, responsabilidades do CPA a divulgação, capacitação, integração e promoção de eventos, como a realização da Reunião de Reabilitadores do Programa de Implante Coclear e palestras nacionais e internacionais na área da Audiologia.

Nos últimos vinte anos (1989-2009), a produção científica desse centro resultou em 394 trabalhos, dentre concluídos e em andamento, envolvendo iniciações científicas, aperfeiçoamentos, especializações, mestrados, doutorados e pós-doutorados (Tabela 1). As linhas de pesquisa desenvolvidas abrangem temáticas sobre: implante coclear e dispositivos eletrônicos para deficientes auditivos, habilitação e reabilitação do deficiente auditivo, saúde auditiva, políticas públicas em saúde auditiva, zumbido, processamento de fala, procedimentos audiológicos no diagnóstico diferencial das deficiências auditivas, aspectos vestibulares na surdez.

TABELA 1 Produção científica da seção de implante coclear no período de 1989 a 2009

PRODUÇÃO CIENTÍFICA	PERÍODO: 1989 – 2009
Iniciação científica:	62
Aperfeiçoamento:	43
Especialização HRAC Audiologia:	128
Especialização HRAC Psicologia:	29
Especialização HRAC Serviço Social:	07
Outras especializações:	10
MESTRADOS	
Mestrados orientados:	62
Mestrados em andamento:	03
Mestrados coorientados:	12
Mestrados coorientados em andamento:	03
DOUTORADOS	
Doutorados orientados:	06
Doutorados coorientados:	09
Candidatos a doutorado:	02
PÓS-DOC	
Pós-Doc andamento:	01
Candidatos Pós-Doc:	02

Todo conhecimento gerado é determinante para delimitar as diversas ações para a saúde da audição e o tratamento dos seus distúrbios. O impacto da atuação do CPA reflete na melhor capacitação e viabilização do acesso dos profissionais da área da Audiologia voltados a tecnologias de ponta; no aprimoramento da seleção e indicação dos diferentes dispositivos eletrônicos em adultos e crianças; nos procedimentos para diagnóstico diferencial dos distúrbios da audição; na capacitação de recursos humanos para atuação com dispositivos de tecnologia avançada, tornando-os agentes multiplicadores do conhecimento; na introdução ao trabalho científico dos alunos do Curso de Graduação de Fonoaudiologia da FOB-USP; na produção científica voltada à ciência da audição e na viabilização do acesso da população ao tratamento altamente especializado. O entrelaçamento dessas atividades de pesquisa resulta em benefícios científicos e tecnológicos para todas as subáreas da audiologia.

*Orozimbo Alves Costa Filho

CAMPINAS

ORL na UNICAMP*

A Otorrinolaringologia, desde o princípio, esteve profundamente envolvida com a criação da FCM/UNICAMP. Gabriel Porto e Paulo Mangabeira Albernaz mobilizaram a sociedade campineira e atuaram decisivamente na realização desse grande projeto que a comunidade de Campinas tanto desejava.

Em 1963, por ocasião da instalação da FCM/UNICAMP, organizou-se o Serviço de Otorrinolaringologia, sob a coordenação do eminente Dr. Gabriel Porto, tendo como docente contratado o Dr. Raul Guedes de Melo. Pioneiros incansáveis, graças aos seus conceitos profissionais, em pouco tempo conseguiram o apoio, inclusive financeiro, da administração da Santa Casa de Misericórdia – disso resultando a aquisição de um espaço próprio, conhecido como Sala 9, onde, a partir de 1968, passou a funcionar o Serviço. Estava criada, assim, a disciplina de Otorrinolaringologia da FCM.

Equipada com doações dos médicos envolvidos, a Sala 9 representava uma "sala de excelência" no panorama da Faculdade, quer pelo esmero de suas instalações, quer pela colaboração voluntária de ilustres otorrinolaringologistas da cidade, como Dr. Manoel Afonso Ferreira, Dr. Luiz Gastão Mangabeira Albernaz e Dr. Celso Guimarães, além de novos docentes, Dr. George Bernarde e Dr. Sinézio Dechichi.

Instalada no andar térreo de um dos principais corredores da Santa Casa, faceava um agradável pátio interno e viria tornar-se passagem à Cantina do Mário, espécie de centro social da FCM naqueles anos.

Aquela grande sala continha o ambulatório com quatro consultórios contíguos e abertos, uma sala para pequenos procedimentos cirúrgicos, outra para alojar materiais e equipamentos, onde também eram feitas as microcirurgias otológicas experimentais.

Gabriel Porto circulava com grande desenvoltura na comunidade científica de seu tempo. Guedes de Melo e Dechichi desenvolviam as atividades de microcirurgia da laringe e cirurgia de cabeça e pescoço, suas áreas de eleição.

O Serviço de Otorrinolaringologia atendia, de forma abrangente, toda a demanda da especialidade, a saber: otologia, rinologia, endoscopia peroral e cirurgia da cabeça e do pescoço.

Havia um convênio entre a FCM e o Instituto Penido Burnier, com a finalidade de complementar o treinamento da residência médica da disciplina, que havia iniciado em 1969. Eram dois residentes – um financiado pela UNICAMP e o segundo, com verbas da Fundação Afonso Ferreira (FAF), da Clínica de Otorrinolaringologia do Instituto Penido Burnier.

George Eduardo Câmara Bernarde já era docente contratado e dedicava-se ao ensino da Otologia. Oscar Maudonnet foi o primeiro residente e, ao término de seu treinamento, tornou-se docente da disciplina e responsável pela área de Otoneurologia.

A interdisciplinaridade de ORL motiva Gabriel Porto a fundar, em 1973, o Centro de Reabilitação de Surdos e Cegos, que, posteriormente, adota o nome de seu fundador. A vitalidade da Sala 9 era crescente. A partir de 1974, houve novas contratações de docentes: Ester Maria Danieli Nicola, que viria a implantar um núcleo de assistência e pesquisa na aplicação do *laser* de CO_2 em Medicina; e Luiza H. Endo, que se destacou pelo desenvolvimento pioneiro da Otorrinopediatria no Brasil. Atendiam em média 60 pacientes por semana, contando com duas manhãs no centro cirúrgico, cedidas pelo Hospital Irmãos Penteado, que também disponibilizava seus anestesistas.

Em novembro de 1976, Gabriel Porto falece e interrompe prematuramente sua florescente carreira. Raul R. Guedes de Mello assume a chefia da disciplina, que exercerá até sua aposentadoria, em 1996.

A complexidade crescente da Otorrinolaringologia determinou a necessidade de ampliar o quadro docente. Jorge Rizzato Paschoal implantou o Serviço Multidisciplinar de Cirurgia da Base do Crânio e Nervo Facial, pioneiro entre as escolas de Medicina. Ariovaldo Armando da Silva desenvolveu o Serviço de Audiologia e Distúrbios da Comunicação Humana. A organização crescente da disciplina determinou o encerramento do convênio com o Instituto Penido Burnier, em 1982.

Em 1986, a Sala 9 fechou suas portas, deixando marcas profundas em todos que por lá passaram. Sua história confunde-se com a respeitada figura de D. Adelaide, que, a um só tempo, era atendente de enfermagem, gerente, conselheira, orientadora, muitas vezes professora. Austera e suave, era impecável na manutenção da excelência da Sala 9.

A disciplina de Otorrinolaringologia transferiu-se para o recém-inaugurado HC. Mais uma vez pioneira, foi das primeiras a se instalar no Campus da Universidade. As novas instalações motivaram total reestruturação do serviço, que, atualmente, contempla todas as áreas da Otorrinolaringologia, conferindo-lhe destaque em nosso país.

Anos após, Reinaldo Gusmão é contratado, reorganiza e dá novo impulso ao Serviço de Laringologia, e Agrício Nubiato Crespo reestrutura o Serviço de Cabeça e Pescoço.

As atividades de pós-graduação, iniciadas de forma tímida a partir de 1987 junto ao antigo "Cursão", contribuíram de forma positiva para as atividades de pesquisa. Conta, hoje, com área de concentração em Otorrinolaringologia, inicialmente junto ao Curso de Neurociências e, posteriormente, ao Curso de Ciências Médicas e que, em pouco mais de sete anos, permitiu a titulação de 20 mestres e três doutores.

A vocação interdisciplinar e o pioneirismo da disciplina em relação aos avanços técnico-científicos, foram logo evidenciados através de sua participação ativa na criação do Cepre e na introdução das cirurgias com laser de CO2 na prática otorrinolaringológica, há mais de duas décadas. Essa visão continua presente em várias áreas, dentre as quais se destacam as Cirurgias Endoscópicas Minimamente Invasiva dos Tumores da Laringe, as Cirurgias da Base de Crânio, o Serviço de Reabilitação Vocal e Sequelas, o desenvolvimento pioneiro da Otorrinolaringologia Ocupacional, além do florescente Serviço de Implante Coclear.

Embora com número de docentes hoje drasticamente reduzido em função de aposentadorias não repostas, nossa disciplina continua crescendo e com atuação efetiva nas áreas de docência, pesquisa e prestação de serviços à comunidade. Estendeu suas atividades ao Hospital de Divinolândia e ao Hospital Estadual de Sumaré, assegurando excelência na formação de seus médicos residentes. Nos últimos anos, seu programa de Residência tem atraído os melhores alunos do curso de graduação, como se depreende das notas alcançadas no processo seletivo. Atualmente são 12 residentes distribuídos em programa de três anos. São realizadas aproximadamente 40 mil consultas e 2.400 cirurgias por ano.

O impedimento da ampliação do quadro docente determina a contratação de médicos que atuam decisivamente na obtenção e manutenção das atividades de ensino, pesquisa e assistência.

A disciplina conta ainda com o trabalho voluntário de vários médicos e outros profissionais da Saúde, que atuam nos diferentes níveis de reabilitação de pacientes com doenças ou sequelas na área de atuação da Otorrinolaringologia.

Atualmente a disciplina de Otorrinolaringologia vive um novo período de franco desenvolvimento, com ampliação de área física, remodelação de suas instalações, criação de biblioteca própria, laboratório, associação de ex-residentes, programas sociais, estágios oficiais e franca participação associativa e científica na comunidade médica brasileira.

*Agrício Nubiato Crespo

Clínica de ORL do Instituto Penido Burnier*

Fundada em 1920, em Campinas – SP, sob a responsabilidade de Jaime de Campos. Posteriormente incorporaram-se ao Instituto: Manoel Affonso Ferreira, Gabriel Porto e Guedes de Melo Filho, considerados fundadores da Clínica de Otorrinolaringologia atual.

Em 1925, executou-se no Instituto Penido Burnier, com prioridade no Brasil, a operação de Hirsh-Segura: trepanação do seio esfenoidal via transseptal por Gabriel Porto e Guedes de Melo Filho.

Em 1926, realizou-se a primeira extração de corpo estranho de brônquios. A endoscopia peroral, desenvolvida com grande entusiasmo pelos fundadores, trouxe enorme renome para a instituição.

Em 1931, foi realizada pela primeira vez no Estado de São Paulo laringectomia total, por Gabriel Porto.

Em 1947, foi adquirido o primeiro audiômetro elétrico. Até então, a semiologia da surdez utilizava diapasões, relógios e monocórdios.

Em 1951, pela primeira vez foi realizada adenoamigdalectomia sob dissecção com anestesia geral e intubação naso-traqueal, em substituição à anestesia com máscara e à técnica de Sluder, e Gabriel Porto presta concurso para Livre-Docente na Universidade do Brasil.

Em 1952, Gabriel Porto inicia a era moderna da cirurgia otológica, com a primeira fenestração para o tratamento da otosclerose, nos moldes propostos por Lempert.

Em 1958, realizou-se o primeiro esvaziamento cervical e, em 1960, a primeira parotidectomia total com dissecção completa do nervo facial, com auxílio da microscopia.

Em 1960, realizaram-se as primeiras estapedectomias com a técnica de Shea e também as sofisticadas timpanoplastias propostas por David Austin. Nesse final de década que revolucionou toda a cirurgia da orelha média, também foi feita a primeira cirurgia descompressiva do nervo facial para tratamento das paralisias do VII par. Em 1967, George Bernarde realizou a primeira descompressão do saco endolinfático preconizada por Portmann para o tratamento da doença de Menière. Em 1968, George Bernarde realizou o primeiro filme de microcirurgia otológica no Brasil, mostrando técnica própria de reconstrução da cadeia ossicular pós-mastoidectomia e o apresentou no Congresso Brasileiro de Porto Alegre.

Em 1969, adquiriu-se o primeiro eletronistagmógrafo para registro dos movimentos oculares durante a prova calórica de Dix Hallpike e, em 1973, começaram a ser utilizadas as provas pendulares com equipamento planejado e construído em Campinas com orientação dos médicos da Clínica. Em 1994, foi adquirido equipamento de eletronistagmografia computadorizada, dando início à era moderna na otoneurologia com Oscar Maudonnet, e este serviço continua até os dias de hoje com Raquel Mezzalira e Márcia Bilécki.

Em 1971, foi realizada a primeira microcirurgia de laringe por Raul Renato Guedes de Melo. Ainda nesse ano, foi instalada a Fundação Affonso Ferreira, cujo principal objetivo é a prestação de assistência médica aos mais carentes de recursos, assim como a concessão de bolsas de estudos para a residência médica. Com o convênio estabelecido entre a fundação e a Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, cujo Professor Titular de Otorrinolaringologia era Gabriel Porto, oficializou-se a residência médica no Instituto.

Em 1977, George Bernarde realiza a primeira cirurgia para ressecção de neuroma do acústico por via translabiríntica.

*Raquel Mezzalira

RIBEIRÃO PRETO

Luiz de Góes Mascarenhas, com vínculo no Departamento de Cirurgia – chefiado por Ruy Escorel Ferreira-Santos, foi o primeiro professor de Clínica Otorrinolaringológica da Faculdade de Ribeirão Preto, tendo, em abril de 1957, ministrado o curso à primeira turma de sextanistas. Além de Mascarenhas, lecionaram Carlos Cachoni e Marcos Grellet.

A partir de 1967, a cadeira contou com Nelson Álvares Cruz, Jayme Nogueira Costa e José Antônio Apparecido de Oliveira. As primeiras aulas práticas eram ministradas no ambulatório de ORL da Santa Casa de Misericórdia, passando, posteriormente, para o ambulatório do HCRP.

Com a reforma universitária, fundiram-se os Departamentos de Oftalmologia e Otorrinolaringologia num único, sendo Almiro Pinto de Azeredo seu primeiro chefe.

Em 1971, Nelson Cruz afastou-se, sendo substituído por José Fernando Colafêmina. A cadeira contava então com Jayme Nogueira Costa, José Antônio Apparecido de Oliveira e Olath Brazil Pereira.

Também nesse ano, começou a funcionar a enfermaria de Otorrinolaringologia e, pouco mais adiante (1974), o Programa de Residência Médica. Em 1978, ocorreu a mudança do Departamento para suas instalações no prédio do Hospital das Clínicas da Faculdade.

Em 1985, José Antônio Apparecido de Oliveira assumiu o cargo de Professor Titular na área de Otorrinolaringologia, mediante concurso realizado em 1984. A ele passava a chefia da disciplina de Otorrinolaringologia, que, desde o final do contrato de Nelson Cruz, vinha sendo desempenhada por Marcos Grellet.

Atualmente, exercem funções de chefia na área da ORL Wilma Terezinha Anselmo-Lima e na de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Rui Celso Martins Mamede.

Merece, igualmente, uma referência o professor Ricardo Marseillan. Nome do Centro de Estudos de Otorrinolaringologia de Ribeirão Preto, Marseillan deixou história em seus experimentos em fisiologia e participou ativamente dos Congressos de ORL.

Associação Paparella

A Associação Paparella de Otorrinolaringologia (APO), fundada em 1992, iniciou suas atividades no Hospital Santa Lydia (Hospital Público Municipal de atendimento ao SUS), em Ribeirão Preto (SP). Desde 2005, associou-se à Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) e hoje desenvolve suas atividades no Centro Clínico Electro Bonini, da UNAERP, e no Hospital da Beneficência Portuguesa de Ribeirão Preto. É reconhecido como serviço de residência em otorrinolaringologia pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e como estágio oficial da ABORL-CCF.

A APO é uma entidade filantrópica (organização não governamental sem fins lucrativos) que cumpre uma função assistencial junto à comunidade e, ao mesmo tempo, fomenta, incentiva e produz pesquisa e educação médica continuada em otorrinolaringologia e ciências correlatas.

Conta com corpo clínico formado por sete otorrinolaringologistas, três fonoaudiólogas, dois fisioterapeutas e um cirurgião-dentista, profissionais de competência reconhecida.

Além de seu corpo clínico, a Associação conta com colegas otorrinolaringologistas associados dispersos por vários estados do Brasil e alguns no exterior.

As metas da APO são, basicamente, três: assistência a carentes, ensino e pesquisa.

No comando estão Luiz Carlos Alves de Sousa, Marcelo Ribeiro de Toledo Piza, Márcio Ronaldo Vera e Silva, Adriano José Flávio, Daniele Ruiz, Luiz Carlos Bianchi e Rogério de Araújo Andrade.

São membros associados, de fora de Ribeirão Preto, Marcelo M. Hueb, Diogo Aparecido Simão, Gabriel Junqueira Leite, Gustavo Caldeira, Oswaldo Laércio Cruz, José Eduardo Dolci, Pedro Coser e Sady Selaimen da Costa, além dos professores americanos Michael Paparella e Neil Sperling.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO*

A disciplina de Otorrinolaringologia era parte integrante do Departamento de Cirurgia Geral, desde os primórdios da Faculdade de Medicina, fundada em 1968. A partir do ano de 1987 absorveu os serviços de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Fonoaudiologia e Odontologia sob a chefia do Prof. Dr. José Victor Maniglia.

A atuação da disciplina era restrita ao programa de ensino em nível de graduação e o ambulatório funcionava de forma precária, com os atendimentos realizados por apenas um médico otorrinolaringologista contratado, sem atuação na área cirúrgica.

O Serviço de Residência Médica foi iniciado em 1988, em parceria com a Santa Casa de Misericórdia de Franca, na qual os residentes, em número de 4 por ano, participavam de um sistema de rotação trimensal. Esse programa foi mantido por 3 anos, tornando-se após restrito à FAMERP.

Em 1998, a disciplina de Otorrinolaringologia transformou-se em Departamento de Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço (Depto. ORL e CCP), através de um processo de descentralização institucional, pela Portaria da FAMERP de nº 10/98, emitida pelo então diretor, Prof. Dr. José Victor Maniglia.

No ano de 2001, o Departamento de ORL e CCP projetou e conseguiu recursos financeiros, doados pelo Dr. Antonio Jaiter Maniglia, para a instalação do Laboratório de Microcirurgia Prof. Dr. Antônio Jaiter Maniglia, no qual são realizadas atividades de ensino e pesquisas multidepartamentais.

O Departamento tem atuação destacada no ensino da graduação, na Residência Médica, na assistência e em pesquisas científicas, sendo composto por 8 docentes otorrinolaringologistas, 8 fonoaudiólogas e 3 dentistas, sendo 90% deles titulados com mestrado e doutorado. Oferece cursos de pós-graduação em fonoaudiologia (aprimoramento) e odontologia (estágios em cirurgia oral).

A Residência Médica, aprovada pelo MEC, apresenta um programa intensivo com duração de 3 anos, participando 4 residentes por ano. Já foram formados até o ano de 2009 o total de 102 residentes, distribuídos na maioria dos estados brasileiros.

Em fevereiro de 2005, foi instituído o Programa de Fellowship (R4), na área de Crânio-Maxilo-Facial e Cirurgia de Estética da Face, sendo, posteriormente, oficializado como Área de Atuação, aprovado pelo MEC em 2007, com a participação de 2 residentes por ano.

Para enfermaria, estão disponíveis vários leitos no 3º andar do Hospital de Base, ocorrendo uma média de 200 internações por mês. A visita ocorre diariamente às 6h30, com o preceptor e os residentes.

O pronto-socorro funciona no hospital em regime de 24 horas, na área de Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço, sendo destinado ao atendimento de pacientes com trauma facial, às quintas, sextas e sábados.

No ambulatório são realizados os atendimentos aos pacientes de primeira consulta, com posterior acompanhamento e determinados exames complementares, como o nasolaringoscopia. Há uma média de 1.500 atendimentos por mês na Otorrinolaringologia Adulto e 450 na Otorrinolaringologia Pediátrica, sendo os mesmos divididos de acordo com as subespecialidades (Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Otorrinolaringologia Geral, Cirurgia Crânio-Maxilo-Facial, Otorrinolaringologia Pediátrica, Laringe, Rinologia, Deficiência Auditiva, Otologia e Base do Crânio, Otoneurologia, Faringoestomatologia e Discussão de Casos) em dias específicos, sempre com os docentes responsáveis para orientação e conduta aos residentes.

***José Victor Maniglia**

ORL EM SOROCABA – PUC*

Da Faculdade

A Faculdade de Medicina de Sorocaba foi a realização de um sonho de dois ilustres sorocabanos – Dr. Gualberto Moreira, médico e prefeito municipal e Padre André Pieron. Notáveis médicos sorocabanos colaboraram no projeto: Dr. Lineu Matos Silveira, Dr. Cássio Rosa, Dr. Clovis Machado (otorrinolaringologista) e outros.

Seu primeiro Diretor foi o Dr. Lineu Matos Silveira, ilustre cirurgião, e o corpo docente veio de S. Paulo. Professores foram convidados, salientando-se entre eles Silvio Marone, otorrinolaringologista da Universidade de São Paulo.

O curso de Medicina teve início em 1951. Em poucos anos construiu-se o prédio que abrigaria toda a estrutura da Faculdade. Sabe-se que toda a obra foi financiada e doada pelas Indústrias Votorantim.

Da Otorrinolaringologia

A cadeira iniciou suas atividades no quarto ano de Medicina, em 1954. Seus primeiros professores foram: Silvio Marone, chefe de disciplina, e Clovis Machado e Fabio Freire, assistentes. O professor Marone era Livre-Docente da USP; Fabio Freire era otorrinolaringologista do Hospital das Clínicas e endoscopista, e Clovis Machado, médico sorocabano.

Com o deslocamento das cadeiras básicas do subsolo, ficaram salas vagas, e aí se instalou a otorrino, onde o atendimento ambulatorial era realizado. As cirurgias eram feitas no centro cirúrgico do primeiro andar. As aulas teóricas eram realizadas no anfiteatro do Hospital Infantil

A clínica funcionava às sextas-feiras, sob o comando de Clovis e, no sábado, dirigida pelo Professor Marone, auxiliado por Fabio Freire.

O curso foi, apesar das dificuldades, tão primoroso que, da segunda turma, vários colegas seguiram a especialidade: Barreto, Fenley, Moechel, Sernada e Plínio Conceição dos Santos.

No governo de Jânio Quadros, iniciou-se a construção do Hospital Regional, que, uma vez inaugurado, abrigou toda a parte assistencial da Faculdade, tanto clínica como cirúrgica. A otorrino instalou-se em três salas do andar térreo, onde se atendiam os pacientes, davam-se aulas teórico-práticas e havia uma sala para audiometria e otoneuro. As aulas teóricas eram ministradas no prédio da Faculdade.

Do corpo docente

Em 1959, Fabio Freire pediu demissão do cargo de professor assistente, e Marone convidou Plínio C. Santos para substituí-lo.

O trabalho era intenso, porém proveitoso. No sábado faziam-se todas as atividades – ambulatório, cirurgias programadas e também aulas teóricas. Na época não havia residentes ou médicos auxiliares.

Poucos anos depois, o Prof. Marone pediu demissão do cargo, e o serviço ficou sob a tutela do Dr. Clovis e auxiliado pelo assistente – Dr. Plínio. Que tempo difícil! O serviço dobrou.

Com o passar do tempo, foram agregados os Drs. Rubem C. Swensson, Dr. Tufik Xocaira e Dr. Vitor Carone, sendo este cirurgião de cabeça e pescoço.

Os anos corriam agradáveis, até que o Dr. Clovis Machado resolveu aposentar-se. Iniciou-se uma nova fase, com a vinda do Prof. Orozimbo C. Filho, no ano de 1976. Ele assumiu a chefia da cadeira e trouxe um grande avanço, inaugurando o serviço de residência médica, trazendo as novas técnicas e ensinamentos na especialidade e que persistem até hoje, com mais de 60 residentes formados.

Os doutores Xocaira e Vitor Carone se demitiram e, acompanhando o Prof. Orozimbo, vieram, ainda que voluntariamente, os Drs. José Jarjura Jorge Jr., Décio Gomes de Souza, Francisco Vicente Braga, Tadayoshi Akiba, Antonio Douglas Menon e Helber. Estes últimos quatro professores ficaram por pouco tempo e os demais permaneceram como contratados.

Quando o professor Orozimbo deixou a Faculdade em meados dos anos 90, o Dr. Jarjura foi convidado pelo grupo de colegas a chefiar a disciplina.

Posteriormente, novos contratos foram feitos, desta vez com a “prata da casa”, isto é, ex-residentes do Serviço que hoje são mestre e doutor: Cassio Caldini Crespo e Godofredo Campos Borges. Também foram professores da casa os Drs. Godofredo Barauna e Francisco Jarbas. Contamos, atualmente, também com a colaboração voluntária dos Drs. Mario Luiz de Freitas e Fabrício Brito Parra.

***Plínio Conceição Santos e José Jarjura Jorge Jr.**

ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Departamento de Otorrinolaringologia
e Cirurgia de Cabeça e Pescoço

O Professor Paulo Mangabeira Albernaz foi um dos fundadores da Escola Paulista de Medicina e seu primeiro Professor Catedrático de Otorrinolaringologia.

Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, no ano de 1919, e aprendeu a especialidade com o Professor Eduardo de Moraes que havia estagiado em Viena.

Iniciou sua carreira médica em Jaú, SP, transferindo-se para Campinas em 1926. Sua produção científica foi sempre significativa e a razão pela qual foi convidado a integrar o grupo que, corajosamente, se propôs a fundar uma escola médica. Sua primeira aula na EPM foi pronunciada em 1939, quando a primeira turma atingiu o sexto ano médico.

Foi várias vezes homenageado pelos alunos e Paraninfo da Turma de 1945. Seus primeiros assistentes foram o Prof. Angelo Mazza e o Prof. Antonio Perella. Este ausentou-se pouco depois, por ser acometido de séria enfermidade. Vieram, então, para a Clínica os Drs. Fábio Barreto Matheus, Mário Correa da Fonseca, Abel Braz Salles, Francisco Prudente de Aquino e, mais tarde, o Dr. José Augusto de Arruda Botelho, que passou a chefiar o Serviço Autônomo de Endoscopia Per-Oral. Médicos formados na EPM passaram a trabalhar no Serviço: Drs. Nelson Alvares Cruz, David Beinisis e Pedro Luiz Mangabeira Albernaz.

Em 1950, o Prof. Mangabeira recebeu do Presidente Eurico Gaspar Dutra o Diploma de Grande Oficial da Ordem do Mérito Médico - como reconhecimento pelos serviços por ele prestados à Medicina e ao País.

O Prof. Mangabeira aposentou-se em 1966, ao completar 70 anos de idade, ficando o Prof. Angelo Mazza na regência da Disciplina até março de 1967, quando o Prof. Pedro Luiz Mangabeira Albernaz foi indicado pelo Conselho Departamental como Chefe de Disciplina.

Os primeiros Concursos de Livre Docência da Disciplina, dos Drs. Pedro Luiz Mangabeira Albernaz e Nelson Alvares Cruz, realizaram-se em 1996.

Por ocasião da organização da EPM em Departamentos, a Otorrinolaringologia passou a ser uma Disciplina do Departamento de Cirurgia. Ao longo dos anos, a Disciplina de Otorrinolaringologia passou a fazer parte do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia e, posteriormente, do Departamento de Otorrinolaringologia e Distúrbios da Comunicação Humana.

A área dos Distúrbios da Comunicação Humana surgiu como evolução natural do Curso de Fonoaudiologia da Escola Paulista de Medicina, fundado pelo Prof. Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, em 1968.

RIO GRANDE DO SUL

A ORL e a Medicina da UFRGS*

Primórdios

A Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, embrião da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi a terceira a ser criada no Brasil, tendo sido fundada em julho de 1896.

Em 1912, o Dr. Francis Valentim, otorrinolaringologista em Berna, Suíça, com estágio em Viena na clínica do célebre Adam Politzer, foi contratado para ir ao Chile atender a um paciente de seu pai, Adolfo, também conceituado otorrinolaringologista.

Na sua chegada ao Rio de Janeiro, recebeu a notícia de que o paciente falecera. Durante o tempo em que ficou na então Capital Federal conheceu o Dr. Edmond Berchon Des Essard, clínico famoso que trabalhava em Pelotas e que o convenceu a mudar-se para aquela cidade.

A Santa Casa de Pelotas, fundada em 1848, havia criado o serviço de olhos, ouvidos, nariz e garganta sendo o Dr. Ribeiro Tacques seu primeiro médico. Dois anos após, Victor de Britto criava o mesmo serviço na Santa Casa de Porto Alegre.

O Dr. Francis chegou a Pelotas e, rapidamente, fez sucesso operando amígdalas, adenóides, pólipos nasais e realizando sinusotomias.

Casou-se com Lia Sá, da cidade de Bagé, e regressou à Suíça entre os anos 1914/15 a chamado do serviço militar. Na volta, trouxe grande quantidade de material cirúrgico e viveu até 1918, falecendo em consequência da gripe espanhola.

Segundo Nicanor Letti, foi, sem dúvidas, o primeiro otorrinolaringologista do Rio Grande do Sul com formação completa.

Conforme o professor José Kós, um dos precursores da ORL no RS foi Victor de Brito que, por volta de 1890, dedicava-se à especialidade juntamente com a oftalmologia.

Outro pioneiro foi Diogo Martins Ferraz. Formado pela Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, em 1898, era uma figura respeitada. Especializou-se em olhos, ouvidos, nariz e garganta com o professor Moura Brasil e, posteriormente, com o professor Victor de Britto. Lecionou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, a cadeira de Física Experimental e foi professor substituto da cadeira de ORL, no impedimento do professor Victor de Brito. Morava na Rua da Várzea (hoje Avenida João Pessoa). Foi fundador da Biblioteca da Faculdade de Medicina e lecionava também Propedêutica Cirúrgica.

O primeiro professor de otorrinolaringologia em Porto Alegre foi o Dr. Júlio Hecker, nascido na Alsácia-Lorena em 1846 e que vivia no Rio Grande do Sul desde 1876, primeiro em Bagé e depois em Porto Alegre.

Júlio Hecker formou-se na Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre. Interessado em saúde pública e higiene, apresentou em setembro de 1906 uma tese cujo título era “Contribuição ao estudo das condições de salubridade em Porto Alegre”. Em 1910, viajou à Europa onde frequentou o serviço do professor Adam Politzer. Regressou em 1913 com abundante instrumental. Tinha ótima clínica e era exímio na endoscopia. Em princípios de 1914, fez demonstrações públicas no cinema Guarany com um paciente que se submetia com facilidade à passagem do tubo pelo esôfago. Pela Lei Orgânica de Rivadávia Correia, que estabelecia o ensino livre e retirava do Estado o poder de interferência no setor educacional, a Otorrinolaringologia, em 1915, separou-se da oftalmologia. Hecker lecionou de 1915 até 1919. Foi substituído por Júlio Velho.

Júlio de Souza Velho havia sido treinado no serviço de oftalmologia de seu sogro, Victor de Brito. A par de ser um eminente especialista, tinha outras qualidades: era um dos mais completos campeiros que se podia imaginar.

Segundo o pesquisador Marco Antônio Damian, Júlio de Souza Velho, como outros profissionais de alto nível, realizava excursões profissionais pelo interior do Estado. Em 1917 esteve em Passo Fundo apresentando-se como Professor de Olhos, Ouvidos Nariz e Garganta; ex-assistente do Dr. Victor de Brito e chefe da enfermaria desta especialidade na Santa Casa de Porto Alegre.

O Professor Velho respondeu pela Cadeira até 1921, ocasião em que foi substituído, em caráter interino, pelo Professor Alberto de Souza que lecionava Patologia Médica. Souza comandou a especialidade até 1926.

Em 1929, Alberto de Souza reassumiu e, com pequenas interrupções, permaneceu na Cadeira até 1952, aposentando-se alguns anos mais tarde.

Alberto de Souza nasceu no Espírito Santo do Pinhal, SP, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, como médico militar, foi transferido para a guarnição de Santa Maria. Já tinha ido à Europa na qualidade de membro da Missão Médica Brasileira junto ao exército francês.

No final da guerra trabalhou no serviço do Professor Sebileau, no Hôpital Lariboisière.

Instalou seu serviço na Santa Casa e teve vários discípulos como seu irmão Antônio de Souza, João Valentim, Saul Fontoura, Júlio Bocaccio, que fundou o SORLOBE (Serviço de otorrinolaringologia e broncoesofagologia do Hospital Municipal de Pronto Socorro de Porto Alegre), Arthur Santayana Mascarenhas que, mais tarde, o substituiu na Cátedra ocupada interinamente por Antônio de Souza.

Inúmeros colegas deixaram seu nome gravado na história da especialidade no Rio Grande do Sul. Entre eles, Atílio Capuano, Hugo Rothmann, Alexandre Dutra de Argolo Mendes, Carlos Carrion e João Paulo Soares.

No interior do estado, segundo Francisco Michielin, Alberto Schiochetti foi o primeiro médico a fazer a especialidade em Caxias do Sul, isto em 1907. A propósito, segundo o mesmo autor, Antônio de Souza, em uma sala da Farmácia D'Arrigo fazia, de tempos em tempos, olhos e otorrino. Fez cirurgias do septo e amigdalectomias.

Em Santa Maria, desponta o nome de Olivé Leite que participou com mais de um trabalho científico no 1º Congresso Brasileiro, em 1938.

Período Contemporâneo

Em novembro de 1958, foi realizado concurso para provimento da Cadeira de Otorrinolaringologia, vencido por Moisés Cutin.

Cutin, gaúcho de Porto Alegre, começou a carreira universitária em São Paulo. Trabalhou na clínica da Faculdade, depois fez concurso para docente, na USP. Quando surgiu a vaga para Catedrático em Porto Alegre, ele e o Prof. Ivo Kuhl se inscreveram. Conseguiu a cátedra e exerceu-a de 1959 até 1962. Mas, segundo suas próprias palavras, não deu para continuar lá. Face a muitas dificuldades, desistiu e voltou para São Paulo, onde assumiu a chefia do Serviço de ORL do Hospital dos Servidores do Estado. Cutin e seu grupo ainda lecionaram na Faculdade de Medicina de Santos.

Vale lembrar que, durante o tempo que esteve em Porto Alegre, sua esposa Noêmia, que era bibliotecária, reorganizou a Biblioteca da Faculdade de Medicina.

Sua amizade com o argentino Júlio Bernaldo de Quirós proporcionou outra novidade implantada a seguir por Moisés Cutin - o trabalho de fonoaudiólogas junto ao serviço de ORL. Mauricila Moogen, Vera Veríssimo e Dora Piltcher participaram das atividades deste grupo.

Ivo Adolpho Kuhl, que também fora aprovado no concurso, assumiu como Professor Titular de Otorrinolaringologia pela Faculdade de Medicina da UFRGS em 1962, mantendo-se na chefia até sua aposentadoria compulsória em 1988. Ivo transferiu o serviço de ORL da Santa Casa para o Hospital de Clínicas.

Em 1969, Arnaldo Linden foi contratado como auxiliar de ensino. Na década de setenta, aconteceram dois concursos para a Cadeira. Em 1974, para auxiliar de ensino, vencido por Simão Levin Piltcher e, em 1978, para Professor Assistente - ocasião em que ingressaram Dalva Agostini do Prado, Enio Vaz Ribeiro, Luiz Lavinsky, Moacyr Saffer e Simão Piltcher.

Em 1974, logo após a conclusão do Hospital de Clínicas, Nicanor Letti, professor da Anatomia, aproveitando uma ordem do Reitor Eduardo Faraco que favorecia os professores da Engenharia, conseguiu sua transferência para a otorrinolaringologia, tendo participado da montagem da especialidade no Hospital. Letti trabalhou na ORL até sua aposentadoria.

Em 1975, após conclusão do curso de Master of Science in Otology, pela University of Southern Califórnia, Linden foi nomeado professor assistente pelo Conselho Universitário da UFRGS.

Em 1988, com a aposentadoria do Professor Ivo, Osvaldo Muller, Luiz Lavinsky e Arnaldo Linden disputaram o concurso para preenchimento daquele cargo. Muller ganhou e assumiu a cadeira.

Em 1992, aposentou-se Israel Schermann. Sady Selaimen da Costa e Celso Dall'Igna disputaram a vaga que ficou com Sady. Em 1996, com a aposentadoria antecipada de Arnaldo Linden, Celso passou a ocupar a vaga.

Simão Piltcher aposentou-se em 2007 e Moacyr Saffer em 2008. Não foram abertos novos concursos.

A cadeira atual está constituída por Celso Dall'Igna (Chefe do Serviço do Hospital da Clínicas), Enio Vaz Ribeiro (Chefe do Departamento de ORL da Faculdade) Gabriel Kuhl, Sady Selaimen da Costa e Luiz Lavinsky.

Entre os colegas que nos deixaram mais recentemente e que, igualmente, contribuíram para o engrandecimento da especialidade no Rio Grande do Sul citam-se, entre outros, Saul Fontoura, Jairo Cruz, Leon Knijnik, Davi Lima, Pedro Ferraz Vieira e José de Oliveira Santiago.

*Baseado em depoimentos de Simão Piltcher, Arnaldo Linden, Celso Dall'Igna, no blog antoniovalsalva@blogspot.com de Nicanor Letti e no livro Um brinde à Saúde, Mesa Redonda Editora – 2007, de Francisco Michielin.

Ensino no Hospital de Clínicas

No início dos anos 70, com a implantação dos diferentes serviços do Hospital de Clínicas, a Otorrinolaringologia mudou-se da Santa Casa, onde ocupava a Zona 15, para duas salas no piso térreo do Clínicas. Chefiado pelo professor Ivo Adopho Kuhl, o grupo precursor de instalação era composto pelos professores Oswaldo Bruno Muller, Israel Schermann e Arnaldo Linden, juntando-se a eles, inicialmente, o médico contratado Enio Ribeiro e, mais tarde, Simão Levin Piltcher.

Foram organizadas as primeiras caixas cirúrgicas: amigdalectomia, sinusite, septo, traqueostomia e otologia, além da cirurgia geral para cabeça e pescoço. A primeira cirurgia no Hospital foi uma traqueostomia, realizada pelo médico Enio Ribeiro. A endoscopia peroral, assim chamada na época, ainda permaneceu na Santa Casa, no pavilhão Pereira Filho. Os professores da disciplina eram Ivo Kuhl, Israel Schermann, Oswaldo Muller, Nicanor Letti, Dalva Agostini do Prado e Arnaldo Linden.

Junto com alguns equipamentos e instrumental que estavam na Santa Casa, também vieram aqueles que se tornariam os primeiros residentes que completariam sua formação na Instituição: Osthalio Alcover, Luis Osowski, Nelson Heller, Marcio Demeneghi, Esther de Nicola, Paulo Schaeffer e Alexis Geremia. O Serviço de Otorrino do Clínicas já formou mais de uma centena de especialistas, hoje em atividade não só no Rio Grande do Sul, mas em vários estados do Brasil.

Ao mesmo tempo em que foram construídas as primeiras cabines audiométricas, vieram para o Serviço as fonoaudiólogas Rosália Mendiondo, Mariza Mainardi, Maria Elza Dorfman, Ceri Abelin, entre outras.

Com o aproveitamento do subsolo do Hospital de Clínicas, o Serviço de Otorrinolaringologia passou a se localizar nas zonas 18 e 19. Foi criado o Laboratório de Dissecção do Osso Temporal, laboratório esse para ensinar e treinar os alunos não só na cirurgia otológica, como também em cabeça e pescoço, rinossinusologia e para os alunos da oftalmologia na dissecção do globo ocular.

Com a decisão do Hospital de implantar atendimento odontológico, passaram a colaborar com a ORL os professores da Odontologia Onofre Quadros e, depois, Lauro Rosa.

O Serviço, através do professor Ivo A Kuhl, foi pioneiro no Brasil no uso do laser para o tratamento de patologias da laringe (especialmente papilomas). Há mais de 30 anos, pacientes de todo o Brasil, principalmente do Norte e Nordeste, são encaminhados para tratamento no Clínicas.

O Hospital é reconhecido pelo Ministério da Saúde, juntamente com Bauru e São Paulo, como centro de Implante Coclear no tratamento da surdez profunda. Ainda na área otológica, foi criado o centro de patologia do ouvido médio, além de outros ambulatórios específicos: respirador oral, rinite alérgica, zumbido, ouvido interno/deficiente auditivo, otorrinopediatria, disfonia.

Desde o início das atividades, foram chefes do Serviço Ivo Kuhl, Nicanor Letti, Oswaldo Muller, Israel Schermann, Simão Piltcher, Luiz Lavinsky e, atualmente, Celso Dall'Igna.

Memórias da criação da FFFCMPA*

A primeira turma de alunos da então Faculdade Católica de Medicina (Porto Alegre) iniciou suas aulas em março de 1965. O Dr. Ivo Adolpho Kuhl era, na ocasião, professor titular. Colaboravam na disciplina os Drs. Osvaldo Bruno Muller, José Seligman, Sérgio Clezar e Tito Lívio Giordani.

No ano de 1966, a aulas da cadeira foram ministradas pelos mesmos professores. No início de 1967, estes solicitaram demissão.

Consta que o Ambulatório da Santa Casa era dirigido por reputados colegas otorrinolaringologistas que por motivos existentes na época, impediam que os alunos tivessem acesso aos pacientes daquele ambulatório.

As aulas práticas, que deveriam ser feitas com o exame do paciente, eram então substituídas por ações práticas com peças anatômicas. Estas eram fornecidas pela Disciplina de Anatomia por particular interferência do saudoso professor Alimena. Certa ocasião, ao ir devolver o crânio recém-utilizado na aula prática, o Dr. Giordani encontrou a porta da sala de anatomia fechada por haver ultrapassado o horário previsto. Não teve outra alternativa senão colocar a peça anatômica no porta-malas do carro. Passaram-se três dias quando o ruído de algo rolando atrás do carro fê-lo lembrar-se do crânio. Este foi devolvido com ansiedade e muita pressa diante da dificuldade vislumbrada em poder justificar sua presença na eventualidade de um acidente.

Com a cadeira vaga, o Dr. Pedro Ferraz Vieira assume imediatamente, a convite, a direção da disciplina. Ele convida então o Dr. Manoel Antônio de Macedo Linhares para Auxiliar de Ensino. De imediato, o Dr. Giordani volta a colaborar na Cadeira e na mesma condição. Logo, a equipe de mestres se amplia com a chegada do Dr. Alfeu Lisboa de Castro.

O Dr. Alfeu posteriormente se demite sendo substituído pelo Dr. Nicanor Letti que permanece pouco tempo, pois também solicita sua saída. Para a vaga de Letti é convidado o Dr. Moacyr Saffer, em 1968.

A Disciplina de Otorrinolaringologia fica constituída pelo professor Pedro Vieira como titular e os Drs. Tito Lívio Giordani, Manoel Antônio Linhares e Moacyr Saffer como auxiliares de ensino.

Esses, em 1978, prestaram exames de suficiência e, sendo todos aprovados, passaram a Professores Assistentes.

Vale comentar que, até esse momento, os professores eram “convidados” e um exemplo deste costume é a história, de conhecimento geral em Porto Alegre, que o professor Ivo, passando pelo posto de gasolina da Carlos Gomes viu o Dr. Giordani abastecendo seu carro. Chegou e foi dizendo: “Quero você comigo na Cadeira de Otorrino”. Assim eram aqueles tempos e assim foi feito, passando o Dr. Giordani a lecionar. Completando este quadro de um período épico do início de uma faculdade, lutando contra inúmeras dificuldades, onde, para os alunos, muitas vezes o professor tinha que se submeter aos humores da dona Edwirges, a verdadeira dona e guardiã das chaves do Ambulatório 15. Pobre daquele que com ela antipatizava. Ficaria sem pacientes, sem instrumentos, sem luz e sem possibilidade de atuar.

Em março de 1991, com a aposentadoria do Professor Pedro Vieira, o Dr. Giordani assume a chefia da disciplina, aposentando-se no ano seguinte.

Em 1993, após concurso público para Professor Titular, assume o Dr. Moacyr Saffer, onde permanece até a presente data. Atualmente, a Cadeira de Otorinolaringologia da FFFCMPA conta também com o Dr. José Faibes Lubianca Neto e Geraldo Sant'Anna, ambos concursados. Após obter o título de Mestre e, posteriormente, o de Doutor, Lubianca é hoje Professor Adjunto.

Diferentemente dos tempos da Dona Edwirges, o Ambulatório de Ensino conta hoje com o que existe de mais moderno para instrução dos alunos que acompanham o exame dos pacientes através de óticas e microscópios ligados a monitores de televisão disponibilizados pela Direção da Faculdade e da Santa Casa, com o que se viabiliza o que antes era impossível de ser mostrado nas estreitas cavidades do ouvido, nariz, boca e laringe.

*Moacyr Saffer
Extraído do livro “Memórias da Criação da FFFCMPA”

Disciplina de Otorrinolaringologia da PUCRS*

A Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul foi criada em 1970 e as disciplinas foram se instalando ao longo da necessidade dos currículos. Assim, a Otorrinolaringologia foi introduzida em 1973. Sérgio Kalil Moussalle nos forneceu os dados que seguem abaixo:

De 1973 a 1975, seu professor titular foi Rudolf Lang tendo como professor adjunto Nicanor Letti e como assistentes Moacyr Saffer e Paulo Jorge Queruz. Sérgio K. Moussalle assumiu como professor adjunto, em 1975.

Entre 79 e 80, Paulo Di Nardo e Jorge Luiz Logemann foram admitidos como assistentes.

Em 1984, Nédio Steffen entrou para o grupo na qualidade de professor assistente. A última alteração deu-se em 1991 quando Sérgio K. Moussalle passou a titular e Nédio Steffen a professor adjunto. Paulo Di Nardo é professor assistente e a disciplina está assim até a presente data.

O Serviço de Otorrinolaringologia da PUCRS, tendo como base o Hospital São Lucas, teve como chefes do Serviço, Rudolf Lang, de 1973 a 1991, Sérgio K. Moussalle de 1991 até 2006 e desde então Nédio Steffen.

*Sérgio Moussalle

Otorrinolaringologia na UFSM*

Em 1954, foi criada a Faculdade de Medicina de Santa Maria com o objetivo de absorver os 51 “excedentes” aprovados no vestibular da UFRGS, em Porto Alegre, que ultrapassavam as cem vagas oferecidas por aquela faculdade.

Em 15 de março daquele ano, iniciaram-se discussões de como estes 51 alunos poderiam cursar a Faculdade de Medicina, uma vez que era seu direito, pois haviam sido aprovados no vestibular.

Várias soluções foram aventadas e optou-se pela mais difícil: criar um Curso de Medicina em Santa Maria, pois havia a vontade política do Dr. José Mariano da Rocha Filho e um prédio com capacidade de receber os alunos e com todos os locais necessários ao bom funcionamento deste Curso.

Assim, em 28 de abril do mesmo ano, em um tempo recorde, foi assinado o despacho pelo Ministro Antônio Balbino que autorizou o funcionamento do Curso de Medicina em Santa Maria, fazendo parte da UFRGS.

Em 02 de maio, foi publicado um edital no qual abria-se a matrícula para a primeira série.

Em 1958 o Professor Doutor Reinaldo Fernando Cóser, graduado em medicina em 1953 pela UFRGS, Doutor em Medicina em 1954, assumiu a disciplina de Otorrinolaringologia. Permaneceu no cargo até o seu prematuro falecimento em 1974.

Em janeiro de 1960, Raphael Seligman, integrante da primeira turma, concluiu o Curso de Medicina pela mesma Faculdade sendo que, em 1962, ingressou no Curso de Veterinária da UFSM como instrutor de ensino na disciplina de Histologia e Embriologia dos animais domésticos. Em 1969, foi transferido para o Instituto da Fala, que então reunia várias disciplinas de vários cursos ligados a otorrinolaringologia, onde passou a atuar como professor de Foniatria.

Seligman passou à chefia da Disciplina de Otorrino após o falecimento de Cóser. Permaneceu no cargo até a sua aposentadoria, em 1990.

O professor mestre Roger Pereyron Mocellin passou a ocupar o cargo de chefe da disciplina e saiu também com a sua aposentadoria em 1998.

Desde então o Professor Doutor Pedro Luis Cóser ocupa este cargo.

*Pedro Luiz Cóser com apoio de
Memórias de Luiz Gonzaga Isaia, 2006, Santa Maria, RS)

ORL na Universidade Federal de Pelotas*

A Disciplina de ORL da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, que foi fundada em 1963, teve os seguintes professores titulares :
Primeiro professor-titular: Prof. Dr. Sydney Castagno (1963-1995)
Segundo professor-titular: Prof. Dr. Roger L. Castagno
Atuais professores:: Prof. Dr. Túlio Wenzel (Regente); e Prof. Dr. Lúcio A. Castagno.

*Lúcio Castagno

Professor Israel Schermann

(Entrevista)

- Professor, a formação dos otorrinos da região sudeste brasileira, especialmente São Paulo e Rio, foi, de certa forma, diferente da formação do nosso pessoal do sul do país. Em sua opinião, porque aconteceu assim?

- Eu falo e depois vocês colocam em português, tá certo?

- Posso te contar alguma coisa de 1950 para cá. Antes disso me escapa um pouco apesar de que eu, obviamente, saiba alguma coisa. Naquela época, havia três luminares da otorrinolaringologia na América do Sul. Um deles era o professor Justo Alonso que, em Montevidéu, tinha um serviço especializado em câncer do laringe. Ele tinha experimentado, naquela época, as laringectomias parciais. Nós só fazíamos as totais e ele começou a fazer as parciais, todas elas, horizontais, verticais. Ele tinha, anexo a seu serviço no hospital, onde trabalhava, uma casa para os laringectomizados. Eles frequentavam, tomavam cafezinho, jogavam bilhar e falavam. E ele tentava envolvê-los num amistoso convívio social que compensasse um pouco a falta da voz laríngea normal.

O segundo luminar era o professor Juan Manoel Tato, de Buenos Aires, cuja supraespecialidade de eleição era a otologia. Foi dos primeiros a fazer timpanoplastias na América do Sul. Seu nome era tão importante que ele tinha clientes em toda a América do Sul e até alguns da América do Norte. Ele tinha uma particularidade: só operava ouvidos à noite. De dia trabalhava em sua clínica e, à noite, a partir das oito, operava indo, às vezes, até às duas da manhã. E nós, que o acompanhávamos, tínhamos de aguentar este rojão. Ele aguentava bem, era um homem magro, rápido, muito ativo. As demais cirurgias fazia em sua clínica durante o dia e deixava as timpanoplastias para à noite.

O terceiro era o nosso Ermiro de Lima. Carioca que se especializou nos seios da face e criou a cirurgia transmaxilar (chamada de transmaxilar de Ermiro de Lima), onde ele entrava pelo seio maxilar como se fosse uma Caldwell Luc, e dali entrava nos outros seios por intermédio de umas curetas de curvaturas distintas que ele mesmo inventou. Com aquelas curetas ele limpava os processos inflamatórios dos seios.

Estes três elementos davam-se muito bem. Quando o Tato necessitou ser operado, chamou o Ermiro que foi a Buenos Aires operá-lo. O Alonso era uma pessoa de extrema sensibilidade, quieto e rápido. Às 7 horas da manhã, estava sempre no hospital; não importava se fosse inverno ou verão. Tanto trabalhou que espalhou pelo mundo sua técnica e depois, quando já não trabalhava mais, seu filho continuou a fazê-la(s). Tato tinha uma habilidade manual de fazer inveja. Seu filho fez também otorrino, mas não tinha a concentração, nem a habilidade do pai.

Para nós, por aqui, que tínhamos muito perto o Uruguai e a Argentina, São Paulo não tinha um nome de maior projeção e o Rio estava bem mais longe. Com isso, a maioria dos otorrinos gaúchos, que queria aprender as novidades da especialidade, ia para Montevidéu e Buenos Aires. Em geral iam para Montevidéu, passavam um tempo lá e aproveitavam a viagem para mais uma temporada em Buenos Aires.

Em Porto Alegre havia um professor, Alberto de Souza e seu irmão Antônio de Souza. Tinham ambos um defeito, não eram muito cordiais e não conseguiram reter o pessoal aqui do sul. Não conseguiram “fazer escola”. Ambos eram muito capazes, mas lhes faltava um pouquinho de delicadeza. É clássica a história do professor Antônio que, enquanto operava amigdalectomia, com o paciente sentado e anestesia feita com cloretila, o paciente começou a sangrar e ele bateu-lhe nas costas e falou:

- Engole porque é teu...

- Quem ia para Argentina e Uruguai?

O Leon, o Ivo, eu, o Rudolf Lang e o Pedro Vieira éramos os mais assíduos. Íamos no carro de um ou de outro, cruzávamos a fronteira em Jaguarão e íamos a Montevidéo. Eles em geral combinavam, uma semana era em Montevidéo e, a seguir, outra em Buenos Aires. Faziam isto especialmente pelos brasileiros. Éramos nós, os gaúchos, e outros brasileiros. Sempre tinha paulistas e, eventualmente, colegas de outros estados.

Certa vez fomos no carro do Lang e ele gostava muito de correr. As estradas eram de chão batido e ele andava a 90 ou 100 km por hora. Começamos a reclamar, ele diminuiu a marcha mas, em seguida, voltou a correr. Aí o Ivo ameaçou que iria a pé. Ele parou, descemos todos e fomos caminhando. Andamos um bom pedaço a pé. Ele seguiu, mas ficou nos esperando mais adiante. Logicamente não seria possível completar a viagem desta forma.

Nós atualizávamos as novidades da especialidade com os colegas argentinos e uruguaios que viajavam com maior frequência para Europa e Estados Unidos. Às vezes, faziam isto para ensinar.

- Professor, é verdade que alguns mestres mais antigos escondiam certas técnicas, como, por exemplo, da contra-abertura na sinusotomia maxilar?

É. A otorrino, tinha alguns desses problemas e nós terminávamos tendo de aprender no exterior. A especialidade aqui era muito escondida. Ninguém conseguia aprender. Para tanto, havia que sair. Felizmente, tínhamos a vantagem de ter aqui pertinho personalidades mundiais. Falava-se, por exemplo, que o Tato era um dos 4 ou 5 maiores otologistas do mundo. O Alonso, na laringe, era considerado o melhor do mundo e o Ermiro acompanhava na parte a que era dedicado. Os três eram benquistos em todo o mundo e davam-se muito bem. Formavam uma verdadeira Tríplice Aliança.

Aqui houve outros colegas de bom nível técnico. O Saul Fontoura era um. Mas não estava na faculdade e, portanto, não tinha condições de ensinar. Os professores Antônio e Alberto de Souza estiveram na Europa nas duas grandes guerras. E aprenderam por lá. Durante a Primeira Guerra, por exemplo, havia uma verdadeira carnificina, a anestesia não era lá estas coisas, e eles tinham que operar muito rápido.

Ítalo Marranghello
(Entrevista)

Quando cheguei nas enfermarias da Santa Casa, por volta de 1955, a divisão da oftalmologia já estava estabelecida. A enfermaria 25, que atendia apenas mulheres, era comandada pelo Professor Ivo Correa Meyer e a 21 era somente de homens. Antes disto, a otorrino e a oftalmologia já estavam separadas na Santa Casa. Com a defesa de tese do Correa Meyer, dividiram também a oftalmologia.

Tu sabes de alguém, naquela época que se dedicasse, exclusivamente, à otorrinolaringologia?

Nem o Professor Antônio de Souza, que lecionava a otorrinolaringologia, não fazia apenas esta especialidade. Ele ia para o interior e lá praticava as duas especialidades. Acredito que até mesmo o Professor Correia Meyer chegou a fazer as duas mas, posteriormente, decidiu-se pela oftalmologia.

Parece-me que o primeiro a dedicar-se exclusivamente à oftalmologia foi o Rivadávia Correa Meyer.

O restante da turma, não tenho absoluta certeza, mas me parece que todos faziam as duas especialidades. O Azambuja e o Osório também faziam as duas. Talvez até mesmo o Costa Gama. O Lang, eu creio que só tenha feito oftalmo no Hospital do Pronto Socorro que tinha um ambulatório único para as duas especialidades, mas este já entrou na faculdade para fazer otorrino.

Lembras do Tato e do Justo Alonso? Do Tato eu lembro de uma terapêutica que utilizava para tonturas. Dava Neozine 10 mg, 3 x ao dia.

Eles eram parte da influência que a Medicina do Prata exercia no Rio Grande.

O Lang fez na otorrinolaringologia o que alguns colegas fizeram na oftalmo. Os professores não abriam a cirurgia para a maioria dos estudantes. Fechavam-se entre si e não mostravam as técnicas novas que apareciam. O Lang pegava seus pacientes e ia marcando cirurgias e fazendo sozinho. No Hospital de Pronto Socorro, onde ele dava plantão, treinava endoscopia que era um negócio meio fechado para a massa estudantil.

Personagens do Rio Grande do Sul

Ivo Adolpho Kuhl*

"Adolpho com ph" como era chamado por amigos – nasceu em Porto Alegre em 07 de outubro de 1918 de pai de origem húngara e mãe italiana. Fez sua formação básica em colégio marista – Ginásio Nossa Senhora do Rosário. Cursou a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul onde, se formou em 12 de dezembro de 1945.

Ainda como estudante de medicina trabalhou no Hospital Psiquiátrico São Pedro e em posto de saúde, como vacinador contra a varíola. No quarto ano ingressou por concurso no recém inaugurado Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre onde trabalhou por muitos anos e, vendo as dificuldades no tratamento dos corpos estranhos na via aérea e digestiva alta, empolgou-se para a especialidade da endoscopia peroral e otorrinolaringologia.

Em 1948, surgiu a oportunidade de disputar uma vaga para bolsa de estudos na área de Laringobroncoesofagologia e Otorrinolaringologia em clínica especializada nos
Estados Unidos. Eram dezoito vagas oferecidas pela Fundação Kellogs para todos os candidatos da América Latina. Depois de várias provas e com sua vaga garantida, em julho de 1948 iniciou a viagem de quatro dias em aviões bimotores DC3 aos Estados Unidos.

Foi recepcionado na cidade de Filadélfia, onde era esperado pela equipe do Professor Chevalier L. Jackson. Após um aperfeiçoamento do inglês em Ann Arbor, no estado de Michigan, foi a Chicago Illinois, para frequentar o curso de Otorrinolaringologia com os eminentes Professores Paul H. Hollinger e Francis Lederer.

Ao término de seu curso de pós-graduação, em seu retorno a Porto Alegre, montou, junto com seu colega de Pronto Socorro, Dr. David Lima o Serviço de Endoscopia da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Junto ao seu consultório particular, inaugurou o primeiro centro de tratamento da surdez do sul do Brasil, com a aquisição na América do Norte de um audiômetro Maico.

Introduziu também, nessa época, em Porto Alegre, a cirurgia de amígdalas e adenóides, sob anestesia geral e por dissecção, como realizava em seu curso de pós- graduação, em Chicago. Até então, a cirurgia de amígdalas nas crianças, para seu sofrimento, era sob anestesia local e com sluder.

A primeira laringectomia total registrada no Rio Grande do Sul foi realizada por ele, no ano de 1950, no Hospital Moinhos de Vento.

Em agosto de 1953, voltou a Chicago para mais um período de especialização, agora só em doenças de ouvido na North Western University, no Serviço do Professor Shambaugh Jr.

Nos finais de semana, auxiliava o professor de seu primeiro curso de pós-graduação, Paul Hollinger na clínica endoscópica no Hospital Saint Lukes. Nessa época, conheceu e iniciou uma amizade muito forte que permaneceu pelo resto de suas vidas com o Professor Fernando Carneiro da Cunha da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que estagiava com o Prof. Hollinger.

Em 1955/56, deu várias conferências em relação a surdez como, “Seleção dos casos indicados para fenestração labiríntica”, “Observação e resultados de dois anos de fenestração”e assim por diante.

Em novembro de 1957, prestou concurso de títulos e provas para Docente Livre pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o corolário dos estudos iniciados na North Western University, com vinte duas fenestrações labirínticas. Mais tarde, apresentou trabalhos de dezenas de mobilizações e estapedectomias.

Em novembro de 1958, pela Faculdade de Medicina da mesma Universidade prestou concurso para Professor Catedrático. Assumiu como Professor Titular em Otorrinolaringologia pela Faculdade de Medicina da UFRGS em 1962.

Nesse mesmo ano, o Professor Oskar Kleinsassen da Universidade de Colônia, Alemanha, apresentava à comunidade médica internacional a microscopia e a microcirurgia da laringe, o que o estimulou a visitar tal professor.

Já em 1967, realizava em seu serviço as primeiras microcirurgias da laringe no Brasil. Conseguiu aperfeiçoar, com sucesso, as técnicas cirúrgicas e a aparelhagem de fotografia endoscópica, obtendo assim vasta documentação das patologias da laringe. Com isto, os cursos tornaram-se mais práticos e eficientes crescendo a procura de treinamento e estágios por profissionais de várias regiões do país.

Em sua carreira universitária foi, de 1976 a 1980, Vice Diretor da Faculdade de Medicina da UFRGS. Em 1982, foi Diretor desta mesma faculdade com mandato até 1986.

Sensibilizado com a Papilomatose Laríngea , principalmente quando nas crianças, em 1974 procurou os Professores Jako e Strong da Universidade de Boston que trabalhavam com laser no tratamento desta patologia. Conheceu, nessa oportunidade, o físico Dr. Polany que, depois de muita insistência, consentiu na venda de um protótipo de laser da American Optical Company. Em 15 de maio de 1975, foi inaugurado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre o primeiro aparelho. Hoje já estamos na quarta geração desses recursos procurando curar ou amenizar o sofrimento destes doentes.

Aproveitando da experiência com laser nos tratamentos da papilomatose laríngea, no início da década de 90, foi ao Professor Steiner, na Alemanha, de onde trouxe a técnica do tratamento cirúrgico do Laser nos tumores malignos.

Publicou pela editora da UFRGS, em 1982, o Manual Prático de Laringologia com três edições. Em 1991, pela editora Revinter, publicou Laringologia Prática Ilustrada com duas edições. Em 1999, lançou também pela editora Revinter, o livro Laringologia – Endoscopia, Ciência e Arte, contando fatos pitorescos de sua vida médica.

Em 7 de abril de 1997, foi agraciado pelo Presidente da República do Brasil, que em decreto, nomeou-o oficial da Ordem do Mérito Médico, junto ao Ministério da Saúde.

Foi membro da cadeira nº 16 da Academia Sul Riograndense de Medicina.

Trabalhou na Faculdade de Medicina até sua aposentadoria compulsória aos 70 anos, com 42 anos prestados a esta instituição. Continuou no Hospital de Clínicas de Porto Alegre ainda transmitindo suas experiências.

Trabalhou por mais 10 anos na sua clínica privada, encerrando, aos 80 anos, sua carreira profissional. Na vida privada gostava muito de administrar sua propriedade rural no interior do Rio Grande do Sul.

No dia 30 de agosto de 2006, faleceu aos 87 anos, em sua residência.

Deixou um vazio e uma saudade muito grande não só nos familiares mas também naqueles que ele, com sua personalidade sempre alegre, soube cativar.

*Gabriel Kuhl

Rudolf Lang*

Filho de pais austríacos, gaúcho de Caçapava do Sul, nasceu em 27/08/1932. Formou-se em 1958 pela Faculdade de Medicina da UFRGS.

A partir de 1961, foi bolsista, na Alemanha, da Deutsche Ibero Amerika Stiftung e realizou estágios em Würzburg e Hamburg. Também fez estágio na Universidade de Londres, no Centro Hospitalar Universitário de Bordeaux e na Clínica Universitária de Zurich. Em 1965, estagiou em hospitais universitários da Philadelphia, Chicago e Los Angeles.

De volta ao Brasil, criou e dirigiu o Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Ernesto Dornelles e, posteriormente, foi convidado a assumir, como professor titular, a disciplina de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o que fez em 1973.

Incentivou a otorrinolaringologia gaúcha projetando-a no cenário nacional e internacional. O serviço que montou no Hospital Universitário São Lucas da PUCRS é referência obrigatória no Brasil e no exterior.

Em 1969, projetou-se no País inteiro ao organizar e presidir, em Porto Alegre, o Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, ocasião em que fundou – junto com seus pares - a Sociedade Brasileira de Otologia, sendo eleito seu primeiro presidente.

Lang recuperou a Revista Brasileira de ORL que agonizava, projetando-a como expressão de nossa especialidade.

Personalidade brilhante, com idéias próprias, raramente se deixava influenciar pelas opiniões alheias. Sempre respeitou aos que tinham opiniões opostas mas permanecia discordando com respeito.

Inovador, tinha técnicas pessoais na área da cirurgia otológica, na semiologia e na terapêutica.

Dominando a língua espanhola e possuindo excelente material didático audiovisual, levou informações para a maioria dos países vizinhos ao Brasil em inúmeros convites recebidos.

*Baseado em depoimentos de Otacílio Lopes Fº, Nelson Caldas e Sérgio Moussalle.

Osvaldo Bruno Müller*

Osvaldo nasceu em São Leopoldo, RS, em 3 de dezembro de 1931. Cursou o tradicional Colégio Rosário em Porto Alegre e diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina da UFRGS em 1959.

Especializou-se em otorrinolaringologia em Barcelona, Espanha, nos anos 1962/1963. Em 63, assumiu como professor na cadeira de ORL, dedicando-se a esta função até 1997. De 1989 até 1997 foi professor titular da cadeira.

Defendida em 1973, sua tese de livre-docência foi “Distúrbios de maturação do epitélio laríngeo” onde faz a primeira correlação entre o conhecimento prévio dos distúrbios no colo uterino e adaptação ao epitélio laríngeo.

Além da atividade didática, dedicou-se a outras atividades médicas trabalhando no setor de ORL do Hospital de Pronto Socorro de 1967 até 1989 sendo que, nos últimos três anos, exerceu o cargo de Diretor Médico daquele Hospital.

Foi também presidente do Hospital Parque Belém, de 83 a 97 e vice-presidente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, de 88 a 97.

Casado com Prisca Emma Hennemann Müller, era pai de João Carlos, Luiz Alberto e José Henrique, este último também otorrinolaringologista.

Osvaldo dedicava-se a atividades sociais variadas como o Movimento Familiar Cristão, onde foi presidente estadual, a Creche Santa Cecília e a Entidade Sanatório Belém.

Cinéfilo, era um voraz leitor e frequentava “sebos” por todos os lugares por onde viajava. Seu acervo literário, de aproximadamente cinco mil livros, foi doado, após seu falecimento, à Universidade de Caxias do Sul e ao “Centrinho” da USP (Bauru).

*Baseado em depoimento de José Henrique Müller

BAHIA*

A história da Disciplina de Otorrinolaringologia tem, como marco inicial, a criação dessa cadeira em 1912 pela Reforma Rivadávia e a aprovação em concurso para professor catedrático e nomeação à mesma do Prof. Eduardo de Moraes.

Por muito tempo chamada de Clínica de Otorrinolaringologia, essa disciplina, a partir de 1912 teve três ciclos ou etapas bem distintas, marcadas pelos seus chefes ou coordenadores, os professores Eduardo de Moraes, Carlos de Moraes e Hélio Andrade Lessa.

O Professor Eduardo César Rodrigues de Moraes, nascido em Salvador em 30 de março de 1884, formou-se precocemente na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia em 1904, partindo em seguida para a Europa, onde permaneceu durante 5 anos, especializando-se em Oftalmologia com o Prof. Galerowsky e em Otorrinolaringologia com o Prof. Killian.

Quando retornou ao Brasil, em 1909, foi nomeado professor substituto interino da Clínica Oftalmológica da Faculdade Nacional de Medicina. Em seguida voltou à Europa, desta vez permanecendo em Paris até 1912, quando retornou para assumir a função de Professor Catedrático de Clínica Otorrinolaringológica na Faculdade de Medicina da Bahia.

Filho do abastado comerciante Miguel Francisco Rodrigues de Moraes, o Prof. Eduardo de Moraes viveu sua infância e mocidade no Palácio dos Moraes, atualmente Palácio da Aclamação do Governo do Estado da Bahia. Sem preocupações financeiras, o Prof. Moraes viveu anos e anos na Europa, além de ter residência própria em Paris, morou alternadamente em Berlim, Viena e Londres, frequentando os grandes centros europeus de Otorrinolaringologia. Além do francês, que falava como o português, dominava o inglês, alemão e espanhol.

O longo treinamento profissional na Europa capacitou o Prof. Moraes a dominar a prática dos diversos setores da otorrinolaringologia, além da oftalmologia que exercia paralelamente.

Foi o pioneiro no Brasil de inúmeros procedimentos e técnicas inovadoras em broncoesofagologia e cirurgia da cabeça e pescoço. O professor Antonio Carlos Aleixo Sepúlveda, professor de cirurgia plástica, e assistente do Prof. Carlos Moraes, destaca e ressalta o Prof. Eduardo Moraes como o pioneiro da cirurgia plástica no Brasil.

Projetou-se o Prof. Moraes internacionalmente ao realizar, em Salvador, a primeira laringectomia total na América Latina.

Notabilizou-se Eduardo de Moraes como professor de Otorrinolaringologia por aliar, ao seu imenso conhecimento dos diversos setores da especialidade, uma capacidade didática que a todos encantava, na sua disciplina e nos inúmeros cursos e congressos em que participava, no Brasil e no exterior.

Era o Professor Moraes respeitado e admirado pela sua educação e elegância, o que fazia sobressair um carisma pessoal que encantava os seus alunos e colegas médicos, professores e além muros da Faculdade pela sociedade baiana.

O Professor Eduardo de Moraes, fosse na cátedra, fosse em reuniões científicas ou congressos em Salvador, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Paris, Londres, Viena, Cairo ou em Copenhague, com seu magnetismo pessoal, palavra fácil, segura e elegante, era sempre ouvido com admiração e respeito, tornando-se um dos maiores vultos da especialidade na América do Sul.

O Professor Eduardo de Moraes logo se projetaria como chefe de uma escola de inúmeros alunos e especialistas, que seria consagrada no Brasil como a Escola Baiana de Otorrinolaringologia que, além de pioneira no ensino da especialidade, passou a projetar seus discípulos por todo o Brasil. Houve uma ocasião em que oito de seus discípulos ocupavam cátedras ou chefias de grandes serviços.

Um dos seus ilustres discípulos, o Dr. Aloysio Novis, do Rio de Janeiro, quando da solenidade comemorativa do centenário de nascimento do Prof. Eduardo de Moraes, enumerou a seguinte relação de seus discípulos: Paulo Mangabeira Albernaz, Ermiro Estevam de Lima, Carlos Rodrigues de Moraes, Arthur de Sá Cavalcante, Ocelo Pinheiro Teófilo, Edgard e Pedro Falcão, Otacílio Lopes, Silvio Caldas, Colombo Spínola, Hildebrando Jatobá, Lily Lages, Orlando Castro Lima, David Bastos, Guilherme Ramos, Antonio Berenguer, Adherbal Almeida, Carlos Fera, João Afonso de Carvalho, Tomaz Machado, José de Almeida Rebouças, Antonio Meyer Siqueira Santos, Gladys Browne, Dilberto Bonfim, Noelia Augusta da Silva, Astor Baleeiro, Helio Leme Lopes, Paulo Passos e Silvio Menezes Berenguer.

Destaque-se nesta relação os nomes ilustres do Prof. Paulo Mangabeira Albernaz, em São Paulo e o Prof. Ermiro de Lima, no Rio de Janeiro e aqui na Bahia o Prof. Carlos de Moraes, seu sucessor na cátedra e o Prof. Orlando Castro Lima que foi o fundador e professor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Ao longo de sua vida, muito pouco escreveu o Prof. Eduardo de Moraes, mas nem esta lacuna diminuiu a brilhante figura do mestre, médico em plena expressão da palavra, professor de uma geração e criador de uma Escola irrepreensível. Após a queda de Paris durante a 2ª. Grande Guerra, o Prof. Moraes foi um dos idealizadores e presidente do movimento cívico na Faculdade de Medicina da Bahia, mobilizando estudantes de medicina e professores, a Legião dos Médicos para a Vitória. Em 1985, o Prof. Álvaro Rubim de Pinho escreveu sobre este movimento cívico. O sucesso da Legião dos Médicos para a Vitória muito se deveu a seu Presidente, o Prof. Eduardo de Moraes, figura exponencial dos meios médicos e sociais baianos do seu tempo. O professor eminente, professor admirável, o cavalheiro irrepreensível, era também o democrata convicto e admirador apaixonado da França, país dos que mais sofriam durante a 2ª Grande Guerra, O mestre emprestou sua horas de atividade e seu prestígio à Legião, dirigindo-lhe com acerto suas realizações.

No apogeu da Cátedra, respeitado por seus colegas da Congregação, discípulos e alunos o Prof. Eduardo de Moraes, vítima de uma broncopneumonia, veio a falecer em sua residência no Campo Grande em 19 de julho de 1943. Dois fatos públicos aconteceram nesse ano como que marcando o coroamento de sua vida profissional antes do seu precoce falecimento. AAcademia Nacional de Medicina o elegeu em 25 de junho de 1943 membro honorário; sua posse que seria uma consagração, foi impedida com a sua morte. Registre-se que também no Rio de Janeiro o Prof. Eduardo de Moraes recebera, em 1 de janeiro de 1939, o título de sócio honorário da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro.

Aqui na Bahia foi criada a Associação Bahiana de Medicina em 1943, sendo escolhido como catalisador par a união de todos os médicos baianos o Prof. Eduardo de Moraes como seu primeiro presidente, vindo a falecer meses depois no exercício dessa presidência.

Com a morte do Prof. Eduardo de Moraes encerra-se o primeiro ciclo da história da Otorrinolaringologia. Com a vacância da cátedra, inicia-se um novo ciclo que teve um período de conflito dentro da então unida e coesa Escola Bahiana de Otorrinolaringologia, com o concurso para a escolha do novo catedrático, sob um clima de competição, rivalidade e animosidade, formando-se dois grupos distintos, apoiando os dois ilustres candidatos. Os dois mais competentes discípulos do Prof. Moraes, que tinham a titulação de livre-docente, os Professores Carlos Rodrigues de Moraes e Orlando Castro Lima. Ambos altamente competentes, com experiência didática e grande prestígio no meio médico e na sociedade baiana. Houve uma nítida polarização para cada um dos candidatos, sendo a Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus palco de um dos concursos para catedrático mais concorridos. O Prof. Hosannah de Oliveira costumava comentar sobre esse concurso, que ele acompanhava bem de perto e que se realizaria logo depois do seu para a cátedra de Pediatria. Os dois candidatos eram brilhantes e ambos eram capacitados para assumir a cátedra, conforme as lembranças do Prof. Hosannah de Oliveira, e o que decidiu a vitória do Prof. Carlos Moraes foi a prova cirúrgica no cadáver.
O antigo serviço do Prof. Eduardo de Moraes, que funcionava no Hospital Santa Isabel, sofreu uma grande cisão e, a partir de 1947, teve início o 2º ciclo da história da Clínica de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Bahia.

O Prof. Orlando Castro Lima perseverou na vontade de uma vida de magistério, tornou-se o mais importante idealizador de uma obra, que foi a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, da qual, além de professor, foi diretor por muitos anos.

O marco do segundo ciclo, sobre a regência do Prof. Carlos Moraes foi a transferência do serviço para o Hospital das Clínicas, hoje complexo Hospital Universitário Professor Edgar Santos, em 1949. A enfermaria funcionaria até a reforma que o hospital sofreria, dando lugar à nova UTI. Nessa ocasião, o Prof. Carlos Moraes já estava aposentado. O ambulatório funcionava no fundo do corredor do 1º subsolo, ao lado do ambulatório de Oftalmologia e do Arquivo Médico do hospital, local que funcionou até 2006, quando disciplina, já sob a coordenação do Prof. Helio Andrade Lessa, teve o seu ambulatório transferido para o Ambulatório Prof. Magalhães Neto, na Ladeira Padre Feijó, no mesmo Complexo Hospital Universitário Professor Edgar Santos.
O Prof. Carlos Moraes nasceu em 3 de março de 1906, em Paris, quando o seu pai, Prof. Eduardo de Moraes, residia naquela cidade, e faleceu em Salvador, em 2 de agosto de 1971, meses depois de sua aposentadoria compulsória.

Em 1927, houve a formatura na Faculdade de Medicina da Bahia de uma turma de médicos que, pela qualidade de seus participantes, ficaria famosa como a Turma de 27, que daria muitos catedráticos à Faculdade. O Prof. Carlos Moraes fazia parte deste seleto grupo de 27, ao lado dos Professores Hosannah de Oliveira, Jorge Valente e Alicio Peltier de Queiroz.

O Prof. Carlos Moraes, logo após a sua formatura em 1927, fora à Europa para especialização, principalmente em Paris, para onde retornaria inúmeras vezes. A formação do Prof. Carlos Moraes, além de especialização na Europa, enriqueceu-se com diversas viagens à nova meca do ensino médico que eram os Estados Unidos, para onde viajou a estudo também diversas vezes. Como seu pai, falava o francês fluentemente e com perfeição o inglês, com sotaque de francês.

Sua tese de Livre Docência fora sobre Anatomia dos Seios da Face, tendo sido seu orientador o Prof. Ignácio de Menezes. Quando do seu concurso para a cátedra, defendeu sua tese sobre Distúrbios Labirínticos. Produziu trabalhos científicos, tendo participado de inúmeros cursos e congressos no país.

Assim como seu pai, era grande conhecedor de otorrinolaringologia, exímio cirurgião, realizava também cirurgia plástica reparadora, cirurgia bucomaxilar, cirurgia de cabeça e pescoço, além de grande perícia em bronco-esofagologia.

Homem muito culto, era de uma educação, finura e elegância que encantavam a todos. Era também um grande didata, e logo após a sua posse como professor catedrático, foi eleito paraninfo da turma médica de 1947 da Faculdade de Medicina da Bahia.

Sob a sua regência, a Clínica de Otorrinolaringologia teve uma grande produção no antigo Hospital das Clinicas, sendo após o ambulatório de Pediatria, o ambulatório que mais realizava atendimentos, enquanto as estatísticas mostravam, durante anos, a disciplina com maior número de cirurgias daquele hospital.

O Prof. Carlos de Moraes herdara uma disciplina com sequelas da disputa do concurso pela cátedra. Contava, na ocasião, com os assistentes Adherbal Medeiros de Almeida, da turma de 1937, e Astor Baleeiro, da turma de 1938, que vieram do Hospital Santa Isabel e permaneceram no serviço por muito tempo, tendo ambos se aposentado já após a morte do Prof. Carlos Moraes.

Em 1947, formara-se o Dr. Antonio Meyer, que seria seu assistente por muito tempo até sua aposentadoria. Na década de cinquenta, passara a trabalhar com grande dedicação o Dr. Carlos Germano Tim do Prado Monte. Diversos colegas colaboraram em épocas diferentes, como o Dr. Nahum Chaperman, Dra. Zaíra de Lima e o ilustre pesquisador baiano da medicina tropical, Dr. Ítalo Sherlock. Na década de sessenta, passaram a fazer parte do quadro de professores os Doutores Antonio José de Moraes Pato, Eduardo Moraes Baleeiro e José Ribamar Feitosa Daniel, que continuariam na disciplina até alcançarem a aposentadoria por tempo de serviço.

Na década de setenta, passou a frequentar a disciplina aquele que viria a ser seu coordenador, e que continua nos dias de hoje, o Dr. Helio Lessa.

Em 1975, o então auxiliar de ensino, Dr. Eduardo Moraes Baleeiro, realizou concurso para Professor Assistente, cuja banca examinadora fora composta pelos ilustres Professores Helio Hungria, do Rio de Janeiro; Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, de São Paulo; e Adherbal Almeida, da Bahia. Este foi o primeiro concurso realizado na disciplina desde o concurso da cátedra. Em 1975, Dr. Helio Andrade Lessa foi candidato a Auxiliar de Ensino, concurso público que teve a banca examinadora formada pelos professores assistentes Adherbal Almeida, Eduardo Moraes Baleeiro e o Professor Fernando Visco Didier, do Departamento de Cirurgia.

Em 1982, o então professor assistente Eduardo Moraes Baleeiro realizou concurso público para a obtenção do título de Doutor em Medicina (Doutorado), cuja banca examinadora foi composta pelos Professores Adherbal Almeida, Roberto Lorens Marback, Ruy Machado, Plínio Garcez de Senna e Mauricio Malavasi Ganança, este último da Escola Paulista de Medicina.

Historicamente é importante salientar que a Clínica Otorrinolaringológica, que até a morte do Prof. Eduardo de Moraes, em 1943, gozava de grande prestígio nacional com excelente conceito tanto na graduação como na pós-graduação dos seus alunos.

Embora tendo herdado inúmeras qualidades de seu pai e antecessor, o Prof. Carlos Moraes não conseguiria manter o mesmo conceito de que a disciplina gozava anteriormente.

O novo hospital, com a nova enfermaria e ambulatório de Otorrinolaringologia, deu estímulo ao serviço do Prof. Carlos Moraes no começo da década de cinqüenta.

Faltava ao Prof. Carlos Moraes a capacidade de aglutinar seus assistentes, capacidade administrativa e verdadeira liderança. Durante a sua chefia a disciplina nunca realizou reuniões administrativas ou científicas. O ambulatório, a enfermaria, o centro cirúrgico e o ensino funcionavam regularmente, sem que seus assistentes tivessem funções bem determinadas.

A produção científica de trabalhos, a participação em congressos e reuniões científicas foram minguando e, nas décadas de sessenta e setenta, quando o ensino da especialidade no Brasil mais evoluía, notadamente em São Paulo, o ensino na Bahia perdia cada vez mais o seu prestígio.

O Prof. Carlos Moraes não tinha pulso administrativo, viajava e se ausentava do serviço, muitas vezes sem que a chefia fosse oficialmente delegada a um dos seus assistentes. Nos últimos anos, sofrera grave problema de saúde, sendo submetido à cirurgia angiológica de grande porte em São Paulo, tendo apresentado diversas complicações, o que o impedia de chefiar verdadeiramente a disciplina.

Durante todo o período de cátedra do Prof. Carlos Moraes, nenhum concurso público foi realizado na disciplina.

Com a sua aposentadoria e morte, durante anos a disciplina continuou na mesma apatia científica, com perda de qualidade do ensino nas áreas de graduação e pós-graduação.

Seus assistentes que chefiaram a disciplina em períodos variáveis, gozavam de muito boa formação técnica e científica, mas sem uma liderança capaz de a impulsionar novamente.

O Prof. Helio Andrade Lessa, formado na Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA, em 1964, após estágio no serviço de cirurgia do Prof. Fernando Carvalho Luz, de quem herdou o interesse pela vida acadêmica, foi realizar especialização fora da Bahia, sendo aprovado em concurso público para residência médica em dezembro daquele mesmo ano, no Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, então sob a chefia do Prof. José Eugênio de Rezende Barbosa, um dos mais importantes do Brasil. Lá permaneceu até 1969, tendo realizado concurso para professor auxiliar de ensino e, em seguida, para professor assistente da Faculdade de Ciências Médicas das Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, logo após terminar a residência médica.

Em 1970, foi convidado pelo Prof. César Fernandez do Departamento de Otorrinolaringologia da Universidade de Chicago (EUA), onde esteve por dois anos, como professor assistente de pesquisa (Assistent Professor of Research) daquela Universidade.

Realizou bolsa de estudo no final do período, como Professor da Universidade de Chicago, na Los Angeles Foundation of Otology “House Institute”. A convite do Prof. Heonir Rocha, seu Paraninfo de formatura, retornou à Bahia, ingressando inicialmente em 1973 como professor voluntário, no serviço de otorrinolaringologia da UFBA, tornando-se seu coordenador a partir de 1988, indicado pelo Departamento de Cirurgia, graças à sua dedicação e liderança, indicação aprovada pelo antigo coordenador, Prof. Carlos Germano Tim do Prado Monte.

Em 1975, o Prof. Helio Lessa realizou concurso para professor auxiliar de ensino e, uma vez empossado, deu origem ao 3º ciclo da história da Clínica de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia.

Passou a realizar reuniões oficiais da disciplina, lutando para conseguir novos leitos. Para muitos, a decadência maior do prestígio da disciplina deveu-se à perda da enfermaria, como que perdendo a sua própria identidade.

Incrementou o Prof. Helio Lessa a pós-graduação, tendo criado em 1992 o Programa de Residência Médica em Otorrinolaringologia, voltando desta forma a gozar do prestigio nacional, como a mais importante do Nordeste, referência no Estado da Bahia, escolhida pelos primeiros colocados no concurso para residência médica organizado pela COREME, e reconhecida desta forma pelo MEC.

O Prof. Helio Lessa defendeu tese de doutorado no Departamento de Cirurgia em 1999, tendo sido aprovado com louvor pela banca examinadora constituída pelos professores Edgard Marcelino de Carvalho Filho (também orientador da tese); Prof. Lídio Granato, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; Prof. Fernando Visco Didier; Prof. Álvaro Rabelo; e Prof. Roberto Lorens Marback, todos do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA.

A produção de trabalhos em associação com o Serviço de Imunologia do Hospital Edgard Santos e a participação em cursos e congressos regionais e nacionais voltou a crescer progressivamente. Inicialmente, graças aos professores Helio Lessa e Eduardo Moraes Baleeiro, acompanhada pelos novos especialistas ligados à disciplina. Assim, em concurso público realizado em 1991, foram aprovados os professores Edson Bastos e Virginia Emilia Café somando-se aos Profs. Álvaro Muiños de Andrade e Aldo do Valle, médicos do quadro do Hospital das Clínicas, constituindo o atual quadro de professores da disciplina. Foi então criado o setor de Otoneurologia, tendo assumido posteriormente a sua competente coordenação, a Dra. Tatiana Miranda Lessa, ex-residente aprovada juntamente com o Dr. Yuri Carvalho no I concurso realizado pela Comissão de Residência Médica (COREME).

A luta permanente e pessoal do Prof. Helio Lessa permitiu o reaparelhamento progressivo na área de material cirúrgico, como os setores de audiologia, otoneurologia e videonasolaringologia. Fruto desse esforço pessoal, a disciplina passou a contar também com material audiovisual para as suas diversas atividades do ensino de graduação e de pós-graduação lato sensu.

A inclusão de novos colegas à disciplina, como o Prof. Marcos Miranda Lessa, em Rinologia, trazendo os novos conceitos na cirurgia endoscópica nasal; Prof. André Apenburg, na cirurgia estética nasal; Profª Natasha Braga e Prof. Luis Henrique Barbosa em laringologia e voz; Prof. Ivan Marcelo G. Agra e Prof. Leonardo Kruschewsky na cirurgia de cabeça e pescoço, jovens brilhantes especialistas em suas áreas, muito têm somado ao desempenho da disciplina com a efetiva participação na vida acadêmica no Hospital das Clínicas e na Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia.

Vários convênios têm sido assinados com outras instituições, como o Instituto Médico Legal da Bahia, Hospital Geral do Estado (HGE) e o Hospital Aristides Maltez, qualificando o aprendizado dos seus médicos-residentes. Em especial destacamos o convênio com a Fundação de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), e em razão disto, vários cursos de dissecção e prática de cunho nacional têm sido realizados nas áreas de rinologia e otologia.

Em recente visita da Comissão Nacional de Residência Médica da Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial, o Programa de Residência Médica em Otorrinolaringologia da Universidade Federal da Bahia, foi classificado entre as oito melhores residências do país.

Também em recente levantamento estatístico das cirurgias realizadas no Complexo Hospital Prof. Edgard Santos, a Otorrinolaringologia em 2006, voltou a ser o serviço que mais operou no centro cirúrgico geral. Esse fato credencia a disciplina a ter de volta a sua antiga enfermaria, promessa, aliás, assumida pela atual diretoria do Hospital.

Todas essas conquistas, todo este sucesso atual é devido, a bem da verdade, à abnegação dos professores Álvaro Muiños de Andrade, Aldo do Valle e Edson Bastos e aos ex-residentes aqui formados, Tatiana Miranda Lessa, Yuri Carvalho, Francisco Nascimento Sampaio, Fernando Pena, Sandro Torres, Henrique Rios, Marcos Mariano, Ana Maria Moinhos Nogueira, Thomas Wagner Novaes Castro, e dos brilhantes colegas Marcus Miranda Lessa, André Apenburg, Natasha Braga, Luís Henrique Barbosa, Ivan Agra e Leonardo Kruschewsky, que voluntariamente prestam seus inestimáveis serviços a esta disciplina, destituídos de qualquer interesse de ordem financeira, pois a Universidade não abre concursos para contratá-los.

A disciplina de Otorrinolaringologia, contando apenas com um pequeno quadro docente e com a permanente ajuda do seu quadro voluntário, sob a liderança do Prof. Helio Lessa, voltou a gozar do respeito e merecimento científico, reconhecido dentro da Faculdade e no âmbito da otorrinolaringologia nacional, como a mais importante do Nordeste e uma das mais respeitadas do país.

*Helio Andrade Lessa &
Eduardo Moraes Baleeiro

ESPÍRITO SANTO*

Acho que fui marco da nova geração da Otorrinolaringologia capixaba quando voltei para Vitória em 1971 e iniciei uma nova especialidade no meu estado com as cirurgias otológicas. Fui o primeiro a usar a cirurgia microscópica no Espírito Santo.

Hoje já há outra nova geração e acredito que fazemos todas as cirurgias da especialidade e no Estado, pois somos mais de cem otorrinolaringologistas.

No livro "Primórdios da Otorrinolaringololgia e Broncoesofagologia no Brasil - Nossa Participação" que foi escrito pelos Professores José Arthur de Carvalho Kós e Plínio de Mattos Barreto, existe material sobre nosso estado, do início até aquela data, 1988.

Victor Santos Neves foi professor da Universidade Federal do Espírito Santo, desde a sua fundação. Ele foi titular, como todos os que fundaram a faculdade. Nunca conseguimos realizar concurso para titular aqui e isso é uma falha de nossa Universidade.

Tenho lutado para esse concurso há longo tempo. O professor Victor já se aposentou e eu respondo pela Cadeira como Professor Associado.

Sou Chefe do Departamento de Medicina Especializada do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo (o Departamento de Medicina Especializada engloba Otorrinolaringologia, Oftalmologia e Ortopedia).

Na Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM, o professor foi o Dr. Carlos Alberto Lindemberg von Schilgen também desde a fundação da faculdade até falecer. Quem responde pela cadeira é o Dr. Hilton Gonçalves Pereira.

*Sérgio Ramos

GOIÁS*

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás foi fundada em 1959 pelo Dr. Francisco Ludovico de Almeida Neto, goiano, na época auxiliar de ensino na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

Em 1965, o Prof. Manoel dos Reis e Silva (goiano, formado na Universidade Federal de Minas Gerais) foi nomeado o primeiro chefe do Departamento de Otorrinolaringologia.

Em julho do mesmo ano foram empossados, como Instrutores de Ensino, os Profs. Doriocam Curado e Alberani N. G. Leite, ambos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro.

Chefias: Prof. Manoel dos Reis e Silva (1965 a 1979).

Prof. Alberani N. G. Leite (1979 a 1983).

Prof. Paulo Humberto Siqueira - formado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP – (1985 a 1987).

Prof. José Maria da Veiga Jardim – formado na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro) – (1987 a 1993).

Prof. Eumar A. de Brito – formado na Faculdade de Medicina da UFRJ – (1994 a 1998).

Professores. João Batista Ferreira – formado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás e Paulo Humberto Siqueira – formado na FMRPUSP- (vêm se revezando na chefia até à data atual).

Nota dos autores: Os professores Alberani N.G. Leite e José Maria da Veiga Jardim fizeram residência na Clínica Prof. José Kós, no Rio de Janeiro. Tivemos a honra de contar a nosso lado também, como estagiário, o Prof. José Maria da Veiga Jardim, no Serviço de Otorrinolaringologia do IAPFESP, em seguida INPS, dirigido pelo Dr. Afrânio Gadelha, no Hospital São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro.

*Paulo Humberto Siqueira

MINAS GERAIS

Em janeiro de 1916, Renato Bracante Machado ganhou o concurso para catedrático em Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Renato formou-se em 1912, na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Foi discípulo de Guedes de Mello e João Marinho.

J. Martins Vieira, também formado no Rio de Janeiro, foi assistente de Renato Machado na Cátedra de Belo Horizonte, desde 1922.

Ildeu Duarte, nascido em Sabará em 1897, formado em Belo Horizonte em 1919, e com passagem por Boston, no serviço de Chevalier-Jackson, foi livre docente por concurso na Faculdade de Medicina de Minas Gerais. Vaga a cátedra em Belo Horizonte, com a saída de Renato Machado, Ildeu venceu o concurso, assumindo-a, em 1927.

Em 1948, esteve com Lempert, em Nova York, trazendo a técnica da fenestração.

Outros nomes importantes da Otorrinolaringologia mineira são Antonio Soares de Lima Netto, Carlos Alberto de Paula e Salles, Marcos Prates Paulino, Aldemar da Silva Guimarães e Maurílio Soares da Silva.

Professor Adelmar Cadar
(Entrevista)

A ORL mineira era, antigamente, associada à oftalmologia. Os médicos eram oftalmo-otorrinolaringologistas. Aqui, havia um hospital (que até hoje existe) chamado Hospital São Geraldo e que era de olhos, ouvidos, nariz e garganta.

Quando eu era estudante, lembro que as aulas de ORL e de Oftalmo, ministradas pelo professor Hilton Rocha, eram todas dadas no Hospital São Geraldo. Ao que lembro, por volta da década de 20, houve um grande médico aqui, Dr. Renato Machado. Ele participava sobremaneira na cirurgia da ozena, a cirurgia de Eyriè, inclusive aplicando algumas modificações técnicas sobre a prática original que facilitavam muito a cirurgia.

Posteriormente, teve o professor Martins Vieira que trabalhou durante algum tempo e outros que não ficavam muito tempo em Belo Horizonte. Em 1933, começou a verdadeira otorrino com o professor Ildeu Duarte que, por essa época, foi eleito catedrático. Tratava-se de um grande especialista e foi até meu paraninfo. Quando assumiu, no hospital Florianópolis, começou a fazer um trabalho interessante. Tinha um assistente muito antigo, de cujo nome não me recordo.

Outros eram: Gastão Beringer, Bes Carvalho, Alberto Soares Teixeira, Carlos Alberto Paula Salles, Benjamim Aldo Rabello que trabalhavam com ele.

Posteriormente, nos anos 33/35, houve um médico aqui chamado Joaquim Mendes Souza. Ele não gostava do nome Joaquim e era chamado então J Mendes Souza. Colega de turma e muito amigo de Juscelino, foi à Alemanha, ficou lá algum tempo e trouxe, na volta, grande quantidade de material cirúrgico e algumas técnicas novas que já apareciam por aquela época. Fundou, então, o serviço da Santa Casa onde começaram a trabalhar vários médicos como o Dr. Renato Mancini, Maurílio Soares e vários outros que ficaram pouco tempo. Maurílio e Mancini continuaram junto com o Mendes Souza.

Por volta de 1942/43, o Mendes Souza passou a trabalhar somente no Hospital São Lucas e a Santa Casa ficou com o Maurílio Soares. O Maurílio formou-se em 1939, mas durante os dois primeiros anos como médico ele dedicou-se à cirurgia geral e depois foi que resolveu fazer otorrino. E desta cirurgia geral restou para ele uma grande habilidade cirúrgica. Ele tinha imensa facilidade em lidar com os instrumentos.

Nessa ocasião ele assumiu a chefia do serviço. A partir daí nós tínhamos duas escolas, a da Santa Casa e a do Hospital das Clínicas com o Dr. Ildeu Duarte. No HC trabalhavam vários médicos, mas ficavam pouco tempo, não continuavam.

O Maurílio então abriu o serviço dele. Era um homem talhado para ser professor e aí começaram a frequentar o serviço alguns estudantes, como o Ismael Gomes que formou-se em 46, o Benito L. Guerra, que se formou em 44, o José de Freitas, formado em 45 e o Paixão Carneiro.

Eu entrei para lá em 1949 quando estava no 4º ano da medicina. Desde então comecei a trabalhar com o Maurílio fazendo, evidentemente, pequenos serviços, ajudando em cirurgia, etc. A primeira vez que ele me chamou para uma cirurgia, ela estava marcada para às 7 horas da manhã. Naquele tempo não dispúnhamos de carro, tínhamos de tomar o bonde. O bonde atrasou e eu cheguei 10 minutos atrasado. Recebi a primeira bronca (risos). Na verdade ele era rigoroso e, vez por outra, reclamava do que não achava correto.

Maurílio Soares, na minha opinião, foi um marco na otorrinolaringologia brasileira. Ele era um professor nato, gostava de ensinar, tinha prazer nisto. Não negava qualquer pedido de ajuda por mais que a pessoa lhe fosse incômoda ou mesmo antipática. Atendia com todo o prazer e imediatamente. Cansei de vê-lo resolver problemas sérios de outros colegas e mesmo dos meus.

Como no caso do conta-gotas. Um menino me apareceu com falta de ar. Achei que se tratava de uma obstrução laríngea e providenciei numa traqueotomia. Coloquei uma canulazinha pequena. No dia seguinte a mãe me telefonou dizendo que o menino estava respirando melhor mas fazia barulho ao respirar. Quando o menino voltou fizemos uma radiografia e estava lá o conta-gotas. Pedi ajuda e nos reunimos, o Maurílio, o José de Freitas e eu, além de dois anestesistas o Raul Costa Filho e o Erivaldo Souza Couto. Inicialmente tentamos retirar por via endoscópica, mas não funcionava porque, assim que a gente pegava, o objeto escorregava, na medida em que era de vidro. Já estávamos pensando em chamar um cirurgião de tórax. Foi quando o Maurílio resolveu refazer a traqueotomia cuja cânula, uns dias antes, eu já havia retirado. Na hora em que ele abriu o menino tossiu e o conta-gotas quebrou em dois. Com grande habilidade Maurílio retirou os dois pedaços. Pela nossa explosão de alegria só faltei beijar o chão...

Por essa época, começou a constituir-se a Escola da Santa Casa. Começaram a formar-se assistentes, muitos dos quais, incentivados por Maurílio completaram a formação no exterior. Ele transmitia a confiança de que quem viajasse, voltaria em melhores condições. Começamos então a receber um número grande de assistentes, naquela época. Alunos do 5º e do 6º ano que entravam como residentes e depois passavam a ser assistentes.

Com isto o número foi muito grande e as escolas de medicina em Minas Gerais, naquela época, eram muito poucas. Em Belo Horizonte havia duas: a Ciências Médicas e a Federal. Havia uma escola em Uberaba e outra em Uberlândia. Mais nada. Nós recebíamos muitos doentes do interior que, ao chegar, eram encaminhados para o abrigo. Nós providenciávamos a cirurgia e no final, muitas vezes tínhamos de tirar dinheiro do nosso bolso para que eles pudessem ir embora. Às vezes eles passavam dois dias viajando e não tinham nada para comer. Tínhamos que financiar, também, a comida.

Por outro lado tratamos de adequar a medicina exercida na Santa Casa dentro dos progressos mais recentes. Nos anos de 1955/56, começamos a estudar as técnicas do francês Leroux Robert que fazia uma cirurgia parcial da laringe. Antes dessa época, qualquer que fosse o tumor, fazíamos a laringectomia e a pessoa ficava sem voz. Tivemos a oportunidade de realizar várias cirurgias que foram as primeiras em Belo Horizonte. A lateral de onde a gente tirava a corda doente, mais um pedacinho da outra corda lá na frente. E a outra, chamada frontal anterior, na comissura, a gente tirava de um lado e de outro, deixava a parte sã e com isto tivemos bons resultados em muitos casos.

Tivemos um caso curioso em que um rapaz de 22 anos de idade, estudante de filosofia, foi ao meu consultório. Teve uma doença venérea e foi tratado num posto de saúde. O colega comentou que ele tinha tosse e estava rouco há algum tempo e que precisava procurar um especialista. Falou para mim que estava rouco há mais de mês e, infelizmente, verifiquei que era portador de um câncer de corda vocal. Fizemos uma laringectomia parcial, mas aí ocorreu um desses milagres da medicina. Onde tínhamos retirado a corda começou a se formar uma espécie de hipertrofia e, aos poucos, ele começou a falar novamente. E ele voltou a dedicar-se ao estudo da filosofia.

Quanto ao ouvido, também começamos a acompanhar os progressos médicos. Naquela época fazíamos apenas mastoidectomia radical e esvaziamento petro-mastóideo. Limpávamos a mastóide toda e fazíamos uma comunicação com a caixa do tímpano.

Por essa época começou-se a falar em timpanoplastia e também em estapedectomia. Na otosclerose fazíamos a mobilização do estribo, ou operação de Rosen, mas depois de algum tempo ele soldava de novo. Também a fenestração do labirinto que tinha um problema, pois necessitava tirar o martelo fora e, de cara, você já perdia 30% da audição.

Aí começou a vingar uma idéia de Geraldo de Sá que apresentou em Fortaleza uma técnica sobre estapedectomia. (Shucknec). Por volta de 1960, meu pai era cônsul da República Árabe Unida e recebeu um convite para quem quisesse visitar a Síria e o Egito. Bastava pagar a passagem que eles dariam toda a assistência. Aí peguei o Maurílio e falei: Ô Maurílio, tu tens cara de turco, queres ir nesta? (risos) Pois vou com todo o prazer, ele respondeu. Fui falar com Papai que me disse, vai sim, claro! Na volta passamos pela Alemanha, eu fiquei em Strasburgo e Maurílio foi para Irlanguer, onde comprou material para estapedectomia e também o microscópio.

Ele foi o primeiro cirurgião a fazer estapedectomia em Belo Horizonte. A paciente era irmã de uma enfermeira. Ela tinha uma reserva coclear muito boa e a perda em torno de 60 dB. Colocaram a prótese nela e ela passou a reclamar que estava ouvindo demais. A partir daí começou a ficar comum o uso desta técnica. Em 1963, teve um curso no Rio. O Austin deu um curso em 1964. Ele até operou um amigo do Aziz que tinha um problema de ouvido. (Hugo Borges de Carvalho).

Já na década de 70 começaram a aparecer os problemas nasais, era um absurdo o nariz ficar apenas com os cirurgiões plásticos. Por essa época apareceu o Cottle nos Estados Unidos e o Barelli, que era seu assistente, que começaram a sistematizar a chamada rinoplastia, rinoseptoplastia ou septoplastia.

Até então a cirurgia limitava-se a tirar o septo e pronto. Fazia um tamponamento. Muitas vezes a coisa ficava meio bamba e aparecia aquele ruído de bandeira tremulando. A partir de então começamos a trabalhar o nariz para poder resolver seus problemas. Trouxemos vários colegas para dar cursos aqui, o Jaime Nogueira o Olath Brazil, o Roberto Neves Pinto.

Já fazíamos também ouvido, sempre acompanhando todos os progressos. Tínhamos apenas radiografias, não tínhamos scaners, nem tomografia. Mas aí esta última começou a aparecer e as coisas começaram a melhorar. Daí para diante nosso serviço acompanhou todos os progressos da especialidade. Houve uma época em que mais de 80% dos médicos que trabalhavam em Minas Gerais tinham sido “fabricados” na Santa Casa. E o Maurílio era muito exigente e cobrava dos colegas ética e competência e eu diria que ele deixou um legado de caráter, honestidade, ética e competência.

Na Santa Casa, quando vemos que algum colega não segue os padrões estipulados ele acaba saindo. Maurílio aposentou-se, eu também, e a cadeira passou às mãos do Nicodemos que segue com as orientações definidas, tem formado residentes, alguns deles posteriormente procuram aperfeiçoar-se no exterior e, com isto, o nível da especialidade no estado vem subindo muito.

- Professor, o Sr falou que um dos primeiros países a oferecer subsídios aos otorrinos mineiros foi a Alemanha. A partir de então que outros países foram importantes no desenvolvimento da otorrino de Minas?

Para os Estados Unidos foram vários colegas. Alguns para o Cottle, outros para o Barelli. Los Angeles e Nova York também receberam mineiros. Alguns foram para Bordeaux, com o Portmann e a Paris.

No meu tempo nossa formação era francesa. A começar pela anatomia do Testut. Depois tivemos George Aubri, Pialoux, etc. E até hoje, recentemente uma conhecida foi a Paris para especializar-se em cirurgia nasal. Uma vantagem dos dias atuais é a facilidade de locomoção. Aquela viagem que fizemos em 1961 para a Síria levou 57 horas para chegar lá.

E quanto à laringe, o Maurílio esteve com o Justo Alonso no Uruguai, eu próprio estive em Montevidéu por alguns dias, mas posteriormente o pessoal começou a ir para a Europa.

O Aziz, que eu considero como um irmão, e seu colega consultório Hugo, por várias vezes estiveram em Belo Horizonte e deram cursos para nós, lá.

PARÁ*

A história da Otorrinolaringologia no Estado do Pará, iniciou com a abnegação dos médicos e primeiros professores da disciplina Drs. Celso Gama Malcher, Ronaldo Fontelles De Lima, Alfredo Paes Barreto, Mario Prist Lobato e Francisco Pereira Vieira, que desenvolviam as atividades teórico-práticas na Santa Casa de Misericórdia do Pará, a partir da criação da Faculdade de Medicina em 1959.

Com o decorrer dos anos a Faculdade foi absorvida pela Universidade Federal do Pará, tendo o curso de medicina ampliado seu "locos" de atuação, expandindo suas atividades curriculares para os Hospitais Universitários.

A Otorrinolaringologia instalou-se no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, da Universidade Federal do Pará, no ano de 1994, tendo à frente os docentes Mario Lobato e Francisco Vieira, já desenvolvendo significativos serviços de saúde pública.

Em 2002, já sob a liderança do Professor Doutor José Cláudio de Barros Cordeiro, a Otorrinolaringologia obteve um grande salto qualitativo motivado pela doação de equipamentos pelo Ministério da Educação e Ministério da Saúde, através do Programa de Reforço aos Hospitais de Ensino. Dai para frente, desencadeou-se de forma acelerada a trajetória evolutiva da Otorrinolaringologia no Estado do Pará.

Foi aberto concurso público para contratação de Professores e médicos otorrinos com titulação de doutores e mestres, tornando assim possível a concretização do primeiro Serviço Universitário de Otorrinolaringologia do Estado, já com as áreas de Otologia, Rinologia, Laringologia e Respirador Bucal.

No exercício de 2005, foi solicitada à Coordenação Nacional de Residência Médica do Ministério da Educação, a inclusão do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Bettina Ferro de Souza, no Programa de Residência Médica em ORL, que foi aprovada. por unanimidade, visto o preenchimento de todos os pré-requisitos exigidos, tanto quanto a qualificação dos docentes e preceptores, como pela infra-estrutura oferecida.

Em 2006, teve inicio a execução do Programa de Residência medica, com bolsas do MEC para dois R1, que concluíram suas jornadas em fevereiro de 2009, já sendo aprovados pela Associação Brasileira de Otorrinolaringologia. Hoje, o Programa de Residência atua com nove residentes, sendo 3 R1, 3 R2 e 3 R 3, dando, sem dúvida, uma valiosa contribuição, ao Sistema Loco - Regional de Saúde.

Corpo de Docentes e Preceptores atuantes no Serviço de ORL:

Professor Doutor José Cláudio de Barros Cordeiro-Coordenador da Disciplina de ORL, Coordenador do Serviço de ORL e Coordenador da Residência Médica.
Professor Doutor Cláudio Tobias Acatauassu - Coordenador da Comissão de Residência Médica (COREMA).
Professora Doutora Silvana Nobre Mazivieiro – Docente da disciplina de ORL e Preceptora da Residência Médica.
Professor Doutorando Francisco Xavier Palheta – Docente da Disciplina de ORL e Preceptor da Residência Médica.
Professor mestre Murilo Lobato – Docente da Disciplina de ORL e Chefe do Setor de Cirurgias em ORL.
Professor Renato Call – Docente da Disciplina de ORL e Coordenador Cientifico da Residência Médica.
Professora Ana Paula Rodrigues – Docente da Disciplina de ORL, Preceptora da Residência Médica e Coordenadora do Programa de Saúde Auditiva
Médica mestre Gisele Hennemann Koury – Médica do Serviço de ORL e Preceptora da residência Médica
Médica Raissa Sales - Médica do Serviço de ORLe Preceptora do Internato em ORL.
Médica Doutoranda Angelina Pezzin Palheta - Medica do Serviço de ORL e Preceptora da Residência.
Médico Paulo Fontelles – Médico do Serviço de ORL e Preceptor da Residência Médica.

*José Claudio de Barros Cordeiro

ORL NO PARÁ (Complemento)

O Serviço de ORL da UFPa funcionou na Santa Casa de Misericórdia do Pará de 1959 a 1994, quando se mudou para o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza.

Porém, antes da criação da Universidade Federal do Pará, o Serviço da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, faculdade particular, funcionava na Santa Casa de Misericórdia do Pará, chefiado pelo Prof. Dr. Celso Cunha da Gama Malcher.

Quando este assumiu a Prefeitura Municipal de Belém, sendo o primeiro Prefeito eleito pelo voto direto, afastou-se do Serviço da Faculdade de Medicina e Cirurgia no período de 1953 a 1957, ficando o Serviço sob a responsabilidade do Prof. Dr. Ruy Fereira dos Santos.

Em 1960, Dr. Ruy Ferreira dos Santos deixa o Serviço e se transfere para o Rio de Janeiro; reassume então o Prof. Dr. Celso Malcher. Em 1964, ingressa na cadeira o Dr. Alfredo Cesar Paes Barreto Neto, após residência médica na Clinica Prof. José Kós (RJ).

Em 1970, Prof. Dr. Celso Malcher aposenta-se da UFPa e assume a cadeira o Dr. Alfredo Paes Barreto até 2004, quando se aposentou da UFPa.

Em 1970, é fundado o Serviço de ORL da Universidade Estadual do Pará, chefiado pelo Dr. Ronaldo Fonteles de Lima e Dr. Vicente Marques.

Em 1978, fundou-se a Sociedade de Otorrinolaringologia do Para, sendo os fundadores: Dr. Alfredo Paes Barreto, Dr. Antonio Carlos Garcia, Prof. Dr. Celso Malcher, Dr. Eduardo Santos dos Santos, Dr. Edir Matos Pereira, Mario Lobato, Dr. Obinor Nóbrega e Dr. Paulo Condurú.

De 2006 em diante, a história segue conforme consta nas páginas 192 e 193 do livro.

Eduardo Santos dos Santos

PARAÍBA*

Otorrinolaringologistas de João Pessoa

Consta, na memória dos nossos colegas, que os primeiros otorrinolaringologistas de João Pessoa fixaram residência entre o início da década de 1920 até o final da década de 1950. Entre eles podemos citar: Manoel Veloso Borges; Josa Magalhães, Manuel Paiva Sobrinho, fundador da SPOBCP, professor de Física da Faculdade de Medicina da UFPB e sócio proprietário da Casa de Saúde D. Paiva; José Vandregíselo, Cassiano Nóbrega, Professor fundador da Faculdade de Medicina da UFPB, tendo sido o primeiro Titular da disciplina de ORL, Hélio Fonseca; Roberto Granville da Costa, fundador da Casa de Saúde Dr. Roberto Granville Cipriano Galvão da Trindade e Isaias Silva que foi o segundo professor Catedrático de ORL da Faculdade de Medicina da UFPB.

A partir do final da década de 1950 e na década de 1960, chegou uma nova geração de otorrinos, entre os quais: Newton Jorge dos Santos, docente da disciplina de ORL da UFPB, Antonio Carneiro Arnaud, um dos fundadores da Clínica São Camilo, sendo a primeira em nossa capital especializada em otorrino e oftalmo. Foi também o primeiro prefeito eleito da Capital do nosso Estado. Ramonilson Arruda, docente da disciplina de ORL da UFPB, Vitório Serafim, sócio fundador da SPOBCCP, Claúdio Emmanuel Gonçalves da Silva, inicialmente otorrino passando a dedicar-se à neuro-cirurgia; Ugo Lemos Guimarães, docente da disciplina de ORL da UFPB e sócio fundador da Clínica São Camilo; Werton de Medeiros Roque, docente da disciplina de ORL da UFPB e sócio fundador do Hospital AMIP e Carlos Steinbach Silva, docente da disciplina de ORL da UFPB e sócio fundador da clínica de otorrinolaringologia Carlos Silva Ltda.

A partir de 1970, fixaram residência em João Pessoa os seguintes otorrinolaringologistas: Antonio José de Carvalho, sócio da Clínica São Camilo e, no momento, exerce na clínica Tambiá de sua propriedade juntamente com a sua irmã a Dra. Maria Nizita de Carvalho Rocha, também otorrinolaringologista.

Nos últimos 30 anos tivemos um ingresso maior de especialistas em nossa sociedade e nos convém a lembrança nominal de todos eles: Vânia Maria de Vasconcelos Cabral, Marcio de Holanda Guerra, Paulo Fernandes Lemos Neiva, Maria Nizita de Carvalho Rocha, Ana Maria C. Nóbrega, Ademário Almeida, Everaldo Belmont, Joni Marcus S. Oliveira, Maria José Claudino Pontes, Heitor Botelho de Luna Filho, José Leidson de Almeida Holanda, Maria Dilva Wanderley Rabelo, José Carlos da Silva, Luciana Fontes Silva Cunha Lima, Marcus Alexandre Sodré, Ugo Guimarães Filho, Islan da Penha Nascimento, Janaina C. Rodrigues Nogueira, Marcos da Franca Pereira, Leonardo Fontes Silva, Erich Cristiano Melo, Keylla Cavalcante Alves, Álvaro Pontes, Adriano Sergio Meira, Aracely Fernandes Duarte, Renata Soares Almeida, Alexandre Machado e Jorge Trigueiro Filho.

Os otorrinolaringologistas de Campina Grande

Segundo relato de colegas mais velhos, os dois primeiros otorrinolaringologistas de Campina Grande foram: o Dr. Antonio Pereira de Almeida de tradicional família do Cariri paraibano e o Dr. Gastão da Trindade.

Como terceiro otorrino de Campina Grande, militou por muitos anos o Dr. José Santos, seguido de Dr. João Caetano dos Santos, médico empreendedor que construiu uma pequena Clinica no centro da cidade e, anos depois, comprou as instalações da Casa de Saúde Dr. Brasileiro e transformou-a em um grande Hospital com mais de duzentos leitos.

A seguir tivemos Dr. Gutemberg Falconi que desempenhou mais atividades adminstrativas no antigo INAMPS.

O sexto otorrino a chegar em Campina Grande foi o Dr. Ulisses Pinto Brandão seguido por Dr. Milton Medeiros e ambos construíram, em 1969, a Clinica Santa Clara. Quando a sociedade foi desfeita, Dr. Milton Medeiros juntamente com Dr. Luiz Magno de Almeida e Dr. Paulo Pinto, ampliaram a clinica, que hoje se constitui no melhor hospital particular da cidade.

A seguir tivemos a chegada do Dr. Edgley Maciel Lacerda que construiu um grande Hospital que leva seu nome.

Em 1970, chegou a Campina Grande o Dr. José Pinto Brandão, seguido por Dr. Erivaldo das Chagas, Dr. Carlos Augusto Fernandes, Dr. José Tadeu Vitorino, Dr. Expedito Medeiros.

O Dr. José Pinto Brandão com seus filhos recentemente chegados de sua formação na especialidade: Rogério, Valéria e a fonoaudióloga Lavínia W. Pinto Brandão, formam o Corpo Clínico e Cirúrgico da Clínica de Diagnóstico com aparelhagem de última geração em diagnóstico na área de Otorrinolaringologia.

Dr. Carlos Augusto e Dr. Expedito Medeiros construíram e administram a Clínica Santa Maria.

Outros otorrinos chegaram na década de 80: Dr. Belmiro Pinto Brandão Neto, Dr. Luciano Veras Lobo, Dr. Antonio Henrique Bandeira, Dr. Renato Medeiros, Dra. Lélia Coutinho Pinto, Dra. Irene Noélia Lisboa, Dr. Andserson Flavio, Dr. João Boechat, esses quatro últimos para trabalhar na Clínica São Lucas, de propriedade do Dr. Ulisses Pinto.

A seguir chegaram Dra. Suenia Ligia Lima, Dr. Rogério Wanderley Pinto Brandão, Dr. Marcio Duarte, Dra. Valéria Pinto Brandão Marquis e, finalmente, Dra. Gabrielle Holanda e Dr. Francisco Alberto Alves Costa.

Os otorrinolaringologistas de Patos, Souza e Cajazeiras

PATOS: José Dionísio da Costa, João Soares, Amaury Vicente, Antonio Fausto e Rosane Dantas Wanderley.

CAJAZEIRAS: Sabino Rolim.

SOUSA: Edvard Mendes Campos, Cezar Gadelha Camarão e Marcelo Soares Abrantes.

A ORL E AS UNIVERSIDADES

Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba

A disciplina de Otorrinolaringologia da faculdade teve como primeiro professor o Doutor Cassiano Nóbrega seguido pelo Professor Isaias Silva que desempenhou, entre outras atividades, a Chefia de Departamento de Clínica Cirúrgica e da disciplina de otorrinolaringologia.

Foram assistentes do professor Isaias os professores Carneiro Arnaud, Claudio Emanuel, Newton Jorge, Ugo Guimarães, Ramonilson Arruda, Werton de Medeiros Roque e seu filho Carlos Steinbach Silva.

Nos anos seguintes, a disciplina passou a ser chefiada pelo Prof. Ugo Guimarães, havendo ingresso de novos assistentes, entre eles: Everaldo Belmont, Ledson Holanda e Maria José Claudino. Esta última assumiu a disciplina com a aposentadoria de Ugo Guimarães e permanece até o momento. No último ano houve o ingresso de mais dois professores na disciplina: Erich Cristiano Melo e Leonardo Fontes Silva.

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande

A disciplina de Otorrinolaringologia em Campina Grande teve, como primeiro professor, o Doutor Ulisses Pinto Brandão, que desempenhou, entre outras atividades, a Chefia de Departamento de Clínica Cirúrgica até se aposentar aos 70 anos.

Em 1993, seu primeiro assistente foi o Dr. José Pinto Brandão que iniciou suas atividades como professor voluntário em 1972 e, após concurso, efetivou-se em 1975.

Em 1982, Dr. Carlos Augusto Fernandes fez concurso e, no dia primeiro de abril de 1983, tomou posse como Professor assistente. Estes dois últimos permanecem como coordenadores/professores da disciplina com rodízio de dois em dois anos.

*Leonardo Fontes Silva

PARANÁ*

O primeiro catedrático de ORL da Universidade Federal do Paraná foi o polonês Julio Szimanski que, em 1916, assumiu a cátedra da Cadeira de Oftalmologia-Otorrinolaringologia com a tese ¨Contribuição para o estudo das tonsillas¨.

Em 1919, as cadeiras foram separadas, ficando responsável pela ORL, em caráter interino, o Professor Carlos Estrela Moreira.

Em 1928,, o Professor Celso do Amaral Ferreira, após estágio de um ano na França, submeteu-se ao concurso para a cátedra tendo sido aprovado com a tese ¨Otite latente no Lactente¨. Ferreira exerceu o cargo até 1963 quando, após um duro concurso com outro candidato, o Professor Leonidas Mocellin assumiu a Cadeira.

Mocellin trouxe vários colegas com formação no exterior dando um grande impulso na especialidade. Criou a primeira residência em ORL do Paraná, abrindo inclusive espaço para a plástica facial que, até então, não era da alçada dos otorrinos.

Em 1992, foi substituído pelo Professor Marcos Mocellin que assumiu a cátedra após concurso onde apresentou a tese ¨Contribuição ao Tratamento da Rinite Atrófica Fétida¨ e, tendo dado sequência ao trabalho anterior, seguiu projetando o serviço nacional e internacionalmente.

Durante todos estes anos vários professores e médicos contratados atuaram ou atuam no serviço: Fernando Simas, Coralo Bernades, Polan Duczak, José Mauricio Holtz, João Candido Cunha Pereira, Antonio Celso Nunes Nassif, Jaime Slotnik, Wilson Cidral, Carlos Eduardo Barrionuevo, João Maniglia, Elmar Fugmann, Mauricio Buschle, Leão Mocellin, e Rogério Pasinato.

Volunariamente, atuam no Serviço, entre outros jovens, os médicos Antonio Gavazzoni, Ewaldo Macedo, Caio Soares, João Luiz Garcia de Faria, Rita de Cassia Mendes, Lauro Lobo Alcântara, Carlos Roberto Ballin, Gyl Ramos, Rogério Hummerschimt, Ricardo Maniglia, Marco Cesar Santos e Rodrigo Pereira.

*Marcos Mocellin

PERNAMBUCO

Entrevista
Nelson Caldas

Formei-me em 1956 e, naquela época, quando a gente se formava já estava entrosado dentro da especialidade, pois trabalhava nela desde os tempos de estudante.

Eu, por exemplo, já no 3º ano da faculdade, comecei a trabalhar no serviço de ORL que era do Arthur de Sá e que depois passou para o Geraldo de Sá.

Quando comecei a ir a congressos, em 1956 em Porto Alegre e no ano seguinte em Fortaleza, a Federação já estava formada. Não tenho em meu acervo nenhum estatuto, apenas me lembro como ela funcionava. Havia um conselho constituído por, basicamente, todos os professores catedráticos das Universidades e tinha outros membros que eram eleitos. Mas os membros natos eram os professores catedráticos. O presidente do conselho, não lembro se era eleito apenas pelos professores catedráticos. Este, uma vez empossado, escolhia os demais membros de sua diretoria. E, basicamente, as reuniões eram no Rio, como agora são em São Paulo. Havia membros que se dedicavam muito aos interesses da Federação e eu não vou lembrar de todos, mas o Roberto Martinho da Rocha era um, o José Kós que era membro nato, o Ermiro Lima.

A Sociedade tinha uma grande ligação com a IFOS e todos almejavam ser seu representante na entidade internacional. Aquelas mentalidades de professores catedráticos foram transferidas para dentro da Sociedade. Com isto, ela era muito autoritária e os sócios quase não participavam. Entre os membros da diretoria havia uma política muito acirrada para a eleição do presidente e demais membros. Mas era muito movimentada.

Sobre os primórdios da ORL no Recife, eu escrevi alguma coisa mas, basicamente, partiram das seguintes lideranças: José de Andrade Médicis, (tio do Alexandre); Arthur Moura, que era o mais moço; Arthur de Sá que era o professor da Faculdade; Silvio Caldas, que era meu pai, ele era muito atuante, foi assistente voluntário da cadeira na faculdade tinha uma clínica muito grande, escrevia bem, falava alemão e francês correntemente, mas um problema que não permitiu sua ascensão – era gago. Ele chegou ao Recife em 1929 com uma tese de doutorado realizada no serviço do professor Raul David de Sanson, no Rio de Janeiro.

Do José Médicis saiu o Alexandre Médicis e o Sérgio Morell; do Arthur de Sá saiu o Geraldo de Sá, que seguiu na cadeira depois de um concurso dramático com o Artur Moura em 1957. Foi um concurso muito disputado e a banca foi o Rafael da Nova (de São Paulo), o Ildeu Duarte (Minas Gerais), o Carlos Moraes (da Bahia) e os dois últimos eram do Recife, o professor Barros Lima e outro de quem não me lembro. Geraldo fez a lista de palavras balanceadas que ficou famosa. Organizou-a em Saint Louis nos EEUU, no serviço do professor Theodor Walsh, o mesmo serviço frequentado pelo Pedro Luiz.

Depois apareceu por lá o Aguinaldo Jurema, treinado igualmente em Saint Louis, onde tinha sido chefe dos residentes, colaborou muito para o crescimento da especialidade, chegou a ser professor catedrático por nomeação na Faculdade de Ciências Médicas, onde o Médicis e o Moura eram também docentes. Houve um concurso entre o José Médicis e o Arthur Moura e a briga foi tão grande que dividiram a disciplina em duas e os dois foram empossados. Depois, na linha desta faculdade, o Aguinaldo Jurema e o Geraldo de Sá também participaram de uma disputa e a disciplina seguiu dividida cada parte com uma. O Aguinaldo Jurema tinha muito prestígio pois, além de ser, cientificamente, muito bem preparado, tinha dois irmãos ministros, o Abelardo e o Aderbal. Um era da Educação e outro da Justiça. E, na Faculdade da Universidade, o Geraldo aposentou-se, depois faleceu. Eu tinha feito concurso de docência (em 1976) e fiz para professor titular em 85, assumi e me aposentei pela compulsória em 2004. Fiz as duas teses no serviço do Pedro Luiz e do Maurício em São Paulo.

O programa de residência médica da Universidade cresceu muito e hoje está classificado na letra A pela Comissão de Residência Médica. Sílvio Caldas Neto fez mestrado e doutorado e hoje está na regência da cadeira, aguardando concurso.

- Como eram os contatos da especialidade pernambucana? Eram só com os estados do sudeste ou havia outros setores influenciando a especialidade?

- Meu pai tinha um contato muito forte com Justo Alonso, do Uruguai, mas basicamente nós do Recife e os colegas de Fortaleza tínhamos uma grande ligação com Ermiro Lima. Ermiro era pernambucano de Bezerros. Nós, do Recife e Ocelo Pinheiro, de Fortaleza, tínhamos um contato permanente com Ermiro, que era seu amigo pessoal.

Ocelo chegou a fazer parte da banca do concurso de Ermiro, que disputou com Capistrano, José Kós, e Amarante. Fui eu quem projetou os slides na aula de Ermiro. Ele tinha um serviço muito grande lá no IPASE e havia um assistente chamado Guimarães que era uma pessoa muito bem treinada, havia passado um período com o Lempert em Nova York, mas era muito independente e fazia uma certa rusga com o Ermiro.

Na hora de projetar os slides, apesar de o serviço ser muito grande, parece que ninguém teve coragem de assumir aquela responsabilidade e o Guimarães, que tinha uma forte personalidade também não queria ficar atrás de um projetor. Não havia, deste modo, ninguém para projetar. Eu havia me formado naquele ano, mas era um camarada inteiramente irresponsável. Topei e passamos treinando a aula por 24 horas e então eu projetei. Mas, na hora em que fiquei atrás do projetor, pensei comigo:

Meu Deus do céu, que foi que eu vim fazer aqui? Mas saiu tudo bem e o Concurso ficou empatado entre Ermiro Lima e Capistrano. Capistrano era o pai do Delfim. A Banca votou outra vez e ficaram de novo empatados. Então convidaram o Rafael da Nova, que era o presidente da Banca, para dar o voto de Minerva e ele deu o voto em favor de seu amigo. Lembro-me até dos termos:

- Voto no candidato de maior projeção internacional. Eles tinham feito um concurso mais ou menos parecido mas, realmente, a projeção internacional de Ermiro era superior à do outro candidato.

RIO GRANDE DO NORTE*

Em 1998, o otorrinolaringologista Rodolpho Penna Lima Júnior e a fonoaudióloga Danielle Penna Lima estruturam o 1º centro especializado no diagnóstico e tratamento das doenças do ouvido e audição do Rio Grande do Norte (RN), com a formatação de protocolos específicos para diagnóstico e intervenção audiológica para diferentes faixas etárias. Na ocasião, foi implantado o 1º programa de triagem auditiva neonatal do RN, utilizando emissões otoacústicas transientes (ILO299) na Maternidade Escola Januário Cico da UFRN, favorecendo o diagnóstico e intervenção precoce de crianças portadoras de deficiência auditiva.

Em 9 de agosto de 2000, foi realizada a primeira cirurgia de implante coclear do Norte e Nordeste do Brasil pela equipe do Otocentro-RN/Hospital do Coração de Natal coordenado pelo Otorrinoaringologista, Dr. Rodolpho Penna Lima Júnior com o apoio técnico da equipe do Centro de Pesquisas Audiológicas da USP-Bauru coordenada pelo Dr. Orozimbo Alves Costa Filho e Fga Maria Cecília Bevilácqua.

Em dezembro de 2002, o Programa de Implante Coclear do Otocentro-RN/Hospital do Coração de Natal, foi credenciado junto ao Ministério da Saúde para realizar este procedimento nos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

O RN foi o terceiro Estado da federação a ter um Centro de Implante Coclear a realizar este procedimento, gratuitamente, ao lado de São Paulo e Rio Grande do Sul. Após o credenciamento (SUS) o programa foi impulsionado, levando a conquistas importantes, como a realização do 1º implante coclear em crianças do N/NE em 2003, atingindo a marca dos 100 implantes em 2006. Em dezembro de 2007, foi realizado o 1º implante coclear bilateral, simultâneo, do N/NE (2º do Brasil), tendo, atualmente, a 2ª maior casuística do país.

A equipe do Otocentro-RN/Hospital do Coração de Natal ajudou na formação de vários grupos de implante coclear pelo Brasil, através do oferecimento de cursos teóricos e práticos na área, realizando o 1º implante coclear dos Estados da Paraíba (20/01/07), Pernambuco (04/04/07), Ceará (28/03/08) e Distrito Federal (19/10/07), em parceria com os Drs Francisco De Biase (PE), Marcos Franca (PB), João Deodato(CE), Gumercindo Rolim (CE) Carlos Augusto Oliveira (DF) e André Sampaio (DF).

Atualmente, o grupo do Otocentro-RN/Hospital do Coração de Natal realizou 342 cirurgias de implantes cocleares em pacientes oriundos de todos os estados da federação, sendo 14 bilaterais, além de otoneurocirurgias, em parceria com o grupo de neurocirurgia do nosso serviço.

*Rodolpho Penna Lima

SANTA CATARINA *

1957
Realização de uma assembleia da Associação Catarinense de Medicina (ACM) para discutir a criação da Faculdade de Medicina de Santa Catarina. Na reunião, foram eleitos para a comissão organizadora da faculdade os médicos Roldão Consoni como presidente, Isaac Lobato Filho como tesoureiro e Henrique Manoel Prisco Paraíso como secretário. (foto)
1959
Um inspetor do Ministério da Educação viajou para SC para conhecer o projeto da Faculdade de Medicina. Com o parecer favorável do inspetor, a comissão deu entrada no processo de pedido de autorização para iniciar as aulas. Alguns meses depois, o processo foi aprovado no conselho da diretoria de ensino superior do Ministério.
1960
Janeiro - Realização do primeiro vestibular da faculdade. Dois professores do Rio de Janeiro foram convidados para participarem do processo seletivo. Os candidatos deveriam ser aprovados em exames escritos e orais das disciplinas de Química, Física e Biologia. Foram 136 inscritos concorrendo a 28 vagas.
Fevereiro - Inauguração da Faculdade de Medicina de Santa Catarina. A solenidade de abertura foi realizada na sede da instituição, à Rua Ferreira Lima, no Centro de Florianópolis. Entre as autoridades presentes estava Jânio Quadros. No mês seguinte, tiveram início as aulas.
1960
Dezembro - A Faculdade de Medicina foi federalizada, passando a integrar a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O diretor da Faculdade de Direito de Florianópolis, professor João David Ferreira Lima, foi eleito o primeiro reitor da universidade.

1963
Primeiro ano de ensino da Otorrinolaringologia em Santa Catarina:
Professor contratado: Ermiro de Lima Sobrinho, originário do Rio de Janeiro. Iniciam-se as aulas para a primeira turma de cerca de 30 acadêmicos.
Após consultas e contatos verbais com fundadores da Faculdade, o citado professor convida o Dr. Mario Gentil Costa, nome local recém-chegado de Residência na Clínica Prof. José Kós, do Rio de Janeiro - anexa à Faculdade de Medicina e Cirurgia - para assessorá-lo nas aulas práticas de ambulatório no centenário Hospital de Caridade, sede dessas aulas.
O citado professor permaneceu por algum tempo em Florianópolis, cerca de dois ou três anos, mas por motivo de uma oportunidade que lhe foi oferecida na Cadeira de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, da qual seu tio Ermiro de Lima era o catedrático, decidiu retornar ao Rio de Janeiro. Ficou o Dr. Mario Gentil Costa encarregado do ensino da disciplina, mas, sobrecarregado com as aulas teóricas e práticas, obteve, dos mesmos fundadores, autorização para convidar outro colega local, o Dr. Júlio Doin Vieira, para auxiliá-lo nos trabalhos. A essas alturas, já um ex-aluno, o Dr. Cláudio Corrêa de Vincenzi, recém-formado na segunda turma em 1966, fazia sua residência com o Professor Ermiro de Lima e, em 1969, se incorporava ao corpo docente. Mais tarde, um terceiro nome - o Dr. Paulo Arlindo Philippi - também ex-aluno, fazia sua residência na Clínica Prof. José Kós e era contratado para se juntar aos anteriores e compor o corpo docente da Disciplina. O último nome a compor o grupo foi o atual professor Waldir Carreirão Filho. Todos os outros nomes locais citados estão aposentados por tempo de serviço e hoje, a disciplina é ensinada nas amplas dependências do Hospital Universitário.
Com menos de 30 anos, este Hospital Universitário da UFSC, manteve, desde o seu inicio, um serviço de ORL, que nos últimos 10 anos incorporou a Cirurgia de Cabeça e Pescoço, e vem progressivamente incorporando novas atribuições, ou seja:
Foi criado, há 7 anos, o Laboratório de Estudos da Voz e Audição, com a participação de equipe multidisciplinar, conjugando otorrinos, fonoaudiólogas, psicólogas, entre outros.
Tal serviço é, há 6 anos, referência em protetização auditiva de alta complexidade(aasi), com triagem auditiva neonatal.

Em 2005, foi realizado o primeiro implante coclear no Estado de Santa Catarina, e está em fase final de credenciamento excepcional junto ao Sus a realização contínua de implantes cocleares.
Nos últimos anos, houve três edições consecutivas do curso de pós-graduação especializado em Voz.

Está em funcionamento há 2 anos o curso de graduação em Fonoaudiologia da UFSC.
Como meta futura, está programada a criação da primeira residência de Otorrinolaringologia no Estado de Santa Catarina, e, dependendo de portaria ministerial, está para ser criado e credenciado um departamento de alta complexidade em vias aérea e digestiva superiores, da face e do pescoço.

O atual corpo docente é formado por:
Prof. Adjunto Waldir Carreirão Filho – Otorrino e Chefe da ORL/CCP
Prof. Adjunto Newton Macuco Capella – Cirurgião de cabeça e pescoço
Prof. Adjunto Paulo Arlindo Philiippi – Otorrino
Prof. Voluntario Claudio Marcio Ikino – Otorrino
Prof. Voluntario Guilherme Pila Caminha – Otorrino
Daniel Ortellado – Cirurgião de cabeça e pescoço
Jalmir Aust – Cirurgião de cabeça e pescoço
Marcos Miroski Gerente – Otorrino
Fernanda Veronesi Phillippi – Otorrino
Waldir Carreirão Neto - Otorrino

*Mario Gentil Costa

CEARÁ*

(Nota dos editores: Este texto foi escrito em maio de 1996 e publicado em 1997)

Desde o século XIX, a otorrinolaringologia teve suas atividades no Ceará.

De acordo com os depoimentos constantes do Capítulo – Dr. Aurélio de Lavor, no início de suas atividades, após sua formatura médica (1877) dedicava-se ao tratamento das doenças do ouvido, nariz e garganta. Quanto à laringe, não sabemos se ele tinha o mesmo interesse. Naquela época, os recursos médicos concernentes ao tratamento das patologias laríngicas eram ainda muito rudimentares. Basta dizer que toda a árvore respiratória era considerada um tubo rígido sem condições de qualquer abordagem. Conceito com certeza oriundo da rigidez cadavérica que estas estruturas apresentavam.

Até os últimos anos do século XIX, o indivíduo com corpo estranho na árvore pulmonar era considerado incurável, condenado a uma evolução prognóstica fatal em pouco tempo, por infecção respiratória, abscesso pulmonar e outras complicações mais sérias.

Somente no final daquele século é que Gustavo Killian, concebendo ser a laringe, traquéia e brônquios flexíveis, desenvolveu o broncoscópio rígido com iluminação proximal. Este instrumental foi inicialmente criado e desenvolvido para retirada de corpos estranhos na traquéia e brônquios. Concomitantemente, seu uso generalizou-se para exames diagnósticos e tratamentos de outras patologias.

Dr. Aurélio de Lavor que, em segunda geração era descendente de franceses, dominava muito bem o idioma francês. Talvez motivado por isto, em 1909, decidiu realizar na França seu aperfeiçoamento em otorrinolaringologia.

Após retornar ao Ceará, trouxe muitas novidades e inovações nesta área, a par de bom instrumental especializado. Foi o primeiro a realizar amigdalectomia no Ceará.

Com Dr. Fernandes Távora aconteceu coisa semelhante. Passou alguns anos clinicando no Amazonas e em Fortaleza, para depois decidir-se pela otorrinolaringologia. Escolheu a Alemanha (dominava bem o idioma) para realizar seu aprendizado na especialidade, exatamente com o Dr. Killian, muito conhecido de todos os otorrinos por seus trabalhos e estudos científicos.

Santa Casa de Fortaleza

Sabemos que o primeiro serviço organizado para atendimento público e, ao mesmo tempo beneficente da otorrinolaringologia no Ceará, foi montado na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Esta instituição vem do século XIX, construída por etapas, desde 1845, quando tiveram início as primeiras providências neste sentido e dada concluída em novembro de 1861. No livro “Santa Casa de Fortaleza”, escrito pelo colega médico e membro titular da Academia Cearense de Letras, Dr. Argos de Vasconcelos (Impressora Gráfica Batista), encontramos completos detalhes sobre esta instituição.

Na Santa Casa realizaram-se as primeiras cirurgias de otorrinolaringologia com hospitalização, em Fortaleza. Antes, somente eram realizadas pequenas cirurgias nos próprios consultórios dos otorrinos.

Dr. Távora parece ter sido o primeiro otorrino a trabalhar na Santa Casa. Nas presentes pesquisas históricas, encontramos dados comprovando que Dr. Lavor trabalhou nesta instituição, porém atendia como clínico geral. Contudo sabemos que Dr. Távora, além de ter trabalhado ali, quando encerrou suas atividades médicas doou todo material, móveis e instrumental cirúrgico de seu consultório para a instituição. Tivemos a oportunidade de saber desta doação quando trabalhávamos naquela Casa, nos tempos de acadêmico de Medicina.

O Prof. Saraiva Leão, no correr dos anos 30 e 40, era o chefe do Serviço e teve o mérito de desenvolver as técnicas de cirurgias da mastóide, que antes eram restritas à abertura e à drenagem de abscessos desta região. Nessa época, os instrumentos usados eram principalmente o martelo e o escopro cirúrgicos.

O Prof. Saraiva formou escola otorrinolaringológica na Santa Casa. Por ela passaram e aprenderam vários otorrinos. Ocelo Pinheiro e Oliveira Pombo faziam parte de sua equipe.

Na época da criação da Faculdade de Medicina do Ceará (1948), Dr. Saraiva Leão foi nomeado professor de Anatomia desta faculdade. Tendo grandes encargos nos dois primeiros anos do curso de Medicina, deixou a Santa Casa juntamente com o Dr. Ocelo, ficando Dr. Pombo como Chefe do Serviço e único responsável pelo atendimento.

Iniciei meu aprendizado otorrinolaringológico, trabalhando neste Serviço da Santa Casa como acadêmico de Medicina, 1956 a 1958, acompanhado pelo Prof. Oliveira Pombo. Usamos muitas vezes o material e instrumental, principalmente o Sluder, doados pelo Dr. Távora. A amigdalectomia nessa época era realizada com este instrumento. A técnica de dissecção das amígdalas poucos conheciam e poucos queriam aprendê-la. Prof. Ocelo, naquela época um dos mais novos na especialidade, era quem melhor realizava amigdalectomia por dissecção. Quando retornei de minha residência médica no Rio de Janeiro, início de 1960, passei os anos de 1960 a 1962 trabalhando na Santa Casa.

Em 1965, a otorrino na Santa Casa estava praticamente parada, sem nenhuma atividade. Foi quando surgiu um grupo de voluntários recém-formados, doutorandos e acadêmicos de Medicina, chefiados por Francisco Leite, encabeçados pelo Valdélio Leite e complementado por Francisco José Barros de Oliveira, Raimundo Medeiros Sobrinho e Enis Soares de Medeiros. Este grupo reestruturou o Serviço e, formando uma equipe coesa, deu início a esta nova etapa de sua história. Sob a orientação desses renomados profissionais passaram vários dos atuais otorrinos do Ceará, inclusive o Dr. Nelson Quesado, aprendendo e aperfeiçoando seus conhecimentos na especialização.

Rememorando a história da ORL na Santa Casa, podemos evidenciar a presença de vários especialistas oftalmo-otorrinos, do grupo dos pioneiros, dando sua espontânea colaboração à instituição. Dentre eles citamos: Antonio Góis Ferreira, Hélio Góis, Oliveira Pombo, Saraiva Leão, Ocelo Pinheiro, Sylvio Leal e vários outros.

Do grupo de continuadores da otorrino no Ceará que trabalhavam na Santa Casa, podemos citar: Jonas Marinho, Geraldo Pinheiro, Evandro Ferreira Gomes, Armando Ribeiro, Francisco de Andrade Leite, Ian Phidias. O penúltimo ainda continua ali. É o atual chefe do Serviço e responsável pelo atendimento aos que procuram este hospital beneficente.

Do grupo de otorrinos em plena atuação que trabalharam na Santa Casa temos: Raimundo Medeiros Sobrinho, Valdélio Alves Leite, Francisco José Barros de Oliveira, Enis Soares de Medeiros, Itamar Fontenele, Nelson de Oliveira Quesado, Israel Pinheiro e Marcelo Araújo, sendo que o último continua trabalhando nesta instituição. Em abril de 1996 ingressaram neste Serviço os Drs. José Gerardo Pimentel Neto e Berlindes Bernaldo Queiroz Maia. Ambos concluíram suas residências médicas otorrinolaringológicas, no HGF do SUS (Sistema Unificado de Saúde).

Serviço de ORL do HC da FMC/UFC

O Serviço da Disciplina de Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina do Ceará é outra etapa no desenvolvimento da otorrino neste Estado.

Este serviço teve inicio em 1951, com a instalação da Disciplina de Otorrinolaringologia pelo Prof. Ocelo Pinheiro.

Nessa época, as aulas teóricas eram proferidas pelo Prof. Ocelo nos anfiteatros da Faculdade (Praça José de Alencar) e as práticas, pelo Prof. Pombo na Santa Casa. Eram os dois únicos professores da disciplina.

Em 1954, com a abertura do Hospital das Clínicas, na Rua Capitão Francisco Pedro (bairro Rodolfo Teófilo), em Fortaleza – Ceará, a Faculdade de Medicina transferiu-se para ali, região próxima da lagoa de Porangabuçu. Nesse endereço, a disciplina de Otorrinolaringologia passou a ser ministrada em melhores instalações: duas salas de ambulatórios, uma de audiometria, duas enfermarias (homens e mulheres) e sala de cirurgia própria, isto é, de Oftalmo e Otorrino.

Em novembro de 1959, falece o Prof. Oliveira Pombo, ficando na disciplina somente o Prof. Ocelo. Vago o cargo, em fevereiro de 1960, fui admitido como professor auxiliar da Faculdade de Medicina, sendo, nessa época, o único em Fortaleza com título de residência em Otorrinolaringologia. No ano seguinte (1961), o Prof. Evandro Ferreira Gomes foi admitido em cargo semelhante. Todos nós, além dos encargos com o ensino médico, atendíamos os pacientes do ambulatório de Otorrinolaringologia e realizávamos as cirurgias inerentes à especialidade.

A microcirurgia teve desenvolvimento no Ceará a partir dos anos 1960. Em 1962, foi adquirido pela Faculdade de Medicina (diga-se também Hospital das Clínicas) o primeiro microscópio do Ceará, nº 154, da marca D. F. Vasconcelos, juntamente com instrumental adequado para as cirurgias otológicas. Desde essa época, teve início a aplicação das novas técnicas cirúrgicas do ouvido e da mastóide.

Foi assim o marco inicial da microcirurgia no Ceará, atualmente de tanta importância nas atividades médicas em geral.

Em 1965 a Faculdade de Medicina mandou dois de seus professores realizarem estágios sobre cirurgia otológica, com duração de seis meses cada um: Geraldo Pinheiro no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, Serviço do Prof. Rafael da Nova, e Evandro Ferreira Gomes na Clínica Prof. Kós, no Rio de Janeiro. Estes professores estagiários, ao retornarem a Fortaleza, tiveram a oportunidade de melhor desenvolver todas as técnicas da Otomicrocirurgia.

Nessa época, Aroldo Miniti era o responsável pelo setor de otologia do Serviço Prof. Rafael da Nova. Atualmente é o professor titular da disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O Prof. Aroldo Miniti é, sem dúvida, um dos melhores mestres da Otorrinolaringologia nacional. É um especialista de renome, com grande atuação na cidade de São Paulo. Possuidor de todos os títulos na carreira universitária, tem trabalhos científicos publicados em numerosas revistas médicas. Juntamente com outros professores, editou o livro: OTORRINOLARINGOLOGIA Clinica e Cirurgia (Edições Ateneu, 1993), com orientações importantes aos principiantes na especialidade. Vem, com brilhantismo, coordenando a disciplina e o Serviço de Otorrinolaringologia da USP.

Maiores detalhes do ensino ORL no Ceará apresentamos noutro capítulo deste livro.

Serviço de ORL do HGF (INAMPS)

Em 1968, do Prof. Ocelo Pinheiro e o Dr. Pompeu Vasconcelos, ambos médicos da Previdência, foram convocados para estruturar o serviço de otorrinolaringologia do HGF (Hospital Geral de Fortaleza), que foi inaugurado conjuntamente com o hospital no dia 27 de maio de 1969. Desde seu início, o serviço possui boas instalações, equipamentos modernos para a época e instrumental para um ótimo desempenho da especialidade. Devemos acrescentar que ali os profissionais contavam com equipos de ORL, cadeiras motorizadas, audiômetros, cabine de audiometria, impedanciômetro, eletronistagmógrafos, vários microscópios cirúrgicos, etc., a par de profissionais da melhor qualificação, a contar pelo Prof. Ocelo Pinheiro.

Nesse mesmo ano entrou no serviço o Dr. Enis de Medeiros, que veio para incrementar as cirurgias rinológicas, como septoplastias, cirurgia da ozena, etc. Em janeiro de 1971, veio o Dr. Geraldo Pinheiro, que desenvolveu a microcirurgia otológica. Em 1977, foi a vez do Dr. Dirceu de Vasconcelos, que trabalhava na emergência do HGF e se transferiu para a Otorrino. Em 1986, entraram no serviço dos Drs. Fernando Praça e Paulo Ricardo Siqueira e logo depois o Dr. João Deodato e a Dra. Maria de Lourdes Nogueira da Rocha, todos oriundos do antigo IAPC. Em 1987, veio transferida de Campina Grande a Dra. Yole Pimentel.

Dr. Ocelo foi o primeiro chefe desse serviço. O segundo foi o Dr. Pompeu Vasconcelos, assumindo em 1973; o terceiro, Dr. Geraldo Pinheiro, que assumiu em 1988 e o quarto e atual, Dr. Fernando Praça, que vem à frente desta chefia desde 1992.

O hospital também se dedica ao ensino otorrinolaringológico. Em pós-graduação, mantém residência médica de 2 anos nesta área. É responsável pela melhor qualificação de vários especialistas que ora atuam no Ceará.

O Dr. Israel Pinheiro, ex-residente e atual otorrino do "staff" médico do hospital, é uma das pessoas que melhor podem falar sobre essa residência médica. Eis a seguir suas próprias palavras:

"Em 1989, foi criada a residência médica em Otorrinolaringologia no HGF sob a coordenação do Dr. Geraldo Pinheiro e o empenho de todos os otorrinos do serviço.

"No primeiro concurso para preenchimento das vagas, foi aprovado o Dr. Israel para a primeira e a Dra. Maria Carlos Pereira de Aguiar para a segunda, esta criada excepcionalmente por se tratar do primeiro ano desta residência.

"Três meses depois, Dr. Sebastião Diógenes, que trabalhava no setor de emergência do HGF, foi transferido para a Clínica de Otorrino. Ao chegar, foi logo estruturando uma sessão clínica às quartas-feiras e uma reunião clínica cirúrgica mensal. Criou também o atendimento ambulatorial próprio para os residentes sob sua supervisão.

"Em 1990, foi aprovado o Dr. José Olimar, que 3 meses depois desistiu da residência, entrando em seu lugar a Dra. Eveline Monteiro.

"Em 1991, foi aprovado Dr. José Carlos da Silva. Vindo da Paraíba, retornou à sua cidade natal, João Pessoa, após o término de sua residência.

"A partir de dezembro de 1991, houve uma série de mudanças no HGF: Dr. Sebastião foi transferido para a faculdade, pois havia sido eleito coordenador do Curso de Medicina; em janeiro de 1992, o Dr. Geraldo Pinheiro aposentou-se. O HGF, passando para o SUS (Sistema Unificado de Saúde), foi estadualizado, com isso foram transferidos para esse hospital os Drs. Crisanto Gomes dos Santos, que veio de seu emprego estadual em Sobral, e Israel Pinheiro, de São Gonçalo (emprego estadual).

"Dr. Fernando Praça, assumindo a chefia da clínica, marcou sua administração pelo início da endoscopia nasal, com a aquisição do naso-faringo-laringoscópio de fibra ótica. Transferiu a sessão clínica para terça-feira em conjunto com a reunião da SCORLEP, na época presidida pelo Dr. João Deodato de Carvalho.

"Em 1992, foi aprovada a Dra. Zulmira Cláudia Cavalcante Frota.

"Em 1993, foi aprovada a Dra. Silvana Coelho Pimentel. Em dezembro desse mesmo ano, Dr. Crisanto Gomes deixou de trabalhar no HGF.

"Em 1994, foi criada mais uma vaga para residência em Otorrino, sendo aprovados os Drs. Berlindes Bernaldo Queiroz Maia e José Gerardo Pimentel Neto.

"Em 1995, foram aprovados a Dra. Iluska Sales Ripardo Maranhão e o Dr. Paulo Rogério Pereira Leal.

"Em 1996, foram aprovados os Drs. Paulo Fernando Vinagre de Carvalho e Elissandro Dias Martins.

Atualmente, ali trabalham Pompeu Vasconcelos, Enis Medeiros, Fernando Praça, Paulo Ricardo, João Deodato, Dirceu Vasconcelos, Yole Pimentel e Israel Pinheiro. Por esse serviço passaram os otorrinos Ocelo, Geraldo, Sebastião Diógenes, Maria de Lourdes Nogueira da Rocha e Crisanto Gomes dos Santos. Todos responsáveis pelo desenvolvimento positivo que esse serviço vem tendo através destes quase trinta anos de existência.

*Geraldo Pinheiro

MARANHÃO*

Por volta dos anos 30, surgiram, em São Luiz, os primeiros especialistas: Antonio Marques e Crisanto Carneiro de Azevedo.

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Maranhão foi fundada em 28/02/1957, com o nome de Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão, pelo então Arcebispo da cidade de São Luis, Dom José de Medeiros Delgado.

Em 17 de julho de 1958 realizou-se o primeiro vestibular e a Aula Inaugural foi proferida pelo Governador Dr. José de Matos Carvalho que era médico e professor.

A disciplina de ORL iniciou-se em 1961, tendo como catedrático o Dr. Crizanto Carneiro de Azevedo (pai de José de Ribamar Azevedo, renomado cirurgião no Rio de Janeiro). Era assistente o doutor William Moreira Lima.

Em 1970 foi admitido na Disciplina o Dr. Tomé Lima de Araújo (já aposentado).

Admitido por Concurso Público em 1980, o Dr. Carlos Alberto Silva Dias assumiu como Coordenador da Disciplina e Chefe do Serviço de ORL do HU-UFMA

Em 2009 foi admitido, por concurso público, o Dr. Pedro Serafim Neto.

A disciplina é oferecida no 6º período do curso com 60 horas semestrais, sendo 15h teóricas e 45h de práticas ambulatoriais e cirúrgicas.

*Baseado no depoimento de Carlos Alberto Dias

OUTROS ESTADOS

Brasília

A Sociedade de Otorrinolaringologia de Brasília foi fundada em 29/3/1984.
A diretoria atual (biênio 2009-2010) é composta pelos colegas Marcio Nakanishi, Ronaldo Campos Granjeiro, Carlos Adriano Faria de Araujo, Jaime Antonio Siqueira, Luciana Miwa Nita Watanabe, Mario Zan Morelo.

Tocantins

O Centro Universitário UNIRG é uma instituição particular de ensino superior localizada em Gurupi, Tocantins. Seu curso de Medicina teve início em junho de 2002.
São professores da Otorrinolaringologia os doutores André Cunha e Fabrício Freire Dominicini Ferreira.

Outros

Os colegas dos estados abaixo relacionados, não nos enviaram sua colaboração, motivo pelo qual estamos nos valendo das informações contidas no livro “Primórdios da Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia no Brasil”, dos professores José Arthur de Carvalho Kós e Plínio de Mattos Barretto, de 1980:

Amazonas

Em 1936, chegou a Manaus o primeiro otorrinolaringologista, Luiz da Cunha Costa, formado no Rio de Janeiro em 1927, sob a orientação de João Marinho.

A Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas foi fundada em 1925 e, posteriormente, passou a se chamar de Faculdade de Ciências da Saúde.

O primeiro professor de Otorrinolaringologia, Platão Araujo, foi nomeado em 1967.
Aposentou-se em 1978, quando foi substituído por Hylace Braga, que permaneceu no ensino até 1985, quando faleceu.

Alagoas

Um dos primeiros especialistas em Maceió foi José Lyra, que havia sido interno e depois assistente na Policlínica de Botafogo, Serviço do Prof. Raul David de Sanson.

Piauí

O primeiro otorrinolaringologista em Teresina foi Epiphanio de Carvalho, que começou a exercer a especialidade em 1934, depois de ter feito curso de atualização no Serviço do Prof. Raul David de Sanson, no Hospital Gaffrée-Guinle.

Interior do Rio

No que se refere ao Estado do Rio, para concluir, citaríamos as Faculdades do interior e seus respectivos professores obtidos por intermédio da Sociedade de Otorrinolaringologia do Estado do Rio de Janeiro:

Vassouras - Riquelme Romero Leal Portela.
Volta Redonda - Nadejda Varginha.
Itaperuna - Paulo Tinoco.
Petrópolis - Carlos Augusto Ferreira de Araujo.
Teresópolis - Claudio de Campos Rodrigues e Joaquim Fernando Pinto de Almeida.

-x-x-x-

De Valença, Nova Iguaçu e Campos dos Goytacazes bem como de Sergipe, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Acre não conseguimos informações atualizadas.

CONGRESSOS E A PROFISSIONALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

O PRIMEIRO CONGRESSO

Em 1938, os otorrinolaringologistas cariocas já se sentiam em condições de realizar um evento de abrangência nacional. Aproveitaram que sua entidade, em breve, completaria um ano de existência e resolveram assinalar a data com um acontecimento histórico.

O Rio, Capital da República, era o único estado onde os especialistas se reuniam em uma sociedade independente. Mesmo São Paulo, que desde 1932 já estava organizado, tinha sua entidade resguardada sob as asas protetoras da poderosa Associação Paulista de Medicina. As atividades de sua "secção" de ORL eram realizadas na forma de um departamento especializado da Sociedade-mãe.

O ensino da ORL no Brasil se havia iniciado em 1911, no Rio de Janeiro e na Bahia, em 1912. Em 1923, ainda ligada à Sociedade de Oftalmologia tentara-se, sem sucesso, a criação de uma entidade. O número de membros era pouco significativo, apenas seis, e ela não durou muito.

A idéia ressurgiu após os paulistas realizarem, em 1926, com grande sucesso, a Primeira Semana de ORL. Dez anos depois, São Paulo repetiu a dose. A essa altura os cariocas já se sentiam amadurecidos e recriaram sua Associação.

Passado um ano, organizavam-se para dar um passo ainda maior. Nada menos que um congresso nacional.

Eram tempos amadorísticos. Nada profissional como nos dias atuais em que grandes empresas especializadas em eventos são capazes de organizar reuniões onde milhares de pessoas participam e discutem os mais variados temas e as grandes cidades constroem estruturas cada vez maiores para abrigar, com o máximo de conforto, esta gente toda e faturar alto no turismo conseqüente.

Também nada de milionários patrocinadores que montam sofisticados estandes, onde oferecem, além da simples apresentação de seus produtos, festas com artistas importantes, comida, bebida e toda a sorte de brindes sem falar no pagamento de passagens e estadias para que vips nacionais e internacionais sejam vistos e ouvidos durante o evento.

Eles eram apenas cinco. Capitaneados pelo professor João Marinho, presidente da comissão executiva, o grupo básico dos organizadores tinha como secretário geral Aristides Monteiro, secundado por Ermiro Estevam de Lima e Duarte Moreira e, respondendo pela tesouraria, Armando Pinto Fernandes.

Chamado de 1º Congresso Brasiliense de Otorrinolaringologia, o encontro recebeu mais de uma centena de convencionais e um número semelhante de comunicações científicas.

No dia 2 de outubro de 1938, realizou-se a seção de abertura e na semana seguinte teve lugar o evento propriamente dito que culminou com seu encerramento no dia 9, data do aniversário de fundação da Sociedade de ORL do Rio de Janeiro.

Uma série de regras foram publicadas orientando os colegas que desejassem participar do congresso. Eles poderiam ser especialistas brasileiros ou estrangeiros e mesmo qualquer médico interessado no assunto. O preço da inscrição era de 100$000 (cem mil réis).*

Sem contar com os modernos recursos audiovisuais, as palestras seriam apresentadas na forma de comunicação oral ou leitura, não podendo exceder a 20 páginas e devendo ser entregues na sede do congresso quinze dias antes da abertura do mesmo. Os relatores tinham 15 minutos para fazer a comunicação, após o que, dois membros do congresso poderiam debatê-lo por cinco minutos cada com uma réplica de outros quinze para o relator. Os trabalhos deveriam trazer um pequeno resumo, se possível, vertido para francês, inglês ou alemão.

As conferências foram realizadas em três espaços: na Sociedade de Medicina e Cirurgia, na Academia Nacional de Medicina e no Antigo Conselho Municipal e as demonstrações cirúrgicas divididas entre o Serviço de ORL do Hospital de Pronto Socorro, chefiado pelo Dr. Caiado de Castro, e a Clínica de ORL do Hospital São Francisco a cargo do Professor João Marinho.

Um fato interessante na leitura das normas é que na Sessão de Abertura era "vedado apresentar-se comunicações sob qualquer forma ou pretexto" ao passo que, na de Encerramento, onde estava prevista uma comunicação do Secretário Geral com o resumo das principais ocorrências, seria facultada a apresentação de moções, requerimentos ou indicações. Nesta última, seria marcada a data e o local do próximo congresso brasileiro a ser realizado dali a dois anos. Na verdade, isto só aconteceu dez anos depois, na cidade de Salvador, Bahia.

Também estava no prolongado estatuto a idéia de que dois assuntos especiais, chamados temas de relação, seriam distribuídos seis meses antes do congresso para que as sociedades especializadas indicassem seus apresentadores. Um deles, escolhido pela Secção de Otorrinolaringologia da Associação Paulista de Medicina, coube a Mário Ottoni de Rezende e versou sobre "A contribuição da ORL no diagnóstico das moléstias bulboprotuberanciais". O outro coube a Raul David de Sanson e chamou-se "Septicemia otogênica". Estes trabalhos, obviamente, eram maiores do que os demais e o relator tinha mais tempo para a apresentação. Os colegas estrangeiros inscritos no evento foram convidados, igualmente, a apresentar temas de relação.

Quando vemos hoje, em nossas jornadas, empresas especializadas monitorando uma parafernália tecnológica para gravar as apresentações em vídeo ou em DVD, ocorre-nos a idéia de que nossos predecessores também tinham, para com o evento, as mesmas angústias. Estenógrafos contratados acompanharam os debates e forneceram à Mesa, cópia dos mesmos.**

O evento constituiu-se em grande sucesso. Como presidentes de honra, distinção que acompanhava frequentemente as atividades científicas – quanto mais não fosse valia por alguma boca livre – foram convidados Gustavo Capanema, Ministro de Educação e Saúde, Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores e o Professor Clementino Fraga, Secretário Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, o único a comparecer à sessão de abertura, e a quem deveu-se a possibilidade de utilizar próprios da municipalidade para atividades sociais.

A Seção Inaugural contou com grandes personalidades à mesa. Além de Clementino Fraga e do Professor João Marinho, estavam o Dr. F. Migueis de Melo, representando o Ministro da Educação, o Professor Juan Manoel Tato, representante da Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires e o Professor Joaquim Moreira da Fonseca, presidente da Academia Nacional de Medicina.

Inúmeros oradores falaram na ocasião. A abertura se fez pelo Professor Clementino Fraga e, posteriormente, João Marinho, Juan Manoel Tato, Arthur Sá (Recife), Eduardo de Moraes (Salvador), Antônio de Paula Santos (São Paulo), Ivo Correia Meyer (Porto Alegre), Ildeu Duarte (Belo Horizonte), Olivé Leite (Santa Maria), Homero Cordeiro (São Paulo) sendo a seção encerrada com a palestra de Moreira da Fonseca.

Um fato importante ocorreu nessa ocasião. João Marinho, dirigindo-se ao colega de Buenos Aires saudou-o dizendo estas palavras: "Meu caro senhor Argentino. De há muito conheço-vos em pessoa e sei dizer e escrever o vosso nome com todas as letras. Prefiro, porém, chamar-vos pelo nome coletivo. Quando qualquer de vós desembarca, perde o nome individual e passa a representante da pátria de nossa particular estima".

Já estava pensando no próximo passo. Ao final do Congresso, viria a propor aos colegas do país vizinho uma atividade ainda mais imponente - um Congresso que unisse os profissionais da América Latina.

Importantes nomes da ORL brasileira, alguns que no decorrer do tempo transformaram-se em legendas da medicina, marcaram presença no encontro. Entre eles, Guedes de Melo, Hugo Ribeiro de Almeida, Augusto Linhares, Edmundo Vasconcelos, Francisco Eiras, Otacílio Lopes, Mauro Penna, José Kós, Arthur Moura, Plínio Barreto, Paulo Mangabeira Albernaz, Rafael da Nova, Francisco Hartung, Gabriel Porto, Capistrano Pereira, Ermiro Lima, Álvaro Tourinho e o Professor George Portmann, que veio de Bordeaux, França, e apresentou um "film cinematográfico" por ocasião de sua fala.

O encontro já havia começado quando chegou, viajando pelo Oceania, Eliseu Victor Segura, catedrático da Faculdade de Medicina de Buenos Aires. Ao discursar na Seção de Encerramento do congresso contou que "o professor João Marinho sabe muito bem que eu não podia vir, muito embora o sentisse. Mas ele teve a imprudência de escrever-me uma carta que começava desta maneira: "Você vem, você virá!".

Também ansiosamente aguardado, chegou de Montevidéu, viajando de avião, o Professor Justo M. Alonso, catedrático no Uruguai e chefe do Serviço de ORL do Hospital Maciel, que fechava com Segura e Marinho a mais importante tríade sul-americana na especialidade.

Estavam todos os interessados. Unindo-se a Tato, os três decidiram e Marinho informou na Seção de Encerramento que, dali a dois anos, seria realizado o primeiro Congresso Sul Americano de Otorrinolaringologia, em Buenos Aires.

Mas os tempos não eram fáceis. Vivia-se um ano de grande tensão. Hitler, assegurando-se do apoio da Itália e não permitindo ao chanceler Kurt von Schuschnigg efetuar um plebiscito sobre a reclamada anexação da Áustria, ordenou sua invasão pelas tropas alemãs. Em 11 de março, entrou, gloriosamente, em Viena e armou o palco para o início da 2ª Guerra Mundial.

*Para se ter uma idéia do valor desta inscrição, atente-se que o grama de ouro valia 22$500, um cobertor de pura lã, dos modelos mais caros, saía por 150$000, uma confecção para homem na base dos 200$000, uma gravata 15$000, uma entrada de cinema 2$500 e um refrigerador custava a bagatela de 3:850$000, isto é, quase quatro contos de réis.

** Os anais do congresso foram publicados em quatro volumes e distribuídos, gratuitamente, aos otorrinolaringologistas brasileiros em janeiro de 1940.

Congresso de 1938. Sessão presidida pelo Prof. João Marinho

Congressistas no Hospital São Francisco de Assis: Eliseu V. Segura, João Marinho, Eduardo Moraes, Ermiro Lima, Paulo Mangabeira Albernaz, Paulo Brandão, Estevam Resende.

Congressistas presentes ao desembarque do Prof. Justo Alonso, no aeroporto.

Salvador, Bahia – Janeiro de 1948

Surpreendidos pelo grande sucesso que o pioneirismo carioca obteve em 1938, sinalizando que éramos suficientemente responsáveis para organizar eventos em âmbito nacional, os otorrinos brasileiros perceberam que esta atitude era um caminho sem volta.

Literalmente embriagados pelas respostas ao chamamento vindas de distantes pontos de nossa geografia, ali mesmo já pensaram num evento ainda maior unindo a América do Sul e, obviamente, na continuação dos encontros nacionais.

A 2ª Grande Guerra, no entanto, frustrou expectativas e impediu a realização do conclave nacional que só voltou a acontecer dez anos depois, na cidade de Salvador.

20 de janeiro de 1948, noite de terça feira. O Salão Nobre da histórica Faculdade de Medicina da Bahia recebia os membros do II Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia e, na presença do Ministro da Educação e Saúde Pública, o baiano Clemente Mariani, ocorria a sessão inaugural de um acontecimento marcado por alguns importantes detalhes: a frequência, quase anual dos próximos encontros e a fundação da Federação Brasileira das Sociedades de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia.

Sob a presidência do Professor Carlos Rodrigues de Moraes e secretaria geral do Dr. Orlando de Castro Lima, a Comissão Executiva do encontro organizou um programa científico de alto nível onde se destacava um estudo crítico sobre a cirurgia da otosclerose e cujo relator era Ermiro Estevan de Lima. O Programa social não era menos importante. Dele faziam parte visitas a pontos históricos de Salvador, um passeio a Itaparica e um almoço, realizado quarta-feira, na residência do Ministro.

A nota de tristeza era a consciência de que o evento seria obra de Eduardo Rodrigues de Moraes, primeiro professor de otorrinolaringologia na Faculdade da Bahia e mestre de algumas das mais importantes personalidades da especialidade no Brasil. Grande responsável pela realização do evento, o professor Eduardo faleceu em 1943 tendo sido substituído por seu filho e sucessor.

O lado político da reunião, no entanto, deveu-se a um ilustre paulista, José Eugênio Rezende Barbosa. Juntamente com Mário Ottoni de Rezende e Homero Cordeiro, José Eugênio participou da fundação da Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, chamada inicialmente “Revista Oto-laryngologica de São Paulo”. Foi secretário desde sua fundação até 1950, quando passou a editor respondendo pela publicação por mais 14 anos. Titular do Departamento de Otorrinolaringologia da Santa Casa de São Paulo, ainda participou da Fundação da Faculdade de Ciências Médicas onde, em 1962, foi o primeiro professor da especialidade.

Imbuído pela absoluta necessidade de reunir os especialistas brasileiros em torno de um organismo nacional, Rezende Barbosa, um ano antes da realização do evento, já acertara com a Comissão Organizadora uma reunião onde se discutiria a criação desta entidade. Suas análises preliminares estavam prontas. Estudara com carinho todas as variáveis, considerando, por exemplo, a necessidade de implantar sociedades em estados brasileiros que ainda não as possuíam. Contava com a aprovação dos delegados, baianos, cariocas e do Recife, mas tinha dúvidas quanto ao resto do Brasil. Programou-se para defender esta idéia como se esperasse uma feroz oposição.

Como estava previsto, assumiu presidência da Assembléia Geral. Mas foi surpreendido. Dispensada a necessidade de uma eleição, os colegas simplesmente aclamaram a proposta e estava nascendo ali a Federação das Sociedades Brasileiras de ORL, a hoje pujante ABORL-CCF de quase quatro mil associados.

Ficamos a pensar se, na sexta-feira seguinte, ao se despedirem de Salvador, os colegas brasileiros davam-se conta de que haviam participado de um dos mais importantes momentos históricos da otorrinolaringologia brasileira.

Congressos Brasileiros de ORL

N°	Data	Local	Presidente
1º	02 a 09/10/1938	Rio de Janeiro	João Marinho
2°	20 à 24/01/1948	Salvador	Carlos R. de Morais
3°	08 a 14/07/1951	São Paulo	A. de Paula Santos

A partir desta data os eventos foram denominados "Reunião"

1.ª Reunião	04 a 06/07/1952	Rio de Janeiro	???
2.ª "	30/07 a 01/08/53	Belo Horizonte	Ildeu Duarte
3.ª "	04 a 07/09/1954	Curitiba	Celso Ferreira
4.ª "	07 a 10/10/1955	Recife	Arthur de Sá
5.ª "	06 a 08/09/1956	São Paulo	Paulo M Albernaz e Rafael da Nova
6.ª "	15 a 17/11/57	Salvador	Carlos de Moraes
7.ª " *			
8.ª "			
9.ª "			
10.ª "			
11.ª "	13 a 15/10/1962	Rio de Janeiro	C. Meireles Vieira

A partir do 12º encontro passaram a chamar-se outra vez "Congresso".

12°	07 a13/09/1963	Rio de Janeiro	Ermiro de Lima
13°	04 a 07/09/1964	Curitiba	Leônidas Mocellin
14°			
15°	03 a 07/09/1966	São Paulo	Marco Elizabetsky
16°	06 a 10/09/1967	Belo Horizonte	Antonio Soares de Lima Neto
17°	09 a 13/11/1968	Brasília	Victor Tannuri
18°	24 a 29/10/1969	Porto Alegre	Rudolf Lang
19°	04 a 08/09/1970	Rio de Janeiro	Roberto M da Rocha
20°	04 a 09/09/1971	São Paulo	Otacílio C. Lopes
21°	05 a 08/10/1972	Rio de Janeiro	Hélio H. Hoffbauer

21º Congresso Brasileiro de ORL: (em sentido horário) entre outros, Nelson Caldas, Rudolf Lang, Clemente Ribeiro de Almeida, Milton Souza Leão, Nicanor Letti

22°	02 a 05/09/1975	Curitiba	Leônidas Mocellin
23°	27/10 a 01/11/76	Fortaleza	Ocelo Pinheiro
24° **	17 a 21/11/1978	Rio de Janeiro	Delfin M. Capistrano

NB: A Federação passou a chamar-se Sociedade Brasileira de ORL

25°	04 a 08/11/1980	Canela/RS	Décio Castro
26°	25 a 30/10/1982	Recife	Ivo A. Kuhl
27°	01 a 05/10/1984	Rio de Janeiro	Hélio Hungria
28°	06 a 10/10/1986	São Paulo	Aroldo Miniti
29° ***	30/10 a 04/11/88	Salvador	Hélio Lessa e Otacílio Lopes Filho
30°	27/10 a 01/11/90	Rio de Janeiro	Arthur O. A. Kós
31°	15 a 20/08/1992	São Paulo	Pedro L. M Albernaz
32°	03 a 07/09/1994	Curitiba	Marcos Mocellin
33°	02 a 06/11/1996	Recife	Nelson Caldas
34°	02 a 05/11/1998	Porto Alegre	Luiz Lavinsky
35°	16 a 20/10/2000	Natal	Pedro Cavalcanti
36°	18 a 23/11/2002	Florianópolis	Syriaco Kotzias

A partir de 10/10/2003 a Sociedade passou a chamar-se

Associação Brasileira de Otorinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial

37°	16 a 20/11/2004	Fortaleza	Crisanto G Santos
38°	27/11 a 01/12/06	Salvador	Washington Almeida
39°	31/03 a 04/0408	Belo Horizonte	Ricardo Macedo

* A Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, fundada em 1933, teve suas edições interrompidas entre 1958 e 1961. O último volume antes da suspensão foi o de número 34 e o primeiro, quando voltou a funcionar, foi o 36. Não sabemos se o volume 35 chegou a ser publicado.

** O 24º Congresso foi realizado em conjunto com o X Congresso Latino-Americano de ORL.

*** O 29º foi realizado em conjunto com o XXI Congresso Pan-Americano de ORL

Congressos Triológicos

A partir de 1999, uma idéia de Marcos Mocellin transformou-se em realidade. Os congressos brasileiros, com a formatação conhecida, passariam a ser realizados nos anos pares e os das supra-especialidades nos ímpares (estas incluíam as sociedades de otologia, rinologia e laringologia e voz). A partir desta idéia, juntaram-se estes três eventos em um único denominado Triológico.

Marcos foi o organizador do 1º Triológico. Realizado no Hotel Transamérica em São Paulo, durou 6 dias, dois para cada especialidade.

Segundo Mocellin, era importante também fazer com que não se pagassem quatro anuidades. A SBORL que era a “sociedade mãe” cobrava uma unidade e repassava 10% para a otologia, 10% para a rinologia e 10% para a laringologia. Então, todos passaram a ser sócios de tudo. Isto foi feito durante sua gestão e surgiu a idéia do Triológico.

Até agora foram realizados cinco Congressos Triológicos

1º	De 13 a 18/11/99 - São Paulo
2º	De 22 a 26/08/01- Goiânia
3º	De 08 a 11/10/03 – Rio de Janeiro
4º	De 11 a 15/11/05 – São Paulo
5º	De 06 a 09/06/07 - Brasília

Jornadas Regionais

Em 1983, Antônio Celso Nunes Nassif constatava o que a maioria dos administradores de nossas entidades científicas começava a se certificar. Nossos congressos nacionais haviam passado de uma pequena ação entre amigos, enfrentados de forma absolutamente amadora, para mega-eventos que não podiam dispensar um profissionalismo sério e competente.

Havia acabado aquela espera por um bom papo, discussões informais com alguns mestres de outros lugares e se organizavam reuniões simultâneas com várias salas, em geral bem frequentadas, usando-se todo o tempo disponível para a apresentação dos trabalhos.

Nassif, então, teve a idéia de realizar congressos regionais, onde seriam valorizados, no mesmo pé de igualdade, as atividades científicas com as sociais. A primeira idéia era que os eventos, na medida do possível, não deveriam ser realizados em capitais e sim – preferentemente – em cidades turísticas.

Nem bem criou a idéia e organizou, junto com a IV Jornada paranaense de ORL, o 1º Encontro Sulbrasileiro reunindo, em Foz do Iguaçu, além dos colegas de seu estado, ainda catarinenses e gaúchos.

O sucesso foi tamanho que este encontro vem se realizando a cada dois anos tendo, apenas, mudado de nome para Jornada Sulbrasileira.

Elas tiveram lugar de acordo com a série abaixo:

I - 1983 – Foz do Iguaçu
II - 1985 – Canela (RS)
III -1987 – Itapema (SC)
IV - 1989 – Foz do Iguaçu
V – 1991 – Gramado
VI – 1993 – Itapema
VII – 1995 – Foz do Iguaçu
VIII – 1997 – Canela
IX – 1999 – Blumenau
X – 2001 – Foz do Iguaçu
XI – 2003 – Bento Gonçalves
XII – 2005 – Itapema
XIII – 2007 – Curitiba
XIV – 2009 - Gramado

Presidentes da Associação

A Federação Brasileira das Sociedades de Otorrinolaringologia e Bronco-esofagologia, fundada em 1948, era comandada por um Conselho Diretor e uma Comissão Executiva.

O Conselho era formado pelos professores titulares da especialidade nas diversas faculdades de medicina brasileiras, além de alguns colegas convidados, e a Comissão Executiva constava de um Secretário do Exterior, um Secretário do Interior, ambos com suplentes, um Tesoureiro, um representante no Conselho da Associação Panamericana de Otorrinolaringologia e um membro do Comitê Internacional de ORL.

Em 1979, a Federação foi transformada em Sociedade passando a chamar-se Sociedade Brasileira de ORL. A partir de então passou a ter presidentes.

Em 2003, passou a chamar-se Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico Facial.

SBORL

1979/80 – Hélio Hungria Hoffbauer
1981/82 – Ivo Adolpho Kuhl
1983/84 – Pedro Luiz Mangabeira Albernaz
1985/86 – Rudolf Lang
1987/88 – Nelson Álvares Cruz
1989/90 – Roberto Martinho da Rocha
1991/92 – José Antônio Aparecido de Oliveira
1993/94 – Paulo Augusto de Lima Pontes
1995/96 – Paulo Augusto de Lima Pontes
1997/98 – Marcos Mocellin
1999/00 – Luc Louis Maurice Weckx
2001/02 – Luc Louis Maurice Weckx

2003/04 – José Victor Maniglia
2005/06 – Richard Voegels
2007/09 – Ricardo Ferreira Bento

Paulo Augusto de Lima Pontes
(Entrevista)

Vocês querem saber alguns fatos que, lembro, possam ter modificado a organização dos otorrinos aqui no Brasil? Eu tive a sorte de poder participar de um momento de transformação da SBORL. Teve um grupo de colegas que, naquela ocasião, eram jovens e hoje são todos senhores e cujos nomes não quero citar para não cometer a injustiça de deixar alguém de fora, que notaram que a otorrinolaringologia brasileira tinha de ter uma sociedade mais bem organizada.

Até então, todo o trabalho que vinha sido feito era às custas do suor pessoal de cada um de seus presidentes que tinha, à sua disposição, praticamente a secretária do consultório, ou a sua esposa para ajudar a ORL brasileira.

Chegou o momento em que nos convencemos de que era necessário ter uma estrutura, mas, para que isto ocorresse, era preciso haver um presidente com um relacionamento mais amplo com os ORLs do Brasil. Por sorte, naquele momento, como eu estava introduzindo uma laringologia moderna e tinha contato com colegas de vários estados, este grupo pediu para que eu assumisse. Eu não queria, mas, numa segunda investida, acabei aceitando.

Para cumprir a meta impus uma condição: uma secretaria com pessoal profissional. Contratamos um "head hunter" e saímos a selecionar uma pessoa que pudesse fazer este papel para nós. Isto foi aceito, tivemos uma secretaria leiga que passou a administrar a parte burocrática da Sociedade.

O problema é que, como eu estava em São Paulo, a secretaria, para ter mais agilidade, também deveria ser lá. Ficamos então com a sede no RJ e um capítulo administrativo em SP. Mas não tínhamos condições de tocar todo o projeto, pois faltava dinheiro. Então, seguindo o modelo dos colegas precedentes, ele ficou instalado, provisoriamente, no meu consultório.

Graças à visão empresarial deste grupo, eu tive a possibilidade de executar o plano. Então, a Sociedade adquiriu uma desenvoltura muito grande e eu tive a chance de ser partícipe deste processo. A profissionalização começou aí. A administração começou a ficar muito forte em SP e nós, que já havíamos comprado outra sede no RJ na expectativa dela ficar por lá, compreendemos que ficou difícil de voltar para o Rio.

Aí houve concordância, inclusive dos colegas cariocas que deram total apoio, sem nenhuma posição bairrista, todos pensando na ORL brasileira e a sede veio em definitivo para São Paulo. Vendemos a sede nova de Ipanema e, no final da gestão seguinte, do Marcos Mocelin, comprou-se a sede do Ibirapuera que, em seguida, também já ficou mal dimensionada e não tinha mais lugar. Na gestão do Luc foi comprada a atual sede na Avenida Higienópolis, em Moema. O Zé Victor Maniglia tinha planos de comprar um terreno para construir uma sede maior ainda, mas aí a infraestrutura não oferecia condições para um investimento tão grande. Mas se foi aventada esta hipótese é porque existe esta necessidade. Então, eu acredito que, no futuro, teremos uma sede à semelhança da Sociedade de Pediatria.

- Outra coisa, Paulo, tu eras o presidente quando a Zélia Cardoso de Melo cortou o crédito às vésperas de um congresso?

Era, mas, na ocasião, a medida não chegou a nos afetar muito. Nosso maior problema foi quando ocorreu a maxidesvalorização do dólar, em 1999. Na ocasião anterior o impacto não foi tão grande, embora o pessoal da diretoria tenha sido obrigado a colocar seu próprio dinheiro para pagar os custos do Congresso. Esse dinheiro foi devolvido no final do evento. Se isso tivesse ocorrido hoje, seria um desastre.

Há quem pense que a Sociedade já nasceu grande, mas eu lembro que, quando começamos a fazer as modificações, o fluxo de caixa anual era de 70.000 dólares. Quando eu saí, nosso fluxo era de US$ 2.000.000. Isto tudo em 4 anos. Depois, houve a desvalorização em 1999 e esse valor passou a ser um pouco menor. Os congressos, que recebiam cerca de 700 convencionais, passaram a ter 1.500. Tudo por uma questão de organização. Os otorrinos eram os mesmos. E digo mais, com menor esforço para os atuais organizadores.

Os mais antigos usavam a sociedade apenas para fazer o Congresso Brasileiro. Por isto foi elaborada esta alteração que era, basicamente, filosófica. Ela não deveria restringir-se apenas ao congresso mas ter uma atividade anual contínua, na defesa profissional, no título de especialista, etc. O título, por exemplo, era outorgado antes, sem ter uma base sólida para isto.

O Sócio, o ideal é que seja individual com uma situação mais efetiva. O que não impede que existam capítulos fortes nos estados. Ainda temos as supraespecialidades que estavam ficando fracas. Pensou-se então que é necessário que elas existam, mas que não possam ser concorrentes. Havia necessidade de uma hierarquia. Para ser sócio da Brasileira tem de ser sócio da AMB, então, para ser sócio de uma supra tem de ser sócio da brasileira. E com isto juntamos os boletos. A partir daí pensou-se no triológico, implementado pelo Mocelin.

As supras fizeram então seus programas sociais e científicos sem avançar no terreno da Sociedade-mãe. Passaram a fazer programas de prevenção, por exemplo. A laringologia fez o Dia Nacional da Voz, que hoje é o Dia Mundial da Voz, comemorado e sempre citado que nasceu no Brasil.

Marcos Mocellin
(Entrevista)

As coisas mais importantes em meus dois anos de gestão foram:

Primeiro, ter juntado os congressos que tradicionalmente eram, nos anos pares o brasileiro e nos ímpares os das supraespecialidades (que incluíam as sociedades de otologia, rinologia e laringologia e voz). Seguindo uma idéia nossa, juntamos estes três eventos em um único que foi o Triológico.

Conseguimos também fazer com que não se pagassem quatro anuidades. A SBORL que era a "sociedade mãe" cobrava uma unidade e repassava 10% para a otologia, 10% para a rino e 10% para a laringo. Então, todos passaram a ser sócios de tudo isto. Isto foi feito durante a gestão e surgiu a idéia do Triológico. Ele seria realizado no ano seguinte e o Luc, que assumiu no meu lugar, me convidou para diretor de Cursos fazendo com que eu fosse, além do idealizador, também o organizador do 1º Triológico. Realizamos no Transamérica em São Paulo, durou 6 dias, dois para cada especialidade.

E como funcionava? A Sociedade ficou responsável apenas pelo administração e cada supra fazia seu congresso da maneira que quisesse.

Depois as coisas foram mudando, passou-se a fazer um dia e meio para cada um. Agora as coisas mudarão outra vez, na medida em que surgiram novas supraespecialidades. Criaram-se as Academias e eu não sei como vai funcionar.

Na minha gestão, outra coisa importante foi a compra da 1ª sede em São Paulo. Como a oficial era no Rio, o Paulo Pontes montou a sociedade dentro de seu consultório. Quando eu assumi, consegui comprar uma sede própria em São Paulo um conjunto num prédio comercial.

Antes do Triológico, se você quisesse ir aos três congressos tinha de ir, por exemplo, à Bahia, a Goiânia e a Porto Alegre, ou seja, eram eventos separados. Então, isto foi bom tanto para os médicos como para as empresas que gastavam muito. Mas o mais importante é que esta idéia facilitou as coisas para o ORL. De resto, a função da Sociedade é facilitar a vida dos seus sócios. Ele passou a pagar uma única anuidade, praticamente a mesma que pagava antes e era sócio de todas.

O que acontecia antes é que havia sócios só da otologia ou só da rinologia, o que dividia a sociedade e criava nichos. Com a nossa idéia, a gente repassava e as supras começaram a ganhar bastante dinheiro (10% do que recebia a SBORL). Isto era muito mais que antes e então elas tiveram chance de fazer muitos cursos que eram apoiados pela SBORL. Estava bom, politicamente bem ajeitado. Mas as coisas são dinâmicas, e elas vão mudando.

AS SUPRA-ESPECIALIDADES

HISTÓRIA DA LARINGOLOGIA BRASILEIRA*

O nascimento da Laringologia deve-se a Manuel Garcia (1805 – 1906), professor de canto espanhol, que descreveu suas pregas vocais após autolaringoscopia indireta, realizada com pequeno espelho de dentista refletindo a luz solar, em 1854.

Sua vida tem passagens inusitadas e que demonstram seu grande amor pela voz humana. Nascido em Madrid, foi levado pelo pai, famoso diretor e cantor lírico, juntamente com suas duas irmãs mais velhas à Nova York, em 1825, para apresentar as primeiras performances das óperas de Mozart e Rossini na América. O esforço vocal exagerado, devido às repetidas performances e ensaios destruíram a voz de Manuel que, então, com 20 anos de idade, retirou-se prematuramente do palco.

Em 1829, aos 24 anos, Manuel iniciou-se como professor de canto – talvez para proteger e orientar outros cantores quanto às consequências do abuso e mau uso vocal.

Em pouco tempo, tornou-se Professor de Voz no Conservatório de Paris, publicando, em 1847, seu famoso livro "Traité Complet de L'Art du Chant". Com a Revolução de 1848, Manuel Garcia mudou-se para Londres e continuou sua renomada carreira de professor de canto.

Em 1854, visitando Paris e passeando pelas Tuileries, ele viu o reflexo dos raios solares nas vidraças do Palais Royal. Em um momento de grande inspiração, ele vislumbrou a idéia de ver seu órgão fonatório funcionando e comprou um pequeno espelho de dentista para refletir a luz do sol em sua própria laringe – fez então uma autolaringoscopia indireta e pode descrever pela primeira vez as pregas vocais em movimento. Nascia assim a Laringologia da Era Moderna e um instrumento – o espelho de dentista – que por mais de 100 anos foi e, ainda é, um precioso instrumento de trabalho dos otorrinolaringologistas em todo o mundo.

Em 13 de março de 1855, García apresentou sua revolucionária descoberta a Royal Society of Medicine, em Londres, com um trabalho intitulado "Physiological Observations on the Human Voice".

Tornando-se o maior professor de canto de sua época e amealhando fama e fortuna, Manuel García permaneceu uma pessoa humilde.

Por ocasião de seu centenário de nascimento, Sir Felix Semon, um dos maiores laringologistas de seu tempo, organizou extensa comemoração, tendo García recebido honrarias e condecorações de reis, imperadores, associações médicas, científicas e de canto de todo o mundo.

Permanecendo sempre modesto e humilde, ele disse: "Por que todo esse rebuliço?... afinal, o espelhinho custou somente seis francos".

Posteriormente, Türck e Czermak, na Europa, popularizaram a visualização indireta da laringe. Em 1873, Bilroth em Viena, realizou a primeira laringectomia total por câncer, tendo o paciente falecido 7 meses após por recidiva ganglionar.

A primeira laringectomia total na América Latina foi realizada no Uruguai, em 1886, por Casanello e o paciente sobreviveu por quatro meses. Somente em fins do século XIX (1896), Kirstein, realizou a primeira laringoscopia direta (autoscopia), aperfeiçoada por KILLIAN, que metodizou a técnica e o instrumental, realizando a laringoscopia em suspensão, que permitia a cirurgia endolaríngea bimanualmente.

Como Tudo Começou No Brasil

No Brasil, como em todo o mundo, a historia da Laringologia se mescla com a Broncoesofagologia e com a Cirurgia de Cabeça e Pescoço, pois assim atuavam os Titãs que construíram os alicerces de nossa especialidade, como Chevalier Jackson, Gustav Killian, Brünings, Haslinger, George Portman e muitos outros.

Hilário de Gouveia, primeiro professor catedrático de Otorrinolaringologia no Brasil, nascido em 1843, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1871, fazendo especialização em Oftalmologia na Alemanha durante 5 anos. Fez também Otologia com Politzer e voltando ao Rio de Janeiro em 1883 foi investido como catedrático de Oftalmologia.

Com a proclamação da República, sendo monarquista, Hilário de Gouveia teve problemas políticos, tendo se asilado na França, aonde permaneceu 14 anos, inclusive exercendo a Medicina. Regressando ao Rio em 1907, foi reintegrado à cátedra de Oftalmologia, sendo escolhido diretor da Faculdade de Medicina em 1910. Com a reforma do ensino médico de Rivadávia Corrêa e a criação da carreira universitária, foi nomeado, em 1911, professor catedrático de ORL. A partir desta data, a Otorrinolaringologia, no Brasil, começou a constituir especialidade autônoma, acompanhando o desenvolvimento observado em todo o mundo. Apesar de ser mais afeito à Oftalmo, Hilário de Gouveia praticou também a Otorrinolaringologia, tendo executado no Rio de Janeiro, em 1907, a primeira laringoscopia direta em suspensão com a aparelhagem de Killian.

Em 1915, Castilho Marcondes chega ao Rio de Janeiro, vindo da Europa, com a aparelhagem de Brünings e a utiliza na remoção de corpos estranhos das vias aéreas superiores. Faz conferências e demonstrações de técnicas de Endoscopia Peroral em Buenos Aires e São Paulo, inclusive sobre laringoscopia de suspensão.

João Marinho substitui Hilário de Gouveia na cátedra em 1918, passando a mesma a funcionar no Hospital São Francisco de Assis.

Raul David de Sanson foi o primeiro livre-docente em ORL da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920, sendo titular da Faculdade de Ciências Médicas desde 1941. Especialista de escol, chefiou a Policlínica de Botafogo, praticando a Otorrinolaringologia em todos os seus campos, inclusive na cirurgia da laringe e tireóide. Sanson e seus assistentes empregavam, com frequência, a via indireta na remoção de tumores benignos e em biópsias da laringe, técnica que foi abandonada posteriormente, passando-se ao uso da laringoscopia direta em suspensão, sob anestesia geral.

Ildeu Duarte, professor em Belo Horizonte, esteve com Chevalier Jackson na Filadélfia, em 1920, e trouxe o instrumental do mestre americano, que passou a empregar. Foi quem difundiu no Brasil os exames endoscópicos sem a anestesia geral, tendo conquistado a cátedra de ORL, em 1927, com a tese "Broncoscopia e esofagoscopia na criança".

Sylvio da Silva Caldas, pai de Nelson Caldas e avô de Sylvinho, em 1927, defendeu teve de doutorado sobre "Directoscopia de Haslinger" na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O diretoscópio ou autoscópio de Haslinger consistia de um laringoscópio com válvulas que se distendiam em sentido anteroposterior, podendo ser usado com o paciente sentado ou deitado.

A primeira laringectomia total realizada no Brasil deve-se a Walter Seng (1873 – 1931), cirurgião geral em São Paulo, que apresentou na sessão de 18 de agosto de 1915, à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, "um caso de extirpação da laringe". Seng tratava de afecções de vias aéreas e digestivas superiores, operando entre outras coisas, com rara habilidade, os divertículos de hipofaringe. Foi também o fundador e primeiro diretor do Hospital Santa Catarina em São Paulo.

Eduardo Rodrigues de Moraes (1884-1943) executou em Salvador, Bahia, a primeira laringectomia total feita por Otorrinolaringologista no Brasil, em 1922, usando a técnica de Perier, de baixo para cima. O Prof. Moraes, o primeiro catedrático de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Bahia, era filho de família abastada, tendo passado muitos anos na Europa fazendo a sua formação em Otorrinolaringologia, Cirurgia Plástica, além da Oftalmologia que exercia paralelamente. Dentre seus ilustres discípulos destacam-se Paulo Mangabeira Albernaz, Ermiro Estevam de Lima, Ocelo Pinheiro, Otacílio Lopes, Sílvio Caldas e muitos outros.

Pouco depois de Moraes, Souza Mendes, no Rio de Janeiro, efetuou a primeira laringectomia total de cima para baixo, segundo a técnica de Gluck-Soerensen.

Com a fundação da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1913, por Arnaldo Vieira de Carvalho, foi indicado para a cátedra de Otorrinolaringologia, em 1916, o nome de Henrique Lindenberg. Foi o primeiro chefe do Serviço de ORL da Santa Casa de São Paulo, onde funcionava a Faculdade de Medicina. Entre seus discípulos mais distinguidos está Mário Ottoni de Rezende (1883-1969), que trabalhou com Hajek e Seiffert, e que nos seus 40 anos de Santa Casa grande impulso deu na especialidade, em especial na Laringobroncoesofagologia. Mário Otoni e Homero Cordeiro editaram, em 1933, a primeira revista brasileira de Otorrinolaringologia com o nome de Revista Paulista de ORL que, com a criação, em 1948, da Federação Brasileira das Sociedades de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia mudou seu nome para Revista Brasileira de Otorrinolaringologia e passou a ser editada por Paulo Mangabeira Albernaz.

Antonio de Paula Santos (1892-1967) foi quem substituiu Lindenberg na cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de São Paulo em 1928. Formado no Rio de Janeiro, em 1915, defendeu tese sobre "Leucoplasia, etiologia e valor semiológico". Antes de ser professor de Otorrino, Paula Santos foi professor de Fisiologia e Patologia Geral. Ao assumir a cátedra de Otorrino, convidou para seus assistentes Raphael da Nova, José Freire de Mattos Barretto e Jayme Ribeiro de Campos. Raphael da Nova foi nomeado primeiro assistente da cátedra do Prof. Paula Santos, em 1928, obtendo o título de livre docente nesse mesmo ano, assumindo a cátedra de ORL em 1956. Aposentou-se em 1970, tendo assumido como professor regente Lamartine Junqueira Paiva, que se tornou catedrático após concurso de títulos e provas em 1974.

Em 1937, voltou ao Brasil após estágio no exterior, Plínio de Mattos Barretto, reassumindo suas funções de assistente extranumerário da clínica ORL do prof. Paula Santos. Tendo estagiado em Filadélfia com Chevalier Jackson, aprendera a cirurgia do "câncer intrínseco da laringe" e, com o cirurgião Wayne Babcock, os detalhes das laringectomias totais. Fez curso em Milão com o Prof. Pietrantoni e em Viena com o Prof. Haslinger. Em Paris aprendeu Radioterapia com Coutard e Baclese e cirurgia de laringe com Hautant, Leroux-Robert e Robert Bourgeois.

Em 1938, inaugurou o primeiro ambulatório de Endoscopia Peroral no Pavilhão Conde Lara da Santa Casa de São Paulo, graças aos esforços do Dr.Mário Ottoni de Rezende.

Em pouco tempo, o Serviço de Endoscopia Peroral granjeou fama como um centro especializado em Laringobroncoesofagologia, atraindo a atenção de médicos nacionais e de repúblicas vizinhas, que repetiam suas visitas a São Paulo. Barretto pretendia organizar serviço semelhante ao existente em Filadélfia, na Temple University e no Jefferson Medical College, aonde Chevalier Jackson e seus assistentes trabalhavam.

O Prof. Benedito Montenegro, Diretor da Faculdade de Medicina da USP, convidou-o então para que ele desenvolvesse seus planos de trabalho, partindo de um serviço especial para Endoscopia Peroral, a ser instalado no Hospital das Clínicas a ser inaugurado.

Após a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, somente em 1938 ativaram-se as obras para a construção do Hospital das Clínicas, concluído em 1944. Funcionando então no HC, desde 1947, o Serviço de Endoscopia dirigido por Barretto recebia os agregados à Cátedra de Otorrinolaringologia dirigida pelo Prof. Paula Santos, para se aprimorarem em Laringologia e Broncoesofagologia. Além de ter sido o criador da Broncoesofagologia em nosso país, Plínio de Mattos Barretto foi, também, a pedra fundamental da moderna Laringologia brasileira com a introdução de técnicas de endoscopia laríngea e de cirurgias reconstrutivas do câncer da laringe e hipofaringe.

Em 1941, Barreto e Vasconcelos apresentaram 15 casos de laringectomia total com 0% de mortalidade operatória. Através de técnica asséptica em que usavam pinça em que clampeavam a faringe, fazendo o seu fechamento sem contaminar o campo cirúrgico, realizaram trabalho pioneiro na técnica cirúrgica do câncer da laringe.

Dentre os seus primeiros discípulos, destacamos José Augusto de Arruda Botelho e Jorge Barretto Prado.

Neto dos Condes do Pinhal, José Augusto de Arruda Botelho formou-se em 1940 pela Faculdade de Medicina da USP, sendo, em 1941, convidado pelo Prof. Paulo Mangabeira Albernaz para Assistente da Cadeira de Otorrinolaringologia da Escola Paulista de Medicina.. Organizou e foi chefe do Serviço de Endoscopia Peroral do Hospital São Paulo e do Hospital da Beneficência Portuguesa. Engenhoso e criativo, Botelho foi o primeiro no Brasil a realizar fotografias e cinematografia endoscópica em 1953. Criou o laringoscópio extensível que, com uma pequena cremalheira, permitia expor e focalizar melhor a comissura anterior. Desenvolveu técnicas próprias de dilatação de estenoses cáusticas de esôfago e para tratamento das estenoses bilaterais de pregas vocais através da miectomia dos dilatadores com secção do m.ariaritenoideo, via laringoscopia direta. Botelho, juntamente com um de seus assistentes, Marcos Prates Paulino, foram os primeiros a realizar, no Brasil, uma laringectomia horizontal supraglótica pela técnica de Justo Alonso.

Dentre os inúmeros colegas que com ele estagiaram, citamos Carlos Augusto Studart de Fortaleza e João Candido da Cunha Pereira que foi Prof. Adjunto de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná e organizador do Serviço de Endoscopia Peroral do Hospital de Clínicas daquela universidade.

Faleceu muito cedo (30/04/1974), deixando na chefia do Serviço, Walter Marchi, sendo posteriormente extinta a disciplina de Endoscopia anexa à cátedra de ORL, passando para a disciplina de Tórax.

Gabriel Porto, discípulo de João Marinho, veio do Rio de Janeiro para Campinas – SP, para trabalhar no Instituto Penido Burnier com Raul Guedes de Mello em fins dos anos 20, dedicando-se à cirurgia da laringe e endoscopia peroral. Desenvolveu intenso trabalho continuado posteriormente por Alfredo Porto e Raul Renato Guedes de Mello.

Jorge Barretto Prado formou-se pela Escola Paulista de Medicina em 1944 e, desde cedo, associou-se a seu tio Plínio, trabalhando com ele no Hospital das Clínicas e posteriormente, em 1954, chefiando a Clínica de Laringologia e Broncoesofagologia da Santa Casa de São Paulo. Colaborou na organização e criação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo em 1963, sendo nomeado Professor Pleno da Disciplina de Endoscopia do Departamento de Cirurgia daquela Faculdade. Foi também Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aonde organizou os primeiros cursos de pós-graduação a nível de Mestrado em Laringologia.

Faleceu aos 65 anos de idade, sendo substituído na chefia da Clínica de Laringologia e Broncoesofagologia por Seiji Nakakubo, formado em 1968 na primeira turma da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Flávio Aprigliano, no Rio de Janeiro, faz parte da chamada Escola de Chicago, representada por ele, Ivo Kuhl, Fernando Carneiro da Cunha e outros que, nos anos 40, fizeram cursos de aprimoramento em Broncoesofagologia e Laringologia com Paul Holinger na Universidade de Chicago. Aprigliano deu grande impulso à Endoscopia Peroral e à Laringologia no Rio de Janeiro, criando serviços como no Hospital Geral de Bonsucesso, incorporando inclusive uma seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço.

Em 1974, com a criação da disciplina de Bronco Esofagologia na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, Aprigliano prestou concurso e tornou-se o primeiro livre docente desta especialidade.

Nessa mesma época, também exerciam a Laringologia e a Endoscopia Peroral no Rio de Janeiro, com bastante competência, Álvaro Escobar, Luiz Guimarães e Hugo Niedermeier.

Em princípios dos anos 50, o prof. Antonio Prudente funda o Hospital A.C.Camargo da Associação Paulista de Combate ao Câncer e convida o então otorrinolaringologista Jorge Fairbanks Barbosa para organizar e chefiar o Serviço de Cabeça e Pescoço. Em 27 de agosto de 1954, Fairbanks Barbosa realiza, pela primeira vez em nosso meio, uma laringectomia total com esvaziamento cervical radical bilateral em monobloco.O paciente, de 53 anos de idade, apresentava um carcinoma espinocelular de face lingual de epiglote com nódulos bilaterais palpáveis. A cirurgia durou 8 horas e foram assistentes, Nelson Alvarez Cruz, Arthur Oscar de Souza e Sá e José Baptista da Silva Neto. Este paciente evoluiu muito bem durante 22 anos, falecendo de broncopneumonia aos 76 anos de idade. Barbosa foi o fundador da especialidade de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, que cresceu em nosso país separada da Otorrinolaringologia e que hoje, esperamos, possa ser novamente resgatada.

Nos anos 60 aconteceu o “boom” da Otologia e a maioria dos Serviços de Otorrinolaringologia davam preferência aos grandes avanços nesta área relegando a Laringologia a planos secundários. A Otologia era a “coqueluche” do momento...

No Hospital das Clínicas de São Paulo praticava-se a Laringologia na Endoscopia com Plínio e na ORL com Elias Salomão Mansur, professor livre docente, que também fazia cirurgia de cabeça e pescoço. Nasciam então os primeiros serviços de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, separados da ORL, devido ao desinteresse dos otorrinos em atuar nesta complexa área e a grande excitação que a Otologia provocava na classe.

A moderna Laringologia renasceria somente a partir dos anos 70 com as novas técnicas de microcirurgia de laringe introduzidas por Kleinsasser e os novos conceitos morfofisiológicos oriundos de Hirano.

Em meados dos anos 60, reuniram-se os membros da Clínica Otorrinolaringológica do Hospital dos Servidores do Estado de São Paulo para formar uma clínica comum a todos. Nasceu daí o Hospital Ibirapuera, inaugurado em agosto de 1969 e que se tornou um dos mais importantes centros de desenvolvimento da Otorrinolaringologia em nosso país.

Em 1973, José Antonio Pinto fundou o Centro de Estudos do Hospital Ibirapuera com a criação de uma das primeiras residências médicas fora das instituições universitárias.

Fizeram residência em ORL no Hospital Ibirapuera importantes nomes de nossa especialidade como Aldo Stamm, Alexandre Felippu, Pedro Cóser, Washington Almeida, Domingos Lamônica, Nilvano Andrade, Ulisses Ribeiro, Sérgio Bittencourt e outros expoentes atuais da ORL. No Hospital Ibirapuera nasceram os primeiros cursos de microcirurgia da laringe, de laser em ORL, de microcirurgia endonasal e de base de crânio, organizados em nosso país. Por questões societárias, o Hospital Ibirapuera encerrou suas atividades em fins de 1985, e sua residência em ORL continuou através do Núcleo de Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço, completando atualmente 36 anos de atividades ininterruptas.

*José Antônio Pinto

Entre outros convencionais, os Professores João Marinho e Eliseu Segura

BREVE HISTÓRIA DA RINOLOGIA*

A Sociedade Brasileira de Rinologia (SBR) foi fundada dia 14 de novembro de 1974, durante o Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, em São Paulo. Roberto Machado Neves Pinto, Sérgio de Paula Santos, entre outros colegas (vide apêndice I), conduziram a assembléia que aclamou seu primeiro presidente, o ilustre Dr. Ermiro Estevam de Lima.

Ermiro de Lima, pernambucano que foi presidente no período de 1974-78, é reconhecido, até os dias de hoje, muito além das fronteiras de nosso país, em função de sua abordagem cirúrgica aos seios paranasais. O acesso transmaxilar aos seios etmoidal e esfenoidal e a cureta por ele criada para este fim, ficaram mundialmente conhecidas como "Operação de Ermiro de Lima".

A rinologia, com ênfase na cirurgia estética e funcional do nariz, começou a ser divulgada em vários cursos pelo país, e em especial no Rio de Janeiro, no Hospital da Aeronáutica. Destaca-se aí a importância de Roberto Neves Pinto, reconhecido internacionalmente por seu trabalho nesta área. Foi representante brasileiro por muitos anos no Comitê Internacional de Avaliação Objetiva da Via Aérea Nasal, comitê este presidido por Peter Clement até bem pouco tempo.

Em março de 1997, ocorre no hotel Meridien, Rio de Janeiro, o I Congresso Brasileiro de Rinologia, que foi realizado junto ao IV Congresso Internacional de Rinologia. O presidente de honra foi Ermiro de Lima e o presidente executivo Roberto Neves Pinto. Este assume a presidência da Rinologia no ano seguinte, e fica no cargo por duas gestões até 1986, ano em que passa o bastão para Ivan Fairbanks Barbosa (SP).

A rinologia foi se desenvolvendo por toda a América Latina e, no ano de 1984, Neves Pinto preside o I Congresso Latino-americano de Rinologia, junto ao XXVII Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, no Hotel Copacabana Palace. O trabalho realizado foi fantástico e, no mês de junho de 2011, em sua 14ª edição, o Congresso Latino-Americano de Rinologia retorna as suas origens (Rio de Janeiro), e será presidido por Moacyr Tabasnik.

A rinologia brasileira marcou sua presença nos anos subsequentes, com vários simpósios anuais, que tiveram renomados rinologistas como presidentes: Marcos Mocellin (junho de 1988), Alexandre Fellipu Neto (agosto de 1989) e José Antônio A de Oliveira (agosto de 1990). Em 1991, o evento voltou a ser chamado de Congresso Brasileiro de Rinologia e ocorreu em Belo Horizonte sob a presidência de Manoel da Silva Cataldo. A jornada marcou pelo seu brilhantismo e também pela alteração do nome da SBR para Sociedade Brasileira de Rinologia e Cirurgia Plástica Facial. O evento se repetiu a cada dois anos, associado ao Congresso Latino-Americano de Rinologia, e teve como presidentes, em 1993, na cidade de São Paulo, Alexandre Fellipu e Antônio Carlos Cedin.

O crescimento da cirurgia estética da face fez com que no ano de 1995, em Salvador, passasse a ser denominado VI Congresso Brasileiro de Rinologia e Cirurgia Estética da Face e sendo presidido por Aldo Stamm e Washington Almeida. A seguir foi associado ao XIV ISIAN (International Symposium of Infection and Allergy of the Nose) que teve como presidente Roberto Neves Pinto. Inúmeros rinologistas do mais alto prestígio internacional (David Kennedy, Desiderio Pasali, Egbert Huizing, Eugene Kern, Mirko Tos, Wolfgang Draf, Arnold Noyek, Jerry Chapnik, entre vários outros) estiveram presentes para provar o acarajé bahiano, ensinar rinologia e também aprender muito com a efervescente specialidade brasileira.

E assim foi crescendo a nossa rinologia. Depois de Fairbanks Barbosa, assumiu João Jairney Maniglia, que brilhantemente conduziu a sociedade no período de 1988 até 1990. Na sequência tivemos outras figuras notáveis e muito importantes para a rinologia brasileira: Alexandre Fellipu (1990-1992), Antônio Carlos Cedin (1992-1993), Aldo Cassol Stamm (1993-1995), José Victor Maniglia (1995-1997), Elizabeth Araújo (1997-1999), Perboyre Sampaio (1999-2001), Washington Almeida (2001-2003), José Antônio Patrocínio (2003-2005), Pedro Oliveira Cavalcanti (2005-2007) e Renato Roithmann (2007-2009).

Em 1999, ocorreu o primeiro congresso triológico em São Paulo, e o evento da rinologia foi associado aos encontros da Otologia e Laringologia. Os congressos triológicos ocorreram por cinco edições. O último da qual participou a rinologia aconteceu em Brasília, em 2007.

A jornada "Rinologia: Evidências e Experiências 2008", realizada no Hotel Maksoud em São Paulo, foi coordenada por Renato Roithmann e sua diretoria e marcou o reinício dos congressos nacionais exclusivos da Rinologia. Nesse mesmo ano, iniciou-se a Campanha Nacional: Respire pelo nariz e Viva melhor, marco importante da atuação da Academia junto à população brasileira. Ela dispõe hoje de um site (www.rinologia.org.br), no qual promove atualização permanente para a classe médica e também mantém contato direto com as dúvidas e anseios do público leigo. A sessão Pergunte ao especialista é um dos pontos fortes do site.

A rinologia cresceu tanto, que hoje temos duas academias independentes, a Brasileira de Rinologia, que lida fundamentalmente com os problemas relacionados ao nariz, aos seios da face, à base do crânio e às cirurgias intracranianas de acesso endonasal e a de Plástica da Face, que concentra a atenção mais específica aos problemas estéticos de toda a face.

Em 2009, assumiu a Academia Brasileira de Rinologia Nilvano Andrade (Salvador) (vide apêndice II) e a Academia Brasileira de Cirurgia Plástica da Face, José Antonio Patrocínio (Uberlândia). Isto é certeza de que nossa Rinologia seguirá forte em todas as suas áreas e cada vez mais produtiva, enriquecendo nossa pátria maior, a Otorrinolaringologia Brasileira.

A rinologia brasileira tanto, funcional como estética, é hoje muito respeitada em todos os cantos do planeta. Colegas do mundo todo procuram se aperfeiçoar nos diversos cursos teórico-práticos que são realizados em várias cidades do Brasil. Isto em função do brilhante trabalho que se iniciou lá no passado com os Professores Ermiro E de Lima e Roberto Neves Pinto, e que seguiu crescendo nos anos que se sucederam até os dias de hoje. A importância do trabalho e o reconhecimento dos colegas João J Maniglia, Aldo C Stamm, Alexandre Fellipu, Marcos Mocellin, José V Maniglia, José A Patrocínio, Richard Voegels, Perboyre L Sampaio, José E Dolci, Manoel Cataldo, Washington Almeida, Wilma Anselmo, Wilson Dewes, Antonio C Cedin, Elizabeth Araújo, Pedro Cavalcanti Filho, Ivan C Fairbanks, Roberto E Guimarães, João Telles Jr, João M Júnior, Marcus Lessa, entre tantos outros, é garantia de que este reconhecimento será mantido e cada mais ampliado. Prova disto, foi a recente premiação do ilustre colega Aldo Stamm, chefe do serviço de ORL do Hospital Prof. Edmundo Vasconcelos, em São Paulo (SP), e professor do departamento de ORL da UNIFESP, que se tornou o primeiro brasileiro a receber o prêmio máximo da Academia Americana de ORL: "Presidential Citation", que é dado a profissionais que contribuíram de uma forma significativa para a especialidade.

Finalizo esta breve revisão citando W. Churchill: 'The longer you look back, the further you can look' .

Referências:

1. Neves-Pinto RM; Maniglia JV, Barbosa ICF. Congressos de rinologia no Brasil. Folha Méd 115(supl2):137-46, 1997.
2. Nogueira-Júnior JF, Hermann DR, Américo RR et al. Breve história da otorrinolaringologia:otologia,laringologia e rinologia. Rev. Brás Otorrinolaringol 73(5):693-703,2007.
3. Neves-Pinto RM. Ermiro Estevam de Lima. Am J Rhinol; 11(4):249-50, 1997.
4. Balbani APS. Personagens da História da Otorrinolaringologia. Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia 2(2):1998.

APÊNDICE I (Lista de colegas presentes na fundação da SBR, em São Paulo)

Membros Fundadores da SBR:

Berenice Ramos Miguel (RS), Ocelo Pinheiro (CE), Aroldo Miniti (SP), Osvaldo Bruno Müller (RS), Francisco Evanor Ferreira Gomes (CE), Ciríaco Cristóvão Tavares Atherino (RJ), Theodocio Cyriaco Atherino (RJ), Marcos Rosenthal (RJ), Jayme Zakowaty (RJ), Antônio Luiz Marinho da Silva Oliveira (RJ), Roberto Machado Neves-Pinto (RJ), Fernando Linhares (RJ), Clauber Barros Simões (MA), Paulo Miranda Gonçalves (RS), Geraldo Dias de Castro (SP), Milton de Souza Leão Santos (PE), David Pol Fernandes Jr. (SP), Francisco Vicente Braga (SP), Ottavio Mea (SP), José Cláudio de Barros Cordeiro (PA), Ivan Cardoso Fairbanks Barbosa (SP), Idalmo Geraldo Duarte , Agenor Torres Homem Binato (PA), Alcione Boldrini Vicenti (SP), Francisco de Assis Mota Borges (RJ), Rubens V. de Brito (SP), João Geraldo Pusch Mercer (PR), João Penna Martins Vieira (MG), Otacilio Lopes Filho (SP), Francisco Cascardo Filho (PR), Alfredo César Paes Barreto Netto (PA), Jahyr Navarro da Costa (RN), Francisco Pereira Vieira (PA), Luciano Bezerra de Menezes (CE), Olath Brazil Pereira (SP), Jayme Nogueira Costa (SP), Ney Penteado de Castro Jr. (SP), Marcos Grellet (SP), Marco Antônio Letizio (SP), Rudolf Lang (RS), José Hildo Fernandes (RN), Juarez de Souza Muniz (BA), Hélio Andrade Lessa (BA), Victor Tannuri (DF), Raimundo Medeiros Sobrinho (CE), Manoel Felippe da Costa Bello (RJ), Lamartine Junqueira Paiva (SP), Elias Salomão Mansur (SP), Raymundo Aloisio Chagas (CE), Francisco Itamar Fontenele (CE), Delcides Garcia da Costa (SP), Gabriel Kuhl (RS), Rudendorf Caffagni (SP), Romeu Speranza de Carvalho (RJ), Edimo Lopes (MS), Aloysio Vieira de Carvalho Filho (BA), Hosannah MicheliTolomei (BA), Antônio José de Moraes Pato (BA), João Tibúrcio Rezende Salgado (MG), Alaim Henriques Soares Nascimento (BA), Ben-jamin Golcman (SP), Pedro Bortone Bijos (RJ), Miguel Curto Rodrigues Filho SP), Carlos Oscar Uebel (RS), Osvaldo Aparecido Mazer (SP), Ronaldo Pereira leal (RJ), Ronald Kós (RJ), Marcos Mocellin (PR), Carlos Augusto Beyruth Borges (RJ), Mario Jinssó Minei (RJ), Flavio Menezes Sanches (SP), Cassio Galvão Monteiro (SP), Cláudio Junqueira Monteiro de Barros (MG), João José de Castro (MG), Arno Ruy Fischer (SP), Heraclio Vilar Ramalho Cavalcanti (RJ), Moisés dos Reis Amaral (MS), Tanner José Arantes Borges (MG), Sylvio Müller (MS), Everaldo Chrispin da Silva (MG), Romero Huascar Nascife Silva (MG), Rui da Silva Neto ((MG), Cézar Monteiro de Castro (MG), Paimyos Paixão Carneiro Filho , Antônio Juliano de Barros (MS), Maurilio Soares (MG), Adelmar Cadar (MG), Geraldo Magela Pereira (MG), Neslon de Senna (SP).

Fonte: Neves-Pinto RM; Maniglia JV, Barbosa ICF. Congressos de rinologia no Brasil. Folha Méd 115(supl2):137-46, 1997.

Apêndice II – Atual diretoria da ABR (2009-2011)

Presidente – Nilvano Andrade
Secretário – Olavo Mion
Tesoureiro – João Telles Júnior
Diretor de relações exteriores – Alexandre Fellipu
Diretor científico – Aldo Stamm
Vice-Presidentes – Washington Almeida (norte-nordeste), Marcio Nakanishi (centro-oeste), Rogério Pasinato (sul), Moacyr Tabasnik (leste), Ulisses Ribeiro (SP-capital), Wilma Anselmo (SP-interior)
Conselho Científico – Otávio Piltcher, João Mello Jr, Roberto E Guimarães, Rodrigo de Paula Santos, Shirley Pignatari, Vânia Paes, Lídio Granato.

*Renato Roithmann

OTOLOGIA

Deixamos de nos aprofundar na história da otologia brasileira porque ela já foi tema de um livro nosso publicado em 2004. Na ocasião, a pedido do Professor Humberto Guimarães, revisamos dados que nos permitiram traçar um caminho dos primórdios até a atualidade nesta supraespecialidade da otorrinolaringologia.

Na ocasião, lembro que uma das críticas ao nosso livro era que nós havíamos esquecido o resto da especialidade. Que pretendemos, esteja apresentada desta vez.

Os dados a seguir estamos apresentando como complemento ao livro "História e histórias da Otologia Brasileira". Vale dizer que, especialmente na otologia, as mudanças ocorrem com uma velocidade incrível.

História do Implante Coclear*

O primeiro relato acerca da obtenção de sensação auditiva a partir de estimulação elétrica foi feito por Volta, em 1800. Ele inseriu bastões de metal em seus meatos acústicos e ligou-os a um circuito contendo 30 ou 40 de suas pilhas eletrolíticas, que acabara de inventar. Comparou a sua sensação à de um soco na cabeça seguido de um som semelhante a de um líquido em ebulição. Várias experiências similares foram feitas nos cinquenta anos seguintes mas, aos poucos, o interesse pelo assunto foi diminuindo.

A partir de 1925, voltou a surgir o interesse pela "audição elétrica". Por volta de 1934/35, Andreev, Gersuni e Volokhov foram, provavelmente, os primeiros investigadores a estimular diretamente o nervo acústico. A estimulação em pessoas com surdez neuro-sensorial total produzia a sensação de sons com frequências muito baixas.

Em 1960, William House começou a estudar a estimulação elétrica em pacientes submetidos à estapedectomia. As respostas tipicamente auditivas eram observadas mais frequentemente na gama de 250 a 4.000 Hz. Em 1961, ele colocou um eletródio na escala timpânica de dois pacientes com surdez sensorial profunda. Inúmeros estudos foram feitos, desde então.

Em 1972, Ugo Fisch realizou em Zurich o II Curso Internacional de Microcirurgia Transtemporal do Meato Acústico Interno. Após a reunião científica, um pequeno grupo de participantes reuniu-se na cidade de Bürgenstock. Entre eles, o brasileiro Pedro Luiz Mangabeira Albernaz e o americano William House. Este último mostrou aos presentes um filme sobre a realização de um implante coclear e as etapas de reabilitação do paciente.

Este momento foi decisivo para que a Escola Paulista de Medicina passasse a se interessar pelo assunto.

Em 1973, House iniciou um programa de implantação com um sistema de um único eletródio ligado a uma bobina de indução. Publicada em 1976, tratava-se da técnica utilizada a partir de então no Brasil.

Naquele ano o assunto começou a ser debatido no Brasil; criou-se na EPM o primeiro Centro Brasileiro de Implantes Cocleares e a primeira cirurgia para implante foi realizada por Pedro Luiz, em 1977.

Na divisão de Clínica Otorrinolaringológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, as pesquisas com Implante Coclear iniciaram-se em 1979. A princípio com monocanal e, posteriormente à publicação da Portaria 1.278 do Ministério da Saúde, de 20/10/99, com multicanal.

O segundo centro foi organizado em Porto Alegre, sob a direção de Arnaldo Linden e, em 1988, foi realizada a primeira cirurgia naquela cidade. Neste mesmo serviço, Luiz Lavinsky também tem executado esta técnica.
O terceiro centro de implantes foi criado por Ricardo Ferreira Bento na Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo.
Orozimbo Alves da Costa Filho, em 1990, iniciou o programa de implantes no Hospital de Reabilitação de Lesões Lábio-palatais, em Bauru, SP.
Em 2009, o evento denominado "30 anos de Implantes Cocleares no Brasil" foi realizado no Hotel Intercontinental, em São Paulo, reunindo vários personagens desta história, destacando-se o cirurgião pioneiro no mundo, William House e o pioneiro no Brasil, Pedro Luiz Mangabeira Albernaz.

*Baseado em revisão de literatura (incluindo o livro História e histórias da otologia no Brasil) e depoimentos de Arnaldo Linden e Pedro Luiz Mangabeira Albernaz

Aparelhos de Audição Implantáveis*

Quando ainda estávamos na fase de buscas, tanto de assuntos como de personagens, estivemos em contato com o Professor Pedro Luiz Mangabeira Albernaz. Em resposta à questão colocada sobre pesquisas de células-tronco com relação à surdez recebmos a resposta que segue:

Nós ainda temos algumas dúvidas com respeito às células-tronco em relação à surdez. Se ainda vai dar resultado. O Grupo House preferiu tentar identificar as proteínas que regeneram o Órgão de Corti das aves e dos repteis. Por alguma razão os mamíferos perderam esta capacidade.

Tem outras coisas ainda não mencionadas. Acho que uma área de futuro significativo é a do aparelho auditivo implantado. Principalmente a concepção de extrair a vibração da membrana timpânica e amplificar, evitando sons, evitando microfones.

A diferença de qualidade para quem usou por muitos anos as próteses convencionais é muito significativa. Nos inúmeros questionários realizados, uma das queixas ocasionais é que a pilha apagava no meio de uma conversa numa reunião importante. Trata-se de uma queixa freqüente em altos executivos que usam aparelhos.

Estes modelos deverão substituir os aparelhos convencionais e poderão ser colocados inclusive em idosos com boas condições de saúde.

Depoimento de Pedro Luiz

Acredito que uma área de futuro significativo na especialidade será a dos aparelhos de audição implantáveis. Nos últimos anos foram desenvolvidos diversos tipos de aparelhos de surdez, inicialmente parcialmente implantáveis e, posteriormente, totalmente implantáveis.

Com esta concepção de extrair a vibração da membrana timpânica e amplificar, evitam-se sons, evitam-se microfones e não se introduz distorção. As pessoas que foram operadas disseram que a qualidade da audição é melhor e todas elas usavam, anteriormente, aparelhos convencionais.

Diversas formas foram utilizadas para solucionar o problema da captação do som nos aparelhos totalmente implantáveis. Alguns optaram por colocar o microfone sob a pele outros por um sistema piezoelétrico ligado à membrana timpânica.

As baterias recarregáveis de alta duração também foram problemas enfrentados. Atualmente existem baterias garantidas por um período de 12 anos. E este fato nos proporciona algumas histórias engraçadas. Uma das queixas, em questionários realizados com portadores de próteses convencionais, é que o paciente estava numa reunião importante e, repentinamente, a carga da pilha acabou. Como sabemos, as pilhas dos aparelhos convencionais terminam de forma repentina.

Nós estamos vendo que, em nossos testes audiológicos, não testamos a qualidade do som. Com implante e com aparelhos regulares, sob o ponto de vista audiológico não muda nada.

A importação destes aparelhos acabou de ser aprovada pela CONEP e só poderá ser feita pelo HC. Os primeiros casos deverão ser operados em julho.

Os pacientes-alvo deverão ser aqueles que usam próteses convencionais. Como não há problema de reabilitação acústica a potência poderá ser "esticada" até 85 ou 90 dB.

Por enquanto, a faixa etária própria para uso será a dos adultos podendo ser colocados em idosos, dependendo de suas condições de saúde.

Um dos profissionais que desenvolveu estes aparelhos foi Mikel Glasgow, em uma firma de engenharia acústica, e hoje ele é portador de um deles.

*Baseado em depoimento de Pedro Luiz Mangabeira Albernaz
e informações do livro “Quem ouve bem vive melhor” do mesmo Autor.

Acesso ao meato acústico interno*

Décio Castro, em detalhes de sua biografia, conta algumas interessantes passagens da especialidade no RGS. Formado em 1954 e, confessadamente, inspirado na trajetória de Ivo Kuhl, passou também dois anos como residente no Depto de ORL da Universidade de Illinois. Posteriormente, em viagem a Zurich, conheceu o Professor Hugo Fisch,vinculando-se à sua Escola.

Em suas observações, Décio traça um retrato da ORL do Sul. A partir de 1950, a otologia começou a aparecer como área de especial interesse para um bom número de otorrinolaringologistas e Ivo Kuhl foi, provavelmente, o especialista que realizou a primeira fenestração labiríntica no Brasil após estágio com Lempert em New York.

Após 1962, Décio e outros passaram a dar prioridade à otologia. Foi a época das timpanomastoidectomias.

Em 1970, o Prof. Ugo Fisch, já titular de ORL da Universidade de Zürich, convidou-o para o “Curso sobre Cirurgia do Meato Acústico Interno” onde discutiu-se o acesso ao meato acústico interno, por via fossa média craniana ou por via translabiríntica destinados à cirurgia da vertigem, da paralisia facial e do neurinoma do acústico.

Décio crê que, em 1972, tenha realizado, no Hospital Moinhos de Vento, a primeira neurectomia vestibular por via fossa média no Brasil. De 1972 para cá, muitas otoneurocirurgias foram realizadas e definitivamente introduzidos no Brasil os ensinamentos da Escola de Zürich do Prof. Ugo Fisch.

*Baseado em depoimento de Décio Castro

Nota dos autores: maiores detalhes da evolução da Otologia no Brasil podem ser pesquisados em nosso livro “História (e histórias) da Otologia no Brasil”. Editora Revinter, Rio de Janeiro, 2004.

A CIRURGIA PLASTICA FACIAL NA OTORRINOLARINGOLOGIA*

Está creditado ao otorrinolaringologista americano John Roe, 1891, como o primeiro cirurgião a realizar uma rinoplastia estética por incisões internas.

Na primeira grande guerra os traumas induziram a criação de serviços, em especial nos EEUU quando o país envolveu-se no conflito em 1917. Em hospitais foram criadas divisões da Cirurgia Geral, entre elas a Oftalmologia, Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço. Nesta última um dos chefes foi Vilray Papin Blair, um cirurgião de St. Louis. Vislumbrando o surgimento de uma área de relativa especificidade dentro de uma especialidade, o próprio Blair persuadiu o “Surgeon General” a mudar a sua condição de Chefe da Cirurgia de Cabeça e Pescoço para “Chefe de Cirurgia Plástica”.

Simultaneamente na França, Morestin, originário da Martinica, em estágio administrava um centro militar de tratamento. Morrendo prematuramente, as circunstâncias levaram Harold Delf Gillies, um otorrinolaringologista da Nova Zelândia, a chefiar o serviço de Cirurgia Plástica. Seu talento, dedicação e a familiaridade na área facial, levaram-no à notoriedade e inúmeros títulos honoríficos. Deixou como legado, entre inúmeras publicações, o primeiro livro de Cirurgia Plástica da Face, além da formação de grandes nomes da cirurgia plástica que o sucederam. É considerado um dos pais da moderna cirurgia plástica.

No Brasil, a formação médica seguiu, desde seu início, a condição de formar médicos generalistas, que enfatizavam, segundo o local onde decidiam trabalhar, áreas de atuação preferencial. A maioria dos médicos “do interior” anunciavam “Clínica Geral, Cirurgia e Partos”. Opções mais específicas como “Vias Urinárias, Aparelho Digestivo, Doenças de Pele e Sífilis, Doenças de Crianças, etc.” ficavam ao livre arbítrio de cada profissional. O registro no Conselho Regional de Medicina, conseguido pela comprovação da graduação numa faculdade, concedia ao médico o direito de exercer sua atividade em sua plenitude, como assim o é, constitucionalmente, inclusive nos dias atuais.

Uma das primeiras áreas de um cunho mais específico a ser ocupada pelos egressos, foi o "médico de cabeça", entendido como tal todo aquele que atuava em algo do segmento craniofacial. Assim sendo, quando algum colega dizia "faço cabeça" era porque se dedicava basicamente ao tratamento de olhos, ouvidos, nariz e garganta, não estando dispensado, mas até eticamente compromissado em primeira instância a prestar atendimento em tudo o mais da região anatômica, em especial os traumas. Como especialidade de um "segmento do corpo" e por sua complexidade inerente, a "oftalmo-otorrinolaringologia" que englobava a Cirurgia de Cabeça e Pescoço e a "Broncoesofagologia" ensejou não só o surgimento de áreas afins, mas, sobretudo e modernamente, a criação de técnicas e equipamentos específicos para a microcirurgia, endoscopia, enxertos, próteses, matérias de preenchimento etc.

Sendo praticamente a primeira especialidade a definir-se como tal, aos seus profissionais e também aos "dentistas" eram referendados os pacientes com deformidades congênitas, tais como as fissuras labiopalatinas, que pelos transtornos funcionais e morfológicos tem tudo a ver com o tratamento da "boca, nariz, garganta e dentes", por exemplo.

Pela natureza, pois, da otorrinolaringologia, já desvinculada da oftalmologia, mesmo que em alguns serviços ainda hoje estejam conjugadas, não se tem um período ou momento histórico para enquadrar-se a cirurgia plástica facial como uma das suas subáreas. Assim sendo, é de presumir-se que também em nosso meio e desde os seus primórdios muitos otorrinolaringologistas tinham em sua rotina a realização de procedimentos de cirurgia plástica.

Um dos primeiros trabalhos digno de registro é a monografia de conclusão de Curso Médico em 1954, na época conferindo o grau de Doutor em Medicina, realizado por Reinaldo Coser com o título de "Plástica de Cavidade Ocular" que lhe valeu grau 10. O Dr. Coser, médico de "olhos, ouvidos, nariz e garganta" tinha a cirurgia plástica, em especial a rinoplastia e cirurgia reconstrutora de toda a face, como rotina em seu dia a dia desenvolvendo também o atendimento a fissurados, tendo criado o Instituto da Fala, junto à Faculdade de Medicina de Santa Maria. Coser, com toda a certeza, se constitui no primeiro otorrinolaringologista brasileiro a atuar com desenvoltura na Cirurgia Plástica Facial. Infelizmente sua morte prematura aos 49 anos privou-nos de um excelente professor e extraordinário profissional.

Consta que o primeiro Curso de Rinosseptoplastia ministrado no Brasil por otorrinolaringologistas teve lugar no Instituto Brasileiro de Otorrinolaringologia, Rio de Janeiro, em outubro de 1969, pelo médico cearense radicado nos EEUU, Dr.Alexandre de Souza.

Nessa época dos anos 70 o Dr. Roberto Neves Pinto, otorrinolaringologista da aeronáutica, militar de carreira e também otorrinolaringologista da VARIG, mergulha na rinosseptoplastia, ancorando-se, sobretudo, nos estudos de Cottle. Tendo facilidades de viajar "pela Varig", visita os principais centros e especialistas do mundo e começa a ministrar cursos. A ele devemos a conscientização dos otorrinolaringologistas brasileiros da inseparabilidade "forma-função" no nariz - o que ensejou a retomada da rinoplastia como procedimento também na otorrinolaringologia. Da época e na mesma condição estão os otorrinolaringolistas Olath Brazil, Jaime Nogueira Costa, de Ribeirão Preto, que também ministravam cursos. Sob a liderança de Neves Pinto é fundada em 1974 a Sociedade Brasileira de Rinologia que realiza o primeiro Congresso Latino-americano de Rinologia no Rio de Janeiro. Em 1987, sob a presidência de Alexandre Felippu, a Sociedade agrega a Cirurgia Plástica Facial e muda seu nome para Sociedade Brasileira de Rinologia e Cirurgia Estética Facial.

Em 1976, o Serviço de Otorrinolaringologia da PUCRGS, sob a direção do Dr.Rudolf Lang, traz a POA os Drs. Antonio Maniglia e João Maniglia que ministram curso de Rinoplastia e Ritidoplastia, com demonstrações ao vivo. O Dr. João Maniglia transfere sua residência dos EEUU fixando-se em Curitiba, desenvolvendo aí um pólo de ensino e se constituindo num dos mais importantes professores e propugnadores da Cirurgia Plástica Facial no Brasil.

Na gestão de Luc Weckx como presidente da então Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia, é criado o Departamento de Cirurgia Plástica Facial e indicado Wilson Dewes para coordenação, que passa a congregar os otorrinolaringologistas interessados. Neste departamento surgem os primeiros estudos para a formação de uma Academia Brasileira de Cirurgia Plástica Facial.

Fato de extrema importância na história da Cirurgia Plástica Facial na otorrinolaringologia brasileira, foi a criação do Grupo de Cirurgia Plástica Facial no Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Clínicas da USP, sob a direção do Prof. Aroldo Miniti, que indicou Perboyre L.Sampaio para a chefia. Como resultado mais significativo, além da constante realização de cursos, foi a instituição do primeiro programa de Fellow em Cirurgia Plástica Facial em nosso meio. Paralelamente, Perboyre, quando presidente da Sociedade Brasileira de Rinologia e Estética Facial, institui um sistema de bolsas de estágio oportunizando grande número de colegas a iniciarem-se na área, marcando assim sua presença por todo seu trabalho não só nestas entidades mas pelo seu desprendimento e empenho no ensino e qualificação dos colegas.

O trabalho iniciado no Departamento de Cirurgia Plástica Facial da ABORL, no sentido da criação de uma Academia, culminou com sua efetivação no 3º Congresso Triológico realizado no Rio de Janeiro em 2003. Começava então a era da Academia Brasileira de Cirurgia Plástica e Reconstrutora da Face, uma entidade para congregar os otorrinolaringologistas e dar todo o apoio para o desenvolvimento e ensino desta subespecialidade. Para a continuidade dos propósitos da SBORL, que neste congresso transformou-se em Associação (ABORL CCF), seu presidente, Dr. Jose Victor Maniglia, indicou o Dr.Wilson Dewes como presidente, que passou a desenvolver os trâmites para a sua consolidação, como estatutos, quadro de membros e demais exigências legais. A Academia teve seu estatuto registrado onde consta sua constituição legal como 3 de agosto de 2006, sendo seu primeiro presidente eleito, o Dr. João J. Maniglia, sucedido pelo Dr. José Antonio Patrocínio cujo mandato se encerrou em 31 de março de 2010. Tem sua sede administrativa junto à ABORL CCF, mantendo com esta estreita sintonia nos respectivos objetivos. Possui em seus quadros, em torno de 400 membros, muitos dos quais habilitados em atuação na Cirurgia Craniofacial, graças a convênio entre a ABORL CCF realizado na gestão do Prof. José Victor Maniglia, com a Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço e Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Ainda nesta gestão, graças ao trabalho de um grupo, consolidou-se a introdução da Cirurgia Plástica Facial nos programas de Residência em Otorrinolaringologia.

*Wilson J. Dewes,

HISTÓRIA DA OTORRINOLARINGOLOGIA OCUPACIONAL*

"Devemos sempre sonhar muito, pois estes
sonhos são os rascunhos de nossas realizações"

Para falar da otorrinolaringologia ocupacional no Brasil, torna-se necessário separar a antiga da moderna.

Existe um marco que delimita claramente esta ruptura. Trata-se do ano de 1989, quando o Comitê do Colégio Americano de Medicina Ocupacional, Ruído e Conservação Auditiva (ACOM) separou trauma acústico de perda auditiva induzida pelo ruído.

Sob nosso ponto de vista, esta separação não se deu por acaso, mas em razão do desenvolvimento industrial associado a uma importante modernidade denominada reparação judicial de danos em doença ocupacionais.

Na antiga otorrinolaringologia ocupacional estavam misturadas, além de trauma acústico com PAIR, as demais áreas da especialidade.

E expoentes como os professores Pedro Luiz Mangabeira-Albernaz e Roberto Neves-Pinto, entre outros, embora muito afeitos a esta área, não podiam dar-se ao luxo de exercê-la na plenitude devido à escassez de profissionais interessados.

Os primórdios da otorrinolaringologia ocupacional confundem-se com a otologia na medida em que o assunto dominante era a surdez profissional.

Segundo Neves-Pinto, é provável que o primeiro trabalho sobre otologia ocupacional publicado no Brasil deva-se a Valdemir Salem, médico militar que servia na Aviação Naval. Este documento foi publicado em 1938.

Em 1950, Hugo Ribeiro de Almeida apresentou em São Paulo, um trabalho sobre a influência das máquinas perfuradoras de cartão sobre o ouvido humano.

Como tese de concurso à Livre-Docência, Leônidas Mocellin, em 1951, apresentou em Curitiba, um trabalho sobre a profilaxia dos traumatismos sonoros na surdez profissional.

Em 1959, Aristides Monteiro, Mauro Penna e o engenheiro Jacques Manceau apresentaram

memorável estudo sobre o traumatismo sonoro, realizado nos estaleiros do Arsenal da Marinha, no Rio

de Janeiro.

Mangabeira-Albernaz, em 1961, estudou a cóclea de cobaias submetidas a altos níveis de ruído.

O próprio Neves-Pinto, do quadro dos Oficiais Médicos da Aeronáutica, a partir de 1962, fez ampla divulgação de temas relacionados à PAIR.

Em 1968, Silvio Marone, otorrinolaringologista de São Paulo, apresentou extenso trabalho sobre o aspecto médico-legal das perdas auditivas.

Os primeiros trabalhos sobre PAIR, após a publicação do ACOM foram realizados por médicos do trabalho e chamaram a atenção de otorrinolaringologistas, que começaram a se organizar para o estudo sistemático desta área da especialidade.

Em 24 de maio de 1991, na cidade de Gramado (RS), durante a V Jornada Sul Brasileira de Otorrinolaringologia foram criadas várias comissões de estudos, sendo a nº 1: Recomendações para o adequado manejo do paciente otológico ocupacional, presidida por José Seligman (RS) e tendo como demais componentes: Alberto Nudelmann (RS), Raul Nielsen Ibanez (RS), Airton Kwitko (RS), Osni Mello Martins (PR), Luiz Carlos Fontoura Carpes (RS) e Demosthenes Dimatos (SC).

Este documento foi um marco na otorrinolaringologia ocupacional e, por se tratar de uma jornada regional, terminava por recomendar uma comissão permanente no sul do país que deveria avaliar e manifestar-se sobre o adequado manejo do paciente otológico ocupacional. Mas esta comissão terminou não sendo formada.

Em 07 de novembro de 1993, na X Reunião da Sociedade Brasileira de Otologia realizada em Porto Alegre, ela foi recriada sob o título geral de Comissão de Defesa e Ética Profissional, sendo a nº 1 - Recomendações para o Adequado Manejo do Paciente Otológico Ocupacional.

Agora sob égide da Sociedade Brasileira de Otologia, transformava a proposta regional em nacional. Seu coordenador foi José Seligman e os componentes Alberto Nudelmann (RS), Carlos Alberto Herrerias de Campos (SP), Everardo Andrade da Costa (SP), Osni Mello Martins (PR), Raul Nielsen Ibanez (RS), Rita Mendes (PR) e Ruy Lobo (BA).

O documento era mais criterioso nos detalhes relativos à área ocupacional e começou a chamar atenção em cenário nacional devido à necessidade de esclarecimentos sobre estes assuntos.

Nesta reunião, foram dadas as bases para a formação do Comitê Nacional de Ruído e Conservação Auditiva que seria multidisciplinar, formado por dois nomes indicados pelas Sociedades que possuíam afinidade a esta aérea, que seriam na época Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia, Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, Sociedade Brasileira de Acústica e Associação Nacional de Medicina do Trabalho. Algum tempo depois, a convite do Comitê, a Sociedade Brasileira de Otologia passou a fazer parte deste grupo.

Em 29 de junho de 1994, em São Paulo; durante o 1º Simpósio Brasileiro de Surdez Ocupacional reuniu-se, pela primeira vez, o Comitê Nacional de Ruído e Conservação Auditiva, elaborando seu Boletim nº 1 e esclarecendo, de modo claro e sucinto, o posicionamento oficial da comunidade científica brasileira sobre a definição e características da perda auditiva induzida pelo ruído dando, agora, um caráter oficial à otorrinolaringologia ocupacional.

Abaixo seguem descritos os títulos Dos boletins com data de elaboração e revisão e seus membros.

Boletim nº 1 – Perda Auditiva Induzida pelo Ruído Relacionada ao Trabalho emitido em São Paulo, em 29/06/94 e revisto em São Paulo em 14/11/99

Boletim nº 2 – Padronização da Avaliação Audiológica do Trabalhador Exposto ao Ruído, emitido em São Paulo em 18/03/95 e revisto em Belo Horizonte em 04/11/95 e em São Paulo.

Boletim nº 3 – Condutas na Perda Auditiva Induzida pelo Ruído, emitido em Belo Horizonte em 04/11/95 e revisto em São Paulo em 14/11/99.

Boletim nº 4 – Recomendações para a avaliação dos prejuízos ocasionados pela perda auditiva induzida pelo ruído, emitido em Recife em 02/11/96 e revisto em São Paulo em 14/11/99.

Boletim nº 5 – Valorização dos Efeitos Auditivos e Não Auditivos em Processos Judiciais referente à PAIR Relacionada ao Trabalho, emitido em Gramado em 04 de julho de 1998.

Boletim nº 6 – Diretrizes Básicas de um Programa de Conservação Auditiva – recomendações mínimas para elaboração de um PCA. Emitido em 20 de agosto de 1999 em São Paulo.

Os seguintes colegas participaram das atividades do Comitê:

Pela Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia –
- Alberto Alencar Nudelmann - RS (2º coordenador)
- Everardo Andrade da Costa - SP

Pela Sociedade Brasileira de Otologia –
- José Seligman – RS (1º coordenador)
- Raul Nilesen Ibañez - RS

Pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia –
- Iêda Pacheco Russo - SP
- Eliane Schochat - SP
- Márcia Tiveron de Souza - SP

Pela Sociedade Brasileira de Acústica –
- Ana Cláudia Fiorini - SP

Pela Associação Nacional de Medicina do Trabalho
- Osni Melo Martins - PR
- Michel Patrick Polity - SP
- João Alberto Maeso Montes - RS (3º coordenador)

Médicos convidados
- Ruy Lobo - BA
- Tatiana Della Giustina – RS
- Renor Beltrami – RS

Outros convidados

Eduardo Giampaoli – engenheiro

Thelma Costa – fonoaudióloga

Estes Boletins de cunho científico foram as bases da legislação brasileira sobre o assunto, tanto no âmbito do Ministério do Trabalho (Portaria nº 19 do Ministério do Trabalho) como do Ministério da Previdência Social (OS – 608 do INSS), sendo seus textos agregadas as mesmas.

Em 1998, no 2º Simpósio Brasileiro de Surdez Ocupacional em Gramado (RS), o então presidente da Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia, Prof. Marcos Mocellin, criou o Departamento de Doenças Ocupacionais em Otorrinolaringologia.

Em agosto de 1994, o Prof. Everardo Andrade da Costa criou, na UNICAMP, o primeiro ambulatório de doenças ocupacionais em otorrinolaringologia. Foi seguido, em maio de 2002 pelos professores Mara Gândara e Sérgio Garbi que repetiram a atitude no ambulatório do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas da USP.

E, em 2007, o Prof. Alberto Alencar Nudelmann criou estes ambulatórios no Serviço de Otorrinolaringologia Prof. Rudolf Lang do Hospital Universitário da PUCRS e, posteriormene, no Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Universitário da ULBRA – Canoas – RS.

Hoje a otorrinolaringologia ocupacional faz parte da formação do especialista contando com inúmeras publicações, dissertações e teses sobre o assunto. E o serviço do Hospital das Clínicas de São Paulo já recebe, além dos residentes da especialidade, também os que se dedicam à Medicina Legal e à do Trabalho.

Leitura Recomendada:

NUDELMANN, A. A.; COSTA, E.A.; SELIGMAN, J.; IBAÑEZ. R. N. – PAIR, Porto Alegre, Ed. Bagaggen Com. Ltda.

*Alberto Alencar Nudelmann

A segunda reunião do Comitê Nacional de Ruído teve lugar, em março de 1995, na clínica de Paulo Augusto de Lima Pontes, então presidente da Sociedade Brasileira de ORL. Na foto Everardo Andrade da Costa, Ana Cláudia Fiorini, João Alberto Maeso Montes, Raul Nielsen Ibañez, Professor Paulo Pontes, Ieda Chaves Pacheco Russo, Alberto Alencar Nudelmann, José Seligman, Márcia Tiveron de Souza e Ruy Lobo.

OTORRINOLARINGOLOGIA PEDIÁTRICA*

Embora, desde a década de 70, alguns otorrinolaringologistas brasileiros organizassem cursos e jornadas de Otorrinolaringologia Pediátrica, o maior impulso à especialidade foi dado pela Sociedade Brasileira de Pediatria, através de seu presidente, o Dr. Pedro Celiny Ramos Garcia, criando o primeiro Comitê de Otorrinolaringologia da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em 1992. O primeiro Comitê de Otorrinolaringologia da SBP foi composto pelos colegas Nelson Caldas, de Recife, Aziz Lasmar e Roberto Martinho da Rocha, do Rio de Janeiro, Marcos Mocellin, de Curitiba, Ney Penteado de Castro Júnior, Tânia Sih e Manoel de Nóbrega, de São Paulo e Maria Beatriz Rotta Pereira e Berenice Dias Ramos, de Porto Alegre.

Durante este mandato editamos o primeiro Manual de Otorrinolaringologia Pediátrica da SBP e realizamos, de 18 a 21 de outubro de 1992, o 1º Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia Pediátrica e VI Jornada Gaúcha de Otorrinolaringologia Pediátrica, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia (SBORL) e pela SBP, em Porto Alegre. Naquele congresso, utilizamos a logomarca que a Dra. Luiza Endo havia criado para os eventos que organizava há vários anos, em Campinas. Os convidados internacionais foram o Dr. Sylvan Stool, um dos precursores desta subespecialidade nos Estados Unidos, professor de Otorrinolaringologia Pediátrica da Universidade de Pittsburgh e a Dra. Margaretha Casselbrant , professora do mesmo serviço e uma das maiores pesquisadoras sobre otite média na infância. A palestra inaugural foi proferida pelo Dr. Alexandre Médicis da Silveira, presidente da Fundação Portmann no Brasil e que, há vários anos, participava dos cursos organizados pelo Dr. Moacyr Saffer.

Tive a honra de presidir este comitê e o primeiro congresso brasileiro, e foi uma experiência enriquecedora poder desfrutar da companhia de colegas mais experientes, professores renomados, nos então frequentes eventos da pediatria.

O 2º Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia Pediátrica, e também VI Jornada de Otorrinolaringologia Pediátrica, foi realizado pela Dra. Luiza Endo, em 1994, em Campinas, onde ela realizava importantes estudos sobre o Anel Linfático de Waldeyer.

O grupo que se interessava pela especialidade gradativamente ficou mais unido, acrescido do Dr. Luc Weckx e da Dra. Eulália Sakano, comparecendo a eventos internacionais, surgindo o interesse em organizar uma sociedade interamericana, a IAPO (Interamerican Association of Pediatric Otorrhinolaryngology), cujos grandes mentores foram a Dra. Tania Sih, do Brasil, o Dr. Roland Eavey, dos Estados Unidos e o Dr. Alberto Chinsky, da Argentina. O 1º Congresso da IAPO foi presidido pelo Dr. Chinsky, em Buenos Aires, Argentina, em 1995, onde foram estabelecidas as normas desta sociedade, que incluía 385 sócios fundadores (otorrinolaringologistas e pediatras). O Dr. Sylvan Stool (EUA) foi eleito primeiro presidente da IAPO (1995-1997).

O 3º Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia Pediátrica e 2º Congresso da IAPO foram realizados juntos, presididos pela Dra. Tania Sih, em 1997, em São Paulo, com 2000 participantes. O 1º Manual de Otorrinolaringologia Pediátrica da IAPO foi distribuído aos sócios.

O 3º Congresso da IAPO foi em 1999, na Califórnia, onde a Dra. Tania Sih foi eleita presidente. Nesse mesmo ano, em maio de 1999, a Dra. Tania Sih organizou o I Simpósio Internacional de Infecções em Otorrinolaringologia Pediátrica, em São Paulo.

A década de 90 foi extremamente importante no desenvolvimento da otorrinolaringologia, principalmente da subespecialidade pediátrica, no Brasil. As ópticas rígidas e flexíveis, assim como os materiais cirúrgicos mais delicados, permitiram um avanço importante no diagnóstico e tratamento das doenças nasossinusais e laríngeas. A popularização da utilização destes equipamentos, em Porto Alegre, deveu-se a pessoas pioneiras como O Dr. Gabriel Kuhl e a Dra.Elisabeth Araújo. Tanto o Dr. Gabriel e a Dr. Elisabeth, assim como eu e a Dra. Maria Beatriz, havíamos feito a residência no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde acompanhamos o Prof. Ivo Kuhl, atendendo as crianças com papilomatose laríngea e com corpos estranhos nas vias aéreas inferiores, assim como o Prof. Arnaldo Linden, nas otites crônicas - dois exemplares mestres.

Em Campinas, a Dra. Eulália Sakano recebia aqueles que se interessavam em aprender novas técnicas, em rinossinusologia pediátrica. Em Ribeirão Preto, a Dra. Wilma Anselmo Lima despontava com suas pesquisas na área.

O 4º Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia Pediátrica, foi realizado pelo Dr. Shiro Tomita, em 2001, no Rio de Janeiro.

O II, III , IV e V Simpósio Internacional de Infecções em Otorrinolaringologia Pediátrica, ocorreram em São Paulo, respectivamente em 2001, 2003, 2005 e 2007, organizados pela incansável Dra. Tania Sih. Sete manuais da IAPO já foram distribuídos aos sócios, editados em português, espanhol e inglês.

Durante a gestão do Dr. Luc Weckx, como presidente da SBORL e grande entusiasta da especialidade, foi criado o Departamento de Otorrinolaringologia Pediátrica.

O 5.° Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia Pediátrica, que ocorreu em março de 2004, em Belo Horizonte, Minas Gerais, reuniu 880 congressistas e foi presidido pela Dra. Tânia Mara Assis Lima. Na ocasião, o presidente da ABORL-CCF, Dr. José Victor Maniglia dizia "A otorrinolaringologia pediátrica é um futuro aberto, uma área da nossa especialidade que tem que ser expandida, cooperando e estimulando as lideranças em nosso meio. Nossa perspectiva é a criação da Academia Brasileira de Otorrinolaringologia Pediátrica que, assim como todas as outras, estará envolvida com o desenvolvimento da ciência e do conhecimento."

Em novembro de 2004, durante a Assembléia da ABORL-CCF, cujo presidente era o Dr. José Victor Maniglia, realizada em Fortaleza, Ceará, o departamento de Otorrinolaringologia Pediátrica da ABORL-CCF transformou-se em academia, a ABOPe , Academia Brasileira de Otorrinolaringologia Pediátrica.

A ABOPe tem como objetivo colaborar com a ABORL-CCF na reciclagem de seus associados, estimular o desenvolvimento de linhas de pesquisa em Otorrinolaringologia Pediátrica, promover intercâmbio científico e de especialização com sociedades congêneres no país e no exterior, além de promover campanhas de esclarecimento e conscientização junto à população.

*Berenice Dias Ramos

Alexandre Médicis da Silveira
Entrevista

AZIZ: gostaríamos de saber como começou seu relacionamento com a escola de ORL de Bordeaux e a dela com a ORL Brasileira.

AMS: meu primeiro contato foi no fim dos anos 40, mais precisamente no início de 1947, quando fui a Bordeaux para uma pós-graduação com o grande Mestre e meu querido Patron Georges Portmann. O aconselhamento para tal foi feito pelo meu tio e padrinho, inspirador da minha carreira e da escolha da especialidade, José de Andrade Médicis, professor em Recife e pioneiro do progresso da ORL no nordeste. Naquela época Georges Portmann já sucedia na cátedra de ORL da então Faculdade de Medicina e Farmácia de Bordeaux ao seu sogro, o professor Emile Moure, também ele uma figura de destaque porquanto foi ele quem, pela 1ª vez, reuniu os três ramos da especialidade numa cadeira de uma Faculdade de Medicina. Antes existiam departamentos de rinologia, otologia, laringologia e ele com grande percepção juntou estes três criando a 1ª cátedra de ORL na França e, se não estou enganado, uma das primeiras do velho mundo.

Moure tem outras referências profissionais, tais como a incisão trans-maxilo-nasal para os tumores do maciço facial e do nariz. Foi ele, também, quem primeiro fez uso da adrenalina aliada aos anestésicos locais. A escola de ORL de Bordeaux que se iniciou em 1880, o que bem demonstra a tradição e o respeito que merece. Na mesma oportunidade foi criada a Revue de Laryngologie, uma das mais antigas e respeitadas da especialidade na área internacional. Uma das provas mais remotas do relacionamento da ORL de Bordeaux com a do Brasil prende-se ao fato de que dois brasileiros fazem parte dos comités de leitura da antiga Revue de Laryngologie, atualmente designada ENT European Review dirigida, após o afastamento (decorrente da aposentadoria de Michel Portmann) por Didier Portmann seguindo o brilhantismo do seu pai e predecessor, são eles: José Alexandre Médicis no comité de leitura internacional e no comité de honra de leitura, Alexandre Médicis, que mais tarde viria a presidir a Fondation Georges Portmann (FGP) criada ao fim da década de 60.

Georges Portmann, que casou-se com a filha de Moure, Emily, conhecida como Mimi, sucedeu-o em 1926 com pouco mais de 30 anos. Nesse mesmo ano, após demorados e minuciosos estudos experimentais nos peixes selacianos, fez pela primeira vez em "anima nobile" a abertura do saco endolinfático em paciente portador da doença de Menière, com bom resultado. Esta cirurgia foi posteriormente modificada e ampliada por William House de Los Angeles. Somente em 1970, em Denver (Colorado), Georges Portmann foi homenageado pela Associação Americana de ORL, recebendo uma placa de ouro com os seguintes dizeres "Ao pai da cirurgia do ouvido interno". "La notion de justice est irresistible!" Jules Romain.

Michel Portmann, com a sua interposição estapedo-vestibular, muitos anos depois deixou também a sua marca na evolução da cirurgia da oto-esclerose.

A minha chegada a Bordeaux ocorreu após dezoito meses do armistício da 2ª guerra mundial (08/05/1945). Deste modo as dificuldades do momento eram muito consideráveis, grandes dificuldades econômicas que obrigavam ao País a significativas limitações em inúmeros setores, incluindo o alimentar, o leite, a carne, o pão, o queijo (apesar das 365 espécies) e o petit vin rouge de Bordeaux, coisa muito lamentável para os que, como eu, tanto apreciam a gastronomia e a enologia.

O Patron era uma figura rara e importantíssima pelo seu caráter, pelo rigor das suas atividades, pela sua invulgar inteligência e em vista da sua excelente didática (francamente cartesiana) ao ministrar suas lições. Ao lado destas características tinha grande simpatia estando sempre aberto às indagações dos seus alunos. Uma frase sua passada à posteridade na inscrição da medalha, cunhada por iniciativa da Delegação Brasileira da Fondation Portmann (a seguir veremos detalhes sobre a criação desta entidade em 1967), comemorando o centenário da Escola de ORL de Bordeaux e da Revue de Laryngologie (1880), “La simplicité est la condition fondamentale d'un enseignement”.

Nesse agitado ano de 1947, o Patron exercia as altas funções de Senador da República como representante da Gironde e em consequência deste fato passava três dias da semana em Paris e os restantes na sua cidade em regime de tempo integral das 7:00 às 19:00 horas, incansavelmente, com dois dias de consultations e um dia de cirurgia. No quadro negro, utilizando giz de diversas cores, ele desenhava com grande habilidade, a duas mãos não só os achados clínicos ou usando campos cirúrgicos para demonstrar os diversos tempos de uma intervenção. Era feita uma fila indiana para os assistentes acompanharem esses momentos. Não deve ser esquecido que, na década de 40, não havia ainda o microscópio e as cirurgias otológicas eram feitas sem motor, com goiva e martelo. No curso de aperfeiçoamento realizado anualmente durante uma semana em tempo integral, naquele ano de 1947, esteve presente um outro brasileiro, Luiz Piza Neto, de São Paulo, falecido há muitos anos. Durante muito tempo, de Georges Portmann a Michel Portmann a escola de ORL de Bordeaux foi conhecida, com todos os méritos, como a Escola Portmann. Na volta ao Brasil me mantive ligado à escola por meio de correspondência frequente e pelo recebimento da “Revue de Laryngologie” que sempre nos chegava com grande atraso desde que o meio de transporte era ainda o marítimo. O meu retorno a Bordeaux deu-se somente em 1958, quando encontrei ao lado do Pai, outra figura importantíssima, Michel Portmann que já iniciava a sua posição de professor, com características tão notáveis como as do seu predecessor. Entre nós, desde o começo passou a haver uma grande simpatia logo transformada em fiel amizade, surgindo deste relacionamento a idéia de criarmos uma associação de ex-alunos e amigos da escola Portmann. O início da nossa amizade com o Michel ocorreu como acima falamos, foi uma absoluta continuidade com o meu relacionamento com o Patron Georges Portmann, por quem sempre dediquei um amor filial (a recíproca sendo verdadeira). Daíu o contato com o Michel passou a ser de uma amizade tão expressiva que passamos a nos considerar como verdadeiros irmãos, consequência natural do fator “hereditário” que vinha existindo desde 1947.

Vários anos se passaram com um pouco de insistência de minha parte para que fosse concretizada esta nova associação. Assim, finalmente em 1967, criou-se a Fondation Georges Portmann. Dado à grande generosidade e amizade do Michel, tem ele falado em inúmeras oportunidades e em diferentes países que a existência da Fondation se deve à idéia e à insistência de um brasileiro, Alexandre Médicis da Silveira que achava esta medida como de grande importância para o progresso da ORL e também para criar um elo entre os alunos e amigos da Escola Portmann que, por essa época, já pertenciam há mais de 50 países. Entre as duas guerras mundiais, de 1919 a 1938 alguns brasileiros foram os primeiros a estudar em Bordeaux, podendo-se citar os nomes de Raul Guedes de Melo, Walter Benevides, Horácio Paula Santos, Armando Pinto Fernandes (Almirante da Marinha), Augusto Linhares e Chrisostomo Vieira que, entre 1926 e 1936, mais precisamente, lá estiveram. Dentre estes nomes, Guedes de Melo e Benevides foram os que mais divulgaram a alta qualidade do ensinamento da ORL daquela cidade e, consequentemente, se colocaram como os “Doyens” dos ex-alunos da Escola Portmann. A eles portanto, se devem os contatos iniciais e muito profícuos da nossa ORL com a de Bordeaux.

Surgindo em 1967, a 1ª presidência internacional da Fondation, coube a um brasileiro Walter Benevides, figura de grande cultura geral e médica e exercendo-a por um período de quatro anos. Em 1971, foi ele reeleito para mais uma gestão (1971 – 1975).

A minha carreira na Fondation Georges Portmann passou por todos os degraus do bureau internacional, assumindo em 1967 o cargo de Delegado para o Brasil. Depois de muitos anos passei ao posto de Vice-Presidente para a América do Sul, posteriormente ao de 1° Vice-Presidente Internacional e finalmente em 1987 tive a honra de assumir a sua Presidência Internacional durante quatro anos. Deste modo verifica-se que o nosso País foi o que por maior período deteve a Presidência (doze anos nos três mandatos). Aqui, portanto, mais uma prova do excelente relacionamento da Fondation com o Brasil. Além destes dados, o bureau executivo com sede em Bordeaux, instalada na Clinique St. Augustin, em várias oportunidades, por escrito ou verbalmente, considerou a Delegação Brasileira (do 1° Delegado ao atual) como a que maior número de eventos produzia, além do significativo elemento representado pelo envio de bolsistas, um anualmente (o primeiro deles em 1970, Zenshi Heshiki) sem qualquer interrupção até este momento, fato que não ocorreu com qualquer outra delegação das mais de cinquenta que existem no cenário internacional. Provavelmente, levando em conta todos estes numerosos contatos, foi o fator que levou Michel Portmann, com o apoio unânime de todos os componentes da direção da Fondation Georges Portmann a fazer a escolha do Brasil para sediar em 1990 o centenário de nascimento de Georges Portmann (1890 – 1990). Um congresso internacional começou a ser organizado para celebrar data tão importante na ORL do mundo. Evidentemente, era uma enorme responsabilidade para nós que, em vista de estarmos ocupando a presidência da entidade, deveríamos também presidir a "Reunião Científica Internacional da Fondation Georges Portmann celebrando o nascimento do seu patrono Georges Portmann". Marcada a data para a realização (21 – 23 de março de 1990), começamos a trabalhar e o primeiro passo foi, sem dúvida, a indicação dos vários colegas que comporiam a direção deste evento. A nós, desde o primeiro momento vieram se juntar Samir Cahali, Arthur Octávio Kós, Ossamu Butugan, Edigar Rezende de Almeida, Ricardo Ferreira Bento e José Alexandre Médicis da Silveira, colaboradores de primeiríssima linha, cada qual em um setor determinado sendo eles os principais responsáveis pelo êxito da organização e coordenação do evento. Assim, em março de 1990, em plena agitação em torno da posse do Presidente Collor de Mello, inauguraríamos a reunião. Na véspera da sua instalação, recebemos vários telefonemas em nossas casas indagando se, apesar das inusitadas medidas impostas pela Ministra Zélia Cardoso de Mello, iríamos realizar o congresso. Atônitos com tais perguntas, respondíamos que estranhávamos e que todos poderiam estar seguros de que a reunião sairia de qualquer modo. Como era de se esperar, muitas inscrições foram canceladas no próprio dia da abertura e muitos colegas não puderam vir. Mesmo assim quase mil convencionais participaram do evento, que teve "malgré tout" um grande sucesso.

O detalhe mais importante nesta reunião é que, pela primeira vez, duas das maiores escolas internacionais, encontraram-se em um simpósio que a abriu com chave de ouro: "Um Simpósio "House – Portmann". Do lado House tomaram parte Howard House, William House, Antonio de La Cruz e outros e da parte Portmann, Michel Portmann, Jean Pierre Bebear, Michel Negrevergne, Guy Lacher, Jean-Marie Aran e outros como alunos da Escola Portmann e, na qualidade de amigos, foram convidados Jean-Marc Sterkers, Robert Charachon e Christian Déguine. Diga-se desde já que esta reunião começou como terminou, com brilhantismo,

Além deste simpósio, várias sessões sobre os mais modernos aspectos da nossa especialidade foram realizadas e com renomados colegas do Brasil e de outros Países, participando também algumas figuras de absoluto realce em especialidades afins, tais como Ivo Pitanguy, Paulo Niemeyer, do Rio de Janeiro e J. Renato Woiski, de São Paulo.

Outro ponto que creio ser necessário apontar é que os bolsistas da Fondation, escolhidos por concurso de títulos e conhecimentos da língua francesa, eram instruídos, antes de saírem do Brasil, que deveriam frequentar com regularidade as duas entidades, ou seja, a Clinica Universitária de ORL e a Clinique St. Augustin. Para ficar ainda mais transparente o relacionamento dos centros da França e do Brasil é que numerosas teses de doutoramento, algumas de livre docência, basearam-se em assuntos desenvolvidos pelos bolsistas nos seus estágios de seis a doze meses em Bordeaux. Os bolsistas foram patrocinados durante bastante tempo pelo Governo da República Francesa e, após o término desta colaboração, contamos sempre com a conhecida empresa de origem dinamarquesa, a Widex do Brasil e o Laboratório UPSA da França que, ao que tudo indica, continuam a dar sua contribuição para o êxito destas atividades.

Há ainda a ser demonstrada a significativa posição a que chegaram ao Brasil alguns ex-bolsistas e ex-alunos, ocupando altos cargos nas universidades brasileiras. Exemplos bem sentidos foram os dados pelos ex-alunos Nelson Álvares Cruz, Arthur Octávio Kós, Roberto Eustáquio Guimarães, Moacyr Saffer e José Antonio Aparecido de Oliveira, deixado por último porque, além da cátedra na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, ele foi o ganhador do Prêmio Georges Portmann, concedido por uma única vez na gestão do Presidente Benevides a um trabalho inédito e de pesquisa em ORL, tendo por título "A ação do salicilato de sódio no labirinto das cobaias", e que lhe foi entregue por ocasião da 1ª Reunião Científica Internacional da Fondation Georges Portmann realizada sob os auspícios da Delegação para o Brasil no ano de 1974.

Entre os ex-bolsistas, o destaque ficou com Zenshi Heshiki e Shiro Tomita, ambos titulares de Universidades Brasileiras. Sílvio Caldas Neto, bolsista 1991 – 1992, e atual Delegado para o Brasil, exercendo este cargo com grande entusiasmo e competência, na Universidade do Recife como chefe da disciplina de ORL e à espera da marcação do concurso para titular, como também ocorre com Roberto Meirelles (bolsista em 1984) na UERJ e com o ex-aluno Sergio Ramos, na Universidade do Espírito Santo. Também não poderíamos deixar de falar na história contada sobre a nossa querida "Fondation Georges Portmann", o apoio dado pelo HSPE "FMO" através do serviço de ORL por iniciativa de Moisés Cutin, primeiro Diretor deste centro, sucedido pelo Samir, sempre nos fazendo a absoluta cortesia de ceder os seus dois ótimos anfiteatros para a realização dos nossos eventos. A única exceção foi o caso da Reunião Científica Internacional celebrando o "Centenário do nascimento de Georges Portmann" (1990) quando foi utilizada a grande área destinada a convenções do Hotel Maksoud Plaza (em pleno apogeu na época). Arthur Octávio, Samir e José Alexandre sempre deram suas eficientes colaborações, ocupando sempre altos cargos no bureau internacional. Consideramos de importância no assunto o fato de que dois ex-alunos da Escola Portmann ocuparam o alto cargo de Presidente da Sociedade Brasileira de ORL (hoje ABORL e CCF), José Antonio Aparecido de Oliveira e Nelson Álvares Cruz, este falecido há alguns anos e que sempre foi um dos mais fieis alunos de Bordeaux. Diante de tudo o que já foi relatado nesta nossa longa entrevista, afirma-se que a criação da Fondation Georges Portmann (atual Instituto Georges Portmann, por exigência de leis do país). Foi fator predominante neste relacionamento com o Brasil, Bordeaux, cidade considerada de alguns séculos para cá como a "Meca" do famoso Vin Rouge, passou a ser desde o final do século 19, um dos mais importantes centros da ORL internacional, também conhecida como a cidade dos 3 M (3 homens "M" célebres), Montaigne, Montesquieu e Mauriac, sempre foi um significativo exemplo do culto à língua gaulesa dentre todos os países que falam este belíssimo idioma.

Desta forma, de Georges Portmann a Michel Portmann (1926 – 1991) e de 1992 aos anos de hoje sob o comando de Jean Pierre Bebear, o grau de "fine marque" tem sido mantido com grande eficiência e brilho no papel da Escola Girondina dirigida ao progresso da ORL em nossas Universidades. Ainda no mesmo sentido, devo chamar a atenção para o importante fato no qual se constituiu o convite feito por Zenshi Heshiki a Jean Pierre Bebear no início dos anos 80, para ocupar, como professor contratado por trinta dias, o cargo de Professor da Faculdade de Medicina de Botucatu da UNESP. Bebear tomou parte em todas as atividades da Clínica ORL com absoluto entusiasmo e regularidade, quer no setor clínico como no cirúrgico. Para encerrar este estágio, Heshiki e sua equipe organizaram um curso de cirurgia otológica ministrado por Bebear com grande número de inscritos vindos de diferentes pontos do Brasil. Faço questão de deixar claro que, mesmo após as aposentadorias de Michel Portmann e Guy Lacher, as atividades do IGP foram mantidas no mesmo alto nível graças ao fato de três importantes figuras do bureau executivo terem assumido o controle da entidade, Didier Portmann, Michel Negrevergne e Jacques Verhulst.

Contando a história do relacionamento tão estreito e tão remoto da ORL de Bordeaux não poderíamos concluí-la sem dar um especial destaque a algumas figuras importantíssimas neste contexto. Refiro-me a Claudine Portmann, Geoges Guillen, Jean Marie Aran, Jean Pierre Bebear, Michel Negrevergne, Guy Lacher, Didier Portmann e Jacques Verhulst que, nos últimos 35 anos, marcaram suas colaborações neste assunto. Claudine organizou com perfeição e dirigiu por longos anos o Centro de fonoaudiologia na Clínica Universitária (2º na França) que sempre foi um local muito procurado por aqueles que mostravam interesse pela audiologia e também pela fonoaudiologia. Numerosíssimos brasileiros receberam dela ensinamentos de extrema valia. A principal atividade e à qual dedicou grande parte da sua bela e longa carreira foram os problemas que diziam respeito à criança surda, um dos mais nobres assuntos da ORL.

A simplicidade aliada à modéstia eram muito admiradas pelos alunos, que sempre tiveram por ela um considerável respeito devido à grande competência que possuía neste tema. A isto se deve o renome internacional muito difundido que sempre teve. O seu desaparecimento, em janeiro de 2008, deixou além de uma grande saudade, uma imensa lacuna no acompanhamento das crianças surdas. Para mim, que sempre estive muito próximo dela com uma fraternal amizade de mais de 50 anos, realmente a tristeza pela sua morte foi extremamente sentida.

Guillen ocupou-se principalmente por dois aspectos da ORL, como a radiologia do osso temporal e a cirurgia funcional do nariz. No primeiro criando a incidência trans-orbitária e no outro com uma técnica cirúrgica que levou o seu nome. Na verdade, ele construiu uma grande escola nestes temas, sobretudo na radiologia do temporal, deixando uma grande quantidade de alunos em seu País e no cenário internacional. Seria justo dizer-se que um dos seus primeiros alunos foi o Ramon Ruenes, do México e, certamente, o que mais se salientou através dos seus trabalhos e de cursos dados em diferentes Países, tendo sido o Brasil provavelmente o que mais vezes o tenha recebido oficialmente em congressos ou para cursos à parte dos mesmos. Ruenes viajava com assiduidade para Bordeaux, sempre muito ligado a Guillen e ao próprio Michel Portmann, razão pela qual alcançou o alto posto de Presidente internacional da Fondation Portmann, quando me sucedeu no período de 1991 a 1994.

Guillen exerceu o cargo de Secretario Geral da Fondation entre 1985 e 1989, quando faleceu prematuramente. A falta dele foi muito sentida na Escola Portmann, pela sua brilhante inteligência e pela sua curta mas eficiente passagem pelo cargo acima falado, sucedendo brilhantemente ao Michel por ocasião do falecimento do queridíssimo Patron. Ele foi um dos mais importantes membros do bureau executivo e que, ao lado do Michel, mostrou-se um apologista "apaixonado" para que a reunião que celebraria em 1990, o centenário do nascimento de Georges Portmann fosse realizado no Brasil. Infelizmente não chegou a assisti-la, o que muito foi lamentado pelos organizadores da reunião de São Paulo (realizada no ano seguinte de sua morte).

Aran, Mestre do Inserm de Paris, aluno de Michel Portmann foi certamente o pioneiro do desenvolvimento da eletro-fisiologia da audição, com trabalhos inéditos e de pesquisa sobre Ecog e o Bera. A sua tese sobre a eletrococleografia tornou-se em verdadeira bíblia sobre tão importante assunto.

Bebear, outro aluno de Michel, com uma notória atividade cirúrgica, sobretudo dirigida aos tumores do etmóide, aos tumores glômicos e na oto-neurocirurgia, foi sempre muito respeitado pelos alunos de sua universidade, bem como pelos estrangeiros que procuraram Bordeaux.

Negrevergne, participando ativa e brilhantemente no setor de audiologia e na parte clínica da eletrofisiologia auditiva, sempre esteve muito ao lado de Claudine, por quem tinha um especial carinho e uma grande admiração, considerando-se mesmo seu aluno direto. Sempre dava suas aulas com uma excelente didática e simplicidade e reunia em torno de si, habitualmente, um grupo grande de alunos cuja admiração sempre conquistava. Entre os seus alunos de fora de Bordeaux, que eram sempre numerosos, o José Alexandre Medicis talvez tenha sido um dos que dele ficaram mais próximos, passando a existir entre ambos uma sincera amizade que se perpetuou através dos anos, "malgré", da existência do Atlântico Sul que os deixava afastados fisicamente. O meu filho, contagiado com a admiração dele pela Claudine, não poupava tempo para ir à sua sala ouvir os seus ensinamentos sempre muito pertinentes, considerando-se ele também um seu aluno.

Didier, que se tornou Diretor da Revue de Laryngologie após o afastamento de Michel, tem mostrado seu valor não só pela modificação do formato da Revue como também por haver conseguido expandi-la em todos os continentes, seguindo deste modo a orientação do seu Pai. No dia a dia, à frente da cirurgia otológica na Clinica St. Augustin, após as aposentadorias do Michel e do Lacher. Guy Lacher que, em 1989, substituiu a Guillen na secretaria geral do IGP, sempre foi um íntimo e ótimo colaborador do Michel na cirurgia do ouvido médio, mostrando-se sempre um excelente profissional. Como diretor, foi um dos mais eficientes, não medindo esforços para estar ao lado dos alunos, deixando assim também sua marca no relacionamento com o Brasil, sobretudo por ocasião da reunião de 1990 em São Paulo, celebrando o centenário do Patron.

Verhulst, que substituiu Pierre Pardes, quer na Universidade (como Attaché) ou na clinique St. Augustin (IGP) em atividade privada e ligada ao ensino do IGP, foi por longos anos o principal colaborador do Michel na direção da Revue, mostrando também possuir qualidades de alto nível para o ensino da clinica e da cirurgia da laringe.

Jacques Boussens, aluno de George e de Michel, na oto-neurologia, sempre uma pessoa das mais simpáticas e que sempre procurou transmitir com simplicidade os problemas desta matéria e, finalmente, o Doyen Pommez na foniatria, com uma grande equipe na maioria de senhoras, destacando-se entre essas, Madame Dubois e Madame Veaux.

Nos últimos quinze anos, Bebear e colaboradores, principalmente Vincent Darrouzet e René Dauman, expandiram consideravelmente os Implantes Cocleares na Universidade de Bordeaux e, atualmente, já se contam algumas centenas destas cirurgias, feitas com resultados muito expressivos, tornando-se praticamente atos de rotina.

Das ilustres personalidades citadas neste trecho da nossa entrevista, todas tiveram oportunidade de dar um ou mais cursos dos seus assuntos preferidos em nosso País em cidades as mais diversas e das mais importantes. Esta foi certamente uma equipe que teve um papel absolutamente notório no relacionamento, sempre muito estreito e em caráter permanente entre a ORL da França e a do Brasil. Absolutamente desnecessário dizer-se que todo o grupo citado era liderado por Michel Portmann, com a sua capacidade intelectual invulgar e sua extrema competência demonstrada em todas as áreas da especialidade, apesar da sua total prioridade pela otologia.

Neste instante, nossos ilustres colegas e amigos, que nos entrevistam nos fazem duas indagações que vamos procurar responder. A primeira se eu poderia afirmar qual seria o número total de compatriotas que tinham ido estudar em Bordeaux e a segunda sobre qual o total de cursos que haviam acontecido entre 1967 e a data atual. Nesta, poderíamos responder convictamente que, no período acima, mais de trinta cursos foram realizados principalmente nas cidades a seguir: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Brasília, Curitiba, Botucatu, Campinas e outras. Na primeira, diríamos que certamente mais de duas centenas de brasileiros estiveram em Bordeaux para pequenos ou grandes estágios.

A ORL brasileira muito enriquecida por todos estes contatos é, sem dúvida, uma das mais respeitadas da América do Sul e, de alguns anos para cá, através de especialistas competentes divulgando trabalhos de valor inegável na nossa excelente revista, vem tendo franca penetração no velho e no novo mundo.

Estando já demasiada longa nossa entrevista e isto por duas razões, a primeira por não termos poder de síntese e a segunda pelo fato de estarmos contando uma história de mais de 80 anos. E assim sendo não conseguiríamos fazer diferente...

Além destes fatores, a minha primeira iniciativa, sabendo que seriamos convidados para falar sobre o relacionamento da Escola de Bordeaux com a do Brasil, obrigatoriamente teria que ser uma longa conversa com o incontestável líder deste movimento (Michel Portmann), escutá-lo, ouvir os seus conselhos seria indispensável para o êxito da minha missão. Dele, recebemos uma resposta firme: para fazê-lo não poderíamos deixar de relatar minuciosamente esta história. Se tentássemos nos afastar desta orientação certamente falharíamos, desde que os contatos da ORL de Bordeaux com a nossa eram certamente mais íntimos e em caráter permanente há mais de 80 anos.

Ainda mais recebemos dele de modo muito sincero uma palavra de ânimo, dizendo que julgava que os dignos responsáveis que escreverão sobre a história da ORL brasileira haviam acertado na escolha do seu nome para falar sobre este subtema, desde que a nossa vigência, no assunto tinha mais de 60 anos, com maior vivência sobre tudo após o surgimento de 1967 da FGP. E como este importantíssimo apoio, partimos em frente e aí está o resultado, pedindo desculpas pela extensão da nossa narrativa.

Absolutamente dispensável seria afirmar-se que a Reunião Internacional celebrando o Centenário de nascimento do Patrono G. Portmann foi a manifestação mais importante do tema ao qual tentamos responder. Inúmeras correspondências de ilustríssimas personalidades da ORL Internacional foram recebidas pela Comissão Organizadora desta convenção. Aqui passaremos a destacar algumas delas, senão vejamos:

Juan Manuel Tato – Argentina - “Admirável! Tudo acontece como você queria e planejou. Uma reunião inesquecível! A melhor reunião da FGP, meus parabéns, isso deve representar um digno exemplo.”

Howard House – EUA – “It was one of the best organized meeting it has been my privilege to attend. I know you have been working on this meeting for two full years, but the results of the meeting showed the efforts you put into it that made it such a huge success.”

Paul Savary – Quebéc: “Malgré tout le stress conderérable que les circonstances économiques ont pû vous causer en plus du stress prodigieux qui nécessite l'organisation d'un congrés d'une si haute perfection. Le succés considérable de cette reúnion scientifique est telle que de tous les congrés auxquels j'ai dû assister dans ma vie, et ils sont nombreux, le niveau scientifique fut des plus prestigieux, la qualité des travaux égale à une qualité absolument sans faille, la traduction simultanée impéccable, les banquets auraient voulu être éternels, les réceptions fastueuses, en somme malgré les circonstances très difficiles, ce fut un succés considérable et un ciment durable sur notre amitié.” Ex. Presidente Internacional da FGP (1983 – 1987).

Herman Diamant – Suécia - “ I Must thak you for a most excellent congress. It was not to flatter you that I said that this Congress was one of the best I have attended. It was my serious opinion. My view is that very much of the credit goes to you personally. You were like a father everyone, always there to see that everything went alright.”

Roberto Martinho da Rocha – Brasil – então Presidente da SBORL. “A SBORL associa-se ao aplauso de todos os que acompanharam a incomparável Reunião Internacional realizada recentemente em São Paulo. Receba, caro amigo, minhas felicitações por nos haver proporcionado um dos mais relevantes acontecimentos da ORL em nosso meio”.

Guy Lacher – Bordeaux – Secretário Geral da FGP - “Todos nós ainda estamos bastante maravilhados pela magnífica Reunião Científica que você organizou. Em nome da Fundação Georges Portmann, fazemos empenho em felicitá-lo, por essa brilhante manifestação”.

Depoimentos de tal porte confirmam plenamente o que dissemos acima nos nossos comentários sobre este evento e nos confortam amplamente pela certeza do dever cumprido.

No inicio deste século o Governo Brasileiro condecorou Michel Portmann com a Ordem do Rio Branco no grau de Comendador, pelos seus relevantes serviços prestados a ORL do Brasil.

E assim procuramos fazer um histórico do assunto que nos foi indagado pelos nossos entrevistadores, que começado em 1926 continuado até os dias atuais como se iniciaram, com o maior sucesso, podendo-se afirmar que no Brasil existe “uma mentalidade Franco-Brasileira em ORL”.

AZIZ: Falaste sobre a ORL de Bordeaux mas não falaste sobre a ORL Pediátrica. Queremos te ouvir!

AMS: A partir do início de 1953, num curso de atualização em Pediatria organizado pela Sociedade dos Médicos da Prefeitura Municipal de São Paulo, coube a mim dar a aula inaugural sobre o seguinte título “Da importância do anel linfático de Waldeyer (ALW) em Pediatria”. De 1953 até minha aposentadoria em 1999, por razões de saúde, minhas participações em algumas palestras dadas na Clínica ORL da Universidade de Bordeaux ou em congressos ou cursos no Brasil ou fora dele, diria, convictamente, que quase 100% deles foram sobre assuntos de ORL Pediátrica.

Estive ligado a dois hospitais infantis de São Paulo, o Hospital Infantil Morumbi (atual Darcy Vargas) e o Hospital Infantil Menino Jesus. O primeiro entre 1960 e 1962 e o segundo de 1962 a 1979. Em ambos fui o organizador do serviço de ORL e responsável pelas suas chefias. Um curso regular de ORL Infantil foi dado para o corpo clínico do ex Hospital Infantil Morumbi (administrado pelas organizações Oscar Americano) e que mantinha em alto nível as suas atividades com um corpo clínico de grande valor. Neste, convidamos o amigo e companheiro de serviço de ORL da Santa Casa, Octacilio Lopes Filho na época muito jovem e já mostrando dotes que o levariam ao posto universitário alcançado, para se juntar a nós no trabalho do novo e moderno Hospital Infantil Morumbi. No Menino Jesus, tive como colaboradores desde a sua abertura, os colegas e amigos Marcelo Calabria e Paulo Riskalla. Depois, outros vieram. O Menino Jesus (HIMJ) possuía também uma equipe de Pediatria de importância reconhecida e havia desde o início uma residência em Pediatria. Tive a idéia de promover um curso regular de ORL Infantil para esses residentes e assim era dado anualmente um curso de dez (10) aulas, para os quais convidávamos alguns colegas para participarem desse evento, sendo o maior número de aulas dadas por nós e por alguns dos assistentes do Serviço. Os convidados eram preferencialmente ex-alunos da Escola de Bordeaux.

Durante a realização do curso havia um estágio obrigatório, de 02 semanas, para os residentes em Pediatria no nosso serviço e, ao cabo do mesmo, sempre era feito um pequeno simpósio no qual os residentes apresentavam casos clínicos. Não me consta que houvesse outra atividade semelhante em qualquer outro centro de São Paulo ou alhures.

No inicio da década de 70, na qualidade de Vice-Presidente da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina, consegui que o Consulado da França em São Paulo patrocinasse a vinda a São Paulo de Henri Muler, de Paris, e colaborador de Lemariey no seu magnífico compêndio de “ORL Infantil”. Muler era o chefe de Clinica do Serviço de ORL do Hospital Trousseau de Paris, serviço este que tinha como seu diretor o autor principal do referido livro. Este curso foi o 1° Curso Internacional de ORL Pediátrica realizado no Brasil com o apoio da Clínica ORL da FMUSP, sempre muito importante.

O curso, realizado durante uma semana, todas as noites nos anfiteatros desta Faculdade, foi coordenado e traduzido por nós. A afluência foi considerável, tendo sido um absoluto sucesso. Ainda na década de 70, fomos convidados a falar sobre o assunto em cursos realizados em Porto Alegre sob a iniciativa do Moacyr Saffer e em Itajaí/SC no Hospital Infantil Menino Jesus, ambos também muito bem sucedidos.

Ainda na mesma década, com o sempre prestigioso apoio da Clínica ORL da FMUSP, foi realizado outro curso de ORL Infantil, coordenado por Aroldo Miniti, Alexandre Médicis da Silveira e Tânia Sih, com afluência considerável e no qual participamos com aulas sobre as sinusites na infância, novos conceitos na indicação da cirurgia das amígdalas e adenoides e sobre o cavum. No fim dessa década divulguei por ocasião dos chamados “Diálogos Médicos Pfizer” em ORL, dirigidos especificamente aos residentes da especialidade no HC (FMUSP), um trabalho que denominei de “Verdades Mínimas em ORL Pediátrica”(?), lamentavelmente, nunca publicado, mas como veremos a seguir apresentado em outras inúmeras oportunidades.

A 1ª das Verdades Mínimas (?) era justamente aquela que dizia que a ORL Pediátrica deveria já ter sido colocada na posição de importância que realmente o assunto merecia, devendo logo se constituir num departamento de valia indiscutível no ensino da ORL. Como falei acima, voltei a apresentar esta nossa contribuição no 1° Congresso Brasileiro de ORL Pediátrica organizada por Berenice Ramos na cidade de Porto Alegre, na década de 80, tendo sido homenageados o Saffer e nós, iniciativa esta que também obteve grande êxito.

Por um lapso de memória, possivelmente decorrente da minha avançada idade, deixei de relatar um fato importante ocorrido em 1963. Nesse ano assumi a Presidência do Departamento de ORL da Associação Paulista de Medicina e a sessão da minha posse foi por mim organizada com um simpósio intitulado "A criança surda", assunto muito pouco explorado na época.

Esta reunião demonstrava bem a minha inclinação pela ORL Pediátrica, iniciada como falamos em 1953. Uma longa caminhada sempre dirigida a dar aos problemas otorrinolaringológicos da infância um valor indiscutível era bem sentida.

Desta forma mostrei o meu particular interesse pelos assuntos abaixo:

a) Indicações da adeno-amigdalectomia e na década de 60 após um artigo brilhante publicado na Acta Belga de ORL (1957) sobre L'anneau de Waldeyer et ses problèmes, com as conclusões de que se operava ainda demais as amígdalas palatinas e em segundo lugar que seria necessário dissociar-se o problema amigdaliano do adenoideano. A partir de então conduzimos nossas indicações na direção das conclusões acima.

b) Interesse todo especial pelas sinusites da criança, levando em conta os trabalhos pioneiros de Terracol (França) e Goodhill (EUA) com os muito interessantes aforismas sobre o assunto. Em várias oportunidades, falamos sobre as sinusites infantis, começando na década de 60 em um congresso de ORL, em Presidente Prudente (SP), e nas chamadas "Revoadas da APM" nas cidades de Rio Claro, Tupã e Dracena. Sempre com assuntos de ORL infantil, chamando o interesse para o desenvolvimento de inúmeras doenças além das sinusites, como as otites de repetição e a grande importância do cavum nestes dois últimos aspectos.

c) Chamamos a atenção para certas patologias incomuns, como a otite do recém- nascido, descrita pela escola uruguaia por Elyseo Segura, no seu livro (não confundir com a otite do lactente).

d) Referimo-nos algumas vezes sobre aquilo que se considera como o 1° estádio da sinusite, ou seja, a osteomielite do maxilar superior de recém nascido e outra no momento da erupção do dente molar superior aos seis (6) anos. Nesses casos, considerados raros, tivemos dois (2) casos de otite do recém-nascido e dois (2) de processos aparecidos em torno dos seis (6) anos. Nestes quatro (4) casos a evolução foi para a cura, devido à precocidade dos diagnósticos.

e) Sempre nos posicionamos contrários ao binômio clínico "Gecas-ouvido médio", com múltiplas paracenteses mesmo na ausência de sinais timpânicos, consideradas de urgência e praticadas antes mesmo do encaminhamento para a rehidratação (esta medida era sempre julgada indispensável e de urgência absoluta).

f) Otites médias chamadas de "otites da mamadeira deitada", e sempre orientando aos pais e enfermeiras, com insistência, para que fosse dada a mamadeira com o lactente com o tronco e a cabeça elevados.

g) Desde os anos 50 valorizamos a radiografia simples do cavum, afastando assim o "brutal" toque adenoideano, único meio existente até então, para ser feito o diagnóstico das V.A. Esta incidência radiológica foi apresentada por mim em uma das reuniões semanais da clínica ORL da Santa Casa de São Paulo (1955), pela primeira vez, após havê-la conhecido em rápida visita ao serviço de ORL da Casa Cuña de Buenos Aires.

h) Uma das outras verdades mínimas (?), incluída entre as mais de vinte que divulgamos, é aquela que diz respeito à única, absoluta e indiscutível indicação cirúrgica para a adeno-amigdalectomia - "Obstrução mecânica" das Vias Aéreas Superiores por aumento excessivo das amígdalas e adenoides. Esse diagnóstico encontrado com relativa frequência na criança dá lugar ao aparecimento da apneia do sono, constatando-se através da gazimetria retenção do CO_2 e eliminação do O_2, o que levaria o pequeno paciente ao "cór pulmonale" se a medida cirúrgica deixasse de ser efetuada (com certa urgência, inclusive).

i) Acompanhei e relatei em diversas comunicações os estudos avançados da Imunologia relacionados com o ALW, nos anos 70, surgidos em vários países, como por exemplo, a Itália com Fioretti, o Japão com Ishikawa e a França com Diebold e Nezelof. Todos estes trabalhos de pesquisa e inéditos dirigindo-se aos achados referentes ao linfócito B e às imunoglobulinas (G e M) no contexto da amígdala palatina até então não conhecidos.

j) Nos EUA alguns imunologistas descreveram a ausência total de tecido linfóide no cavum (RX simples) como um elemento indicativo do que eles classificaram como uma imunodeficiência, dita “MINOR” ou simplesmente uma imunodeficiência loco-regional (?).

Continuando os nossos contatos com a ORL Pediátrica, em 1996 no Congresso Brasileiro de ORL em Recife, em uma sessão do então departamento deste assunto ligado à antiga SBORL, presidida por Luc Weckx e Paulo Pontes, foram concedidos por unanimidade os títulos de pioneiros na nova disciplina a Alexandre Médicis da Silveira, Moacyr Saffer e Tania Sih (nesta ordem). Várias outras figuras da nossa ORL vinham também trabalhando neste assunto e entre outras, devo salientar Luiza Endo, Eulalia Sakano, Berenice Ramos, e alguns outros. Uma estudiosa colega pediatra, Magda Carneiro, do Instituto da Criança (HC da FMUSP), com seu espírito de pesquisa direcionado para a imunologia, escreveu há muitos anos uma contribuição que mostrava pontos de relacionamento entre os processos imunológicas e o ALW na criança, prevendo que seriam eles, com um estudo mais minucioso, muito mais próximos do que os seus achados preliminares. O futuro viria demonstrar o seu acerto nesta previsão.

O trabalho árduo e tenaz de Luc Weckx também vinha sendo elaborado minuciosamente.

Neste sentido, o Luc organizou e presidiu em 1999, na encantadora Campos do Jordão, uma reunião intitulada “Reflexão sobre o ensino da ORL – Pediatria”, na qual fomos homenageados abrindo e encerrando a mesma, falando sobre “Generalidades em ORL Pediátrica” (partes I e II).

Recebi uma prova muito generosa de amizade, quando o amigo Octacilio Lopes Filho, em seu compendio de ORL, muito completo, colocou algumas fotos de pessoas que, de um modo ou de outro, tiveram influência em sua carreira profissional, e entre elas uma nossa com os dizeres, “Ensinou-me ORL pediátrica – 1961-1962”, o que muito nos honrou. O Otacílio deu também sua contribuição a este tema, mostrando-se sempre interessado nas reuniões que desta nova disciplina diziam respeito.

A nossa preocupação quase obsessiva de ver este assunto nos departamentos de ORL das nossas Universidades. Este fato foi coroado do maior êxito quando o Luc, após brilhante concurso, conseguiu ser o primeiro titular de ORL Pediátrica na Unifesp. Senti-me realmente feliz vendo uma pessoa amiga ocupar com grandes méritos tal posto, o que, sinceramente, deixou-me realizado.

Voltando no tempo há outro momento que considero muito expressivo na minha modesta carreira profissional, o fato que passo a citar: no ano de 1997, pouco tempo antes da minha aposentadoria (1999) por motivos de saúde aos 77 anos, fui agraciado pela IAPO (Interamerican Association of Pediatric Otorhinolaryngology) com uma placa na qual estava inscrita a frase “Ao Pai da ORL Pediátrica Brasileira”. A entrega da mesma foi feita pela Tania Sih, jovem e estudiosa colega, então representante da entidade no nosso país. Alguns anos após, Tania tornou-se Presidente Internacional da IAPO, em razão do seu bom desempenho como entusiasta do surgimento do novo tema. Neste depoimento ficou claro pelo relevo que demos a algumas pessoas que mereceriam também receber homenagens e seria dispensável aqui destacar um só nome.

Após esta longa narrativa sobre dois assuntos que se constituíram nas minhas maiores preocupações do dia a dia, desejo renovar aos meus caríssimos interlocutores, ilustres colegas e amigos representantes da nossa ótima ORL, Aziz Lasmar (Rio de Janeiro) e José Seligman (Porto Alegre) nossa sincera gratidão por nos terem dado a alegria e a honra de havermos sido a pessoa escolhida para tratar destes temas.

A partir do ano 2000, nada posso acrescentar, mas, inúmeros outros colegas poderão fazê-lo com a mais absoluta competência e a eles, com grande prazer, passo a palavra para uma atualização.

ALGUMAS HISTÓRIAS DA ORL BRASILEIRA

Todos nós temos algumas histórias para contar. Ao pesquisarmos detalhes do desenvolvimento de nossa especialidade, alguns colegas não se furtaram em contar-nos os seus "causos". Outros foram por nós procurados.

Na soma, uma pequena idéia dos seres humanos que estão por trás destas e de inúmeras outras histórias que fazem o dia-a-dia dos otorrinolaringologistas brasileiros.

A seguir, o que conseguimos juntar:

O Doutor Gobo*

É gratificante e tranquilo comentar os grandes feitos de profissionais famosos. Suas faces estão sistematicamente sob holofotes, seus nomes cotidianamente na mídia e, se buscar na Internet, serão milhares de citações. Há contudo, um numeroso grupo de profissionais, de grande peso, pelo profissionalismo, pela honestidade e pela humildade, cujos grandes feitos ficam no subsolo, fora do alcance das luzes, da mídia e... "zero citação!". O Doutor Gobo é um desses exemplares incomuns, sem qualquer titulação acadêmica, mas cuja vida foi marcada por feitos extraordinários, cujo destino natural seria o anonimato. Anotem-se alguns deles.

Naquele tempo em que não havia residência médica, o jovem otorrinolaringologista chegava em cidades do interior trazendo em sua bagagem, além da roupa do corpo, uma caixa de amigdalectomia, um trocáter para punção maxilar e uma lanceta para miringotomia. E tinha que ouvir: "Aqui você não vai ter vez! A região já está muito bem servida. Temos o Dr. Gobo, que atende e opera em todas as cidades da redondeza e o faz muito bem."

O Dr. Gobo fazia as cirurgias em seu hospitalzinho, uma casa adaptada, de sua propriedade, na cidade mineira de Jacutinga, para casos de curta permanência, coisa que modernamente chamam de "Day Hospital". Ali acorriam pacientes de todo o Leste Paulista, Sul de Minas e até mesmo da Capital mineira. A dedicada esposa Doroty e as prestimosas colaboradoras Santa e Ivani executavam todo o trabalho de bastidores, enquanto ele trabalhava. Não admitia ter sua atenção desviada do campo cirúrgico por nada, por melhor que fosse a informação. Crianças até de três anos eram operadas com anestesia local (anestesista era espécime rara, na ocasião). O doutor ficava de quatro, no chão, a criança "montava cavalinho" em seu dorso e ia alegremente para a sala de operação: "Upa, upa, cavalinho bom!" Frequentemente a cadeira cirúrgica e o foco de pedestal eram transportados, de trem, para operar em cidades vizinhas. E casos mais sérios eram operados em hospitais maiores, da região.

Um dia "aconteceu" um anestesista em Mogi Mirim, cidade vizinha, do interior de São Paulo, que se dispôs a ir, aos sábados, a Jacutinga, para trabalhar com o famigerado especialista da terra. O tempo ideal para as cirurgias de garganta era nas férias do fim do ano e, coincidentemente, tempo de chuvas copiosas. Estrada de chão, como diziam por lá, quando chovia era um problema: pacientes em jejum e o anestesista não chegava. O Ribeirão do Bom Café estava cheio e o carro não passava, até que baixassem as águas ou que um "jeep" fosse buscar o anestesista na outra margem do riacho. Reclamar para quem mais? A decisão foi rápida: o especialista comprou umas toras de madeira e contratou meia dúzia de obreiros. A construção da ponte já estava adiantada quando chegou o pessoal do DER para concluí-la.

Já presenciei a conduta de profissionais de alto coturno, de operar amígdalas de professoras recém-ingressadas no serviço público, que tinham como único problema uma rinite alérgica. A explicação era a seguinte: "O médico do Estado jamais irá admiti-la para trabalhar, se você diagnosticar a rinite alérgica. Operando-lhe as amígdalas, a vaga dela está garantida!" Com o Dr.Gobo aconteceu diferente. Estávamos juntos a operar o desvio de septo de um candidato à Polícia Militar do estado, pela técnica de Killian. Lá pelas tantas, o Dr.Gobo constatou que não poderia mais prosseguir a intervenção, pois, iria, fatalmente, resultar em perfuração septal residual. Interrompeu o ato, repôs e suturou a mucosa e explicou ao paciente: "Se eu prosseguisse, você perderia sua vaga no novo emprego. Você não vai pagar nada aqui no meu hospital e eu vou encaminhá-lo para um centro de maiores recursos". Há fortes suspeitas de que os custos da nova cirurgia tenham corrido por conta dele.

Quando comprei minha primeira casa, não tinha dinheiro nem para pagar o cartório. Naqueles tempos de inflação alta era assim: comprava-se primeiro e pagava-se depois. E corra atrás! Banco aqui, parente ali, agiota acolá e...no fim dava tudo certo. Um dia terminamos juntos uma cirurgia, na Santa Casa de Mogi Mirim, e o Dr. Gobo me convidou para ir com ele até o seu carro, que estava estacionado no pátio do hospital. Abriu o porta-luvas, retirou um pacote, bem embrulhado e amarradinho, entregou-me e disse: "Você não me pediu, mas eu sei que está precisado. Não é necessário assinar nada. Conte apenas para sua mulher, que eu já contei para a minha". No pacote havia dinheiro suficiente para uma das prestações para a compra da casa nova. Não me lembro de ter-lhe ressarcido pelo empréstimo, mas lembro-me bem que ajudou muito, e na hora certa.

Nossa carência de atualização científica, no interior, levou-nos a fundar um Centro de Estudos de Otorrinolaringologia do Interior Paulista, com reuniões mensais, no terceiro domingo de cada mês. Foram raros os ilustres professores do estado que deixaram de comparecer, para proferir palestras da especialidade. Iam de nove ao meio-dia, enquanto as esposas faziam um "city-tour" pelas cidades, que se ofereciam para sediar, em rodízio. Depois, íamos todos para um restaurante e cada um pagava sua conta. Não havia tesouraria nem secretaria. Talvez por isso, funcionou bem, por mais de sete anos. E o Dr. Gobo era um dos mais entusiastas frequentadores das reuniões. Ele dizia assim, sobre as trocas de experiência profissional: "Aqui, a gente traz só um pouquinho, mas leva muita coisa para casa". Numa dessas reuniões, em que se discutia calorosamente um problema clínico, o Dr. Gobo foi contestado de uma maneira "deselegante" (para dizer o mínimo) por um colega mais jovem. Ele pediu a palavra, convidou o colega para se levantar, foi até lá e deu-lhe um generoso abraço, dizendo: "Isto é para provar a todos que não fiquei magoado com você, por conta de seu comentário!"

Muito detalhista e caprichoso, em tudo o que fazia, cuidava pessoalmente do próprio instrumental e preparava as próprias bolinhas de algodão, amarradas, tamanhos pequeno, médio e grande. No fim de cada cirurgia de amígdalas, exultava triunfante pela ausência de sangramento: "zero gota!" Era categórico, quando dizia: "Jamais faça uma crítica desabonadora sobre uma loja amigdaliana operada por um colega seu! Não há qualquer garantia de que as suas lojas tenham ficado melhores!" (Dr. Francisco Gobo Tenório, Médico Otorrinolaringologista, nascido em 1925 e formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1952, hoje é Diretor Clínico da Santa Casa de Espírito Santo de Pinhal, S.Paulo).

*Everardo Andrade da Costa

Uma Traqueotomia Histórica

Julio Prates de Castilhos é uma das figuras históricas mais importantes do Rio Grande do Sul e deixou sua indelével marca na política e no jornalismo brasileiro. Formado em Direito em São Paulo (1881), fez campanha pela abolição e pela república. Deputado no Congresso Constituinte Republicano, batalhou pela organização estatal positivista. Em 1891 foi eleito pela assembléia estadual gaúcha o 1º Presidente do Estado sulino.

Em julho de 1898, coordenou o acerto pessoal entre Alfredo Leal e Protásio Alves, ambos diretores da Escola Livre de Farmácia e do Curso de Partos - o que resultou na fundação da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, a terceira do Brasil, após 90 anos da fundação das faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro.

Vítima de um câncer de laringe veio a falecer em Porto Alegre, em 1903, durante o ato cirúrgico de uma traqueotomia.

Valendo-nos de um artigo publicado pelo Dr. Nicanor Letti e de um bom tempo de conversa com este que é um especialista em história da Medicina Brasileira, vamos oferecer, a seguir, um trecho de seu trabalho.

Protásio Alves, figura grisalha e de cavanhaque, era médico e amigo pessoal do político. Avisado de que aquele não se sentia bem, foi à sua casa e o encontrou recostado e ofegante. Estava cianótico. Convocou de imediato o Dr. Carlos Wallau para realizar a traqueotomia e o Dr. Dioclécio Pereira, perito em máscara de Ombredane, para anestesia com clorofórmio. A sala dos fundos de sua casa – hoje um museu com seu nome – foi improvisada para a cirurgia. Ao ser conduzido até a sala, Julio viu Dioclécio com a máscara e pediu:

- Quem me cloroformiza?

- O Dioclécio, respondeu Protásio.

- Então estou tranquilo.

Ao ser conduzido até a mesa e alçá-lo para deitar, Wallau falou:

- Coragem, presidente!

Julio, com voz entrecortada, respondeu:

- Coragem eu tenho, o que me falta é ar.

O cheiro do clorofórmio espalhou-se pela sala e o político debateu-se, sufocado. Wallau, auxiliado por Protásio encontrou a traqueia, abriu-a, mas não aconteceu o estertor tussígeno característico. Dioclécio, apavorado, tomou-lhe o pulso e não o sentiu. O clorofórmio e a dificuldade respiratória haviam matado o mais famoso político gaúcho. Utilizaram a anestesia mais avançada para a época, mas ela estava contraindicada e levou-o à morte.

Morria ingloriamente o homem que os historiadores denominam Patriarca do Republicanismo Riograndense.

A Otorrinolaringologia e o "Plano Collor"

A inflação brasileira em um ano - de março de 1989 a março de 1990 - chegou a 4.853%, e para solucioná-la os governos criaram vários planos que, ao final, constituíram-se em grandes fracassos.

Depois de sua posse, o Presidente Fernando Collor anunciou um novo pacote econômico no dia 15 de março de 1990, o “Plano Brasil Novo”, chamado pela população de “Plano Collor”. Tinha como objetivo pôr fim a crise, ajustar a economia e elevar o país do terceiro para o primeiro mundo.

O cruzado novo, então moeda corrente, foi substituído pelo cruzeiro. A toda-poderosa Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, determinou que fossem bloqueados, por 18 meses, os saldos das contas correntes, cadernetas de poupança e demais investimentos superiores a Cr$ 50.000,00. Os preços foram tabelados e depois liberados gradualmente.

A Reunião Científica Internacional da Fondation Georges Portmann – em homenagem ao centenário do Professor Georges Portmann (1890-1990), estava marcada para os dias 21 a 23 de março daquele ano no Maksoud Plaza Hotel. Obviamente, sofreu alguns importantes desfalques. Muitos colegas, com as contas bloqueadas, desistiram de ir na última hora.

No Rio Grande do Sul, Cezar Guindani posicionou-se de forma contrária. Passou a mão em alguns dólares previamente guardados e resolveu não perder a hora, uma vez que as passagens de avião, a inscrição no evento e o hotel já estavam pagos.

Foi, aproveitou e trouxe algumas histórias saborosas. Na primeira noite livre, ele e alguns companheiros gaúchos resolveram comer num barzinho nas proximidades do hotel.

Lá chegando, uma surpresa. Quando perguntaram se podiam pagar com dólares a resposta do garçom foi negativa:

- Só aceitamos cruzeiros!

A Incrível História Do Conte Grande

O que teria a ver um luxuoso navio de bandeira italiana, construído em 1928 e demolido em 1962, com a otorrinolaringologia brasileira?

Pois o Conte Grande, pertencente ao Lloyd Sabaudo, que formava um quarteto com outras três imponentes embarcações de prefixo Conte, os chamados Rosso, Biancamano e Verde, era um navio de 199 metros de comprimento, com capacidade para 1588 passageiros e 530 tripulantes, e teve muito a ver.

Segundo o pesquisador José Carlos Rossini, de Genebra (Suíça), em artigos publicados no jornal A Tribuna de Santos, ele percorria, principalmente, a linha sul-americana, saindo de Genova com destino a Buenos Aires, fazendo escalas no Rio de Janeiro e em Santos, serviço que não foi interrompido nem ao deflagrar-se o conflito europeu em setembro de 1939.

Em 8 de junho de 1940, já nas costas gaúchas a caminho da capital Argentina, o Conte Grande recebeu uma mensagem cifrada e decidiu retornar ao porto de Santos. No dia seguinte apareceu na barra santista. A bordo estavam 866 pessoas, das quais 486 eram tripulantes. Com um futuro incerto, estes foram postos em terra firme e, inicialmente, acomodados em pequenas pensões e hotéis de Santos e de São Vicente. A partir daí acredita-se que deva ter acontecido um salve-se-quem-puder.

Após ter sido adquirido à Itália o Conte Grande, em abril de 1942, foi vendido aos Estados Unidos deixando Santos e o Brasil para trás.

E a otorrinolaringologia?

Pois foi exatamente neste navio que os colegas brasileiros seguiram para Buenos Aires onde participaram de uma jornada cuja idéia nascera em 1938, durante o “1° Congresso Brasiliense de ORL”. Pressionados pelo professor João Marinho, os argentinos Eliseu Victor Segura, Eduardo Casteran e Juan Manoel Tato organizaram, na capital do Prata, o 1° Congresso Sul-Americano de ORL, entre os dias 21 e 25 de abril de 1940.

E assim, menos de cinquenta dias antes da grande embarcação ficar retida no porto de Santos por causa da 2ª Guerra Mundial, João Marinho, Ildeu Duarte, Ermiro Lima, Estevan Rezende, Francisco Hartung, Aristides Monteiro, Roberto Oliva, J.E. de Paula Assis, Gabriel Porto, Rafael da Nova, Rubens de Brito, Jovino de Faria, Caiado de Castro, Lima Neto, Paulo Alvim, Werneck Passos, Duarte Moreira, Armando Pinto Fernandes, Walter Müller dos Reis, Roberto Marinho e Mauro Penna, a maioria acompanhado de suas esposas, embarcaram no Conte Grande, rumo a Buenos Aires.

Já Eduardo de Moraes, Arthur Sá, Raul David de Sanson, José Kós e Rubens Amarante preferiram enfrentar os céus e numa emocionante viagem aérea. Na época, a Panair do Brasil realizava em dez horas a viagem por avião, ligando São Paulo a Buenos Aires com escalas em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

E, desta forma, um congresso realizado na Argentina faz parte da memória da otorrinolaringologia brasileira. E o grande navio, igualmente, deixou sua marca na especialidade.

-x-x-x-

A ocorrência hilária da história deste navio é igualmente contada pelo pesquisador. O fato é que os tripulantes, praticamente sem apoio do país de origem, de uma hora para outra, tiveram de procurar emprego em terra, acontecendo então um curioso fenômeno: parecia que todos haviam se tornado cozinheiros-chefes do navio, tal a profusão de restaurantes que passaram a anunciar a contratação desses "experientes cozinheiros de bordo", em Santos, São Vicente e até nas capitais paulista e carioca.

Era uma vez um estudante

Quando elaborávamos os primeiros momentos deste livro fomos pedir ajuda a essa figura ímpar que é Clemente Isnard Ribeiro de Almeida. Solícito, ofereceu-nos várias linhas de pesquisa. No meio da conversa contou esta história que não era para ser publicada:

"Certa vez um rapaz, estudante ainda, veio falar comigo.

– Eu gostei da otorrino e gostaria de fazer uma residência na USP.

Eu disse:

- Bem você ainda está estudando, tem de fazer alguns trabalhinhos.

- Como se faz uns trabalhinhos?

- Você vai pegar uns pacientes, levantar a bibliografia, (que na época ainda era pelo Index Médicus).

Aí ele começou a fazer alguns trabalhos, fez um, fez dois, fez três e, na ocasião, fui fazer um curso de potenciais evocados em Houston.

Perguntei:

- Você não quer ir comigo lá? Isso era década de 70, apenas o Orozimbo fazia aqui. Isto é currículo para você.

Ele resolveu ir, fez o curso, em seguida fez o concurso para residente. Tinha vários trabalhos publicados, curso no exterior e ganhou a vaga. Foi um residente maravilhoso. Depois, foi trabalhar comigo. Posteriormente foi fazer o doutorado. Ele me perguntou:

- O que o senhor me sugere?

Naquela época tinha aparecido a cola biológica. Faça um estudo sobre o assunto. Ele fez a tese, saiu-se bem, foi galgando várias etapas e é muito reconhecido.

Chama-se Ricardo Bento.

Abertura em Versos

De 27 de outubro a primeiro de novembro de 1976, realizou-se, em Fortaleza, o XXIII Congresso Brasileiro de ORL, sob a batuta do Professor Ocelo Pinheiro, catedrático de ORL na Universidade do Ceará.

Como sempre, o evento teve um grande sucesso, ao qual assistiram colegas de todo o Brasil, mas o fato inusitado foi a saudação em quadrinhas que o Presidente escreveu e declamou na abertura da Jornada.

Típico representante dos cancioneiros nordestinos o professor Ocelo apresentou aos colegas mais uma faceta de suas inúmeras qualidades.

Saudando estado por estado terminou sua oração com o verso abaixo:

"Uma saudade danada
Vocês todos vão deixar
Na lembrança é gravada
Prá nunca mais apagar".

Atuando na Fronteira

Entre o material recebido para escrevermos este livro, contam-se algumas passagens, digamos assim, estravagantes. Umas são soturnas, outras alegres e ainda outras francamente exóticas. Algumas impublicáveis e outras que, ao contrário, deverão servir de modelo quando o assunto for a diversidade relacionada ao ato médico.

O texto abaixo nos foi enviado pelo colega Lúcio A. Castagno quando relatou a situação da escola de medicina na cidade de Pelotas:

Um "caso" que me foi contado pelo falecido Dr. Augusto Duarte (último remanescente de uma família de otorrinos de renome em Pelotas nas primeiras décadas do século passado) tratava do Dr. Plotino Duarte, esse com formação na Alemanha do pré-guerra.

Ocorreu em Santa Vitória do Palmar, no extremo sul do Brasil, aparentemente nos nos 50.

Pois o otorrino fora, como de hábito, fazer uma amigdalectomia, com anestesia local e utilizando a técnica de Sluder, em um adolescente. Como às vezes ocorre, teve um severo sangramento e, apesar de todas as medidas tomadas, não foi possível controlá-lo.

Após muito esforço sem resultados, o otorrino saiu do pequeno bloco cirúrgico e foi informar a família que o paciente iria morrer e estava "desenganado". Nesse momento, o pai do adolescente, um gaúcho da fronteira, mostrou ao médico o revolver atravessado na cintura e disparou:

- Tá vendo aqui doutor? Se meu filho morrer, serão dois que vão sair deitados daqui.

O otorrino, com esse novo "estímulo" voltou para a sala. Tampona daqui, pressiona dali, e enfim o adolescente, mais branco do que o lençol, sobreviveu.

Tenho contado essa "história" para meus alunos, ilustrando o que pode conseguir uma "motivação" ou "estímulo" adequado!

Ossinho de galinha

Era uma época diferente. A figura mais importante da laringologia sulamericana, “o cara”, como diríamos hoje, chamava-se Justo Alonso, era uruguaio, morava em Montevideo e foi até senador da República (lá deles).

Participava, juntamente com o brasileiro Ermiro de Lima e o argentino Juan Manoel Tato, da mais famosa tríade da especialidade na América Latina.

Pois lá um dia, entre suas múltiplas atuações, veio ministrar um curso no Rio de Janeiro. Juntou gente em volta, pra mais de metro. E o mestre deitou e rolou demonstrando toda sua erudição.

Mas aí tinham de homenageá-lo com um jantar. Obviamente um churrasco estava fora dos planos pois – naquela época – os uruguaios nos davam de 10 X 0 em matéria de carne de gado. Optaram por um galeto, novidade na época, que o pessoal de Caxias do Sul, afetadamente, chamava de “Al primo canto”, tão pequenas e fininhas eram a porções.

Pois não é que o mestre se engasgou com um ossinho. O diabo do franguinho deixou uma lasca como corpo estranho que o nosso Flávio Aprigliano, em perfeita endoscopia, foi buscar após todos os trâmites comuns para esta manobra.

E foi assim que o velho mestre demonstrou de todas as maneiras possíveis – inclusive como paciente - num brilhante desfecho, os meandros da laringologia.

Histórias do Nelson

1) Aluno Exemplar

Na passagem do ano de 1964 para 1965, eu estava em Boston, na Harvard, na enfermaria do Dr. Schukneck, com quem eu fiz uma grande amizade. Jantava na casa dele, etc. Eu estava vendo a histopatologia do ouvido que era o forte do serviço dele. Tinha um extraordinário banco de osso temporal, lâminas de tudo quanto era doença de ouvido, e eu passava estudando aquelas lâminas que em nenhum outro lugar conseguiria. Era um laboratório enorme, com grande quantidade de material. Ele tinha um enorme ciúme daquilo. Quando a gente pegava um microscópio, ele dizia para não pegasse com as mãos gordurosas, estas coisas todas.

Eu havia passado o Natal com ele e no Ano Novo convidou-me outra vez, mas eu não recebi o recado. Assim, fui festejar na rua, eu e um japonês residente do serviço dele que se chamava Murakami. Teve uma confusão no horário, eu estava no laboratório, saí, fui até meu apartamento, troquei de roupa, saímos para a rua com neve pela canela, compramos uma garrafa de Black & White e bebemos adoidados até as 5 da manhã. Naquela hora, repentinamente, eu me lembrei de que tinha deixado aberta a porta do laboratório, as luzes acesas, incluindo a do microscópio. Então saí correndo em busca de um táxi para voltar ao Hospital. Lá chegando, encontrei tudo aberto com as luzes acesas. Dispus-me a arrumar aquelas coisas, sentei junto ao microscópio, organizando as lâminas para guardá-las. Isto era em torno de 6 horas da manhã.

Naquele momento abriu-se a porta e entrou o professor. Surpreendido pela minha presença no laboratório falou:

- O que você está fazendo aqui numa hora destas?
- Estudando, respondi.
- Estudando, na madrugada do primeiro dia do ano? Porque você não foi lá em casa, à noite?
- Eu não recebi o convite, professor.

Ele disse:

- Eu nunca vi ninguém aqui com a disposição para estudar como a de você. E completou: Isto merece uma comemoração. Abriu um armário, tirou uma garrafa de Bourbon e eu, que já estava embriagado, fiquei batendo papo e bebendo com ele até as 11 da manhã. Aí ele me levou a um restaurante nas proximidades e ainda bebemos cerveja no almoço.

Depois creio que dormi por vinte e quatro horas, mas fiquei amicíssimo dele até sua morte.

2) Uma cliente diferenciada

Em 1982, durante uma crise financeira do Brasil, eu estava doido atrás de doentes para operar, tinha comprado uma Variant, tinha dificuldades para pagar, a clínica diminuindo em razão da crise, quando me aparece uma mulher chiquérrima, cheia de anéis, com queixa de sangramento no nariz.

Eu examinei o nariz e havia um pequeno pólipo sangrante no septo, sem aspecto maligno, daqueles fáceis de operar. Não dava para cauterizar, mas dava para retirar com bisturi elétrico e eu falei que ela necessitava ser operada.

- Trata-se de uma operação de emergência, perguntou?
- Não é de emergência, mas quanto mais cedo a senhora tirar isto, melhor. E acentuei no mais cedo. Só faltou dizer que fosse antes da próxima prestação do carro. Ela respondeu:
- Eu não vou poder operar agora porque tenho de fazer uma pequena cirurgia plástica nos olhos com o Dr. Pitanguy e ele marcou para a próxima semana.

Calculei que em cerca de 3 semanas ela estaria de volta. Ela estava com a filha que não fazia nenhum comentário. Lembrou que seu primeiro sangramento havia sido numa viagem aérea que ela tinha feito de Paris a Recife e achava que havia acontecido pela diferença de pressão no avião.

Eu comecei a fazer os cálculos – viajou a Paris, vai se operar com o Pitanguy, no Rio. A cada informação que ela me dava eu já aumentava o valor da cirurgia. Na minha cabeça já dava para pagar duas prestações da Variant e não somente uma.

A filha não fazia nenhum comentário, nem se a cirurgia seria com anestesia geral, estas coisas. Nada. E a mulher foi embora, me deixou muito feliz mas elas nunca mais apareceram.

Uns dois ou três anos depois aparece a filha dela para se consultar. Eu pensei: não deve ter sido por falta de confiança. Examinei-a e discretamente perguntei:

- E sua mãe, como vai?
- Doutor, minha mãe está internada.
- Mas internada onde?
- Num hospital psiquiátrico.
- Mas o que aconteceu? Ela me parecia tão bem, naquela ocasião.
- É doutor, mas sabe aquela história dela. Ela nunca foi a Paris e nunca se operou com o Pitanguy.

Para finalizar, me deu o nome da psicopatia. E por causa disto eu tive de pagar a prestação do carro sem contar com a bolada obtida naquela operação.

3) Empréstimo

Quando fui aos Estados Unidos, em 1961, para fazer meu treinamento básico e especialização na Filadélfia, Pensilvânia. Eu sempre fui muito voltado para a cirurgia de ouvido.O Geraldo fazia muita cirurgia de ouvido e eu me entusiasmei. Mas eu tinha um problema. Não estava num programa de residência e sim num de especialização que era dado em dois anos na Universidade da Pensilvânia e eu precisava assistir a cirurgia. Os microscópios, naquela época só tinham a lente lateral e os residentes não a entregavam nem para suas mães.

O chefe da residência lá era um colombiano chamado Henrique Vélez, um rapaz, alto, forte e posudo que era casado com Marina Zuluaga que era Miss Universo e que estava com ele lá, e estava grávida. Eu precisava fazer uma amizade com ele e fiz imediatamente e foi a maior possível.

Eu era bolsista do Departamento de Estado, e estava praticamente desempregado. Papai era médico mas havia feito um AVC. Eu tinha recebido do Depto de Estado um cheque no valor de 420 dólares para instalação. Eu tinha feito umas economias, aluguei um apartamento que custava 30 dólares e não tinha nem banheiro interno, vivia numa quebradeira danada.

Um dia o colombiano chegou pra mim e disse:

- Eu estou numa situação dramática. Estou esperando um dinheiro de casa que não chegou e estou preocupado.

-Eu falei: esqueça esta preocupação. Vou resolver seu problema, tenho um cheque de 420 dólares daqui e posso lhe emprestar.

- Ele disse não, que é isto, você me conhece pouco...

- Lhe conheço pouco mas sei que você é uma pessoa extraordinária. E, então, passei o cheque para ele. Era do Banco de Boston. Endossei o cheque e passei para ele.

Quando bateu no banco o gerente mandou me chamar. Tinha uma agência no campus da universidade.Ele falou:

- Me diga uma coisa sobre este cheque que você está endossando. Há quanto tempo você conhece este médico?

- Conheço há uma semana. Mas trata-se de um rapaz muito bom, etc

- Isto é coisa de brasileiro, ele respondeu. Como é que você vai emprestar 420 dólares (na época uma fortuna) a uma pessoa que você nem conhece direito. Olha, eu vou lhe dizer uma coisa. Este rapaz tem conta aqui no banco, ele não recebe há muito tempo, este dinheiro não está com cara de quem vai chegar e o cheque é do Departamento de Estado e eu tenho uma certa obrigação de lhe alertar para não fazer isto. Eu não vou dar este cheque ao rapaz.

- Eu respondi: Não, eu insisto que o senhor dê.

- Pois bem, não diga que eu não lhe avisei. Então o colombiano Henrique levou o dinheiro. Tinha ficado de me pagar em duas semanas, realmente não pagou, o tempo foi passando, deu um mês. A esta altura eu já estava pegado na lente lateral do microscópio, os residentes danados da vida mas eu fiquei, praticamente, dono da lente. Cerca de dois meses depois o Henrique me pagou e eu fui depositar no banco.

- O gerente veio falar comigo, e me disse:

- Ah! Então o senhor recebeu e eu estava certo que não ia receber. Mas estou muito curioso com esta sua disposição de emprestar o dinheiro para este seu amigo.

Eu repeti que era uma pessoa muito amiga, gente muito boa.

- Vocês moram perto, moram juntos?

Aí caiu a ficha. Eu comecei a desconfiar que ele estava pensando que eu era veado. Que nossa ligação era homossexual. E não podia dizer a ele que emprestei o dinheiro porque queria ver a cirurgia pela lente lateral. Isto era suborno, era corrupção. E com dinheiro do Departamento de Estado. Ele que pensasse o que quisesse. Mas daí comecei a me dar conta de que o veado era o gerente e passei a fugir dele.

Calor na sala cirúrgica

Quando prestava a entrevista para nós, Paulo Pontes lembrou-se da historinha que segue abaixo:

Acabada a residência, eu fui operar no ABC para um colega que fazia clínica, mas não operava ouvido. Tratava-se de um hospitalzinho pequeno que não tinha sistema de ar condicionado e estava um calor danado. Eu fazia uma estapedectomia em que havia um facial cobrindo a janela

Eu ali, tentando achar um jeito de resolver o problema, ficando nervoso, e comecei a falar:

- Não aguento mais este calor, preciso de um ar condicionado, de um ventilador.

Cada vez mais nervoso, comecei a falar alto:

- Não é possível que neste hospital não tenha ar condicionado.

Aí a paciente conseguiu escutar e, por baixo dos campos, falou:

- Oh moça, arranje um jornal e abana este médico, por favor...

Uma prótese antiga

Eu recebi uma prótese que não era bem uma prótese. Era um aparelho de surdez para curar a “contra-surdez”. Era de prata. Não tinha nenhuma função eletro-acústica. Mas tinha lá “Dr Vailess” que era o nome do médico alemão que morava no Rio. Constava seu endereço na rua da Candelária.

Esta história data do fim do século XIX ou do início do século XX. Eu ganhei o aparelho e cedi para o museu da Santa Casa de São Paulo. Vale a pena tirar uma foto.

Tinha prescrição do médico, indicando o aparelho contra a surdez, como se fosse curativo para a surdez, usava-se de forma binaural, tipo intracanal e do tamanho do intracanal.

É uma história que se pode contar – como se inventava a cura da surdez!

*Eduardo Santos

Índice

Dedicatória
Prefácio
Apresentação e agradecimentos
A Otorrinolaringologia pelos Estados
Rio de Janeiro
- Hilário de Gouveia
- João Marinho de Azevedo
- Raul David de Sanson
- Ermiro Estevam de Lima
- Helio Hungria Hoffbauer
- Arthur Octavio de Ávila Kós
- Shiro Tomita
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
  - Faculdade de Ciências Médicas
  - Hospital Universitário Pedro Ernesto
  - Disciplina e Serviço de Otorrinolaringologia
- Escola de Medicina e Cirurgia (Atual Uni-Rio)
  - Disciplina de ORL – Fac. de Medicina da UFF
  - Histórico
- Professores titulares de ORL
  - Maurilo Modesto Martins de Melo
  - Sebastião Capistrano Pereira
  - Sylvio Pires de Mello
  - Luiz Rogério Pires de Mello
  - Sebastião Tonom
- Apêndice

Figuras notáveis da ORL no Estado do Rio de Janeiro
- Roberto Martinho da Rocha

José Kós
Fundação e evolução da Sociedade de ORL do Rio de Janeiro
- Presidentes
- Congressos – Cariocão

São Paulo
- Surgimento da Santa Casa e seus primeiros diretores
- Fundação das Faculdades
- Surgimento da ORL na cidade de São Paulo antes da fundação da Faculdade de Medicina
- Departamento de ORL da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo
- Breve histórico da Disciplina de ORL no Hospital das Clínicas
- Ensino no Hospital das Clínicas
- Assistência médica
- Professores catedráticos ou titulares
- Docentes da FMUSP
- Assistentes do HCFMUSP

Personagens
Henrique Lindenberg
- Adolpho Schmidt Sarmento
- Francisco de Paula Pinto Hartung
- Mário Ottoni de Rezende
- Mário Graziani
- Plínio Mattos Barretto
- Raphael da Nova
- Lamartine Paiva
- Silvio Maroni
- Ângelo Mazza

José Augusto Arruda Botelho
Cincinato Leme Ferreira
Homero Cordeiro
Jorge Fairbanks Barbosa
José Eugênio Rezende Barbosa
Alexandre Médicis da Silveira
Mauro Cândido de Souza Dias
Jorge Barretto Prado
Nelson Álvares Cruz
Paulo Mangabeira-Albernaz
ORL em Bauru
Campinas
Clínica de ORL no Instituto Penido Burnier
Ribeirão Preto
Associação Paparella
São José do Rio Preto
Sorocaba-PUC

Rio Grande do Sul
Primórdios
Período contemporâneo
Ensino no Hospital de Clínicas
Memórias da criação da FFFCMPA
Disciplina de ORL da PUCRS
ORL na UFSM
ORL da UF Pelotas
Entrevista Israel Schermann
Entrevista Ítalo Marranghello
Personagens no Rio Grande do Sul
Ivo Adopho Kuhl
Rudolf Lang
Osvaldo Bruno Müller
Bahia
Espírito Santo
Goiás
Minas Gerais
Entrevista Adelmar Cadar
Pará
Paraíba
Otorrinos de João Pessoa
Otorrinos de Campina Grande
Otorrinos de Patos, Souza e Cajazeiras
A ORL e as Universidades
FMUFP
FMUFCG
Paraná
Pernambuco
Entrevista Nelson Caldas
Rio Grande do Norte
Entrevista Rodolpho Penna Lima
Santa Catarina
Ceará
Santa Casa de Fortaleza
Serviço de ORL do HC da FMC/UFC
Serviço de ORL do HGF (INAMPS)

Congressos
O 1º Congresso
Salvador, Bahia
Congressos brasileiros
Congressos triológicos
Jornadas regionais
Presidentes da Associação
Entrevista Paulo Augusto de Lima Pontes
Entrevista Marcos Mocellin
As supra-especialidades
História da Laringologia brasileira
Como tudo começou no Brasil
Breve história da Rinologia
Otologia
História do implante coclear
Aparelhos de audição implantáveis
Depoimento de Pedro Luiz Mangabeira Albernaz
Acesso ao meato acústico interno
Cirurgia plástica facial na ORL
ORL pediátrica
Entrevista Alexandre Médicis da Silveira
História da ORL ocupacional
Algumas histórias da ORL
O Dr. Gobo
Uma traqueotomia histórica
A ORL e o Plano Collor
A incrível história do Conte Grande
Abertura em versos
Histórias do Nelson
1) Aluno exemplar
2) Uma cliente diferenciada
Atuando na fronteira
Ossinho de galinha
Calor na sala cirúrgica
Uma prótese antiga

Orelha da frente...

"Conheci o José Seligman em 1964, apresentado por seu tio, Leon Knijnik, quando fui fazer uma palestra em Porto Alegre, após o Congresso de Otorrinolaringologia realizado em Curitiba e organizado pelo saudoso Professor Leônidas Mocellin.

Desde então nos tornamos amigos e cúmplices em quatro livros, sendo três de humor e um sobre a História da Otologia no Brasil.

Este é um novo livro, que levamos cerca de três anos para concluir, com muita dificuldade, já que precisamos contar com a colaboração de colegas de vários estados, que nem sempre tinham tempo para escrever e, infelizmente, às vezes, nem disposição.

Mas, finalmente, aqui está o que conseguimos.

Aos colegas que, com entusiasmo, colaboraram para sua realização, nossos profundos agradecimentos.

Ao Seligman, fica também minha alegria de novamente tê-lo como companheiro nesta empreitada"

Colocar foto do Aziz...

Orelha de trás...

Uma das minhas inúmeras manias é escrever. Fruto de um período em que fazia uma coluna diária em “A Razão”, provavelmente o menos importante órgão do grande complexo de mídia que eram os Diários e Emissoras Associados.

Fiz a faculdade concomitantemente. Depois, com o advento do computador, e longe da imprensa, escrevia esporadicamente contando passagens humorísticas das quais, de certa forma, participava ou simplesmente tomava conhecimento. Nunca publiquei.

Foi Aziz quem me chamou para produzirmos um livro de humor que interessasse aos otorrinos, afinal fazíamos a especialidade e, de algum modo, também sabíamos provocar o riso.

Daí surgiram os livros de humor mas, graças à convocação de Humberto Guimarães, passamos de contadores de histórias a contadores da História.

Também posso dizer que tenho muito orgulho desta parceria com Aziz Lasmar.